

GRAÇA ARANHA

**A VIAGEM
MARAVILHOSA**



***LIVRARIA GARNIER
RIO DE JANEIRO***

OBRAS DO AUTOR

Chanaan (8ª edição).	GARNIER.
Chanaan (edição franceza).	PLON.
Chanaan (edição ingleza)	THE FOUR SEAS.
Chanaan (edição hespanhola)	GARNIER.
Malazarte.	BRIGUIET.
Malazarte (edição franceza)	GARNIER.
A Esthetica da Vida (2ª edição).	GARNIER.
Machado de Assis e Joachim Nabuco	(exgotado).
Espirito Moderno	(exgotado).
A Viagem Maravilhosa.	GARNIER.

A Rubens de Moraes,

Com a admiração e

a affectuosa amizade

de

Graca Branha

1930

A VIAGEM MARAVILHOSA

Para esta primeira edição d'A *Viagem Maravilhosa* foram impressos :

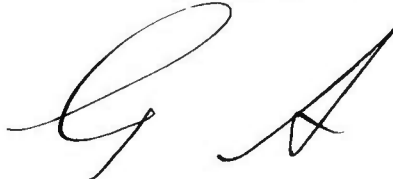
5 exemplares em Japão Corvol-l'Orgueilleux (f. c.)
de A a E.

25 exemplares em vergé blanc pur chiffon Lafuma
(f. c.) de I a XXV.

500 exemplares em pur fil teinté de 1 a 500.

5.000 exemplares em papel Velin de 501 a 5.500.

Nº **3362**



*Reservados para todos os paizes os direitos de reproducção,
traducção e adaptação.*

Copyright by Graça Aranha.

GRAÇA ARANHA

A VIAGEM
MARAVILHOSA



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1929

A RONALD DE CARVALHO

E

RENATO ALMEIDA

A VIAGEM MARAVILHOSA

I

A luz seccava o espaço, exaltado de calor sem a clemencia da humidade. O menor ruido estalava no silencio complexo. No jardim da sua casa, no morro da Gloria, Thereza agitava-se a cada vibração sonora. Os aromas em liberdade a invadiam e a faziam estremecer. Deu uma risada, que sacudiu o ar e a espantou, quando sentiu uma onda mais forte de cheiro de jasmim, que lhe tivesse vindo no proprio som. Oh! seu jasmim romantico, meu velho jasmim lá das Laranjeiras! Oh! saudade! As minhas gavetas cheias de jasmim. Que sol damnado! Aqui na sombra uma delicia, a pasmaceira quotidiana. Esta é a minha bahia de cada dia... o pão nosso de Thereza. Nas Laranjeiras era o Corcovado nas minhas costas. Aqui a agua me barrando os olhos. Prisioneira eterna. Esmagamento infinito. Mas eu fui livre, quando pequenina, na grande chacara, no meio dos bichos, que eram os companheiros, cada qual mais idiota. Deixaram-me a impressão de estupidez permanente. Sempre fazendo a mesma cousa, como o meu marido. Lá vae um barco a vela, medroso como meu marido, e lá ao longe um vapor insolente, como alguem que ainda não encontrei. Para onde vão? Capaz de ir para bem perto, para Santos, mas eu desejaria que fossem para a Islandia. Muito longe, muito gelo, diferente de tudo isto. E eu não fui á Europa! Incrive! toda a gente vae e volta e eu sempre pregada aqui. Quando eu

era pequena, papae não podia deixar o Brasil. Tinha a casa de negocio, parecia-lhe que sem elle tudo quebrava. Trabalhador como elle. E não era portuguez. Bem brasileiro, de velha familia do Rio de Janeiro, filho de fazendeiro rico de Valença, café, casa de commissão, chacara, theatro lyrico e lá ia mamãe sempre ao seu lado. Era bonita, muito suave, prosa que só ella, muito sensivel para papae, que era secco. E generosa! Mas não foi á Europa. Eu preciso sahir daqui, preciso respirar. O outro tambem é só banco. Acho tudo idiota. Que ordem vae por este jardim! Monotonia. Vou acabar com estes canteiros, fazer um jardim livre. Já é um martyrio viver-se e ainda em cima prisioneiro em banquetas, canteiros e caramanchões. Nada. Vou transformar isto em cousa selvagem, que tudo volte ao primitivo, as rosas percam esse cheiro saboroso de perfumaria, e o jasmim cheire a matto. Ah! vão ver de que sou capaz. O diabo é o barulho, que vae haver. Já estou tremendo. Tenho raiva de ser tão covarde! No tempo de papae e mamãe eu era mais decidida. O velho pouco apparecia e pouco se mettia commigo. Mamãe mandava muito. Devo-lhe uma cousa, ter estudado com força. Meu Deus como eu me desforrava em ler! Tambem não tinha irmãos, poucos parentes meninos, mamãe não queria amigas, não andei em collegio, tudo em casa. A gente que vinha era mais velha, não era mau, eu aprendia com elles e adivinhava. Religião pouca, mamãe tinha horror a padre. Papae era maçõ e lá ia ás quartas feiras á festa do bode, como dizia titia, a carola, papae não se importava e ia sahindo. Era irmã delle, viuva cacete e sem filhos. Morava na fazenda... Tudo morto. Como se morre nesta terra! Mais outro vapor e a tal barca a vela sempre parada. Tenho vontade de assobiar para lhe chamar vento. Dá uma afflicção a immobilidade. Oh! vento tu és tão forte que derrubas a parede? Oh! parede tu és tão forte que tapas o sol? oh! sol tu és tão forte que derretes a cera, a cera que prende

o meu pézinho? Mas não ha vento e tudo está morto. Só aquelles que têm a força em si mesmo, é que se agitam e se vão. Tu, vapor poderoso, atrevido, vae, vae! Se voltares um dia, encontrarás neste mesmo logar esta pobre Thereza, que te perguntará que viste neste mundo largo, emquanto ella ficou presa aqui, firme deante da bahia, com a barra nos olhos e o morro nas costas... Vae, vae e volta! Ah! não pensa que eu choro! Coragem é aqui. Supportar tudo, calada, mansa por fóra. Mamãe dizia : esta menina é sonsa, vontade é alli, mas não tem coragem. Mas mostrei que tive para me casar. Ahi sim, fui decidida. Estupidez, eu sei, desgraça, eu sei, mas bati o pé e casei. Oh! tempo quente lá em casa! O velho não queria, achava o typo imbecil, mamãe implicava com os salamaleques do sujeito, sempre engasgado. O negocio foi arranjado pela irmã de papae, que conhecia a mãe do typo, e este a bajulava. Papae era rico, eu filha unica, desconhecida, retrahida. A familia do sujeito, gananciosa, alvoroçou-se e foi um cerco em cima de mim. Criançada. Nunca tinha visto o homem. Como eu era idiota! Trouxeram o tal noivo á casa para eu conhecel-o. Papae esperançado com a minha má impressão. Mas não tive nenhuma, nem boa, nem má. O meu espirito estava longe das gentes, eu só queria a liberdade, a liberdade, poder sahir, divertir-me, ser dona de mim. Eu me dizia, qual será a minha impressão? Se for má, não aceito. Não foi nenhuma, aceitei. Não recuei depois por capricho. Queria me casar. Quando eu soube que se chamava Radagasio (foi o unico meio que o pae teve de distinguil-o entre os outros homens) fiquei envergonhada. O nome da familia era Vianna. Tinha pena de perder o meu nome de familia. Eu era Thereza Moura. Como sou morena, olhos castanhos, bem rasgados e luminosos, cabellos escuros, compridos, pelle trigueira, fina, viva, ardente, ia bem, seria sempre a moura. Romantismo! Radagasio me fez uma declaração de amor logo no dia do pedido. Estavamos á janella da chacara, quando dois

pombos (naquelle tempo eu dizia pombinhos) se beijavam, Radagasio me disse com a sua voz soturna : « Nós faremos como elles... não quer? » Oh ! dei uma gargalhada e fugi. Nem assim desmanchei o casamento. No dia seguinte ao do pedido eu berrava pela chacara : « Vou me casar, vou me casar », para ser ouvida por um moço visinho, que andou experimentando me namorar. Lili teria acordado? Não ouço barulho... Aqui é a casa da ordem. A ordem por base, repete Radagasio. Eu continuo a tollice : ordem e progresso. De costume é a negra, a peste negra, que traz a pequena ao terraço. Não perturbemos os costumes. A ordem por base. Sempre methodico Radagasio. Tudo marcado, tudo regularizado. Tudo. Oh ! tambem que sacrificio. Antes nunca. Tenho horror deste homem ! e que nojo ! oh ! Quando nos casamos não era como hoje. Era magro, bem vestido, e até dansava valsa, de repente começou a engordar, avolumou-se, tornou-se pesado e ficou mais escuro. Hoje é barrigudo, anda bamboleando, os olhos pequeninos, apertados, lacrimosos, o nariz espichado, sempre fungando, sempre a assoar-se, a pelle preta, bigodinho de arame, meio chinez, cabeça de microcephalo e bochechas cahidas, eis o meu marido, Radagasio Vianna, secretario de banco, para onde entrou pela mão de papae, como empregado e foi fazendo aos empurrões a carreira. Mas que carreira vagarosa, carreira de lesma, quarenta annos, ainda secretario. É um mollusco o meu marido, os olhinhos de caranguejo ou de sapo? Anda por esses pantanos. E estúpido até alli ! Papae o empregou e sempre nos sustentou até a sua morte. Radagasio não tinha vin-tem e era incapaz de trabalhar e ganhar a vida. Mas queria fartar-se na vida. Exigente, mandão, desfrutador e tyranno. E o que mais desespera é ser um homem problematico. Não sabe nunca o que quer e ninguem conta com elle. É demais. Reagi logo e me veiu um odio, um odio e um nojo. Agora é a prisão. Morre papae, morre mamãe, veiu a minha fortuna. Radagasio apossou-se de

tudo. É a lei, mas não é a honestidade. Foi passando tudo para o seu nome, quando tudo antes da morte de papae e mamãe vinha do meu dote. Ladrão! Até que afinal cahiu a viração. Boa tarde, ventinho bom. Tudo se agita, tudo se exalta no meio do sol. Lá vão as nuvens veleiras, dansam as palmeiras. O' poeira exaltada que se levanta da cidade e sobe em trombas, vejo tudo mover-se, olha só o mar, que arrebentação na praia, agora sim, encheram-se as velas do navio e lá se vae... Adeus! quando voltares aqui estarei prisioneira de Radagasio Vianna, o imbecil, o ladrão, o miseravel. E toda a gente diz : bella casa, não ha vivenda igual. Mas a minha alma não se contenta neste jardim, neste parque, que desce morro abaixo, neste terraço sobre a cidade e sobre a bahia, ouvindo o gemido cacete destas doze palmeiras, cercada destes morros, mirando aquella egrejinha pasmada e me afundando neste silencio sacudido pelo barulho da cidade, do mar e do vento. Oh! a minha alma busca o infinito! Mas que é isto, o infinito? Não sei. Escapou. Quero outra cousa, que não é o que tenho. Quero liberdade. Para que? Não sei. Afinal não quero nada. Não sei o que fazer de mim. Não tenho quasi familia. Se ao menos eu tivesse um irmão, um verdadeiro irmão a quem entregar esta minha alma! Nada. Marido, um odio, um nojo. A menina, meu amor, tão pequenina, tres annos, não me entende. Entregue á ama, a tal peste negra, que veiu da fazenda, imposta pela velha tia, que nos casou, e Radagasio, seu irmão de leite, só nella confia. Póde ser que sejam irmãos de outra maneira, é o mesmo espirito, o mesmo methodo, a mesma sovynice, a mesma ganancia. Sim, são irmãos de sangue. Sangue e leite, fraternidade completa dos liquidos. E se parecem, volumes iguaes, expressões, olhos, apenas a negra tem bocca escancarada de tubarão e Radagasio bocca apertada de jaboti. Oh! eu juro que esse demonio me espia. Ordem do meu marido, sempre suspeito. Idiota. Desconfiado de tudo, sem um amigo, desconfiado de mim, dos micro-

bios, ufa! salutista. Medo de molestia, medo dos bichos. Quando vae á caça na fazenda dos primos leva injeções contra cobras, remedios contra mosquitos, contra carrapatos, quinino, filtro dagua, mosquiteiro. Ridiculo, ridiculo. Um demonio destes assim custa a morrer. Malvado! Oh! a caçada! Lá vae elle, grosso, bambo, pelo campo aberto, dentro do automovel, roupa de lã, chapéo e botas impermeaveis, sobretudo, guarda-pó, todos os agasalhos, todas as armas, todos os aparelhos, automovel, cavallo, cachorro, camarada para carregar a espingarda, fazer pontaria, e o senhor Radagasio então atira. E que medo de vacca!... Ridiculo, ridiculo!... Oh! não sei que fazer de mim, não gosto de festas, não vou a bailes, não janto fóra. Para que? Tenho vergonha de Radagasio. Humilhação. Todos o acham estúpido, fogem delle. É o cacete, o homem falador, a repetição. Repete tudo, miollo molle. Cáem todos sobre mim, com ares de pena ou olhos de conquista. Ah! não! nem commiseração, nem pasto para os outros. Fico aqui, leio, olho, torno a ler, torno a olhar, brinco com Lili, passeio de automovel, vou ás vezes á igreja. Triste vida, eu bem sei. Mas o resto é tambem vasio. Tenho tedio de tudo. Ah! desapareceu o navio... Fumaça forte atraz das ultimas ilhas da barra. São vapores que chegam. Que vêm fazer? Porque se mettem na prisão e deixam o mar livre? Mas voltarão, tornarão á liberdade... Tudo está alegre no ar, como cheira este jasmim! Vale a pena transformar isto? Para que?...

E, transfigurada, bateu palmas á filha, que surgia á porta da casa.

— Oh! a Lili da sua mamãe! Cheirosa! Estava bom o banho?

O que Lili queria era correr, ansiosa de movimento. Desceu rapida a escada, que levava ao jardim. Thereza gritou que subisse e Lili voltou, esgueirando-se, para não ser apanhada pela mãe. Foi uma correria endiabrada das duas. Thereza, agil, soffrega por qualquer agitação, ati-

rava com segurança as longas e finas pernas para adiante. Corria, corria, aspirava o ar, veloz, mas retinha-se para a filha ter a illusão de correr melhor. Corriam por entre os canteiros, machucavam as pedras, que estalavam, gritavam e os bichos entravam na algazarra com o vento e o farfalhar das palmeiras. Do alto da entrada da casa a preta espiava abobalhada. Veiu-lhe um surdo rancor e logo resmungou :

— Lili está que não pode mais de suada. Deixa ella quieta, Sinhá.

A menina acovardou-se e parou instantanea. Thereza irritou-se.

— Qual suada. Corre Lili. Mamãe vae te pegar...

Lili pregou uns olhos compridos na negra e não se moveu. Thereza segurou-a pela mãosinha e a levou, dominada, pelo terraço, seguindo por debaixo do caramanchão do lado esquerdo do pateo para o interior do terreiro. A negra veiu atraz. Quando a pequena viu a passurada nos viveiros, á margem do caminho, soltou a mão de Thereza e atirou-se de boquinha aberta e mãos espalmadas sobre o arame da vasta gaiola para ver melhor e apanhar os passaros. Dentro do viveiro as aves arremessavam-se ansiosas de um lado para outro, algumas pousavam instantneas nos poleiros e logo se precipitavam sobre a grade opposta, fugindo ás mãos gigantescas de Lili. Corpos azues, corpos verdes, arrojando-se no espaço, azas inflamadas pelo sol, pios ardentes, gargalhadas de Lili e não muito longe a gritaria dos cães e os berros roufenhos dos perús. Thereza, exaltada, teve impetos de abrir o viveiro, soltar os passaros. A negra resmungou :

— Passarinhô de gaiola solto, não sabe o que fazer, morre logo...

Rouquejando, klaxonando, arfando, um automovel, rompendo pela subida lisa, surgiu alarmante no pateo. Dentro da caixa fechada um homem escuro e pesado sacudia a cabeça como um pendulo, batendo o rythmo

descompassado dos movimentos bruscos da machina, que travara e parara rude. Era o marido. Saltou do carro, espichou as pernas e arqueando-as bamboleou-se até Thereza. As bochechas lhe tremiam, e elle vinha mastigando palavras, que surdamente iam sahindo :

— Canalhas, ah! hão de me pagar, pensam que sou dois de páos, não me têm a menor consideração... Hão de ver um dia. Arreberto tudo e depois ninguem chore...

Thereza fitava-o com desdem, sem o menor interesse. Lili tinha as mãos geladas, os olhos arregalados, o nariz farejando o ar. A negra contemplava Radagasio com os olhos embasbacados, a bocca arreganhada em viscosa admiração. Era para esta afinidade, que Radagasio proseguia :

— Só exijo que não me desconsiderem. Não tenho sangue de barata para supportar affrontas. E de quem ? de gatinha ordinaria...

— Nhonhô deve logo metter o braço... resmungou a negra.

— Ha de chegar a occasião. Não brinquem commigo. Por ora não, quero ver se attendem á minha reclamação, e dou uma lição nos sem-vergonhas, que me tratam de resto, nem mesmo o café me servem, fazem que me esquecem. Ha de acabar... ha de acabar!...

Thereza, enjoada com aquelle esbravejar estúpido, cortou :

— Mas largue de uma vez esse banco... Todos os dias é um barulho, uma raiva que só arrebeta aqui.

— Deixar o banco ? Era o que faltava ! É só o que você diz sempre : deixar tudo, largar tudo. Mas lá é o meu logar. Sou especialista em finanças e espero dar uma tacada boa. Deixar ! oh ! só mesmo de uma cabeça ôca, este parecer. Vou jogar na baixa... Andam todos com cara de asno, contentes com a alta do cambio. Subiu ? Vou mostrar para que presto, jogo na baixa...

A machina de repetição foi se movendo, gingando.

Aperreado e pesadamente entrou em casa. A negra seguiu no seu rastro, carregando a menina. Thereza ficou só. Que allivio ! Deixou rapida o logar empestado e, fugindo ás palavras ruminadas « baixa, baixa », veiu para o caramanchão e abysmou-se no mar. Banhou nas aguas vivas o ser inteiro e ascendeu. Surgem as côres. Em baixo, na barra do horizonte, a linha dura das montanhas encosta-se ao céu. Tudo roseo-roxo. As sombras caminham, a bahia empallidece. As ilhas apagam-se cinzentas. A luz desmaia, foge e um começo de lividez annuncia a morte universal. No alto, no occidente, um fio de lua, como uma pausa musical, marca o silencio.

Thereza está no salão á espera do jantar. As janellas estão fechadas por ordem de Radagasio, que teme o fresco da noite, mesmo quente como esta. Radagasio entra fungando. Vae examinando, fariscando tudo o que havia sobre as mesas. Abre os livros, pretenciosos de luxo, á procura de qualquer papel pertencente á Thereza, nelles esquecido, descobre as tampas das caixas de porcelana, sacode as almofadas e, desasocegado, mesmo depois da inspecção feita, senta-se em face da mulher, na maior poltroná. O couro castanho curtido da cara tumida e das mãos grossas e largas não reage á fulguração dos moveis dourados, aos relampagos dos crystaes. Os olhinhos piscam lacrimejantes á exaltação das luzes. Radagasio olha rancoroso Thereza. A sua voz soturna grunhe :

— Ora esta, deixar o banco, procurar outra carreira, andar atraz de cousa nova, nunca. O que você quer é dar-me trabalho de pensar. Nessa é que eu não cáio...

— Teve visitas? começou o inquisidor, forçando Thereza a falar.

— Não.

— Sahiu?

— Porque?

— Podia levar a menina...

— Não quiz.

— Está zangada?

— Não.

— Está doente?

— Não.

— Eu não ando bom. A maldita azia não me deixa. A cura das aguas nada adeantou. Os medicos não dão volta. Vou experimentar a homeopathia. Um collega do banco me affirmou que homeopathia cura... Vou experimentar. Maldita azia. Tem bicarbonato em casa?

— Não sei.

— Ah! eu tenho no meu quarto, maldita azia do inferno...

O criado annunciou o jantar. O cheiro da comida eliminou o rancor de Thereza e ella sorvia voluptuosamente o que havia de maritimo e de carnal nos pratos esquentados pelos ingredientes fabulosos. Os grandes olhos deleitavam-se, como as narinas, na alegria do instincto satisfeito. A cabeça alteava-se, os dentes ruidosos e valentes quebravam o pão torrado numa energia saudavel. Radagasio bufava, mastigava longamente, enfarado, com um perpetuo resmungar contra o que temia.

— Camarões, ora camarões! e a minha azia? e a minha urticaria? Carne? e a arterio-sclerose? Damnação. Parece de proposito, esta infame cosinheira quer me ver doente. Olhe, despache esse demonio.

Indifferente, Thereza sorria ao seu proprio appetite.

Radagasio reclamava :

— Afinal só como gallinha... É verdade que comi os camarões e a carne, mas não havia de morrer de fome. Sorvete? Jamais! Manga? e no jantar! que extravagancia! invejo o seu estomago... Traga a compota.

Thereza parara de comer e entristecera. Olhava o monstro Radagasio, espesso, tenebroso, sem um clarão nos olhos, a mastigar palavras e comidas. Mirava a sua prisão rica e miseravel. O silencio era mesquinho, feito de infa-

mias, sacrificios, odios. Ella aspirava á solidão com a liberdade. Exaltação. Veiu a triste compota de Radagasio.

— Faça chá de camomilla... Não. Aniz estrellado. É melhor para os gazes.

O tédio excitava a irritação de Thereza. Os seus labios gelados tremiam na chicara de café. Subitamente ella se espraiou num grande, bom, maternal sorriso, que beneficiava todo o corpo.

— Vem, meu bem, meu anjo.

Correndo para o seu lado um menino pallido, vibrante, lepido, atirava-se nos seus braços.

— Porque vieste tão tarde, Jujú?

O pequeno respondia apenas, mirando-a com uma satisfação ardente das suas entranhas infantis e eternas.

— Queres sorvete?

Jujú sorria. Thereza mandou servil-o. Radagasio arrotava exasperado.

— Agora tem você esta mania. Esta creança de gente que não conhecemos, gentinha de cacaracá... e vizinhos, o que eu detesto.

— Jujú é meu amiguinho do coração. Nós nos entendemos. Não é, Jujú? Deixa falar. Teté te quer muito, muito.

Radagasio levantou-se. A colera tornava-lhe amarellado o couro castanho da cara.

— Mau! exclamou sombrio Jujú ao homem, que desaparecera.

E, avido, agarrou o pescoço de Thereza, beijando-a com frenesi, faminto.

— Não gosto destes modos, Jujú. Fica calmo, meu bemsinho. Toma o teu sorvete e vamos para o jardim.

Uma grande paz arejou repentinamente a sala.

Quando, fóra, a surpresa vasta e luminosa do nocturno maritimo os tomou, Jujú subitamente febril conchegou-se á Thereza. O pavor extatico era excessivo. Luzes que pairavam em cima, luzes que por terra se estendiam mali-

ciosas, que subiam nas massas negras, que dansavam na agua, corriam no espaço nú ou repleto da claridade, sons que trombeteavam, que murmuravam no escuro ou espumavam na bahia. Delirio. E os perfumes que desabrochavam de todos os cantos do jardim. Intoxicação.

— Senta aqui, Jujú... Vou-te contar uma historia bonita.

— Se é bonita, é triste...

E o menino esperou a narrativa. Thereza repetiu a infatigavel historia das fadas, das princezas amorosas, dos papões, dos encantamentos, das desditas e das esperanças.

— E o principe entrou, os olhos de ouro, o sorriso brilhante...

— Quem era o principe? Philippe?

— Que Philippe?

— Aquelle moço que vae lá em casa... e gosta muito de mim. Não conhece Philippe? Que pena! Vamos lá em casa, Teté. Philippe está lá.

— Bobinho, que me importa o teu Philippe. Ouve a historia... Então o principe entrou e viu a princeza adormecida...

— Teté, as estrellas só dormem de dia?

O pequeno assustou-se ouvindo a voz de Radagasio para Thereza :

— Você fica como sempre, pois eu vou andar a pé para queimar o acido urico.

O corpo pesado desceu aos trancos as escadas de pedra, e o ar deslocado agitou o rasteiro e miudo pavimento verde do jardim alarmado. Thereza agasalhou o menino, que emigrou para o alto reluzente. Adormecia e sonhava. As estrellas são princezas. Os olhos brilham e espiam aqui em baixo... Eu espio para cima. Ellas estão vendo os meus olhos, como os do gato, alli na escuridão, que são vagalumes e vêm pousar nos cabellos de Thereza e que se enrolam nas arvores e me amarram no alto da palmeira,

onde o vento dança e me faz dansar e me sacode no mar e eu nado, nado, e Thereza me tira da agua e me aquece tão gostoso e me beija melhor que mamãe, que está lá em casa ouvindo Philippe, e todos calados, quando passa o anjo e me leva para o céu para brincar com as estrellas... princezas que só dormem de dia... E o principe entrou... Conta Teté... Philippe entrou...

Thereza exaltava-se com essas emanções do pensamento rudimentar, que se dilatava em imagens. Librava-se também no sonho. Nocturno transcendente. Não havia nem o real nem o irreal. O universo desmaterializa-se, escapa-se em fugas espirituaes, torna a condensar-se e fragmenta-se nas aparições sensíveis. Todos os objectos vivem a sua incommensuravel vida mollecular. As pedras, as arvores, o mar, as estrellas, os corpos humanos, os grandes e imperceptíveis fragmentos da materia, todos infatigavelmente se consomem e se transformam na eternidade da duração, independentes do espirito que delles se apossa e os transfigura. A mesma força dynamica move os seres, em que se decompõe o Todo. Thereza era arrastada inconsciente no movimento mysterioso e irreprimível. O menino adormecia nas fronteiras do irreal. Thereza absorveu, no collo, o corpo da criança, como uma concha agasalha maternalmente um mollusco.

II

Da sua triste, ampla e reluzente cama, Thereza via pela janella aberta a neblina abafando a manhã. Uma espessa camada de nuvens encobria totalmente o horizonte. Tudo desaparecera, montanhas, praias, ilhas e agua. Apenas um foco de luz bronzea indicava o sol nascente, que vinha de longe, atravessando a cerração e marcava um disco de fogo. Na indecisa projecção da luz surge um vapor. A fumaça mancha a neblina. Os mastros vão passando, o casco submerge na nevoa. Thereza entorpecida, os olhos extaticos e todo o longo e estreito corpo amortalhado nos lençóes bordados.

Vestido de pyjama de vicunha, côr de macaco, Radagasio entrou. Um movimento de asco arrancou Thereza da nevoa agasalhadora. Rapidamente cobriu-se com um grande chale. O marido sentou-se numa poltrana. A mulher viu-o ainda inchado de somno, a cara verde-fosco, os batrachios e miudinhos olhos remexendo sobre as bochechas cahidas e o inquieto nariz fungando sobre o bigodinho agressivo. A voz sumida parecia sahir da barriga estufada e ventriloqua. Todas as manhãs repetia-se este ritual do marido, que vinha ajustar contas com a mulher. Thereza esperava a scena miseravel e a raiva transformou-lhe a lassidão em rijidez muscular, prompta para a defeza. Os olhos parados e frios, porcelaneos, a bocca cerrada.

— Você tem gasto muito dinheiro este mez. Em que? Thereza não respondeu.

— Ah! não quer falar? É um bom systema, gastar, gastar e não dar contas. Mas commigo fia fino. Quero explicações, tudo detalhado, vintem por vintem.

— Isso nunca, replicou vivamente a mulher.

— Nunca? Porque? Não sou eu o dono da casa, o marido? Quem manda aqui sou eu, ouviu?

— Miseravel!

— Não seja atrevida, que eu lhe bato.

— Oh! indigno, infame. Bata, se é capaz.

E arremessou o chale, os lençoes e, em pé, de camisola affrontava Radagasio.

— Seu canalha! Se gasto é o meu dinheiro, o dinheiro do meu dote e da minha herança. O que você ganha é uma miseria. O dinheiro é meu. E gasto em que? em fazer prazer aos outros, em dar aos que não têm. Não é em luxo, nem commigo...

Radagasio, soffrego por falar, preferiu discutir a avançar para a mulher, cujo rosto estava tumido, os dentes brilhantes, os olhos largos, a cabelleira segura, mas fofa, desordenada, as mãos fechadas.

Radagasio resmungava :

— É gastar para deante. Presentes a toda a gente, criados, familia de criados, parentes, meninos da visinhança. Agora é esse canalhinha, que lhe come todo o dinheiro. Você consomme toda a fortuna. Verdadeiro Moloch.

— Que tem você com isto, miseravel, avarento? O dinheiro é meu...

A voz de Thereza retenia metalica. Radagasio encolhia a sua expansão verbal.

— Mas não grite, mulher louca. O dinheiro é nosso. Se você o trouxe, eu sou o marido, o principal dono. Quem administra o casal sou eu. É a lei. Por isso cale-se.

Enojada, abatida, Thereza calou-se e machinalmente

vestiu o roupão e foi até a janella. O sol irrompera francamente em Nitheroy e varria, com o jacto de luz, nevoas, nuvens, segredos, mysterios e restituia ás cousas a sua nitidez fatigante. Quando Thereza deixou a janella, Radagasio se tinha sumido, a criada preparava o banho e Thereza fitando a banheira cheia, achava que não havia agua bastante no mundo para lavar-lhe a alma de tanta obrigação, que o servilismo tradicional impunha como um dever.

A vida conjugal ia assim, aos trancos. Thereza, humilhada e excitada, tinha pejo dessas reacções violentas, que interrompiam a sua conformação com o isolamento. A existencia se lhe confinava naquelle exaltado retiro de vastos horizontes. A bahia farta e o oceano, que se alongava, exprimiam, como todas as grandezas, a melancolia do infinito. A descommunal massa dos morros a soterrava. Lutava por fugir á tristeza e ao aniquilamento e nesta luta se esterilizava a inconsciente actividade espiritual. Tudo em vão e a sua propria feminilidade, cujo mecanismo, rico de formas e movimentos, podia ter impetos perigosos, se reduzira placidamente ao retrahimento quasi infantil. Entorpecera o corpo, como a intelligencia, na submissão. A casa, o jardim, o morro e tudo o que era visão, paizagem incorporada aos sentidos, eram a posse de Thereza. A cidade em baixo, aos seus pés. Thereza raramente descia da sua solidão. Subir sim. Para onde? Se vinha á cidade, logo voltava ao seu morro. Jujú a esperava na ruasinha socegada. Thereza saltava do automovel e vinha docemente a pé com o menino. Cheio de presentes, agarrado violentamente á mão de Thereza, sorvendo-lhe o perfume, os olhos e a voz, o pequeno transfigurava-se na volupia bemaventurada. Ao passar pela sua porta queria levar Thereza para dentro da casa e elles se debatiam e ella se libertava e o arrastava comsigo. Uma tarde, a familia estava á janella, quando o pequeno, alvi-

careiro e resoluto, repetiu mais vivo o ataque. Thereza, diante dos extranhos olhos espantados para ella, fraqueou na repulsa. Elles disseram :

— Entre um pouco, sem cerimonia, para fazer prazer ao menino.

Thereza entrou. Jujú batia palmas, ria, pulava. Rata-plan! rataplan! plan! plan!

A familia desceu os quatro degráos da escada e arrebatou Thereza para a sala.

— Oh! que milagre a senhora nesta casa, casa de pobres, mas honrados, dizia a mãe de Jujú num grande alvoroço hospitaleiro. Este menino é louco pela senhora, temos medo que elle lhe aborreça muito. É teimoso e fujão. Sempre desaparece e corre para a sua casa.

Jujú triumphava e, todo mysterioso, entendia-se com Thereza. Esta affirmou o seu encanto com a creança e as doces conversas, que tanto a divertiam. Os que lhe falavam eram tres. Pouco a pouco elles se foram descobrindo. Eram a mãe, o pae e um irmão de Jujú. Moravam no morro ha um anno e achavam « muito agradavel por causa do socego e da vista ». A casa rasteira á rua interior do morro, provinciana e ausente, descia a pique na frente do outeiro. Levaram Thereza para a sala de jantar, aberta sobre a bahia. Thereza debruçou-se á janella e sorriu á « vista » que era a sua quotidiana e inseparavel companheira. Todo o morro alli era revestido de casas, que subiam e desciam em planos variados de formas exoticas, ingenuamente pretenciosas nos seus arremedos mouriscos, feudaes, coloniaes, rubros, brancos, verdes, que por entre as vegetações ousadas, refulgiam ao sol, como exageradas e ardentes araras. Ao lado, o cubo do Gloria incitava, possante e ameaçador, a transformação daquillo tudo. Não eram só os olhos, que gosavam a multiplicidade espectacular. Os ouvidos enchiam-se da alegria de todos os timbres exaltados, confusos, dissonantes. A sala era

simples e a luz plena separava rudemente os objectos e alargava o espaço.

— Não repare, é tudo muito modesto... A senhora vive no luxo, ha de extranhar.

Thereza não gostou daquella insistencia mediocre da mãe de Jujú. O homem notou e logo remediou :

— Não tem importancia, Calú, está se vendo que D. Thereza comprehende tudo. Nós somos uma familia de empregado publico. Eu sou escripturario do Thesouro, este é meu filho mais velho Manuel, estudante de direito, que se forma este anno. O outro que vaé chegar é o Pedro, estudante de engenharia. Conhece a menina, a moça da casa?... Ainda não? Pois ella vive nos bailes, nos foot-balls, só pensa em se divertir. Está na rua com amigos.

— Como se chama?

— Aracy. Foi uma historia de minha mulher. Como Aracy é nome indio, aceitei, porque eu penso que devemos conservar os nomes nacionaes. Os meus filhos são Manuel, Pedro e José, este Jujú, o caçula, que nos veiu com uma differença de dez annos da irmã.

— Uma bella surpresa, cumprimentou faceira Thereza. Eu que o diga, não é meu Jujú?...

O menino deu-lhe um beijo vehemente e quiz metter-se-lhe no collo.

— Deixa a moça, Jujú, imperou a mãe. Senta socegado.

E o puxou com força. Batido, encolhido, Jujú afastou-se, humilhado deante de Thereza.

— Todos nomes nacionaes. É verdade que me puzeram um nome, que não é da tradição portugueza, nem indigena, mas é classico, Aristides. O de familia é bem nosso, Vieira.

— Meu marido chama-se Radagasio...

Uma gargalhada festejou a vingança de Thereza, cujos humidos olhos sorriam mais que a bocca luminosa.

— Então é um barbaro? arriscou Manuel e logo recolheu a observação.

Thereza olhou com sympathia o estudante e reparou-lhe os olhos escuros pensativos, a cabeça muito cabelluda, o rosto triangular, pallido, tropical e triste.

— No Maranhão a mania é dos nomes classicos, influencia da cultura antiga, observou Vieira. Nós somos do Maranhão, eu e minha mulher, os filhos são cariocas.

— Ah! Maranhão! que saudade, gemeu D. Calú, erguendo a grande cabeça, que sahia do pescoço volumoso. Terra boa como aquella, D. Thereza, não ha. O Rio pode ser grandioso, mas falta a intimidade, a simplicidade. E as comidas, então!

— Ora deixemos de bairrismos, interrompeu Vieira, levantando-se para melhor .discorrer. O Brasil é um só, um todo e assim é que devemos amal-o. A força da nossa terra está na sua unidade. Pode ser grande, immenso, variado, mas é um só. O povo do Rio Grande do Sul está unido ao do Amazonas. Todos irmãos, uma só lingua, uma só religião. Nada de separatismo. Frente unida deante do estrangeiro, o inimigo, que vem nos sugar o sangue e está alerta nas fronteiras. Já somos muito infelizes e se fossemos nos retaliar, adeus patria.

— Eu sei, Aristides, replicou pachorrentamente a mulher, suspirando. Mas isto não impede a saudade da terra da gente. Olhe, minha senhora, estou aqui ha vinte e cinco annos e não me posso acostumar de vez. O meu coração está no Maranhão, luar como o de lá ainda não vi e os rios tão doces e as frutas tão gostosas e as comidas... Nesta casa se come á maranhense. Se eu ousasse, eu convidava a senhora para um dia provar os nossos pratos. Vou lhe mandar uns doces do Maranhão. Jujú é que lhe levará.

O menino alvoroçou-se. O seu olhar em extase perdeu-se em Thereza. Vieira impaciente não admittia aquella nostalgia incorrigivel da mulher.

— Deixe-se de saudades á toa. Olhemos a vida quotidiana, reparemos na desgraça do paiz.

— Pobre Brasil, disse a voz grave de Manuel.

E Thereza :

— Oh! Assim desesperançado, um moço!

— Não é desesperança, é desespero! A nação está espoliada, suffocada, sem liberdade e martyrisada.

— A senhora não sabe o soffrimento do povo. Não ha dinheiro que chegue para os que são pobres, murmurou a mãe.

E Vieira vociferava :

— Os ladrões governam. Eu sei no Thesouro o que são as contas do governo, os escandalos horriveis e os desfalques vergonhosos. Não se pode dizer nada. Estamos em permanente estado de sitio.

— Tres annos malditos... accentuou rancoroso Manuel.

— É verdade, disse tristemente Thereza. Ha tanto tempo esta oppressão. Que tyrannia!

— Mas ha de acabar, minha senhora.

E Manuel levantou-se.

— Revolucionario? indagou Thereza.

— Sim. Aqui somos todos. Cada um a seu modo, até Aracy, affirmou a mãe. Eu não posso pegar em armas mas sou pela gente que padece dos despotas. E abenço estes meninos de coragem, que se bateram em Copacabana, que estão no sul e no norte salvando a vergonha nacional.

A evocação da mocidade heroica emmudeceu a todos. Thereza recebeu o impeto da revolta contra o despotismo, a rapina e a deshumanidade dos flagelladores do paiz e o seu coração bateu o rythmo da libertação. Ella queria saber mais e mais da agonia do povo e das esperanças de salvação. Manuel respondia-lhe, radiante de se expandir sobre o que era a sua vida :

— Um anno de revolução e o governo, com todo o seu poder, o seu dinheiro, a sua corrupção, não venceu.

— E não vencerá, já concluia Thereza, espantando-se ella propria da sua fé repentina.

O sentimento agira bruscamente sobre a intelligencia e criara a convicção precipitada.

— Não vencerá, repetiu entusiasmado Manuel. Pode haver minutos de parada, mas o espirito revolucionario não se detem e não ha força que o abafe. O impulso vem do fundo da alma nacional e procura reagir contra esta onda de lama, esta infamia das gentes, que se apossaram do governo para depredar o paiz, porque neste despotismo a finalidade é locupletarem-se os governantes e toda a requa que os serve. A revolução vem de longe e é sobretudo uma revolução da mocidade.

— É a sua força e a sua belleza, exclamou Vieira, arrebatado pelas palavras resolutas de Manuel, que proseguia :

— A mocidade esteve no Brasil longo tempo servil, dando tristes signaes de decrepitude. Ella estava na indolencia e formava na clientela dos politicos. Não era mais a mocidade desinteressada, que fez a abolição e a republica, era uma massa indigente, miseravel, viciada pela volupia e procurando o dinheiro no jogo, nos empregos publicos, nos negocios equivocos. Uma materialidade absoluta unia solidariamente velhos e moços.

— E como a mocidade se transformou nesta legião de loucos, de revolucionarios?... Diga, insistia inquieta The-reza.

— A explicação é difficil. O facto é que ella se transformou e o ideal a move e a faz heroica. Talvez a guerra européa despertasse o idealismo universal. Talvez o individualismo desse uma nova affirmacão ao homem, que se separou do rebanho, viu por si mesmo e teve horror. No Brasil a mocidade é a revolução contra tudo e contra todos. Já homens moços têm vergonha de servir ao governo. Este sentimento de pejo é o mais vivificador sopro da vida nova do paiz.

— A revolução está em tudo e em toda a parte, afirmou Vieira.

— Em tudo, continuou Manuel. É todo o pensamento brasileiro, que se renova e isto fecunda ainda mais a revolução. Philippe Miranda proclamou a necessidade da revolução para desenvolver o dynamismo espiritual, moral e physico do Brasil.

Thereza prestou profunda attenção á formula renovadora. Philippe Miranda? Philippe? Era esse o Philippe de Jujú? Como será elle? A ardente exigencia de concretizar excitava o senso real da mulher.

Manuel proseguia :

— A revolução, se não se apossar do governo nestes dias, mais tarde ou mais cedo vencerá. Olhe a Russia, a luta foi de annos e annos até que a revolução se espraiou victoriosa e pela forma mais imprevista. Assim será no Brasil. A formula ainda é uma incognita. Quem pode com o espirito novo? Miseria esse despotismo execrando. A mocidade bateu-se gloriosamente em Copacabana, em São Paulo, no Paraná, no Rio Grande, no Piauhy, em todo o Nordeste, na Bahia. Os velhos magnificos, que a presidem, são conduzidos por ella, pelo surto sublime do seu enthusiasmo. A grandeza desses velhos está em comprehender o espirito novo e ser por elle inspirados. Que maravilhoso genio militar o destes chefes de vinte a trinta annos! Prestes, o capitão-general, realizou o maior prodigio militar do Brasil, nesta marcha incomparavel do Rio Grande ao Piauhy, passando pelas linhas governistas, batalhando, vencendo e passando sempre. A marcha de Prestes uniu o Brasil sertanejo e essa união, tornando-se consciente, completará um grande destino patriotico, universal.

— Como? perguntou soffrega Thereza.

— Muito simples. Os sertanejos permaneciam isolados uns dos outros e as suas preocupações politicas exclusivamente regionaes. Um gaúcho só se interessava pela dominação do seu Rio Grande, um homem do Contestado não via outra cousa senão a independencia da sua região,

um jagunço da Bahia limitava-se a rivalidades bahianas, como os cangaceiros do nordeste brigavam unicamente pela politica e pela rapina do seu sertão. Ora os revolucionarios levando a gaúchada para o Norte, incorporando ás suas legiões homens do Contestado, jagunços, cangaceiros, propagando a revolução politica, geral, despertaram a consciencia do sertão.

— Como os bandeirantes outrora...

— Um pouco. Mas os bandeirantes e os vaqueiros percorreram o Brasil, entrelaçaram as gentes as mais diversas movidos por interesses economicos, a escravidão dos indios, o ouro, as pedras preciosas, o gado. Os revolucionarios fazem a unidade em torno de um pensamento, de um ideal politico. Esta admiravel acção fecundará os espiritos limitados ao regionalismo, rudimentares no fetichismo politico e religioso. As populações sertanejas, unidas pela mesma consciencia nacional, são chamadas a uma consideravel missão na evolução brasileira.

— Mais um beneficio da revolução, exclamou Thereza, adivinhando.

— Aqui tambem no Rio não ha um moço digno, que não seja revolucionario, disse D. Calú. Se a senhora soubesse o que foi a noite da revolução do Protogenes...

— A mais bella noite da minha vida ! exclamou Manuel.

— A maior decepção... commentou soturno o pae.

— Decepção? Sim, foi enorme. Mas eu falo do enthusiasmo, que sentimos todos, da esperança que nos exaltou. Foi o minuto mais intenso, mais agudo, mais universal, que jamais vivi, aquelle em que a revolução ia arrebentar. Foi a ascensão gloriosa do meu ser para a libertação.

— D. Thereza talvez não saiba tudo, cortou D. Calú.

— Ouvi contar tanta cousa. Mas ninguem sabe a verdade verdadeira.

— Nós sabemos e não se pode esquecer. Às vezes temos tanto consolo em lembrar... Era a voz nostalgica de D. Callú, que modulava a evocação.

— Nós estávamos preparados para a primeira occasião. O commandante Protogenes era o chefe de mais prestígio entre os officiaes da marinha e na marinagem. Devia ser o chefe do movimento aqui. Até então a revolução estava mais ou menos solidificada no exercito. Na marinha o sentimento revolucionario era vasto e ardente, mas amorpho, sem a menor cohesão de um pequeno grupo, que fosse. A intervenção do commandante Protogenes corporificou o espirito de revolução entre os navaes. E subitamente se teve a revelação de que quasi toda a marinha era revolucionaria. O governo sentiu-se perdido e ficou perplexo. Uma vez decidida a revolução da marinha, o entusiasmo alastrou-se na mocidade civil, sobretudo das escolas.

— Um governo que tem contra si a mocidade é um governo condemnado para sempre, interrompeu Vieira.

— O commandante Protogenes soube preparar tudo. O plano a executar era ousado e de acção rapida, violenta. O commandante se apoderaria de um encouraçado e deste ordenaria o ataque. Forças da marinha desembarcariam e protegidas pelos destroyers seguiriam do cães pelo longo da avenida Beira-Mar até o Cattete. Os corpos do exercito e da policia que, dominados pelos jovens officiaes, entrassem no movimento marchariam para o mesmo alvo. Nós, os moços civis, estaríamos armados nos varios pontos e tambem no cães para ajudar a offensiva dos navaes. O Cattete seria tomado de assalto, o presidente prisioneiro...

— Se elle não fugisse! rangeu D. Calú.

— Não tem importancia. A revolução estaria vencedora. Na tarde de vinte de outubro, continuou Manuel, foi dada a ordem para o movimento naquella noite. A uma hora da madrugada um tiro do « Minas » annunciaria a revolução. Nós fremiamos. Jamais maior sopro de entusiasmo passou nesta cidade, entusiasmo profundo vindo da ansia de liberdade, do pudor collectivo, da vontade da desforra contra os bandidos, que nos venceram e man-

charam o paiz. Todos os camaradas reuniram-se em grupos e foi uma sublime vigilia para a libertação. O Brasil ia renascer. Resurreição!

— Vae fazer um anno, em outubro, minha senhora, disse a nostalgica D. Calú. Desta casa sahiram oito moços, armados, corajosos, para morrer ou viver. Ficamos eu, o meu velho e a menina... Eu abençoei a todos... e chorei, chorei de fé e esperança... Pobre da nossa terra!

— Desde a meia noite, lembrava Vieira, estavamos de relógio á vista esperando o signal... Quando chegou uma hora, nos levantamos. E o tiro? Nada. Estaria certo o relógio? ou seria um atrazo e tudo aconteceria, como fora marcado? os minutos correm, nada de tiro. Angustia. Esta mulher teimava que era engano e o tiro seria ás duas horas. Esperamos. Duas horas, nada. Cançados, inquietos, presumindo cousas horriveis, que não nos diziamos, nos recolhemos, mudos, cada um para o seu lado, sem coragem de nos olharmos... Ás tres horas ouço entrar os rapazes. Corri inquieto. Elles estavam anniquilados. Não comprehendiam o allucinante silencio. Viram a bahia, as praias, as proximidades dos quarteis. Um socego vergonhoso e infinito. Encontraram companheiros com a mesma angustia, caminharam, indagaram e sempre o infame socego e a immensa mudez. Cada qual foi deixando as ruas melancolicas. Elles alli estavam em casa moidos, mortos. Pela manhã sahiram e souberam a horrivel cousa, a antecipada prisão do commandante, que menoscabou da policia e não previu o golpe da delação. Um ingenuo? pobre Brasil!

— É a delação que ajuda o governo, lepra moral deste paiz de escravizados. O governo os compra, o pavor e a infame cobiça os vendem, disse Manuel. Não importa. A revolução não pára mais no Brasil. É a unica solução para acabar com esta corja de politicos, que se apossam cynicamente de tudo, opprimem, assassinam, furtam, enriquecem.

— O perigo é o cháos, observou Vieira, coçando a barbicha.

— Ora papae, você sempre medroso.

— Empregado publico, gritou malcriada a mulher.

— Qual empregado publico, deixe de desaforo. O que eu digo é que a revolução é muito justa, mas depois? é um salto nas trevas.

— Então não se deve fazer nada com susto deste famoso salto. É deixar tudo correr como está, os ladrões, os despotas se aproveitando, o povo bestificado, todos resignados como escravos. Ah! não! A revolução é a revolta da honra, da dignidade, é a vida, o movimento que reage contra a apathia covarde. Só por isto, por ser a acção, ella é bella e indispensavel. Perturbação? Mas é signal de vida. O movimento é a lei do Universo. Deixe de medo, papae. Para adeante. Varramos esta canalha.

E o seu gesto exprimia a violencia de limpar, de clarear, de elevar o que era maculado, turvo, baixo e era o Brasil. Thereza entrava numa atmospherá extranha, de odios generosos, de desafrontas desinteressadas, de exaltação transcendente. Uma deliciosa combustão a abrazava e a excitava para a revolta. O que ella aspirava a libertar não era uma idealidade, uma ficção, não era um paiz, uma nação politica, era o seu proprio eu. Da força ideal e complexa dos revolucionarios, Thereza appropriava-se para resolver victoriosamente a sua existencia. No meio da conversa, que proseguia, ficou absorta, abysmando-se na illusão. E mal reparou na entrada do outro filho da casa, Pedro, que vinho alviçareiro e estacou quando viu a visinha. Logo o puzeram em equilibrio.

— Boas noticias? perguntou o pae...

Os olhos do rapaz faiscavam, eram gaseos, miudos e moveis. A bocca rasgada, as maçãs do rosto pontudas, moreno carregado de tez, nariz esparramado, todo elle felino, flexivel, agil. Não respondeu á pergunta do pae. O irmão o entendeu e os dois afastaram-se. Pedro vibrava

e sussurrava revelações, que Manuel recebia ainda mais pensativo e mais rancoroso.

— Boas noticias? insistiu o pae. Desembucha rapaz. Aqui a senhora é de confiança. Não trahirá ninguem...

— Neste caso eu vou-me embora, cortou Thereza, prompta para partir. Pedro, atrapalhado, interrompeu-a :

— Não faça isto que me offende. Posso falar deante da senhora. Olhe, disse soffrego, prepara-se novo movimento para estes dias.

— Quem te disse? Viste o capitão?

— Vi. Elle está muito animado. O plano é tremendo. Desta vez o Presidente não escapa. É a acção directa que vae começar. Sabe, a senhora vae ver cousas extraordinarias. Não se espante.

— Sou corajosa. Pensa que tenho medo?

E Thereza sorria de valente.

— Haverá attentados, não a pessoas...

— Ah! sempre a generosidade brasileira, esta fraqueza que mais é covardia. Medo, medo, ora, resmungava rai-vosa D. Calú.

— Mamãe é sanguinaria... Havemos de chegar lá. Por enquanto não ha necessidade e não devemos chamar a odiosidade á revolução.

— Eu sou pela acção directa, violenta. Morre alguém? Não tem importancia. O principal é vencer, liquidar de uma vez isto, objectava D. Calú.

— Os chefes decidiram o emprego das bombas, informou Pedro.

— Bravo! Agora ao menos é o terror e elles ficarão apavorados, applaudiu Manuel.

Vieira coçava a cabeça, mudo e pensando o imponderavel.

Thereza viu-se compromettida numa tenebrosa conspiração. Mas bravamente aceitou a cumplicidade. Não fez um gesto para reter a fatalidade revolucionaria.

— E o governo? perguntou Vieira, que, de decepção

em decepção, tinha um respeito secreto á força, que demonstrava o presidente.

— Continua na defensiva. Porque somos nós que o atacamos. Elle finge-se indifferente e, para mostrar que não teme a revolução e faz o que lhe parece, promove a reforma da Constituição, explicou Pedro.

— Oh! miseravel! Será possível que passe afinal? indagou violentamente Manuel.

— Sim. Foi Philippe que me disse.

— Philippe? Tu o viste? Porque não o trouxeste?

— Estive longamente com elle. Viemos a pé da cidade. Não poude vir, até aqui, porque está trabalhando, reservou a noite para escrever e lá se foi solitario...

— Que diz elle? Repete.

— A reforma da Constituição é um acto de sadismo politico do presidente. Este homem sombrio, cruel, vingase. A nação o detesta, elle a faz soffrer e prepara-lhe o martyrio escravizando-a, amordaçando-a, infligindo-lhe o castigo, que perdurará. Sabe que o seu governo é esteril, que não criará cousa alguma, vingase esmagando as forças vivas da nação para que esta se torne infecunda. Tortura-lhe as visceras e o seu regosijo secreto é assombroso. A mocidade o odeia, elle persegue-a e dá-lhe um verdugo. Martyrizou o exercito e a marinha e gosa o extranho goso de ver aos seus pés, generaes e almirantes. Intriga uns com os outros, chefe de policia, chefe da casa militar, ministro da guerra, ministro da marinha, e, nesta atmospha de baixezas, de odios, de disputas das suas preferencias, o homem cruel deleita-se e vingase. Que maior delicia do que rebaixar tudo, senado, camara, supremo tribunal, politicos, juizes, jornalistas, todos miudinhos, curvados, annullados e sem pejo. Renunciaram á vergonha para ficar nas posições. O presidente atira uns contra os outros, promette, illude-os e os mantem prisioneiros da esperanza do ganho. A cidade o vaiou, celebrou o seu ridiculo num carnaval. Para castigala-

deu-lhe uma policia infame, que a assassina, a rouba, a abafa. É uma volupia allucinante ver que ella não se entrega pela violencia e elle a martyrizava mais na ansia de possuil-a. Agora é preciso fazer soffrer a nação inteira, não só hoje como no futuro, porque elle será execrado nesse futuro. A vingança está preparada e o martyrio do paiz perdurará. A republica era idealista, protegia o individuo, desafiava e continha o governo. Acabe-se com a liberdade. Institua-se o despotismo legal. Não será o presidente sadico o presidente da dictadura constitucional, mas vingã-se e rejubila-se, porque entrega aos verdugos vindouros o corpo da nação para ser flagellado e o espirito para ser abafado. Delicia.

E Philippe disse mais :

— Este sadismo combina-se extranhamente com a volupia de soffrer, que se apodera do povo brasileiro. O goso está no soffrimento, na dôr que nos humilha, nos rebaixa e nos dá a satisfação ardente de proclamar a nossa infelicidade, a nossa miseria deante dos outros povos. É preciso nos aviltarmos para sermos felizes. Vamos nos annullando, amortecendo, entrando mansamente na podridão. Ser o povo mais desgraçado, mais batido, mais pobre, mais miseravel, entregar-se á violencia dos nossos flagelladores, é o requinte do prazer. Refinamos a espiritualidade, e, enquanto o corpo geme, a alma delicia-se. Um gemido immenso, soturno, apavora o espaço. Elle vem das camadas inconscientes e dilata-se no alto. É a nação barbara, decadente, allucinada, que geme nos candomblés, nas pagelanças, nas torturas espiritas, nas egrejas. Quem geme não se revolta, allivia-se, alegre-se na dôr, obedece, curva-se e espera jubiloso mais soffrimento. Desta fonte sombria gera-se o espantoso pessimismo, que entorpece a vida e é o supremo goso do anniquilamento. Os que escapam a esta volupia miseranda e se revoltam, attingem ao paroxysmo do desespero. Odio contra os verdugos e os escravos. Surge o mysticismo da liberdade

contra o mysticismo da escravidão e da tyrannia. Eis o Brasil, uma luta entre as terriveis subscientes correntes mysticas, que o agitam e o allucinam...

A noite apoderou-se do mundo. Thereza ergueu-se rapida, despediu-se. Levando o menino, como um arrimo, atravessou a rua. Thereza sentira ter tocado no real profundo e inexoravel de todo um povo. Havia um soffrimento, que dilacerava e suppliciava a nação. O seu soffrimento intimo, a sua angustia, dilatavam-se na dôr mais vasta. Corria veloz pela ruasinha provinciana banhada na mansa luz do gaz, medrosa de encontrar o marido. Parecia-lhe ter commettido uma infidelidade, penetrando naquelle mundo extranho e novo, ao qual ainda ha pouco ousara dar-se toda, avida de partilhar o soffrimento colectivo e agir loucamente na revolta redemptora. Agarrou-se ao menino, protegeu-se com elle e subiu as surdas escadas do jardim. Radagasio a esperava no alto da esplanada, batendo as bochechas de colera. Thereza recalcou o pavor. Deante do espantallo ridiculo reagiu altiva, não murmurou a explicação, que vinha formulando. Aquelle homem odioso, aquella grosseira massa humana era movida pelo mesmo espirito diabolico, covarde, vingativo, que movia os flagelladores do Brasil.

III

No pavilhão do jardim, mirante da vastidão, Thereza abysmava-se nas anseadas e resfolegantes aguas da bahia. Para além da barra alongava-se, livido e glauco, o oceano. A luz limitava as formas sem côr das cousas. Os corpos postavam-se extaticos, isolados e brutaes, na eternidade incandescente.

Na refulgencia solar, os cabellos escuros de Thereza irradiavam effluvios de ouro. Nos olhos castanhos chispavam pontas de sol. Nas ondas em elevação espumavam myriades de sóes. As pesadas manchas da terra, as sombras das montanhas avolumadas, cortavam em fachas densas a unidade phosphorescente. A bocca de Thereza scintillava na pulverização da luz e equilibrava a fulguração universal. A pallidez do rosto esbatia-se na atmosphera vibrante. Do esguio corpo, contornado pelas fugitivas côres zodiacaes e, das brancas vestes, emergiam vagas mãos esmorecidas. Avidas linguas de sol desciam sobre as chammejantes pedras dos anneis e as unhas rubras.

O cheiro das arvores e das flores exaltava a solidão. O murmurio abafado das vagas e o arrepio do vento escasso resoavam lugubrememente no calido torpor. O espirito de Thereza mortificava-se no excessivo arrebatamento do mundo tropical. Era a implacavel luz perpetua, era a fixidez das massas aterradoras e sempre a immobi-

lidade eterna. A alma movel aspirava a libertar-se da natureza hostile. A adversaria, prompta a desencadear a catastrophe, está em secreta e infatigavel destruição e no tumultuario aspecto sente-se o fremito da revolução intima, que um dia nos avassalará. A magia do terror gera-se na idéa da ameaça permanente e, nessa mysteriosa angustia, Thereza sorvia o supremo encanto e a entranhada fascinação da natureza brasileira.

Fatigada de esperar o que jamais acontecia, Thereza deixou o pavilhão do jardim, entrou em casa e recolheu-se á penumbra do salão. Para mover-se no escuro fechou os olhos, tontos de luz, e atirou-se mansinha a um sofá, que lhe agasalhou docemente o flexivel corpo abrazado. Foram-se-lhe abrindo os olhos nocturnos por entre a pompa triumphal das côres alli abrigadas, fugindo á impiedosa luz devoradora. Das sedas e dos brocados, do ouro e do crystal, do bronze e do marfim, das madeiras e das pratas, das rosas, das folhagens, das orchideas, volatizavam-se as côres. Em uma só tonalidade aerea uniam-se ás sonoras vibrações do Universo, ao infinito e nostalgico mugido das aguas, ao ardente e intermino canto das arvores, dos passaros, dos insectos, das plantas e dos humanos, ao indefinivel gemido do que não tem nome, é imponderavel e abstracto. E em tudo fundiam-se os cheiros omnipotentes e subtis, as emanações ininterruptas da perenne combustão do que vive e se transfigura eternamente. Sobre o ambar da pallidez do rosto de Thereza, o reflexo azul dos olhos sombrios. A tepida respiração sussurrava longinqua e vaga e ella cheirava, como uma planta aromatica. Cumpria-se com as outras cousas a unidade inquebrantavel.

Absorta numa irreprimivel scisma, Thereza não perturbava com os seus gestos aquella vida dos objectos e tudo se consumia em arrastar no labor imaginario o mundo das sombras. No compacto jorro de luz, que pela porta do terraço invadia o salão, entravam besouros reluzentes

e zombeteiros, trombeteando no espaço colorido, enquanto insectos impalpaveis se fixavam fascinados no clarão e vibravam, como moleculas luminosas. Entravam borboletas, alacres, loucas, farejando as plantas, entrou um beija-flor celere, inatingivel, bailando sobre as rosas e na vertigem allucinante, agitando subtilmente a suavidade sepulcral, parecia na sua pequenina e imperiosa violencia arrebatatudo na dansa fantastica da luz, das côres e dos perfumes. Thereza adormeceu e os prodigios da vida universal continuavam incessantes e maravilhosos na quietação sem fim.

Quando ella acordou, pareceu-lhe que tudo parara. A monotona agitação dos insectos perpetuava o infatigavel rythmo da ardente calmaria. Thereza veiu ao terraço e mirou a agua, cuja pelle era lisa, tranquillada e juvenil. O ar extinguiu-se. No amplo silencio da luz, o espirito de Thereza pairava sobre a immobilidade universal. Nenhuma aspiração, nenhum desejo a agitava. Abysmava-se no socego solar, em que tudo entorpecera. Confundia-se com a melancolica tristeza do céu, do mar e de toda a immensidade. E nessa quietude instantanea cessava a singular tortura, que busca e ignora. Tudo se acalmara na resignação inconsciente, em que se apaga a suprema angustia humana. As fronteiras do universo estavam alli, na luz, na agua, nas montanhas, nas arvores. O espirito em extase ficava prisioneiro do maravilhoso das cousas ephemeras. Na exaltação anniquilava-se para sempre. Era a indifferença integral a toda a relatividade da vida, era a passividade do ser que, no vasio da existencia, se deixa esmagar pelas forças desconhecidas e insuperaveis de um destino particular, imaginado como a emanação da inaccessible e inexoravel fatalidade primordial. A ascensão fez-se lentamente. No começo era a inconsciencia moça, o ardor physico de viver, a combustão do soffrimento moral, que transforma rapidamente tudo em alegria. Mais tarde, Thereza se sentiu só. Foram-se os fugazes diverti-

mentos da mocidade e a grande separação entre ella e o mundo formulou-se allucinante. Era a incommensuravel tristeza do vacuo. Nenhum refugio deu-lhe a vida. Nenhum apoio soccorreu-lhe o pensamento. Nenhuma magia veio-lhe do coração. O mundo rolava indifferente e o espirito desvairava, ora na revolta, ora na melancolia. A ansia da libertação da sua propria existencia e de toda aquella aggressiva e tragica natureza, que era o quadro permanente do seu espirito, terminava inocua e desfallecida. Não havia finalidade para a sua revolta. Onde ir? Que allivio á sua indefinivel dôr? A solidão a perseguiria eternamente, a separação das outras cousas universaes jamais se extinguiria. E ficava prisioneira da terra maravilhosa, impregnando com a sua tristeza todo aquelle fulgor revoltante, afundando-se na amargura desesperada da sua vida. Quando lhe vinha o doce e subtil tedio de tudo, Thereza inebriava-se na volupia desse goso sem goso e deixava-se triturar pela fatalidade até sentir-se dissolvida no eterno aniquilamento universal.

A vehemencia do calor não cessava. O céo dilatava-se e mais pallido subia transfigurado, fugindo ao estupor da terra. O mar calara-se abafado de sol. As palmeiras inteiriçaram-se. Só o que era humano interrompia estupidamente a concentração do mundo. Thereza, espectro de luz, etherea, placida, sentia a delicia de ser absorvida pela belleza do Universo. Ella era magnifico holocausto do espirito humano ao Todo inconsciente.

Subito, vibrateis mãosinhas lhe agarraram o vestido. Um riso infantil desarticulava o triste socego. Thereza voltou-se inteiramente despertada do seu recolhimento e segurando rapida a creança, como para libertal-a de todo o soffrimento, exclamou :

— Sâe deste sol horrivel, filhinha.

E arrebatou-a para o salão. Lili ria-se na excitação deste jogo. As perninhas e os bracinhos espadanavam. Thereza atirou-a no sofá e numa ansia de acariciar, de se

dar, beijava fremente a filha, que se debatia vivaz.

— Mamãe, mamãe, basta, não me mata...

Thereza beijava-a ainda mais e mais. Agarrava-a ao seu collo, estreitava-a com força, absorvente, como se naquelle corpinho humano estivesse todo o refugio da suprema angustia. Os cabellos cacheados da creança ameigavam o rosto da mãe, os olhos castanhos semi-cerrados exprimiam, risonhos, o goso do vibrante conchego. Na penumbra, aquella pequena alegria tinha a força de transformar o imperio do inconsciente absoluto em fragil realidade humana.

Thereza não percebeu mais a tortura do seu espirito, que se amorteceu no suave esquecimento. Retrocedera instantaneamente ao circulo infantil e harmonizara-se integralmente com a filha. A imperiosa animalidade maternal excitava-lhe o prazer da brincadeira. Corriam as duas pelo salão, riam, gritavam, atiravam-se ao chão sobre os tapetes surdos, jogavam para o ar as almofadas e abraçavam-se por entre beijos estridentes.

Na grande solidão do morro aquelle ruido violento sacudia a morna atmospheria. Os passaros misturavam-se á alegria humana, os cães latiam, farejando vadiação, corriam pelo terraço, pelo jardim e invadiam a casa. Os gritos dos gallos, opulentos e faiscentes, fulminavam o ar. Os perús excitados, rubros os papos, enrouqueciam aos berros. Na sala, a mãe e a filha confundidas na mesma alacridade rolavam pelo chão. Na penumbra, atravessando a facha de luz mansa, surgiu a negra volumosa, cinzenta, olhos brancos e vasta bocca viscosa a vociferar :

— Isso são modos, Sinhá? Larga Lili, que são horas della dormir... São duas horas passadas.

Tudo paralyzara. Thereza sentou-se no tapete, sortiu desconsolada. Lili procurou o seu collo para esconder-se. A negra segurou-a com decisão e, afagando-a, carregou-a.

Thereza ficou só. Tornava á consciencia do seu isolamento e da sua separação das outras cousas. A alegria

fugaz, passando instantanea, tinha-lhe dado o esquecimento. Agora estava só e o perfido pavor da solidão a inquietava. Era mais um dia inutil na serie melancolica do tempo, que apertava inexoravel o limitado espaço, em que ella se movia. O seu apego á realidade cingia-se ao pequeno ser, que a todo o instante lhe arrancavam dos braços. A vibração maternal cedia á tyrannia da criação da filha. A preta absorvia a existencia da menina e a mãe, por inercia, por inexperiencia, deixava-se ficar timidamente inactiva. A solidão, sem um pensamento para encher-a ou um sentimento para santifical-a, era vasia e esmagadora. Ao espirito joven de Thereza trazia o supremo tedio da vida. Nenhuma finalidade em seus actos. Ella buscava a força, que a transformaria em um ser ideal, que era a sua ansia secreta e inconsciente. O tedio a confinava em si mesma e ella achava a sua propria companhia um deserto infinito, em que toda a alegria fora crestada pela reverberação da inexplicável tristeza.

Os dias enfadonhos da casa de Thereza cruzavam-se com os dias de entusiasmo da casa dos visinhos. Thereza ahi vinha buscar a esperanza e fugir ao tedio. Muitas vezes subia a ladeira a pé, na volta da tarde, querendo que a chamassem, e se entrava, havia-lhe no sangue um rebate de liberdade. Todos alli eram ardentes e viviam no excesso da vida ordinaria. E aquella que não tinha a combustão imaginativa, Aracy, entregava-se aos divertimentos, aos jogos, ás dansas, aos banhos, aos passeios, no feliz transbordamento muscular e sensual, da animalidade em flor. Era alegre e descuidada. Que lhe importava a sorte do paiz? Que lhe interessava a republica com os seus aborrecimentos? Ella tinha a liberdade bastante para a sua vadição, e que bella vadiagem a do Rio de Janeiro! Os elementos do prazer offercem-se graciosos. É o mar com as suas oceanicas praias exaltadas, a enfunada bahia corcovando os skiffs e os yoles, os campos, onde a bola

róla, as montanhas, que criam fantasias para a vista, a cidade trepadeira, as avenidas familiares, o sol senhoril, a viração vagabunda, arvores companheiras e cinemas, confeitarias, almofadinhas e melindrosas. Aracy deslisava sobre o dorso das cousas. Multiplicava-se para tudo gosar e no rythmo simultaneo das diversões o seu corpo gracil proseguia dansarino. Thereza não se communicava com esse alvoroço, mas o via expandir-se com sympathia, pois era uma expressão da fugitiva liberdade. Os seus encontros eram raros, a melindrosa vivaz escapava-se do morro provinciano ás tardes, á hora de Thereza. E, se vinha á casa, logo vozes juvenis a reclamavam á porta da rua. Eram outros visinhos, moço e moça, camaradas de farra. E Aracy abalava ardente. Dava uma risada, pulava, beijava Thereza, a mãe, beliscava Jujú, que embezerrava furioso, punha o chapéo sobre os cabellos ruivos, os olhos azues illuminados, a pelle branca e sobre ella ligeiras vestes fulgurantes.

— Porque tão ruiva, tão diferente de todos? indagava Thereza.

— Restos de hollandez do Maranhão, respondia D. Calú.

A companheira de Aracy, que a esperava fóra, annunciava nos gaseos olhos ciganos, na tez amarella, nos cabellos crespos, a mestiçagem, que a sinuosidade do corpo ondeante accentuava.

— Prompta, Zilda! disse Aracy para a amiga.

Figuraram beijos, receiosas de se marcarem as faces do vermelho dos beiços. O rapaz, irmão de Zilda, o Léo, baixote, truncado, nadador, remador, dansador, namorado de Aracy, segurou-a logo com a mão callejada, apertando-lhe o braço, invasor, familiar.

— Ai! gritou Aracy, gostosa da brutalidade.

— Commigo não é canja, replicou o rapaz esganiçando a voz, que lhe sahia de uma bocca alvar, emquanto os olhos miudos e escuros faiscavam sob uma testa curta e bronzeada, coberta de um cabello duro, preto, rente á escovinha.

— E D. Genoca não vem? perguntou Aracy.

— Mamãe? riu-se Zilda. Ora se vem! Já se viu mulher mais assanhada para pagode? Lá vem ella...

Apparece na rua, espcodadas as carnes, um monstro pintado, de pés pesados, andando tropega, de nadegas cahidas, pernas inchadas, amplos peitos; cintura e ventre ligados, braços volumosos e curtos, de onde pendiam mãos enormes, pescoço opulento, thyroidico, a bocca melosa e escancarada, o nariz farejante, tumida a cara, os olhos esbugalhados, saltados, de caranguejo myope. E gemia :

— Meninas, eu mal posso andar, tenho os joelhos presos, a cabeça me estala. E vocês me forcem a sahir!...

— Deixe de fita, mamãe. Se está doente, fique em casa. Bicho não nos come, e o Léo vae connosco...

— Não. Já agora tambem vou... Sempre me distraio um pouco...

E como visse á janella Thereza e D. Calú, veiu logo a ellas.

— A senhora está vendo, D. Calú. Estas meninas judiam commigo e eu estou tão doente... Ninguem faz caso, mas um dia ellas verão.

— Não, D. Genoca, a senhora está moça, forte, deixe de manha, isto é nervoso...

— Nervoso! É só o que me dizem. Rheumatismo é nervoso... Olhe as minhas mãos...

— Vamos, mamãe, deixe de lamurias... berrou o Léo.

— A senhora está vendo, D. Calú, como me arrastam... Esta senhora é que mora aqui defronte?... A senhora vive num paraíso! Olhe, um dia vou lá fazer-lhe uma visitinha...

As moças a agarraram e a içaram para dentro do automovel. D. Genoca protestava :

— Não empurrem. Que brutas!

O automovel foi descendo devagar. E tudo cahiu em socego.

— Esta gente, explicou D. Calú a Thereza, é exquisita.

É a familia de um tal Adalberto Costa, corrector, que esteve mettido na fallencia de um banco e sahiu rico. Comprou esta casa muito boa, que dizem de estylo mou-risco. Já foram á Europa, a familia metteu-se, na socie-pade. Deixo Aracy andar com elles, porque eu não a posso acompanhar... Não gosto. E assim a pequena se diverte. Elles a chamam sempre... Mas aquella mulher é uma linguaruda damnada, intrigante, e prega cada mentira! Ella já quer se metter em sua casa. Já veiu logo com elogios... Se fosse moça seria uma melindrosa, mas destas bem affectadas, como é velha e anda nas rodas estrangeiras, é conhecida pela dengosa internacional...

Thereza sorriu desdenhosa. Na sua intimidade ninguem penetrava. Tinha segurança em si e a visão instinctiva lhe traçava, largo e profundo, o circulo da sua defeza pessoal.

— Onde anda Jujú, que desapareceu? perguntou inquieta. E D. Calú disse que talvez, zangado com o beliscão de Aracy, se sentisse humilhado e se escondesse.

— Quem sabe se não estará em sua casa?

— Ah! sim, com certeza.

E logo interessada pelo seu maravilhoso amiguinho, Thereza partiu.

A rua estava parada. Thereza sentiu uma instantanea volupia ao entrar na solidão. O contacto com aquelle alvoroço vulgar a tinha entristecido. Aspirava a voltar ao seu isolamento, em que o sonho era infinito, o desespero independente, seu, do seu intimo e inquieto espirito. O que ella procurava na casa dos visinhos não era a ociosidade, a vadiagem, era o entusiasmo da libertação. Na rua solitaria retomou-se a si mesma e ligeira chegou ao portão da sua casa. Na curva da rua vem despontando Jujú e com elle um rapaz. O menino corre, a sua voz vibra :

— Thereza! Philippe!

Ella parou. Philippe apertou-lhe a mão, que já se esten-

dera resoluta. Não falaram. A mulher festejou a criança. Jujú ria victorioso.

— Ah! eu estava lá em cima te esperando, Teté, quando vi Philippe subindo a ladeira da igreja. Corri para elle e ficamos vendo a festa no mar...

— Que festa?

— A esquadra vae partir para exercicios, explicou Philippe. Estavamos olhando os primeiros movimentos, mas Jujú ficou desesperado pela senhora e não quiz ficar.

— Vamos ver agora, Teté? insistiu o pequeno.

Thereza enfeitiçou-se com aquella ansiedade amorosa do seu menino. Por um momento pensou em subir com elles á sua casa e do mirante seria a doce infiltração do extase, do movimento das cousas e agora da sympathia humana. A sua casa? Hesitou e condescendeu em acompanhal-os ao largo da igreja. Caminharam os tres, subindo accelerados para chegar a tempo do spectaculo. Foram batendo os passos na estreita calçada, rentes ao muro, de onde espiavam enfileiradas folhas de bananeiras, velas verdes dos quintaes, que o vento esfarrapa. O largo da igreja, pequeno e secco, appenso ao baluarte, em que repousa a igreja, liga duas ladeiras. É logo circumscripto por uma velha casa pesada, acachapada, triste, que desce morro abaixo. Havia apenas uma nesga de vista para a bahia. Thereza, habituada a vasto descortinio, zombou :

— Daqui é impossivel... Ora, Jujú, que idéa!

O menino alviçareiro, imperioso :

— Vamos lá em cima, lá na igreja...

Pela escadaria de pedra galgaram até o pateo. Sobre a grande base de cantaria e lagedos de granito, tão gasto e esburacado, pousa a egrejinha do outeiro da Gloria. Está solta ao ar livre, face á barra, dando as costas ao morro. Empoleirado na torre, um gallo de ferro brinca com o vento e carrega uma cruz. A torre quadrilatera, núa. A massa corporea da igreja aperta-se numa cinta, alarga-se para traz, abrindo-se de cada lado em janellas,

olhos, balcões, soffregos da viração e da vista maritima. A fachada de luzentes escamas de fingidos azulejos cobre um pequeno portico singelo, que protege a porta e o fresco recolhimento interior. Os tres vasos da solidão, arrebatados pela perspectiva ampla, infinita, e pelo silencio das pedras, que eram architectura, olharam-se alegres. Thereza e Philippe entendiam-se secretamente na affinidade esthetica inconsciente, que produz uma zona benefica, ineffavel de sympathia, a zona da belleza. A admiração physica, que sentiam um pelo outro, nascida do sentimento occulto da selecção, dava-lhes alegria e enthusiasmo. Por alguns instantes Philippe calara-se. O mysterio da belleza está no silencio, que ella faz em nós. Thereza recebia a luminosidade dos olhos solares de Philippe e sorria-lhe. E os olhos cresciam em extase pela belleza contemplada. Veiu depois o fulgor da voz envolvente, e luz e som transfiguravam a poderosa cabeça, os finos cabellos despenteados ao vento, o rosto claro e cheio, o grande nariz pensativo, a bocca suave, ligeiramente velada pelo leve bigode. As mãos pequenas cortavam o espaço. Philippe mostrava a esquadra, que se movia. Pouco a pouco se foram enfileirando dreadnoughts, cruzadores, destroyers, torpedeiras. Passavam lentamente, abandonando as lanchas e rebocadores, que, intrujões, os acompanhavam na bahia, farta de agua e viração. O encouraçado chefe marchava numa imponencia voluntariosa, atrevida, libertando-se da barra. Fumos insolentes. Fumaça negra, volumosa, pastosa. Grossas massas espessas suspendem-se, dansam pesadamente na risca tumida e sanguinea do horizonte. O dreadnought caminha impavido e fumarento, envolve-se na fumaça e perde-se no oceano. Dentro da bahia, a agua azul afoga-se no esplendor rubro da dissolução solar. Jujú, calado, absorto no que via, deliciava-se no jogo alegre das gaivotas pairando, voando sobre as vagas, trepando nas ondas, gritando entusiastas, grasnando, mergulhando para apanhar os peixes dispu-

tados por dezenas dellas num rôlo de azas, bicos e patas. No alto, um solitario carapiá talhado em angulos agudos, finas azas negras esticadas, vogava o seu mecanismo synthetico e schematico. Passavam aos pares tristes joãos-grandes e tesouras, avidos imbiuás. Das ilhas do fundo vinham, tocados a recolher, bandos apressados de maçaricos, trinta-reis e de garças, 'indifferentes á pescaria. A passagem das aves traçava uma curva, que envolvia o espaço, prolongava-se espiritualmente e suggeria a curvatura universal.

Para Thereza tudo era excessivo. Dentro das tumultuosas massas de pedra, cavadas nas raizes pelas aguas vorazes, apoderada pela energia vegetal, que avançava tentacular para a suffocação da terra e dos seres numa dominação verde, humida, sombria, acariciadora, Thereza retrocedia ao estado cosmico inicial e absorvia-se no vago das formas, das côres, da luz e das forças, sentia a irreallidade transcendente, repellia de si mesma a consciencia da vida, funesta e intoleravel interrupção da deliciosa desordem dos elementos allucinantes. Fitava o mar. A bahia assanhada, com as ilhas, que surgiam funebres da agua, pedregosos cabeços sombrios de penhascos submarinos, e outras reluzentes, como gigantescos besouros, vogava na luz total. O ruido ardente da cidade subia numa densa rede de sons suspensos em torno da collina, buzinas de automoveis, guinchos de bondes, repiques caipiras de sinos, berreiros humanos e o indefinido rumor anonymo, palpitante, que apavora como o resfolegar das forças myste- riosas e avassaladoras. Tudo subia e suffocava. Opressada, offegante, Thereza debatia-se na angustia da desordem. Refugiou-se em Philippe.

— Alli é a minha casa, disse ella pensativa. Triste casa... Quando eu olho este mar livre, estes vapores que partem, tenho uma dôr...

— Porque este desespero?

— Não sei. Quizera viajar, sahir desta prisão. Que me

importa a belleza que me cerca, belleza que é extranha a mim, morta, morta... Palmeiras, bahia, ilhas, sol, floresta, morros, pedras, não me entendem. Quero o que é humano, proximo do meu ser, do meu coração. Aqui tudo me acabrunha e me persegue...

— Não se deixe dominar pela ansiedade vã da desordem. Viajar não significa libertar-se. Esta libertação, ambicionada com tanto desespero, deve ser conquistada aqui mesmo na prisão. A viagem não é esta deslocação material da pessoa atravez dos espaços. É a transposição espiritual a todas as formas, a todos os seres, a todos os pensamentos. É o conhecimento do universo, é a incorporação, é a fusão no Todo infinito, que realiza a unidade.

Thereza entenderia? Uma infiltração musical arrebatou-a. Philippe continuou a arrancar a do chaos. Philippe punha ordem em tudo, equilibrava o mundo, fixava os planos exteriores e determinava a vertical interior da esphera ideal, apoiada solidamente na horizontal do seu espirito. Tudo se comprehende no numero, no movimento, no espaço. Philippe construiu o universo. A construção é no espaço, numeroso e movel. Sem o espirito nada existe. A existencia criada pelo espirito objectiva-se fatalmente. O espirito coordena todas as cousas por um systema rigido de linhas e volumes. É a organização da eternidade.

O sol abandonou a terra, que se tornou descarnada e livida, esperando a fantasmagoria da noite. A bahia, esmorecida, enfastiava-se da agua cinzenta, que a esfriava. Os morros tinham perdido a sombra, todos desertavam da scena sem a magia da luz. Os horizontes pontudos enfiavam-se nas bojudas nuvens. Os rumores humanos, os echos em liberdade cresciam, apavoravam na quietação concentrada. Thereza apoiou-se em Philippe para descer vagarosamente do pateo da igreja. Na viela soturna os tres moveram-se silenciosos até o portão da casa de Thereza.

Philippe e Jujú foram-se. Thereza subiu os degráos, que levavam ao alto. Quando chegou em cima, olhou o mundo. Uma grande audacia a inspirava. Sentia-se capaz de subjugar o universo. Philippe era o ordenador, o architecto do seu ser.

IV

O sortilegio sexual exercia o seu encanto em Philippe. A primeira impressão, que recebeu de Thereza, foi a da magia physica. Esta o incorporara ao ser feminino, que nas formas ardentes, moveis, no magnetismo do sangue, da luz e da côr, na emanção dos odores, lhe completariam, na profunda naturalidade, as ansias do instincto. As palavras vibrantes da mulher, arremessadas intempestivas no primeiro encontro, agitavam-lhe o pensamento. Thereza o commovera pela sua ansiedade de libertação e sua sede de infinito.

Este violento transporte do desejo, da voluptia e da angustia moral despertou em Philippe a visão retrospectiva da sua vida, manancial de forças intimas, que se accumularam para uma finalidade ainda imprecisa. O meio familiar era numa pequena casa das Aguas-Ferreas, no arredio largo do Boticario, puro e delicioso artificio antigo, inverosimil com os sobradinhos ornados de azulejos coloniaes, uma quinta de cada lado, a amendoeira e a mangueira ao centro. Quando Philippe ahi penetrava, tudo o que era prazer exterior se transmudava em alegria espiritual. A sua mãe e a sua irmã viviam religiosamente. A casa era um santuario. O coração dos corações espraiava a luz sanguinea da fé e da esperanza. A lampada ardente fazia refulgir no oratorio os resplendores, os azues, os vermelhos, os brancos, as pratas e os ouros dos santos. As mulheres moviam-se mansamente por entre velhos

moveis, desertavam durante o dia da casa, e á noite contavam uma a outra a actividade espiritual e caritativa, em que se empregavam. Philippe as entendia como anjos envelhecidos, mas sempre sustentados e movidos por cordões divinos e alegrava-se com a solidez desta ligadura mystica.

Copacabana defendia-se asperamente e por si mesma, sem auxilio humano, sem cães, sem avenidas, de um mar bravo, fioso, que a queria avassalar, quando Philippe na infancia teve a revelação consciente do mundo exterior. A moradia era na unica rua longa e deserta, respeitosa e distante das vagas. Philippe e a irmãsinha fugiam de casa e percorriam vagabundos a praia selvagem. Á tarde eram encontrados pelos cães e pelos criados dormindo debaixo das rasteiras pintangueiras, cosidos pelo sol. Philippe crescia na solidão e na liberdade. Quando pela primeira vez o trouxeram á cidade em um bonde puxado a burro, o menino enfureceu-se, viajou de olhos fechados, rancoroso. Á noite voltou febril, mysteriosamente doente desta privação dos vastos e livres horizontes do seu mar quotidiano e das luminosas areias farfalhantes, onde se enterrava, como um tatuhy, por entre as salgadas espumas chiadeiras.

O pae de Philippe era outra fonte de libertação. A sua mocidade temperou-se nas ondas espirituaes e sentimentaes, que revolviam o Brasil e o renovavam. O joven Miranda, ao sahir da puberdade, foi envolvido na agitação intellectual transformadora da cultura e nos movimentos da abolição e da republica. A familia, embora residente no Rio ha longos annos (pois o avô de Miranda viera do Norte para o Supremo Tribunal de Justiça) mandou o estudante fazer o seu curso juridico no Recife. Arrebatado bruscamente para a vida academica, desconfortada, bohemia, que lhe era tão extranha, Miranda reagiu contra a melancolia pela imaginação da intelligencia e pela força da sympathia humana.

Por aquelles tempos tres movimentos libertarios coincidiram no Recife. Nenhuma cidade brasileira teve tal privilegio. O paiz inteiro estava agitado pela abolição e pela aspiração republicana. A estas duas correntes politicas e sentimentaes veiu juntar-se no Recife a emancipação espiritual. Miranda adolescente foi abolicionista, republicano e monista. Era a libertação integral. As idéas tornaram-se sentimentos e o estudante attingiu ao absoluto da paixão moral. Libertou escravos, acoutou em sua pobre « republica » negros fugidos e os fez partir nas barcaças libertadoras. Conspirou contra a monarchia, escreveu pela republica. Venceu o terror religioso, negou o direito natural, comprehendeu a relatividade, que determina a evolução juridica. Repetiu a these famosa de que só o monismo dá o verdadeiro conceito do direito. Recife chato, longo, com o pittoresco de rios e pontes, Recife de mar quebrado, de luar espectral, exhalava esses fogos fatuos da intelligencia, que percorriam o paiz e levavam aos reconditos obscuros phosphorescencias sublimes.

Miranda veiu, assim illuminado, para um logarejo da provincia do Rio de Janeiro, onde começou a trabalhar como advogado e onde pregava as idéas da escola. Não tardou a derrocada da escravidão. O paiz queimava-se, purificava-se nessa voragem, que consumia a fortuna da velha sociedade, fundada sobre o escravo. Realizava-se a grande revolução, que por longos annos seria o chaos, em que elementos desencadeados dominariam diabolicamente pela força sobre a pobreza geral, criariam a submissão, a escravidão de todos. Miranda alegrou-se com a victoria do sentimento, que por cima de destroços assentava a liberdade sempre longinqua. Era o sacrificio fatal e necessario. O Imperio enlouquecera na decrepitude do imperante e no despotismo megalomanico do seu governo e facilitara a republica. Uma classe subsistia organica, viva, armada. Eliminou as outras, combalidas ou inorganicas,

e apossou-se do paiz. A aurora da republica foi a magia da mocidade de Miranda. Noivado. Miranda substituiu a gravata vermelha de propagandista pela gravata branca. No Rio era uma preamar de mocidade, que invadia tudo. Miranda foi dos ardentes. O seu entusiasmo propagava a sua juventude chammejante por entre os velhos republicanos, hystericos ou finorios, idealistas e odientos. Viveu na intimidade da dictadura, açulou-a, purificou-a. Mais tarde foi o seu primeiro adversario e o seu primeiro preso. Miranda refugiou-se altivamente nos estudos, emquanto o paiz se afundava na servidão, flagellado indefinidamente por grupos militares e civis. Por entre esta desordem e apenas percebido pela mulher, ignorado dos filhos, Miranda morreu. Philippe cresceu reconstituindo aos poucos este pae seu desconhecido, que se lhe tornou uma divindade mysteriosa, a encarnação da liberdade, do entusiasmo e do excesso da vida.

Areias soltas, vibrantes, dardejantes, areias compactas, humidas, salgadas, ventos assanhados, aguas barulhentas, jactos espumantes, eram os extranhos companheiros dos jogos infantis de Philippe, de sua irmã e dos cachorros. Juntavam-se outros meninos da visinhança esparsa na praia, apenas revelada. Os pequeninos corpos nús pesavam na atmospha incandescida. Uma menina trigueira, que refulgia ao sol, viva cabecinha de andorinha, corpo ouro e verde, alvoroçava as longinquas entranhas de Philippe. O banho pueril era nas bordas da praia, onde a agua cobiçosa e vadia vinha inundal-os. Os corpos, submersos nas espumas, logo surgiam gotejantes na alegria dos risos, dos ventos, das ondas. Crescia o calor e a criança recolhia, tangida pelas criadas. Philippe e a irmã, arrastando-se vagarosos, deixavam a praia miraculosa. A menina trigueira desaparecera. Philippe sentia-se abandonado. Fora a sua primeira attracção sexual consciente. Este amor infantil commovia a mãe de Philippe.

Isabel Corrêa de Sá e Miranda definhava na insondável melancolia da viuvez. Casara-se impellida por um movimento de paixão e no casamento o seu temperamento amoroso expandiu-se violento, ebrio de ciúme, exclusivo e absoluto. Para o resto da vida a placidez e a indiferença. A velha raça mantinha fixa a estrutura do organismo secco e solido. A physionomia adelgaçava-se na bocca e no nariz. O pescoço fino sustentava uma cabeça aerea, de onde desciam longos cabellos castanhos negros e de onde relampejavam nocturnos, doces, vivos olhos brasileiros.

Morto Miranda, não sabia Isabel como viver. A sua dôr a isolara. A saudade sexual consumia a sua mocidade. O amor, a virtude, o pudor a confinavam na tristeza. A imagem do marido não se desprendia do seu pensamento e exaltava-lhe a angustia. Tornaram-se inseparaveis nessa vida irreal, subconsciente, que pouco a pouco se foi substituindo á relatividade enganadora e se transmutara em realidade transcendente. Miranda exercia a presença real no inteiro ser de Isabel. Elles se entretinham mysteriosamente, ella agia sob a direcção d'elle, a alma banhava-se nessa onda mystica da união infinita do homem e da mulher e o corpo em extase vibrava nos ineffaveis e imaginarios espasmos da volupia. E devagar, devagar, para melhor se entender com o amado, Isabel se foi servindo da doce cumplicidade da religião. Todo o ambiente domestico se fez devoto. As crianças eram os anjos, que intercediam pelo pae e levavam ao paraiso as saudades da viuva. Ao anoitecer Isabel os fazia ajoelhar aos seus pés e elles repetiam os padre-nossos e as ave-marias e confundiam o pae com Deus e a mãe com a Virgem Santissima. E depois, ambos ao collo, Isabel lhes falava do pae sempre vivo e no desabafo amoroso interrogava curiosa Philippe sobre os seus amores com a menina trigueira, querendo que a chamma da paixão, que a inflammava, se fosse propagando nos filhos, pela eterni-

dade. E Isabel aconchegava o menino, que ruminava os primeiros frutos da volupia, como um maridinho, essencia do outro, enquanto a menina Leonor mais criança, jazia nos circulos mal attingidos pelos desejos sexuaes.

No grande deserto nocturno a casa da viuva abria uma clareira de luzes differentes, luzes amarellas do petroleo da grande lampada do terraço, luzes opalinas da sala de jantar, luzes do azeite das lamparinas do oratorio, que todas se fundiam no espaço esclarecido pela refracção do mar e das areias. Cessava qualquer communicacão com a cidade. O ultimo bonde de burros passara. As casas longinquas fechavam-se umas ás outras. O movimento incessante do vento, das ondas, das enterradas pitangueiras, das escassas e ainda delgadas amendoeiras e malvaceas dos quintaes salteados, era o magnifico e salso silencio sob o céu estrellado. Nas noites mornas o terral propagava o fartum da maresia. Os que velavam nas casas emmudeciam nas suas scismas. A vida interior, de sonhos, de imaginações e anseios, expandia-se na negrura. Em Copacabana, como em todo o universo, nada dormia.

Ainda não era bem claro, já Philippe e Leonor, alvoroçados, com outras crianças, estavam no banho e correndo sobre a praia iam ao encontro das canoas de pescas, que se recolhiam com as redes, os puçás, arrebetando de peixes. Outras vezes a pescaria era na praia, a grande rede cercava o peixe, e o arrastão era puxado de cada ponta por filhas de homens bronzeados, por entre o alarido da criança. Ao chegar na areia os peixes debatiam-se, espadanando os corpos, que brilhavam como prata viva, antes de arquejarem morrentes. Esses divertimentos infantis, que a natureza e a vida primitiva davam a Philippe, cessaram um dia, quando a viuva, estimulada pelos medicos, transferiu a sua moradia da praia para a nontanha.

A segunda infancia de Philippe passou-se em Petro-

polis. Para o filho de Miranda, para o menino da livre Copacabana, a cidade allemanica da serra era a limitação. As avenidas regulares, os canaes, por onde escorrem as mofinas aguas de um rio sedento, as pontes vermelhas, os chalets, as crianças louras faiscentes, davam o transporte deste mundo tropical para o mundo europeu. O que havia de brasileiro era o cheiro das magnolias ardentes, que arejavam livremente o espaço, e um céu alto, azul, longiquo, que no verão se peja de nuvens grossas e se desfaz em chuva violenta, invasora, alagando canaes, chalets, destruindo pontes westephalicas, moselicas, rhenanicas, numa gostosa desforra brasileira. Dentro destas montanhas o espirito de Philippe aspirava á libertação. Sua mãe afundava-se na religiosidade. No socego da pequena cidade, afastada dos divertimentos, que se esforçavam por interromper no verão a solidão montanheza, D. Isabel praticava a vida devota. As ansias da viuva transfiguravam-se em fervor mystico. A sua existencia exterior era marcada pelos deveres da fé e da caridade. A sua alma librava-se na força intima e possante da outra virtude, da esperanza de ganhar o céu, redimir o marido adorado para renovarem nupcias celestes. A educação dos filhos foi entregue aos collegios religiosos. Emquanto Leonor ia se divertindo nos faceis estudos e na brincadeira de conquistar cruces, medalhas e cordões, Philippe retrahido, revoltado, cheio de pudor sexual, foi possuido da furia intellectual. A angustia do conhecimento o perseguia. O que lhe ensinavam era restricto, defficiente. Philippe ignorava o que faltava, mas sentia que era preciso ir além, desvendar mais, enriquecer-se de noções exactas e infinitas. Os padres não percebiam a febre da intelligencia infantil, que a torna subitamente adolescente, e continuavam na indistincção rotineira a tratar igualmente alumnos desiguaes. Philippe entristecia nas proximidades da puberdade, quando a unica valvula da sua expansão era a aprendizagem abstracta, que a mathema-

tica inicial ou a geographia ou a historia lhe forneciam. Se lhe vinham idéas sexuaes, desejos impulsivos de amor, Philippe tudo afastava com horror, medroso do peccado, orgulhoso da sua pureza por entre os condiscipulos, viciados e bestificados na luxuria juvenil. A imaginação transbordava em sonhos e revoltas. Petropolis convidava a um mysticismo amavel, que padres, frades e freiras entretinham docemente. Quando a gente da terra está só e os forasteiros se vão, redobra a devoção collectiva. A vida quotidiana é marcada pelo rythmo religioso. Missas matutinas na grande e alacre claridade, vespers crepusculares, novenas nocturnas, confissões, festas de egrejas, milagres de frades santos, enchiam e exaltavam a existencia devota. Na semana santa, no grande silencio mystico, as acacias se fazem quaresmas, as estradas, as avenidas estão manchadas de doloridas flores roxas, e o luar da grande lua empallidece a terra na infinita vigilia da paixão. As almas ficavam impregnadas de poesia religiosa. Philippe vogava nessa atmosphaera mystica e assim quando esperava a madrugada da resurreição e uma claridade branda entrava pelo seu quarto, o menino despertou e nos seus olhos vagos a facha de luz diaphna, que vinha da janella, invadia o quarto, separava as trevas, era o anjo, que, depois de haver libertado o Senhor do sepulcro, lhe apparecia com o rosto e as formas de uma menina trigueira para annunciar sorrindo o milagre promettido. Pouco a pouco Philippe se libertava deste torpor imaginativo. Na rebusca do conhecimento irrompia-se a desforra da revolta contra toda a austeridade dos professores, que restringiam a curiosidade intellectual do discipulo. Foi por essa epoca de melancolia sexual e angustia de saber, que Philippe, como outros, fez uma grande descoberta. Descobriu a machina.

O espanto, que gerou a revelação, veio dos primeiros automoveis, em que por acaso se fixou a attenção de Philippe. Não tinham elles ainda a forma synthetica, peculiar ao seu typo proprio, que hoje adquiriram. O auto-

movel era o carro sem cavallos e talvez por isso mesmo mais surprehendente a sua mysteriosa machina, que subitamente eliminara, escamoteara os animaes. Philippe mecanizou tudo no seu espirito ardente. Intuitivamente procurou reduzir gentes e objectos a machinas, exaltou-se da dinamica dos movimentos e qualquer ponto de repouso de uma estatica imaginaria era, para a sua ansiedade locomotora, um ponto de partida. Antes desta phase da mecanica generalizada, Philippe, quando iniciado no jogo do bilhar, esteve possuido do espirito geometrico. A sua imaginação armava com tudo o que via ou pensava, triangulos, circulos, figuras e desenhos no plano, em perpetuas carambolas, que eram singulares e descommunaes ideogrammas. Tal era o poder de abstracção de Philippe. Na phase mecanica procurava a ligação interior da machina, que punha em movimento cada objecto. Dahi a intuição de que tudo se ligava no Universo por causas, que determinavam a existencia e as funcções dos seres. Os padres, seus professores, alarmavam-se com as suas indagações, que eram indices do espirito que nega.

Para Philippe o plano universal não podia ser a vontade de um ente extranho á materia do Universo. A sua intelligencia não se acalmava nesta quietude de uma longinqua criação, quando tudo lhe parecia em perpetuo e inextinguivel transformação, e não comprehendia que os seres terminassem em um criador consciente, quando este criador seria fatalmente a criatura de outros, que se succediam ao infinito. Nenhuma luz lhe vinha do ensino dos padres para esse confuso e instinctivo determinismo. Praticamente Philippe ia percebendo que a mecanica dominava a vida em torno d'elle e o seu pendor era para os estudos mathematicos, fonte e explicação do grande segredo da mecanica universal. Os padres não se descuidaram de assignalar á viuva o perigo, que corria a orthodoxia no espirito de Philippe. Nenhuma decepção foi mais cruel para a devota. O seu filho estaria condem-

nado ao inferno, em cuja materialidade acreditava. Como já fosse o momento de dar uma direcção á vida do filho, D. Isabel resolveu mudar-se de Petropolis para a facilidade do curso academico de Philippe no Rio. Instigada pelos padres e cumprindo o secreto desejo de dar ao filho a carreira do pae, D. Isabel induziu Philippe a estudar direito nessa faculdade, onde uma desforra espiritualista campeava depois da offensiva de libertação, que os estudos juridicos tiveram. Assim Philippe renunciou á preparação technica, que a mecanica lhe revelou e seria a marca da epoca moderna. Foi esta base, que faltou sempre á sua cultura.

Na faculdade, o seu isolamento intellectual era grande. A maior parte dos condiscipulos seguia as idéas reaccionarias dos professores. Voltava-se á summa thomazina, ao direito natural, ás categorias moraes, á ontologia, aspirava-se o odor theologico. Philippe apartava-se desta corrente e pela abstracção comprehendia a relatividade do direito, que seria a relação entre os individuos na sociedade, como o espaço é a relação entre os corpos. Do simile biologico deduzia Philippe a evolução do direito. Eram remodeladas pela cultura as idéas-forças, que foram o entusiasmo da mocidade de Miranda. Nesse momento, em que reapareciam, a tumultuosa massa dos jovens brasileiros não lhes prestava attenção, fascinada pela eclosão sportiva no paiz. Ninguem estudava, todos brincavam. Assim nos moços se transmudou em alegria a velha tristeza racial. A guerra européa veio arrancar de sua perenne vadiação de corpo e espirito, a mocidade brasileira. Indifferente á servidão interna, aos furores do caudilismo, á depredação do paiz pelos dirigentes politicos, commoveu-se com a tragedia estrangeira. Foi então que no meio dos estudantes a acção de Philippe appareceu. A guerra não era para Philippe sómente a luta dos imperialismos nacionaes e capitalistas, era o conflicto de duas

esthéticas, de duas philosophias, a competição de duas formas de cultura sempre oppostas durante seculos. A philosophia e a sciencia allemã, que vieram aos brasileiros na seducção das traducções francezas, haviam exercido grande attração nos espiritos avidos de idéas raras e obscuras. A guerra veiu esclarecer a intelligencia e a sensibilidade brasileiras que se reintegraram na sua affinidade latina. O sentimento nacional revelou-se bruscamente em Philippe, que previa na victoria allemã a mutilação do Brasil, esboçada nos sonhos da conquista germanica, que se realizaria na absurda Allemanha Antartica. O estudante inspirado tornou-se agitador patriota e universal.

Emquanto agia a parte sentimental da população, aquella que a literatura, a sciencia e o entusiasmo pela revolução franceza agitavam, os politicos brasileiros se retrahiam em seu circulo mediocre e longinquo, ciosos por ignorancia e covardia da neutralidade do paiz na grande guerra, em que se jogava entre outros destinos, o do Brasil. Um homem politico sahiu desta posição extravagante. Pelo seu inflammado verbo romantico, pela sua dialectica de advogado liberal, tornou-se glorioso e resgatou a dignidade nacional. O resto da gente politica continuava na servidão e no embrutecimento sob o mando de um caudilho astuto, mediocre e feroz. Havia assim uma grande disparidade de nivel entre a intelligencia, a esthetica, a sabedoria dos advogados, dos engenheiros, dos artistas e dos medicos, fóra da politica, e esta em que se ostentava um retrocesso á barbaria do despotismo com a dupla face, que a caracteriza, a violencia e a depredação. O chefe desses violentos succumbiu assassinado em um impulso de vingança facinora. Por esse mesmo tempo a Allemanha sahia da sua cultura para assassinar e depredar.

Aquelle caudilho morrera persuadido de que os seus assassinos foram os homens politicos, que o ampararam,

quando cahiu esfaqueado pelas costas. Tal era a desconfiança, em que perpetuamente vivia e se defendia. A noite velou-se o cadaver na casa afundada na verdura das arvores excessivas. Os vultos, que subiam e desciam a collina, desfilavam nas sombras, cheios do pavor da tragedia. Dentro da casa agglomeraram-se politicos, funcionarios, capangas, capadocios, curiosos, mulheres, gentes de todas as classes e de todas as côres, espantados todos, desolados alguns e muitos alliviados do oppressor. O cadaver, espichado no meio do salão, accentuava rigidamente os traços do cacique indio, que o sangue ibero não apagara e não fundira nunca. As caras, que o espiavam, vinham de todos os angulos do paiz e em quasi todas expandia-se a mestiçagem victoriosa. A maioria daquella gente provinha das mattas, das sensalas, da vasa dos portos ou das carnificinas das coxillas. Nordestinos triangulares, maranhenses lusos, bahianos cafusos, paulistas mamelucos, mineiros bisonhos, gauchos castelhanos, todos brasileiros da plebe, que vem de escravidão em escravidão. Nas paredes, no chão, nos moveis, os trophéos do caudilho. Cabeças de onça de rubras guelas escancaradas, cabeças estupidas de veados chifrudos, cascos pittorescos de tatús, gaviões empalhados, araras carnavalescas, antas em pé, porcos espinhos, couros, pennas, arcos, flechas, relhos, sellas, arreios, rebenques, tacas, e suspensas, como imagens, as brancas caveiras de bois. Desses restos vinha um cheiro nauseabundo, o budúm dos negros e toda a catinga servil. Era o cheiro do cangaço, das degollas, das chacinhas, de todas as cloacas da escravidão e da morte. Elle empesteava a mocidade de Philippe.

O sentimento de desprezo pela vida politica excitou ainda mais em Philippe a actividade libertaria. A guerra continuava angustiosa e o Brasil hesitante. A estupidez e a covardia dos politicos não attendiam á força sentimental e aos profundos interesses nacionaes, que obrigavam

o paiz a salvar-se com os alliados. Quando mais tarde o Brasil, impellido pela brutalidade do ataque da Allemanha, foi forçado a participar da guerra, revelou-se a insufficiencia da organização brasileira, cuja diminuta contribuição se annullou em uma tragedia pestifera. Falhara mais uma vez o espirito nacional com desespero dos entusiastas, que criaram para o Brasil uma situação incomparavel entre os povos da America do Sul. Philippe queria a contribuição do sangue. Era a finalidade da energia, que impellira o Brasil á guerra. Alistou-se para partir. Mas os sensiveis generaes e os politicos não permittiram que as mães brasileiras chorassem os seus filhos. Ficou victoriosa esta piedade, emquanto os sangues de outros homens, o sacrificio de outras mocidades, defendiam a integridade do Brasil da conquista allemã.

Com a victoria dos alliados o Brasil começou a participar do ambiente de nacionalismo, que inflammou o mundo inteiro. Uma soberba aspiração de criar e de expandir-se agitou a mocidade, que a vida sportiva tirava do marasmo. A consciencia nacional, que procurava afirmar-se na libertação de um passado inutil e de uma actualidade mesquinha e mofina, não se podia desenvolver em toda a plenitude. Era entravada pela retrogada machina politica, explorada por homens incultos e infames. Era preciso destruir a machina. Philippe tornou-se integralmente revolucionario.

O espirito revolucionario é o que não se conforma, não se adapta, está em permanente ansia de renovação e de progresso. É dynamico e fecundo. Agita e cria. O povo sem espirito revolucionario é um povo estratificado, morto. Toda a lei de progressão é uma actividade revolucionaria contra uma ordem de cousas, que pretende se perpetuar e impedir o surto do espirito. Na ordem politica brasileira a revolução, que traz em si aquella virtude do seu dynamismo espirital, era indispensavel e devia ser permanente, como reacção contra o torpe marasmo da

servidão, em que os homens cahiram, flagellados por um poder, que os explora. Para Philippe nenhuma objecção a esta doutrina prevalecia. A da legitimidade do governo era ficticia. No Brasil não ha governo legitimo. Todo o governo é uma usurpação. Para haver legitimidade do governo representativo seria preciso haver eleições legitimas. No Brasil o eleitorado é artificial e as eleições são simulacros. Só ha governos de facto, que não se podem mascarar como governos de direito, legitimos, legais, representativos. O que ha é um grupo de individuos, que se apoderou da administração publica e a explora para os seus interesses. Estes individuos podem ser expulsos do poder, sem que nenhuma legitimidade seja offendida, porque são usurpadores, tolerados pela força armada. No Brasil só ha o governo que o exercito e a marinha permitem, porque estas são as unicas classes activas e armadas, que podem modificar as instituições sem embaraço de outras classes, que não estão formadas, não existem como organismos conscientes, fortes, para manter a sociedade num equilibrio de grupos de forças equiparadas. Por isso o principal objectivo dos governos é o apoio das classes armadas, ora estimulando-lhes a obediencia, a passividade, ora amedrontando-as com a responsabilidade da anarchia revolucionaria, ora beneficiando, com gratificações, promoções, commissões, os chefes militares e os officiaes. Criam-se os interesses, estabelece-se a solidariedade em nome da ordem, e os governos espojam-se folgadoamente no despotismo. A objecção de que a ordem é a base social e que attentar contra ella é um crime, Philippe respondia que este mysticismo da ordem era ideologia, como o mysticismo da liberdade absoluta. A ordem é da essencia da vida. Não ha coexistencia sem ordem. Se uma perturbação surge, é sempre passageira na infinidade do tempo. Tudo tende ao equilibrio.

O que chamam desordem é uma abstracção sem valor logico. No sentido absoluto a ordem é o rythmo do Uni-

verso, a sua fatalidade. Contra a ordem do despotismo e da escravidão, a revolta permanente e criadora. À objecção de que a revolução prejudica o Brasil, Philippe respondia que seria a redempção da miseria moral, em que governos corruptos têm afundado a nação. A desgraça do Brasil estava na subserviência, na vassalagem, no despotismo, no roubo, na corrupção desenvolvida pelos governos e pela casta dos politicos, apoiada pelos militares. A revolução era necessaria como disciplina moral, como surto da personalidade. Ou a revolução permanente, ou a estagnação na podridão.

Estas idéas politicas de Philippe impunham-lhe afastar-se de qualquer cooperação com a administração e combater o governo activamente. Já era advogado, quando explodiu a revolução. Trabalhou por ella, soffreu por ella, preso como um dos propagandistas. Solto, continuou impavido a defender os revolucionarios nos intrincados e inuteis processos, armados por uma dictadura hypocrita. O seu espirito profundo desdenhava toda a argumentação ociosa em torno do facto transcendente, que era a propria revolução. E se lhe perguntavam qué ideal tinha a revolução, qual o seu programma, Philippe sorria desse espirito inferior, que necessita de explicações, que não percebe secretamente as cousas e as razões dellas. Como se uma revolução precisasse de ser justificada, como se ella não estivesse justificada pelo facto mesmo de existir, de ser, como se houvesse causas, motivos, finalidades apparentes mais poderosas para determinar e justificar as revoluções, do que o proprio movimento, acto dynamico de grupos nacionaes em conflicto, como se todo o sentimento, que move massas humanas não fosse a transformação de uma idéa, que se faz força. Philippe não pedia á revolução o seu programma, estudava, attento, apaixonado, as suas causas remotas e profundas, o ambiente em que estava agindo. Só assim a politica poderia entender os

problemas, que a revolução collocou e cuja resolução impoz violentamente.

O homem não é sómente o animal politico. É principalmente o animal metaphysico. O espirito humano tem a necessidade imperiosa de ligar os effeitos ás causas e dessa disciplina gera-se o sentimento transcendente da infinita unidade do Todo. Philippe procurava dar á sua vida este sentido universal com a percepção precisa de que a tragedia da existencia está nas relações do espirito com o Universo. Que é o Universo? A sciencia não o explica. Decompõe, fragmenta, analysa-o em suas partes, em seus phenomenos, mas não o conhece na sua unidade. A philosophia vem interpretar o mysterio. Subjuga-o pela logica, pelo raciocinio e imagina. Imaginar é a função essencial do espirito humano. Philippe buscou, ansioso, em todos os systemas, em todas as religiões, a explicação desse Universo absorvente e intangivel. Só encontrou imagens. Philippe repelliu este exclusivo conceito espectacular. O Universo não é um espectáculo. É uma integração. A suprema aspiração do espirito humano é a fusão no Todo, realisada pela mystica da religião, que tudo une em Deus, pela philosophia, que comprehende o Universo como una inconsciente successão de formas, que se multiplicam, se dispersam e revivem, e pela magia da arte, que, nas sensações da forma, da côr, da luz e do som, dá o transporte da illusão universal. Philippe ignorava o Amor.

O encontro de Philippe foi para Thereza maravilhoso enlevo. Do que diziam de Philippe ella esperava menos do que sentiu. Dessa impressão lhe veiu um grande respeito, em que se exprimia, confusa, humilde, fervente, a admiração. A sua vida interior começou a gravitar para esse sentimento contemplativo. As palavras, os gestos, os pensamentos de Philippe ella tudo recordava, vivificava, absorvia. Nas suas novas e repetidas visitas aos visinhos, recolhia delles os traços phisicos e espirituaes daquelle, para quem ia se modelando pouco a pouco. Aspirava á dignidade excelsa de ser percebida por Philippe e que alegria, quando lhe disseram a sensação ardente que a sua belleza e a magia da mobilidade do seu rosto e do seu corpo causaram ao admirado, parallelamente á sympathia, que nelle suscitara a sua infrutifera ansia de liberdade.

Thereza exaltou-se. Bruscamente a alegria a invadira. Uma sanguinea actividade lhe transbordara. A sua existencia monotona, chata, fora submergida por uma excitação de pensamentos de cousas infinitas e esperanças de felicidade. Buscava uma transcendencia de sensações ainda imprecisas e que seriam a extincção de todo o soffrimento.

Sem definir o que era a sua ansiedade, Thereza expandia-se no cultivo da sua formosura. Refinava a sua elegancia, estudava os seus traços de belleza e os apurava.

Enfeitava-se e enfeitava o ambiente em que vivia. Floria o seu quarto, comprava moveis custosos e tapeçarias finas para o seu uso exclusivo, cercava-se de livros luxuosos. Era o prazer da belleza e da prodigalidade. E obscuramente imaginava que um dia Philippe viria tudo aquillo e a admiraria. A sede por essa admiração a inspirava. Era a sua razão de ser.

Thereza não dispersava a sua actividade na vida mundana. Continuava na sua permanente abstenção, retida pelo vexame da companhia de Radagasio e por amor proprio de não se misturar ás gentes vulgares e inuteis. Os seus movimentos eram para esta finalidade de embellezar a sua pessoa e o quadro, que a emmoldurava, no desejo occulto de agradar a Philippe. Os outros movimentos eram os seus passeios de automovel, que ella mesmo guiava e nos quaes o espirito solitario vivia a fantasia, que a imaginação excitada pela velocidade ia criando febril e amorosa. Jujú era o seu unico companheiro, ao seu lado, na funda felicidade do contacto e da abstracção dos passeios. Uma tarde, como elle demorasse a apparecer para a correria diaria, Thereza impaciente galgou de um pulo a machina e desceu veloz para a rua e estacou á porta dos visinhos, klaxonando violentamente. D. Calú veiu á janella, sorridente e atrapalhada, para explicar que o menino estava envergonhado de sahir com Thereza, porque se achava mal vestido. O luxo, a ambição de parecer bem, tinha contaminado o espirito da criança. Thereza socegou-o, prometeu-lhe roupas novas. A mãe protestou, mas intimamente regosijou-se e achou que Thereza cumpria um dever. O automovel partiu. Na avenida encontrou outros automoveis elegantes com os quaes desceu vigorosamente para a cidade numa grande camaradagem de machinas de luxo, que desdenhavam taxis, caminhões, omnibus ou miseraveis carros de mulas officiaes. Thereza guiava firme e despreoccupada. Havia

entre ella e a machina uma identificação perfeita, formando a unidade de um organismo real e imaginario. Os seus pensamentos podiam vagar pelos espaços, os sentidos estavam attentos á direcção e ao mundo exterior. Tinham o instincto do machinismo. O carro tomou pela avenida, que margeia o cáes cycloide. O mar de azul ferrete espumava branco e batia em resaca. As aves marinhas alvo-voçadas pescavam em ardentes mergulhos. Á esquerda, o automovel ia abandonando o panorama florestal de Santa Thereza, que se apresenta largo, completo com as suas vivendas dependuradas, o aqueducto, a igreja, o convento e os volumes montanhosos, espessos de matto e pedra. Se Thereza estivesse reflectindo sobre o que olhava diria « como a cidade é feita dentro do granito ! supprimam-se as casas, tudo o que é humano, o resto é pedra e sobre esta, a vegetação. Bravo, valentes fundadores da cidade, que não se apavoraram de todo este amphitheatro de medonhas montanhas pedregosas, que tapam a barra e circumdam as aguas. Vencedores do terror, homemsinhos audazes, bravo ! » O pensamento de Thereza explodiu de outra forma na direcção de Jujú :

— E Philippe ?

— Que Philippe ?

Thereza, rapida, secca, o olhou extranhamente e murmurou raivosa :

— Idiota ! Phii... lii... ppee !

Jujú, espantado com aquelles modos, acordou de todo.

— Ah ! elle vae jantar lá em casa hoje. Mamãe vae fazer sorvete de bacury.

— Bacury ? que é isto ?

O menino não respondeu.

— Alguma fruta de pharmacia do Maranhão, zombou Thereza.

E logo ella pensou em offerecer a Philippe outras frutas, daqui, bem cariocas. Sorriu concentrada. O automovel deixara os terrenos perpetuamente em preparação á beira-

mar e enfrentou a cidade. As grandes sombras de junho, que cahiam das arvores, enchiam o chão da avenida. A viração fresca soprava de mar a mar por este largo canudo. Tudo era desigual na feliz desharmonia das construcções e das gentes. Os primeiros arranha-céus, tímidos, espiavam muito esganiçados as bojudas architecturas de operas e bibliothecas. Algumas figuras de bronze divertiam-se em pleno ar, uma puxava raivosa uma espada, anjos trepavam em uma bandeira, que, desfraldada, desafiava o peso, duas bonecas dansando offerciam corôas de immortalidade aos edis municipaes. Negros, mulatos, estrangeiros ruivos ou bronzeados, brasileiros alvos e morenos, mexiam-se tumultuosos ou languidos. Á margem dos arranha-céus os cinemas, os bars exaltavam-se alegres e coloridos pelas roupas vistosas das mulheres. Os cheiros eram saborosos. Os alto-falantes gritavam cantigas e noticias e misturavam-se a todos os barulhos. O alarido era universal, estridente, roufenho, espocante. Thereza continuava pela avenida vagarosamente. Os autos iam se arrastando e buzinando impacientes. A viração agitava as saias curtas das mulheres, que se defendiam sorrindo. Andavam em bandos, vadias e faceiras. Uma pinta de mestiçagem resaltava o brilho da pelle morena, luzia nos escuros olhos rasgados, nas largas boccas pintadas e nos cabellos crespos e densos. Pares de gentes louras, viajantes, mulheres desbotadas, de oculos, admiravam o esplendor feminil brasileiro. Thereza parou deante de uma casa de frutas. Jujú, desapontado, imaginara que iam primeiro comprar a sua roupa. Dentro, a maravilha dos objectos de côres vibrantes e profundas promettia delicias de gosto. Jujú estava electrizado. Queria tocar em tudo, apossar-se de cada cousa colorida e gostosa. A timidez o retinha. Ficara em extase. Thereza escolheu pesadas laranjas selectas, tanjerinas mexiriqueiras, abios torneados e cambucás vehementes. Tudo em amarello, do ardente e concentrado ao louro dourado. Tudo solar,

tudo carioca. Quando lhe ofereceram negros sapotis, verdes pinhas, Thereza repelliu. « Nada de cousas do Norte. » Alegrissima com a desforra, que ia tirar levando aquellas frutas para o jantar de Philippe, Thereza partiu com ansia de celeridade. Inutil. O automovel foi mais devagar empurrando os outros. Jujú devorava uvas e tagarelava mostrando cousas da rua. As calçadas estavam atulhadas de grupos parados em conversa, politicos, jornalistas, mendigos, vendedores de jornaes, de bilhetes de loterias. Havia uma profunda ociosidade, que dava sympathico aspecto bohemio á multidão. Se passavam gentes apressadas era aos empurrões. Thereza attingiu a um grande armazem de roupas de creança. Jujú bateu palmas e pulou do carro. Os empregados não eram portuguezes, como na casa de frutas. Eram nortistas, pequenos, de caras triangulares, activos, rapidos, de voz cantante. Em um segundo Thereza escolheu uma linda roupa de velludo para o menino, que foi transformado em pagem gentilhomem. Jujú, quando se viu no espelho, ficou de olhos redondos. Espanto feliz. Depois fechou os olhos e atirou-se commovido, envergonhado, nos braços de Thereza, que agasalhou aos beijos o « bobinho tão bonitinho ». Compraram ainda dois costumes, chapéos, sapatos, meias. Iam sahindo, quando Thereza se lembrou de Lili. Immediatamente pediu brinquedos. Uma boneca gloriosa, um aparelho, uma mobilia para a filhinha e para Jujú um phonographo infantil com discos alegres. Thereza imaginava que Philippe veria tudo isto. Estimaria a sua generosidade e o seu gosto. Thereza exagerava-se. Quanto mais descia a avenida, mais espaço ia encontrando o automovel. Thereza, reconciliada com Jujú, quiz agradal-o.

— Vamos ver os macacos?

O menino poz-se em pé, entusiasmado. O automovel tomou pela rua Larga, que leva á Villa Isabel. De repente o carro se viu emprensado entre outros automoveis, carroças, bondes e omnibus e foi se arrastando na desordem,

na barafunda, na gritaria, nas descomposturas. A rua era um bazar de lojas miudas, sapatarias, roupas feitas, joalherias, todas sarapintadas, escancaradas, coloridas, reclamistas a se disputarem a freguezia de syrios, italianos, portuguezes e mulatos, que desfilavam morosos, mirando as exposições extravagantes. Cinemas despejavam e enguliam as multidões variegadas. Alto-falantes divertiam-se em entoar maxixes e campanhas em chamar o povo. Por entre esta promiscuidade indolente e avida da grande rua, onde se expandiam marafonas, rufiões, traficantes, transbordados de todas as terras, repousavam abstractos, os edificios do collegio nacional e da politica exterior. Logo que o automovel passou esta velha casa triste, Jujú pediu para atravessarem pelo parque. Ahi o automovel foi devagar. A vastidão da praça offercia um socegado abrigo á immensa area verde. Dentro das grades havia uma transposição espiritual deliciosa. A imaginação alargava os grammados, engrandecia as cascatas, engrossava os fios dagua e criava a natureza prodiga de campos, de florestas, de rios violentos. As cutias, as pacas, os veados, os grou, os mutuns soltos, indifferentes aos homens e á sua mecanica, fortaleciam a illusão da matta tropical. Thereza divertia o menino, volteando pelas alamedas e parando deante das cutias agrupadas, entretidas em quebrar e chupar coquinhos, que cahiam das palmeiras. De repente ella soltou o klaxon, assustou os bichinhos e deixou o parque. Naquella natureza sentira-se só. Que encanto se Philippe estivesse ao seu lado!

Outra rua larga abria-se ao automovel. Outra população labutava. Eram judeus mercatores de moveis, libanezes tintureiros, minhotos nas vendas, napolitanos de carros de refrescos, italianas de vestidos campesinos, syrias enfeitadas de contas, ciganas, polacas, uma canalha infecta, piolhenta, a pulular da casaria miuda, cerrada, que corria de par em par pela rua até desembocar no Mangue. Grande tristeza davam as filas das maravilhosas

palmeiras ao espaço do amphitheatro encostado nos morros conicos ou poliedricos de casinhas de páo, vermelhas, verdes e cinzentas, e sobre os quaes trepavam egrejinhãs atarracadas. O chão era cortado pelas valas de cimento, por onde devia passar a agua imaginaria do canal. Seccura tresandando a exhalações pestiferas. Miseria integrada nas ennegrecidas habitações torpes e esburacadas. No fundo, as soberbas montanhas de mattaria verde. Thereza poz o automovel nessa direcção. O sol estava esfriando, mas tudo reluzia, casas, asphalto, vegetação. Outros bairros alongavam-se burguezes e ricos. Palacetes pretenciosos substituiam as velhas chacaras. Uma extemporanea arrebenção de fingida architectura colonial simulava extranhamente o passado. Habitações familiares separadas por jardins microscopicos marcavam o espirito particularista brasileiro, enquanto as miseraveis massas estrangeiras se aglomeravam nos cortiços ainda remanescentes.

Em Villa Isabel a cidade estava longe. Podem os omnibus, os automoveis de todo o peso correrem, o ruido é no vasio. Thereza sentiu-se novamente muito só, perdida naquelle silencio. Quando ia voando pelo boulevard poeirento e melancolico, tomou subitamente para o lado opposto e disparou para a cidade. Jujú comprehendeu que não iam mais aos bichos e segurou imperioso o braço de Thereza.

— Teté, e os macacos?

Ella o repelliu.

— Larga. Fica quieto. Hoje não tem macaco. É muito tarde. Philippe já deve estar lá!

Voltaram pelas mesmas ruas, pelo Mangue já todo sombrio e cinzento. Os morros destacavam-se crús e tristes, a pedreira estava mais pesada, depois que não faiscava ao sol. As multidões, soffregas de recolherem-se, entulhavam as ruas.

Quando Thereza deixou o campo de Sant'Anna, a rua Larga accendia-se. A illuminação das lojas, dos cinemas,

dos cafés, era pernóstica, petulante e ingenua. Vibrante, excessiva, dourava, incendiava a rua de ponta a ponta e ostentava os reclames, os manequins singulares e as mercadorias. As musicas, os jazzs, as prostitutas, os exóticos, os negros, os capadocios, os marinheiros caboclos infantis, os soldados pardavascos, os operarios multicores e maltrapilhos, compunham aquella feira carioca. Foi um allivio para Thereza alcançar a Avenida. Passara á outra civilização. Os grandes armazens, as vastas vitrinas, as sedas, as joias, os carros sumptuosos, as mulheres opulentas, os homens exhaustos, tudo se ennobrecia na claridade artificial. No fim da Avenida, a praça dos arranha-céos espiritualizava-se na luz electrica. Os edificios subiam leves. Um tecto aereo, luminoso, cobrindo a praça encobria o céu. Beira-Mar. Alegria da brisa, das vagas, das luzes. Volumes negros-verdes. Curvas e rectas. « Carecas », perfilados, espocando luz. O horizonte alarga-se para a bocca da bahia, porque dentro a iluminação é um limite visionario. Por entre as mil luzes dos mil carros passou a luz vermelha do automovel de Thereza, que, ufano, galgou a ladeira do Russell. Dobrou a curva da ruasinha. A visinhança estava á janella. Num arranco Thereza estacou o carro. Vieram á porta e cercaram a machina. Pedro a examinou, acariciando. Thereza atrapalhou-se vendo Philippe e rapida deu as frutas a D. Calú.

— Mas que boa idéa! A senhora sempre tão generosa e adivinhou, porque hoje Philippe janta comnosco e com estas frutas esplendidas bancamos os ricos. Obrigadinho. E como Jujú está bonito! Ah! A senhora, a senhora...

Jujú triumphava e mostrava a Philippe o phonographo. Alli mesmo na porta os embrulhos foram desfeitos e as compras admiradas. No seu infinito enleio, Thereza buscava o olhar de Philippe, que lhe veiu penetrante e entusiasta. Era a recompensa. O alarido, que faziam, alarimava o socego da rua. Uma preta velha passava. Deteve-se curiosa. Parou deante da machina.

— Minha Nossa Senhora parece gente! Até respira. Cruz! Credo!

Foi seguindo ladeira acima. Philippe interessou-se pelo automovel e Thereza vivamente, vencendo a perturbação, explicava as maravilhas do seu carro sempre exagerando-se, como para escapar á realidade da sua emoção. Na velha rua colonial, que viu cadeirinhas, palanquins, caleças, houve um silencio de veneração pelo novo idolo. Aracy imaginou-se dentro e supplicou a Thereza :

— A senhora quer nos dar um passeio amanhã?

— Pois não. A que horas?

Aracy, expressiva :

— Philippe vem comnosco. Está feito. A que horas?

Combinaram para as tres da tarde. Thereza, em um impulso alegre, saltou para o volante. Todos lhe vieram apertar a mão. Thereza partiu em uma velocidade inutil e entrou pelo portão escancarado, buzinando violentamente o klaxon. Musica.

Alguns minutos depois ella invadia o quarto da filha. Uma luzinha azulada adormecia a menina e a negra. Thereza abriu as outras luzes e a criança despertou já com a boneca e outros brinquedos na sua caminha. A negra, num salto, quiz expulsar Thereza. O quarto refulgia em vermelho, azul e outras côres. Fadas, anões, gigantes, deuses, animaes, passaros esculpidos nos moveis ou pintados nas cortinas, surgiam das sombras e faziam a côrte de Lili. Eram infantis os moveis, com que a fantasia moderna de Thereza povoara nestes ultimos tempos de entusiasmo o aposento da menina. A cama de laca azul alegrava a creança offerecendo-lhe imagens de flores, de aves e de outras crianças. Balançava como um berço, agasalhava como um seio. Thereza beijou a filha, arrancou-a da cama, suspendeu-a nos braços e Lili morria de prazer. A negra foi-se queixar a Radagasio da perturbação, que Thereza fazia aos costumes. Um criado appareceu reclamando-a para jantar. Thereza continuava a

brincadeira com a filha. Mas a voz roufenha do marido trovejava grosso e a decidiu a deixar o quarto pueril. Radagasio estava jantando, negro de raiva. Resmungava :

— Você não tem mais ordem. Vive na rua, chega tardissimo e ainda vae acordar a menina. Parece um furacão. Não pode continuar. Tudo tem de voltar aos seus eixos...

Thereza estava contente em inferneziar Radagasio. Divertia-se com aquella raiva, que o tornava mais hediondo, como ella queria. O homem suffocava de odio, sentindo o desprezo alegre da mulher. Não podia comer. Temendo a aerophagia, a bocca de kagado, fechada, mastigava trinta e cinco vezes cada bocado e engulia mal. Thereza desforrava-se jantando fartamente. Como seria o seu passeio amanhã? Deviam ir bem longe, aproveitar o mais possivel. Que Philippe lhe diria? O coração batia vivaz, o rosto ficava quente, os olhos fulguravam, a bocca sorria para longe. Radagasio estava estupefacto.

— Não me sinto bem. Esta maldita azia... A urticaria começa...

Levantou-se sem terminar o jantar e foi para o jardim. Tudo lhe era obscuro. Fazia um esforço doloroso para comprehender e não comprehendia. Queria dominar e não dominava. Queria gosar e não gosava. A impotencia de sentir, de entender, de agir e de se satisfazer o exasperava. Thereza era tudo aquillo, cuja plenitude elle não podia ter. Pensou em destruil-a. E quedou-se estupidamente, olhando a bahia até que o espirito rudimentar se foi divertindo com os vapores, que se moviam, e outros incidentes do mar. O sereno o resfriou. Espirrando, recolheu-se rancoroso.

Na tarde seguinte, Philippe esperava Thereza á porta dos amigos. Os seus olhos estavam attentos ao portão, de onde surgiria o automovel desejado. Nada o distrahia, nem o alarido de Aracy, toda festiva, de vestido vermelho, ousado, pueril, nem as tagarelices de D. Calú. Elle espe-

rava e imaginava. Todos os seus sentidos queriam Thereza e o seu pensamento desenrolava, multiplicava as impressões sensoriaes. O pequeno grupo augmentou com o apparecimento do Léo e da irmã Zilda, convidados de Aracy. Não tardou que o portão fosse aberto e por elle atravessasse muito devagarinho o automovel. Thereza vinha pallida e recolhida. A bocca sorria, entreaberta, meiga. Os olhos infinitos, negros, postos em Philippe, estavam humidos de ternura. Thereza vinha entregar-se. Ao seu lado Jujú, que a fora buscar, sentava-se vaidoso da roupa nova, de flanela branca, collarinho aberto, de onde sahia a esperta cabecinha. Logo o violentou Aracy, obrigando-o a deixar o logar para Philippe. Era estratagemma de namorada, pois assim collocou o Léo atraz, entre ella e a irmã. Jujú, furioso, ficou abandonado no banquinho interior.

Thereza, despertada pelo instincto mecanico, poz firme, resoluta, o automovel em marcha. A machina entrou potente na vastidão de ar, de luz, de sol, de côres, de agua, de céu alto, de pedras e florestas, que se abria fulgurante á beira-mar. Rastejando silenciosa na promiscuidade de uma multidão de carros, proseguiu para Botafogo. Sobre o cáes, a resaca atirava esguinchos, que vibravam illuminados e cahiam chiando e espalhando um cheiro primitivo e marinho. Thereza cheirava a ambar. O aroma não lhe vinha do perfume artificial. Vinha-lhe da carne, do sangue, do intimo, do mysterio. O olfacto de Philippe sorvia a encantação aromatica, que tornava mais agudos os outros sentidos. Desse cheiro gerava-se um gosto ardente, que lhe inflammava o sangue e lhe dava uma sede febril. Os olhos maravilhavam-se nas linhas vivas e puras da forma feminina, imaginada ora núa em pleno ar, ora coberta de um tecido de seda da côr desse ambar, fonte enigmatica do perfume, sobre o qual brincavam os desenhos de fantasia geometrica. Na cabeça os volumosos cabellos estavam guardados no pequeno chapéo de seda colorida. Os braços meio nús estiravam-se longos e polpudos até as

mãosinhas nervosas, de dedos finos e unhas curtas, deslucadas, tenazes no volante. Sobre esta nudez, os olhos de Philippe mordiam a maciez da carne e sentiam a quente do sangue moreno. Elles approximavam-se um do outro e as vozes entrelaçavam-se, fundiam-se no murmúrio, que se estendia tenuemente entre elles, sob os violentos barulhos do ambiente ultra-sonoro. A voz de Thereza levava a Philippe a alma secreta e ainda não decifrada. Havia a modulação do desejo, o timbre da ansiedade, o entusiasmo do tom, o rythmo da esperança. Impregnava o homem, arrebatava-o dos seus sentidos e o transcendia á emoção intellectual. Aquella mulher não era unicamente uma impressão de côres, de volumes, de linhas, uma sensação de vida animal, attrahente, imperiosa no seu esplendor. Era uma pessoa humana, um ser vivo, de imaginação e intelligencia, um espirito, uma alma que desejava e soffria. Era Thereza.

Copacabana sahia, immensa, marulhenta, escancarada e livre, do buraco do tunnel. Jujú trepou no banco, agarrou Thereza pelo pescoço e ferrou-lhe um beijo. Aracy e a amiga, aos gritos, esbordoavam alegremente o Léo, que berrava toadas sportivas. O automovel, como uma caixa de brinquedos loucos, vôu para a praia.

— Gosado! gritou Aracy, e arrancou o chapéo.

— Gosado! Toda força! accrescentou o namorado.

Corriam, corriam. O vento entrava na vadiação e sacudia os cabellos e as roupas. As raparigas deitavam-se para atraz para receber as caricias impudentes e fortes do vento.

— Gosado! gemia o Léo de bocca cerrada, olhos vidrados, apertando o braço de Aracy.

Philippe ia attento para proteger Thereza das impudicias da corrida. Outros carros passavam no mesmo entusiasmo. A alegria transbordava do mar luminoso e do infinito dos horizontes.

No fim da praia, Thereza parou. Desceram do carro, avidos de marchar. Thereza fechou o automovel e todos se puzeram a caminhar pela desenrolada calçada zebrina, que o mar arrebenta. Aracy, atrapalhada com as violencias mysteriosas do Léo, refugiou-se um instante junto de Philippe. Na frente de todos, Thereza caminhava. A praia era larga e franca. As ondas longas, possantes, coloridas, erguiam-se, dobravam-se, mugiam e afogavam-se nas espumas. O volume da immensa massa oceanica vinha rolando sobre a terra, que ostentava as suas pesadas montanhas e o despraiado das areias. As casas numerosas enchiam de fantasia e abrigos o espaço glorioso. Thereza caminhava. A sua construcção era de grande sobriedade de volumes, os indispensaveis para os movimentos simples. Havia nella uma synthese de elementos vivos para os multiplos desenvolvimentos mecanicos. Nada lhe perturbava a funcção da actividade, do equilibrio, da realização plena. Erguia-se do solo, erecta, de linhas finas, armadas. Os pequenos e os grandes volumes ligavam-se estreitamente entre si e o movimento do alto completava-se em toda a direcção até em baixo. Todos os seus planos os mais subtis uniam-se, produzindo a superficie lisa e intima, que revela a profundez. Por toda a parte os movimentos executavam-se schematicos e determinados pela construcção inexoravel, patenteando a alegria de uma liberdade transcendente. Thereza era uma maravilhosa machina de viver.

As companheiras apressavam-se para alcançal-a. Iam ardentes, ageis, lançando vigorosamente as pernas retesas e sportivas, a cabeça levantada, o busto franco, o olhar vigoroso. Na actividade permanente o prazer da vida. Pareciam surgir do mar. Exhalavam o cheiro marinho das cariocas. Thereza sentiu-se perseguida, retrocedeu rapida e deixou as raparigas passarem, já em corrida, atropeladas pelo Léo e por Jujú. Thereza juntou-se a Philippe. Elle falou-lhe de tudo o que viam. Louvaram o sol, inebria-

ram-se na luz, perderam-se no infinito. Tudo o que Thereza ouvia de Philippe transformava-se em musica. O som infiltrava-se nos seus nervos, as palavras eram mais sentidas do que entendidas. Ella fitava a bocca, que falava, e desejava essa bocca, ella abysmava-se nos olhos, que a penetravam, e rendia-se. Philippe recebia, como uma aureola, o reflexo deslumbrado de Thereza. Emmudeceram na profunda harmonia do entusiasmo e do mysterio.

— E a sua viagem? murmurou Philippe, emergindo do silencio.

— Não penso mais. Como isto é bello, sublime! Sinto que tudo é meu, meu... respondeu vibrante.

— Nosso, concluiu Philippe.

— Oh! nosso... accentuou Thereza. Mas não nos deixará um dia? Não fará uma viagem?

— Não sei. A minha viagem será outra... Ella já começou... Eu viajo em sua alma...

Thereza fitou-o espantada, offuscada, aterrada. Muito pallida desviou os olhos, que poz longos no mar... E sem se mover para Philippe, deixou escapar o seu pensamento, que era um desejo :

— Pois sim...

Como fatigados de um immenso esforço, Thereza e Philippe ficaram mais unidos no grande silencio das aguas e do vento. Machinalmente retomaram vagarosos pela calçada até o automovel.

Aracy disse baixo a Zilda :

— Thereza estava adivinhando passarinho verde e agora voltou jururú.

O automovel proseguiu para o Leblon. Thereza não percebia bem o que ouvira de Philippe e o que lhe dissera. Havia um subito nevoeiro em sua lembrança e ella esforçava-se por fixar cada palavra proferida por Philippe e a emoção, em que dera a sua acquiescencia. Viu-se compromettida em um destino, que não procurara e lhe apparecia, fulminante e inesperado. Não ousava olhar Philippe

que, sereno e resolute, a contemplava. O automovel ia frouxamente.

— Mais depressa! Toca! berravam os companheiros, sobre a praia descampada, onde os vagalhões mais violentos morriam á distancia, espumando o seu desespero.

A friagem marinha ia envolvendo, na evaporação, o deserto de aguas e areias. De repente, a garganta de pedra transpoz o automovel para o orla de Niemeyer, beirando o oceano por cima de grotas, no meio de arvores, de palmeiras, de bananeiras, trepando pelos lagedos, encostando-se nas montanhas e defrontando os magnificientes e poderosos massiços da Gavea e dos morros inominados, em um resumo violento de floresta, montanha, agua e pedra, que são os elementos essenciaes da natureza do Rio de Janeiro. A praia da Gavea é a doçura nesta emphase. Esconde-se do mar descompassado, abriga os pescadores e refresca uma criançada pobre e alegre, que vem dos casebres do pequeno arraial, onde uma arruinada egrejinha é o marco da antiguidade.

Dahi Thereza tomou por uma velha estrada. A principio margeava chacaras e roças para depois subir e embrenhar-se na matta. Tudo era abafado na penumbra. Uma perfidia verde e humida entorpecia e transfigurava as cousas. Os semblantes humanos tornavam-se espectraes. Só a machina zombava do velho silencio, do respeito florestal, da densidade verde, dos seculos das arvores. Dominava, roncava, arfava e, celere, voraz, ia galgando a montanha pela estrada encaracolada. Em cima, abria-se uma clareira e o oceano, Copacabana e a Gavea formavam a paizagem inverosimil. Desceram pelo lado opposto e depararam, depois de subitas voltas, com as chacaras antiquadas, coloniaes, relicarios da escravidão. Uma grande tristeza vegetal emanava do Jardim Botanico, mas, em face, a lagoa dragada, aterrada, trabalhada, cheia de machinismos movendo-se, gritando, buzinando, transformava-se alegremente. Pela recta de uma rua estrepitosa

chegaram á bahia de Botafogo. Tudo se illuminara, a avenida, a praça, os morros, os fortes e, lá ao longe, fais-cava Nitheroy. As aguas estavam opulentas, fartas e já repousadas. Quando da curva do Morro da Viuva se apresentou o Flamengo, appareceram por entre as luzes os dois aranha-céos, que, á distancia, pareciam postados um de cada lado do outeiro da Gloria. Eram dois dynamos, que impulsionavam a collina romantica. Lá estava a melancolica casa de Thereza.

Desde então Thereza se sentiu desintegrada. A sua pessoa tinha sido invadida, desmembrada pela vontade de outro ser. O seu atordoamento foi infinito, mas, ao mesmo tempo, a palavra de Philippe communicou-lhe a graça do recolhimento, em que se abysmou, exaltada, transfigurada pela aspiração de se elevar acima de si mesma, na ansia de que a sua alma, « em que elle viajava » fosse sublime e o encantasse eternamente. Deste estado de beatitude e de inquietação a arrancaram as forças perpetuamente infantis da mulher. Thereza movia-se para Philippe, radiante da sua admiração e da sua preferencia. Sentindo-se escolhida, alegrava-se em revelar-se. Não temia mais o olhar, que a penetrava. Buscava esta chamma, que a inflammava e a illuminava. Dentro desta atmosphaera vibrante, Thereza era impellida para a ascensão de deslumbramento, a necessidade esthetica da attracção sexual. O seu encanto sobre Philippe desenvolveu-se prodigioso e infinito. Era pela voz meiga e ardente, era pelos olhos venturosos e insaciaveis, pela bocca movel, risonha, fresca e rosea, por todo o seu corpo fino, agil, glorioso, pela magia das suas transformações, pela sua alegria, pelo seu entusiasmo.

Philippe recebia maravilhado a seducção, que criara e que vinha sobre elle, como uma dominação. O seu espirito absorveu-se no perpetuo desejo da presença real de Thereza. Buscava-a por toda a parte, na cidade apenas para vel-a passar, ou em casa dos amigos, onde se encontra-

vam. Nada disto apaziguava a sua ansiedade. Tudo era impreciso e fugitivo. Nas conversas geraes, em presença de todos, apenas lograva sentir o encanto de Thereza e afinar as suas idéas com as della. Este prestigio espiritual accentuava-se poderosamente. Thereza foi adoptando as idéas de Philippe e, inconscientemente, entrou a imital-o. Muitas vezes surprehendiam-se exprimindo os mesmos pensamentos pelas mesmas palavras e, pouco a pouco, o que era impulso inconsciente, se foi fazendo trabalho da vontade. Thereza aspirava a ser a imitação de Philippe.

A impaciencia de o ver com mais franqueza mortificava-a. O segredo espiritual, que a unia a Philippe, exigia liberdade para a sua ascensão. O genio infantil a serviu maravilhosamente. Thereza imaginou passeios, viagens no mar, nas montanhas, para onde arrebataria Philippe, longe dos ambientes domesticos. Por instincto ella sentiu que a natureza não era uma separação e se offerencia para a communhão da alegria.

Uma tarde estavam no mar. Sobre a agua paralysada, a doce e profunda luminosidade approximava os horizontes e dava uma gravitação poderosa aos montes, ás ilhas e a todos os objectos. A brisa vinha vivaz do oceano e invadia o ventre da bahia, que se ostentava largo e vasio. Os encouraçados, os vapores, as ilhas, tudo era pouco para encher a vastidão interior, que ia terminar na terra, de onde se elevavam violentas montanhas de cabeça de negro e dedos profeticos. Esta retracção da perspectiva surpreendeu Thereza, que imaginara uma bahia sem fundo e sem fim, como ás vezes se dilatava na miragem de outra luz.

— Só parece que estendendo a mão toco nestas ilhas e na outra margem e naquelles fortes, exclamou para Philippe. Eu quizera as fortalezas menos brancas, refulgentes como besouros. Dir-se-ia que continuamos a colonia, a possessão lusitana dos tropicos.

— Mas que importa a deformação humana, se a luz é

a perpetua magia e nós estamos na morada da luz... murmurava Philippe, olhando Thereza, magnificamente postada na amurada da barca, em cima, na prôa que avançava rangendo na agua fulgurante.

E as cousas que pareciam proximas não chegavam, iam sempre se afastando. Das ilhas do trabalho vinham gritos de usinas, pancadas metalicas, que arrebetavam no ar. Forjavam-se vapores, emquanto os rebocadores iam arfando, arrastando uma ninhada de alvarengas de carvão e os lameiros labutavam para dentro e para fóra da barra. Um encouraçado, como collosal brinquedo nautico, estava repleto de uma gente minuscula, que corria na tolda, subia aos mastros, enfileirava-se, simulando marinheiros e guerreiros. Outro dreadnought estava suspenso na guela metalica do dique negro, que fluctuava nas aguas. Vapores bojudos e carrancudos postavam-se no centro da bahia, com o ar de quem espera. Outros vaidosos e pomposos convidavam a viajar, a viajar... Todos carregados de desejos. Thereza escolheu o que devia levar-a para longe. Não seria aquelle soberbo transatlantico a motor, palacial, theatral. Seria aquelle outro, fino, elegante, vadio, prompto para tudo, e que seguramente não levaria destino infalivel. E neste jogo com Philippe, indifferentes aos companheiros, comparsas da sua felicidade, chegaram a Nitheroy. Accommodaram-se todos em dois automoveis e Thereza ao lado de Philippe, dominadores e inteiramente extranhos aos outros.

A agua, que separava Nitheroy do Rio de Janeiro, dava á cidade provinciana um recúo de larga antiguidade. Era um Brasil acanhado, pobre e monotono, que surgia repentinamente nas ruas domingueiras, sombrias e vasiaas. Mas esta melancolia não entrou em Thereza, embebida em Philippe. Os outros riam da timidez dos passantes e ostentavam o desdem de cariocas. Quando chegaram a Icarahy, uma grande unção, vinda do mar, do sol morrente, da vastidão do espaço, os fundiu com a natureza.

Seguiram absortos á margem da praia. Thereza com os olhos pasmos supplicava a voz de Philippe. Elle falou-lhe das duas paizagens, que se oppunham. Das montanhas de energia, onde se gerou o Rio de Janeiro, dos volumes grandiosos, extravagantes, tumultuosos, fataes e românticos, que se atropelavam do outro lado, emquanto alli naquellas praias socegadas, naquelles saccoes mansos, nas nitheroys, nas aguas escondidas, a paizagem era antiga e classica e transporia o espirito para a Attica, se o sol não fosse brasileiro. Um bode persegue uma cabra, uma mulher espavorida semi-núa sae do mar e corre pela praia.

Os automoveis iam revelando as vivendas de europeus, casas e jardins, como embarcações, estaleiros de yoles e canoas para regatas, a civilização sportiva ao lado dos amplos, pesados e coloridos barcos de pescadores nativos, baptisados de nomes santos. Alli no sacco de São Francisco, o ambiente com aquellas linhas doces, morros brancos, a agua socegada, os barcos rudes, os cuters de velas brancas, os pescadores de pobreza franciscana, era muito evangelico. A imaginação poderia ver o santo thaumaturgo pescar com os humildes devotos e sahirem do mar todos os peixes avidos da palavra divina, offerecendo-se ao holocausto da pesca. Seria mais um passe do inexgotavel sortilegio franciscano.

Thereza absorvia todo o encantamento do jogo da luz e da agua até que lá na Jurujuba tudo se tornou descorado e glacial. O sol fora-se bruscamente, apagando o ouro das montanhas e das praias. Sobre a agua livida pousavam as ilhas e as pedras concentradas. Thereza agasalhou-se, recolhida á sombra ardente de Philippe. No forte de São Luiz as montanhas abrem-se e mostram o rasgão do oceano e o Pão de Assucar descobre-se nú e brutal. Na Jurujuba a praia é doce, um tamarineiro ancião adormece a passarada, os velhos barcos repousam, barcos de prôa alta, do mar largo. As casas de sapapo e de adobe marcam a miseria cançada e preguiçosa. Os automoveis

voltaram do fim da estrada fechada pela pedreira, coberta de gravatás e cardos.

Quando Philippe e Thereza atravessaram a bahia, tudo estava scintillando sobre a agua e sobre a terra. A lua ficara para atraz. Na amurada da barca, Philippe, fremente de exaltação, mostrava a Thereza a suprema magia das vibrações luminosas da cidade sobre as grandes massas allucinantes, promissoras de vida e de mysterios. As luzes enfileiravam-se á margem da agua em linha cerrada. Não se acabavam, continuavam indefinidamente. Cahiam no mar depois de enlaçarem as montanhas, subiam por ellas e perdiam-se na escuridão. Cantavam na agua e na brisa. Delirio da luz humana, que espiritualizava o nocturno maravilhoso.

VI

Por aquelles dias uma grande amargura torturava Manuel e Pedro. A revolução estacionára. Os libertadores estavam nos sertões e as capitaes, abafadas pela compressão dictatorial, não se moviam. Não havia a ligação indispensavel para a coordenação do movimento.

— Assim somos sempre, commentava Philippe, quando caminhava com os amigos pela avenida Beira-Mar. Falta-nos o espirito de organização. É o mal nativo, que enfraquece e inutiliza os nossos esforços. Nada aqui é organizado, tudo é amorpho, inorganico. Não existe aquelle senso da associação, que está na raiz da vida collectiva. Não falta a coragem nem a decisão para vencer. Somos valentes, mas somos brasileiros.

— Anarchicos? perguntou Pedro.

— Desorganizados por falta de disciplina para corrigir a herança de vagabundagem e de imprevisão, que nos veiu no sangue mestiço.

Manuel sentiu o desalento e, impetuoso, tentou sacudir o desanimo, que os apavorava.

— Não, Philippe. Organização não falta. Prestes é um chefe...

— Uma excepção... corrigiu Philippe. E os outros? E porque estamos aqui desamparados e desligados do exercito libertador?...

— É a nossa vergonha, exasperou-se Manuel. É a

covardia geral, a passividade. Ninguém quer agir. Todos esperam tudo de Prestes e seus companheiros. Elles levam a revolução por toda parte e de nenhum lado lhes vem um apoio efficaz. O paiz assiste com enthusiasmo o heroismo desses guerreiros, orgulha-se do genio militar, que demonstram, e vê o seu ideal nas qualidades que ostentam, bravura, tenacidade, tactica. É um magnifico espectáculo consolador, mas só espectáculo para todos estes covardes, que não agem...

— Nós já tentamos agir, arriscou Pedro.

— Mas falhamos e não continuamos... cortou Manuel. E calou-se.

Manuel não ousava interrogar Philippe sobre as causas do desanimo, que lhe vinha notando. Seria desanimo ou desinteresse? Philippe não examinava a mutação, por que estava passando. Um impulso transcendente o arrebatava da realidade brasileira. Uma ansiedade de infinito o tomara e elle, transfigurado, aspirava á ineffavel inconsciencia em um universo de imagens maravilhosas, de côres, de sons, de formas.

Os tres amigos separaram-se, carregando os seus rancores e os seus sonhos. No alto, a casa de Thereza.

Na noite escura, no terraço do Hotel Gloria, uma armação de luz electrica e tiras de papel multicolor, agitadas pelo vento simulava uma fogueira de São João. Era a transfiguração das grandes tóras de jacarandá e sucupira, que ardiam deante dos olhos antigos e tornavam espectraes os indios pagés e as feiticeiras negras. Sobre a cidade passavam balões, que Nitheroy, pyrotechnica, mandava como mensagens petulantes de desafio á cidade moderna, que respondia com o estouro de bombas. E Nitheroy, inexpugnável, divertia-se em foguetões fantásticos, espectaculosos, de lagrimas alegres, que coloriam o céu e o mar.

Os elevadores do hotel vomitavam no salão mulheres

de carnes nús e sedas molles e homens de preto e branco, que o cheiro feminino já vinha transtornando. Entravam farejando e sem demora installavam-se nas mesas por entre as luzes das lanternas japonezas. Vinham do mundo inteiro, americanos e argentinos, judeus internacionaes, francezes e britannicos, allemães, italianos e os portuguezes pelludos. Os americanos embriagavam-se. Os argentinos berravam. Os cariocas namoravam, enquanto os outros bebiam, fumavam e debochavam-se na algazarra e nos maxixes.

Philippe perguntava a Manuel por Thereza.

— Não a vi. Mas o marido está...

— Onde? indagou rapido Philippe. Quero conhecê-lo...

Manuel esforçou-se por descobri-lo... Radagasio não lhes appareceu. Philippe ainda buscou Thereza pelos salões e pelo terraço, onde a fogueira artificial projectava para o espaço um clarão rubro. Thereza não estava e a sua ausencia era inexplicavel, porquanto animara Philippe a vir ao baile. Por entre as mesas dansava-se furiosamente. Gargulas exóticas representavam-se no inglez vermelho, enorme, jovial moinho inglez a rodar com uma americana esguia, desbotada, de cabellos amarellos, na marquezia prostituta, no marquez de cabeça cubista, no negro, preguiça gaga, ruminante, no treme-treme bebado, na machina de falar, na escura hyena teuto-brasileira, no hypopotamo de bocca extranha, em outras multiplas aparições das deformações humanas. Outras figuras eram graciosas e magnificentes. Nestas a dansa era a magia da forma e do movimento. Toda a essencia da esculptura concentrava-se para se desenvolver succesivamente em imagens vivas, reaes, seductoras. Era a arte e o seu mysterio no corpo humano, exaltado pela musica. Era assim Laura Moraes, que dansava com Manuel. A cabeça alteava-se e, como um signo de fascinação, os olhos glaucos eram redondos, archaicos. O nariz, levemente aquilino, dava-lhe a expressão soberana de dominio, enquanto a bocca pequena e mansa

enfeitava, no sorriso claro, o semblante predestinado. A cabeça movia-se suavemente, parava rápida, vibrante, e uma irradiação dos olhos majestaticos paralyzava a admiração, que a seguia. O corpo leve, airoso, retomava a marcha graciosa e a cabeça erguia-se coroada pelos cabellos finos, claros, volumosos e ardentes.

Quando a musica cessou, approximaram-se de Philippe, parado á porta do terraço. E Laura Moraes o interpellou, resoluta :

— Que isto? succumbido?

Philippe sorriu desdenhoso. Foi Manuel que respondeu.

— Nunca. Hoje é noite de espectáculo para Philippe... Não age, contempla. É o segredo da sua philosophia.

Manuel desabafava a sua angustia deante da abstracção, em que se abysmava Philippe ultimamente.

— Oh! espectáculo. Sim. Tudo é espectáculo. Philippe tem razão e por isto, eu, como sua discipula... Está orgulhoso? Como sua discipula atirei-me á nova poesia. Estou inteiramente modernista... Neste momento preparo alguma cousa para você, Philippe.

— Que será? indagou Philippe.

— Você verá. Desejo criar como a natureza. Você não disse que a arte não deve ser a imitação da natureza? Pois, muito bem, eu sou criadora como a natureza e não a temo.

Laura sorria, sorria. Ella mystificava a sua adoração por Philippe nesta exhibição artificiosa de um poder esthetico imaginario. O que ella queria era attrahir, seduzir o homem, que a fascinara. Os seus olhos vibravam e toda ella exhalava um aroma capitoso de perfumes e de calor feminino.

— Faça o seu proprio poema, murmurou Philippe, e será uma maravilha...

— Só você poderia fazel-o. Você é poeta.

— O modelo escapa-me.

— Porque você quer, Philippe. É o artista que exas-

pera o modelo... Porque você não aparece mais? Prometteu voltar e não cumpriu a palavra...

Manuel veio ao socorro de Philippe.

— Neste momento a nossa atenção está absorvida na politica...

— A politica! Que bobagem! Deixem-se disto. Cuidem da beleza da vida, da arte, do prazer... Que lucram vocês com a politica? É sempre a mesma cousa. E ainda se arriscam á prisão...

— Que nos importa a perseguição, Laura, declarou Philippe...

— Ah! está assim resoluto?... Que pena! Tudo isto, que os preocupa, eu acho inferior. Deixem estas manias para os imbecis, para os mendigos ou para os ladrões. Vocês são inteligentes. Vivam da sciencia e da arte... E porque não do amor?

— O amor! O amor não se procura... Elle nos vem como uma fatalidade, disse ardente Philippe.

— Oh! Como você está exaltado... accentuou Laura despeitada.

Philippe estremeceu, arrependido da vibração, que conteve. Por um momento Laura Moraes ficou silenciosa ao lado de Philippe, olhando, desattenta, a fogosa dança, que novamente se desenrolava. Manuel desaparecera para dançar. O baile excitava os sentidos. Os corpos transformavam-se em linhas voluptuosas e as mulheres ostentavam a carnação, que os olhos dos homens devoravam e as mãos tocavam lubricas. As luzes realçavam as côres ousadas. Os sons da musica, das vozes, dos passos, fundiam-se nas vagas de odores, que aboliam a consciencia e sublimavam a sensualidade. As intelligencias adormeciam. Talvez sómente os espiritos de Laura e Philippe reagissem contra as sensações desencadeadas. Ella despeitada com o que surprehendia em Philippe. Este desesperado por se libertar della e do resto.

— Você não dança, Philippe?... Era a indagação inte-

resseira de Laura para arrancar-o de qualquer cousa, que suspeitava e queria saber.

— Não, Laura. Não me interessa. Dansaria por prazer, mas entre nós seria uma attitude constrangida e falsa.

— Não o estou convidando, replicou vivamente Laura. Que pretensão! Você está hoje insupportavel. Maluco! Até logo.

Philippe deixou o salão e veiu ao terraço. A brisa espalhava a fumaça dos charutos, que palpitavam fogo verdadeiro. A fogueira electrica espadanava as labaredas do artificio e as tóras de arvores de cimento continuavam inconsumiveis. Os foguetes não cançavam de deitar lagrimas sobre a bahia, que se enfeitava absorvendo as côres flammejantes. O outeiro da Gloria, quieto na sombra antiga, adormecia embalado pelas palmeiras do jardim de Thereza.

Em uma grande doçura humida toda a vastidão nocturna velava-se. A evaporação enchera o espaço. encobriera os morros, a propria agua da bahia. Um manto espesso de neblina era o céu, onde os balões rubros, incandescentes simulavam estrellas moventes e tornavam o universo artificial e humano. Dentro da sombra cheia de perfumes, no grande silencio das plantas, Thereza desesperava-se de não estar ao lado de Philippe. Acovardara-se de apparecer em companhia do marido. Faltara a Philippe. As suas arterias batiam acceleradas. Os olhos cravavam-se na noite para descobrir Philippe. Vinha do baile a musica nefasta. Era a dansa. Homens e mulheres enlaçavam-se misturando cfeiros e desejos. Philippe a arrebataria, ella se entregaria radiosa e o enfeitçaria com todo o seu ser, capitoso e exasperado. Philippe. Philippe. A bocca secca não articulava as palavras de odio e anseios, que a suffocavam. Os olhos cavavam, cavavam as sombras. As arvores subiam. Cada folha era uma aza. As plantas moviam-se rastejantes

para de repente saltarem no espaço. Arfavam frementes. O bafo, que éxhalavam, cheirava a jasmim, a canella, a laura-rosa, a baunilha, a magnolia. Ellas sentiam o corpo de Thereza e o attrahiam á total e imperiosa volupia vegetal. O corpo entregava-se áquella vontade extranha e fundia-se no universal. Os olhos perdiam-se no céu e no mar. Tudo balançava. O outeiro, o jardim, a casa, alteavam-se e afundavam-se na cadencia dessas vagas abstractas da vertigem interior. Todas as cousas viviam a sua vida profunda, secreta e fatal. A vibração mollecular ligava o universo. O fluido humano vinha da mesma longinqua e eterna crepitação, que transfigurava as pedras, as plantas e os animaes. Thereza não tinha consciencia, mas recolhia a magia desta interdependencia da vida universal, que é a trama da unidade infinita.

Os sentidos humanos são insufficientes para perceber e dominar a totalidade do universo. Além do que apprehendem essas antennas, prosegue a vida em suas infinitas expressões. A vida é a transfiguração perpetua. Nesta transformação, nesta fuga, a consciencia abre-se como um relampago. O pensamento de Thereza concentrava-se em Philippe. Era o ponto real, em que fixava o seu ser, em que se baseava para ella toda a vida, todo o universo. Aspirava á unidade com Philippe, quizera estar ao seu lado, abysmar-se na sua profunda e esquecedora doçura. O martyrio da separação a torturou. Thereza, no silencio immemorial das pedras e das plantas, chorou. O orvalho das lagrimas fundiu-se na humidade dos vegetaes. A consciencia da mulher desprendia-se da inconsciencia total e buscava Philippe. Porque esta angustia? Esta ansiedade por outro ser humano? Thereza ignorava-se. Desejava e não comprehendia o arrebatamento, que a possuia, a magia da infiltração, que se apoderava della enchendo-a de volupia, de exaltação, de abnegação, encantando-a, martyrisando-a, transfigurando-a. O frio da noite impregnou-se no corpo de Thereza e a estremeceu, como

o frio da morte universal. Pela morte ella se viu em Deus. Pavor de se sentir longe de Philippe. Pavor do desejo violento e obscuro, que a impellia para Philippe. Era um mal? Um peccado? Desobedecia aos preceitos, que a confinavam na familia e na obediencia? Christo não desobedecera ás leis humanas, á sua propria mãe, para obedecer á sua lei interior e cumprir o seu destino divino?

Philippe não encontrava recolhimento no terraço, em que meditava face a face ao jardim e á scisma perdida de Thereza. Approximaram-se delle varios homens e logo começaram a perorar sobre as angustiosas preoccupações que os apavoravam.

Dizia um :

— As noticias da revolução são más para o governo. O Norte está nas mãos dos revolucionarios, que vão instalar-se em Therezina e estabelecer um governo regular...

— Então será a belligerancia, concluia outro. Constituido o governo com probabilidades de permanencia, serão reconhecidos belligerantes pelas nações estrangeiras.

— Bravo! É o que merece este governo cana... acudiu um delles e logo enguliu o resto, porque os outros já o apontavam como sedicioso.

— Tudo isto é boato miseravel. O governo está solido e inabalavel. Continuará a sua missão de regenerar o sangue brasileiro perdido pelo anarchismo, affirmou um homem escuro, de voz soturna, fungando e lacrimejando nos apertados olhos lacustres. Era Radagasio.

— Anarchismo? Mas isto é historia antiga. Quer dizer communismo, bolchevismo... interrompeu-o ironico Philippe, enjoado daquella estúpida discussão.

— É a mesma cousa, retrucou categorico Radagasio. E já encolerizado : O governo deve ser impiedoso com estes mashorqueiros, pau nelles, cadeia, deportação, fusilamento...

— Em nome de que? perguntou vivamente Philippe.

— Em nome da ordem, respondeu Radagasio, triumpante.

— Ordem de que? accentuou sarcastico Philippe. Ordem de despotismo, de tyrannia, ordem de selvagem, ordem para depredar, assassinar, locupletar-se com os bens publicos, attentar contra a personalidade humana? Esta é a ordem, que prega o governo. Esta ordem é uma infamia, e ella é que provoca toda a desordem nacional. Contra ella se insurge a dignidade do brasileiro, revoltam-se os que amam esta patria e a querem mais nobre, mais justa, mais humana.

Radagasio mastigou o que ia responder e afinal colerico quiz provocar uma questão pessoal com Philippe, a quem não conhecia.

— Vejo que o senhor é revolucionario para exprimir-se assim contra o nosso governo. Eu não o denunciarei, mas o senhor se arrisca a falar deste modo.

— Nada temo, pode denunciar-me, como quizer. Será mais um espião, que se descobrirá. Vamos... Faça... explodiu resolutu Philippe.

Radagasio acovardou-se.

— Não se exalte. Eu estava falando por hypothese. Não sou capaz de denunciar ninguem. Sou amigo do governo, respeito as autoridades legitimas, detesto a revolução. Sou do partido da ordem. Assim é o sentimento geral do commercio e dos que têm o que perder...

— É negociante? indagou um sujeito, curioso de identificar o defensor da legalidade.

— Sou banqueiro, afirmou Radagasio, com empafia.

Mas logo receiando que o conhecessem, diminuiu-se :

— Isto é, pertença a um banco.

Sorriram e desinteressaram-se de Radagasio. Continuaram os commentarios sobre as cousas politicas. A rapida discussão tinha inflammado Philippe, que se poz a examinar a situação do paiz. Todo elle era acção no pensamento vivo, agudo, que analysava e synthetisava fulmi-

nante a massa inorganica, convulsa, em combustão, que é o Brasil. E Philippe apresentou o quadro das elites sociaes, que dirigem o paiz. Eram formadas de politicos, advogados, medicos, engenheiros, professores, funcionarios, militares, homens de negocios, industriaes, financeiros. Quaes são as carecteristicas destas elites? interrogou Philippe. E, respondendo á sua propria indagação elle concluia :

— O que nellas predomina é a ausencia de responsabilidade. Ninguem se julga responsavel deante de si mesmo ou de uma opinião publica. Dahi uma absoluta ausencia de escrupulos na conquista do dinheiro, das posições, do gozo. Ha uma falta de amor proprio. Não ha orgulho pessoal. Ha vaidade. Não ha logica nos actos. Não ha coherencia. Ninguem se preocupa de respeitar e se fazer respeitar. Obedece-se aos instinctos do lucro e do prazer. São aduladores, são escravos, são cynicos. Tudo é aventura. A existencia é um jogo e tudo se espera do acaso. Não ha esforço, nem perseverança. Aproveitam-se as occasiões. A falta de escrupulos harmoniza-se com este espirito aleatorio, aventureiro. Não se dá importancia a cousa alguma. Não se liga a nada. Rir-se de tudo e não se sentir preso a qualquer sentimento. Ruptura de todos os laços para a livre expansão da luxuria, do dinheiro, da posição. Servis e ganhadores. Ha uma perversão da sensualidade, na avidez de volupia desbragada, na sodomia, na lascivia, na intoxicação. Uma forte ausencia de idealismo determina uma indiferença total ás idéas em qualquer manifestação transcendente do espirito. Horror á philosophia, á esthetica. Ausencia de religião. Desdem pelas idéas politicas. A politica é um negocio. E como consequencia desta indiferença intellectual, a inercia sentimental. Estas elites embrutecem no sensualismo vulgar, no jogo, nos

— Cruel! puxa! commentou Radagasio...

Um estrondo immenso de uma enorme bomba estremeceu o edificio e apavorou as gentes. Viva São João! gritavam na rua. O grito alegre tornou-se sinistro no recolhimento do terror. No terraço repleto, todos se empurravam sem recato para receber da rua a explicação daquelle hum medonho. Os estrangeiros riam do espanto dos brasileiros e queriam mais bombas. Logo se espalhou que os revolucionarios tinham arremessado uma bomba contra o palacio do presidente da republica e que ella estourara nas grades do jardim. E o medo criou legendas. Eram mil bombas, que haviam estourado na cidade, eram autoridades mortas, eram casas derrocadas, a devastação e a dominação vingadora dos revolucionarios. Na avenida Beira-Mar voavam automoveis e motocicletas policiaes, galopavam cavallerianos desorientados. Tudo se esvasiava subitamente, covardemente. Só a policia se agitava. No baile a musica esforçava-se em despertar a dansa. Ninguem dansava. Procuravam fugir dalli, estupidamente temendo o perigo, que passara. Philippe e Manuel abandonaram o hotel e muito unidos, vibrando de uma alegria cheia de inquietação e esperança, procuravam saber da rara gente, estacionada nas calçadas, a verdade. Recolheram apenas conjecturas, filhas do pavor.

— Vamos até lá em casa, propoz Manuel. Talvez Pedro ainda esteja na cidade e quando se recolher nos dirá tudo direito.

Subiram a ladeira, mudos, de braços enlaçados, por onde communicavam as ondas vibratorias do enthusiasmo.

Um homem subia tambem a ladeira, apressado e offegante. Passou por elles e, arfando, sem parar, ia exclamando com esforço :

— Boa noite. A cousa está cheirando a chamusco. Seguro morreu de velho. Vou para a cama, que é logar quente. Não quero saber de historias... Quem vê a barba

do visinho arder, põe a sua de molho. É verdade que não tenho barba, mas « Jam proximus ardet Ucalegon »... Boa noite...

E, cantarolando para se animar, subiu, foi-se.

— Quem é este cretino? perguntou Philippe reconhecendo o defensor da ordem.

— É o marido de Thereza, respondeu Manuel.

— Miseria!... murmurou Philippe.

E foi, esquecido da revolução, absorto em Thereza, que elle chegou á casa de Vieira. Desde que Manuel abriu a porta, a luz de dentro arremessou-se sobre a rua sombria. Logo a voz de Pedro ordenava do fundo do corredor :

— Fecha. Entrem.

De vagarinho Manuel cerrou a porta e conduziu Philippe á sala de jantar. Pedro estava em companhia de um homem pequeno, moreno, cujos olhos faiscavam sob uma ampla testa, emquanto a bocca resumida se apertava sob um nariz curvo e sobre um queixo curto, sumido. Pedro disse a Philippe o nome do companheiro. Era um official foragido. O seu nome era glorioso na revolução. Dentro do recinto maldito, em que se defendia o governo, era elle o chefe da conspiração tenaz, implacavel, que punha o presidente em cheque. O official sorriu e não falou. Pedro explicou que as bombas foram lançadas pelos revolucionarios, por ordem desse capitão, contra edificios, evitando-se intencionalmente o attentado pessoal. Era uma advertencia. A revolução vivia, a revolução devia apavorar. Ficaram silenciosos. Uma profunda alegria os ligava na violencia e na esperança. Na mascara senhoril do official espriava-se a doçura ineffavel da libertação de um secreto tormento, da angustiada tortura da inacção, de que emfim se evadira.

VII

O inverno tropical desannuviara o céu, mitigara o sol e a terra fluctuava na atmosphera azul. Da egrejinha do outeiro da Gloria vieram alegres os repiques do sino innocente e primitivo, annunciando meio-dia, como se fosse na natureza a hora da elevação. Thereza, na fresca solidão solar do terraço, acudiu ao appello sonoro e poz-se a rezar. Nestes derradeiros dias o impeto religioso surgira do mais profundo das suas entranhas, como uma fonte de salvação para o delirio do extranho movimento de unidade, de fusão espiritual, que a impellia deliciosamente para Philippe. Approximava-se do infinito pela religião. Uniu-se devotamente a Thereza de Jesus, sua padroeira, e exaltou-se na admiração pelo genio e pela paixão, que moveram a santa transcendente. Sentia que as suas almas tinham a mesma temperatura mystica. Thereza desejou tambem amar a Jesus. Amor feminino e sobrenatural. Este amor não lhe veio. Emquanto Thereza, torturada, rezava procurando a libertação, os seus olhos elevavam-se para o céu e lá em pleno dia, na luz translucida, no fluido azul, por entre as vagas solares, brilhava uma estrella. Magia. Thereza, maravilhada, abysmou-se extatica no milagre tropical. Aquella estrella diurna era signo de Deus para guia da sua peregrinação na terra, até á sua volta aos céos? Thereza sentiu-se protegida, illuminada por Deus e remida de todo o peccado.

Desde então as torturas se lhe transmudaram em esperança. Acreditou, mysticamente, que uma extraordinaria felicidade lhe viria do mysterio da vida e nesta fé bem-aventurou-se. Approximou-se ainda mais de Deus na ansia de ver realizado o que lhe parecera uma promessa.

Na manhã seguinte Thereza decidiu-se ir á missa dominical no mosteiro de São Bento. Ha alguns dias não vira Philippe. Não ousava buscal-o. Impellida agora por uma repentina confiança, não refreou mais o desejo de o ver naquelle recolhimento religioso, aonde habitualmente acompanhava a mãe e a irmã. No meio da nave da Abbadia benedictina estava a sepultura de D. Victoria de Sá, doadora da ordem, fallecida em 1667. D. Isabel Corrêa de Sá, sua descendente, por tradição de familia, frequentava a igreja antiga e sumptuosa, que lisonjeava a sua aristocracia e embellezava a sua devoção.

Da recta larga, lisa, petulante e agitada da avenida, o automovel de Thereza penetrou no portão agasalhador e subiu pela ladeira murada até o pateo do mosteiro. Rapidamente a machina fizera esta transposição ao passado. O austero espaço monachal enchia-se de sol e de brisa marinha. A igreja benedictina não ostentava a característica face romana, apresentava-se sob a mascara jesuita. As massas duras, rectangulares do collegio, de um lado e do outro, as alvenarias tristes do convento empertigadas sobre o morro em cima das aguas, repousavam melancolicamente na alegria tropical. Sob o peso deste desequilibrio, Thereza atravessou pelo chão lageado, parou um instante no portico antigo, fitou, atravez das rendilhadas grades de ferro, o mar rutilante, alviçareiro, e afundou-se na penumbra da Abbadia. Antes de perceber com os olhos toda a profundeza sagrada do interior monastico, o cheiro do incenso e dos objectos, quilotados pelos fumos das cêras e dos thurybulos, envolveu-a. Ajoelhou-se mansamente, mas não rezava. Todo o seu instincto era procurar Philippe. Ainda não chegara.

Viria? Anseada, Thereza ia recebendo o que a igreja lhe mostrava, o ouro velho das profusas decorações de madeira, as tribunas resumidas, a nave bojuda, a capella-mór, refulgente á espanhola, carregada de alfaias, de castiças, de santos, escurecida na base pelas poltronas do cabido, o delirio baroco do altar-mór, com a Virgem de Montserrate de resplendor, em apotheose de vidraça, luz e côres. Em baixo, em altares lateraes, São Bento episcopal e Nossa Senhora opulenta, como uma imperatriz bysantina. A' entrada da capella os archanjos italianos, robustos, gladiadores, atletas, defensores do sacrario. Os collossaes candelabros de prata suspendiam lampadas vermelhas, corações mysticos em combustão. Pelo resto da igreja, por entre o pesado ouro das paredes duras, abriam-se nichos para velhos santos monacaes, anonymos, modestos e longinquos. A igreja vae se enchendo da gente da visinhança. Todos exprimem uma grande intimidade familiar com o culto. São marinheiros, são mulatas e negras, são collegiaes e vagos allemães atrahidos pelos benedictinos germanicos. Raras familias do outro lado da cidade. Tudo se passava muito distante, no circulo reduzido do mosteiro. Os olhos de Thereza, aguçados na escuridão e na ansiedade, receberam extaticos, maravilhados, Philippe, que entrava, descuidado, acompanhando a mãe e a irmã. Passaram além de Thereza e as mulheres ajoelharam-se junto a uma sepultura. Philippe, de pé, mirava e imaginava. Thereza esperava. Sorria. Quando o olhar de Philippe cahiu sobre ella, o seu rosto suavizou-se transcendente, uma ineffavel doçura a transfigurou e na infinita beatitude recebeu a chamma que a possuia, a illuminava e a divinizava. O olhar de Philippe fundiu-se nos olhos de Thereza e o isolou de todas as cousas. A luz, que emanava daquellas pupillas negras, era a materia sensivel, carregada do magnetismo da vida. As lampadas, os dourados, as velas, desprendiam luzes indifferentes, mortas. Philippe, na sua absorção,

não pesava a intensidade da sua surpresa neste encontro. O encantamento abolia a reflexão e impregnava de naturalidade o que parecia imprevisito. Thereza continuou beatificada e, quando o órgão encheu de sons a velha igreja, toda a sua alma foi musica para exprimir o inexprimivel do seu ser extatico. As cerimoniaes começaram. Um frade e seminaristas de sobrepelliz, de cruz alçada, desceram da capella-mór, cantando pelo centro da igreja até a porta, onde receberam dom Abbade. A procissão remontou pela nave da igreja, vibrando os cantos gregorianos, impellidos pela força do grande órgão. Vinham monges de sobrepellizes, velhos frades a que se seguiam noviços de preto, as raspadas cabeças teutonicas e vozes tenorinas. Sob o pallio, o corpulento Abbade, de mitra episcopal, foi conduzido até o throno. Lavaram-lhe as mãos, o vestiram e o defumaram. Das grandes aberturas do tecto cahiam jorros de luz solar, onde dansava a fumaça dos incensos.

Durante a missa, Thereza se esforçava por se concentrar nas orações. Os olhos de Philippe, postos nella, não lhe permittiam absorver-se. O pensamento fixava-se em Philippe e estendia-se a D. Isabel e Leonor. O seu primeiro interesse foi descobrir nellas Philippe e alegrou-se, quando verificou traços identicos na mãe e no filho. De costas o corpo de D. Isabel era leve, pousando sobre o degráo das bancadas. A attenção era profunda e beata. Bem junto estava a sepultura da antepassada D. Victoria de Sá. Thereza tinha lido o nome da doadora morta, que Philippe lhe havia referido. A imaginação de Thereza vagabundeou pelo passado daquela Abbadia. Fora alli um dos centros da espiritualidade colonial. Daquelle mosteiro expandia-se pela cidade nascente a irradiação civilizadora, que vinha marchando do Oriente, como a desforra das cruzadas, mais venturosas entre os gentios americanos. O mosteiro doutrinava e industrializava os escravos negros e indios. Enriquecera com os donativos

das grandes familias portuguezas. Os doadores sump-
tuosos mereciam a sepultura na nave da Abbadia, ou nos
terrenos do convento. D. Victoria de Sá procedia dos
fundadores do Rio de Janeiro. Devia ser uma piedosa
mulher, sustentaculo de São Bento, assidua ao seu culto,
brilhando em suas festas, transportada pelos escravos em
palanquim de seda e ouro, acompanhada de uma
numerosa familia e de uma clientela de escravos, negros,
mamelucos, caboclos, benguelas, tapuios e de famulos
minhotos e alemtejanos. Devia ser secca, longa, severa
como a sua descendente Isabel, sem a apparencia de
doçura desta e a suprema resignação de exilada naquelle
mosteiro. Thereza divagava pelo passado, que era o pas-
sado de Philippe. São Bento deixara de ser um resplendor
lusitano para ser annexado e occupado surdamente,
commercialmente pelos frades allemães. Tudo alli se trans-
mutara. Onde as festas pomposas e D. Victoria na sua
tribuna por entre purpuras, damascos e ouro? Onde as
comezainas folgazãs dos frades foliões, dos abbades patriar-
chaes, nos refeitórios repletos de seus filhos, seus afilhados
e de uma récuca de parasitas, que devoravam o melhor
peixe, a melhor carne e se embebedavam com os melhores
vinhos? Eis agora a austeridade teutonica, que adminis-
trava o patrimonio e arregimentava noviços para explo-
ração da fortuna monachal. A missa terminou por entre
alleluias do grande orgão e os cantos vibrantes dos monges.
No peristylo Philippe esperava Thereza. Ella foi alegre,
luminosa, risonha ao seu encontro. A mãe e a irmã de
Philippe foram avassaladas pelo magnetismo da mulher
formosa, que fulgurava na penumbra do portico e as illumi-
nava com os seus olhos, sua bocca, suas joias e suas roupas.

— Como a senhora se parece com o seu filho! foi o
primeiro grito de Thereza.

D. Isabel exultou orgulhosa e beijou a moça lisonjeira.
Leonor imitou a mãe e disse a Thereza o entusiasmo
de Philippe por ella.

— E Philippe é difficil e severo, ponderou a mãe.

Thereza cortou :

— O que eu quero é a nossa amizade.

D. Isabel disse gravemente :

— Ella nos foi inspirada por meu filho e começa nesta santa egreja. Louvado seja Deus.

Estas palavras devotas invadiram Thereza, que ficou subitamente seria e poz os seus immensos olhos em Philippe, buscando o equilibrio de uma revelação. O olhar de Philippe respondeu, affirmando uma afinidade victoriosa.

No pateo do mosteiro, o céu ostentava-se lavado de sol depois das chuvas longas e nevoentas. As casas, a agua, as arvores reluziam, como porcelanas. Os espaços nitidos, separadores, alargavam-se entre os objectos, que a luz tornava lisos e metalicos. Sobre o lagedo incandescente o automovel de Thereza faiscava solitario. A gente pobre, depois da missa, ia descendo a pé a ladeira. D. Isabel e os seus dispunham-se a fazer o mesmo, como sempre, quando Thereza os reteve e insistiu em leval-os á casa. No automovel, entre a mãe e a irmã de Philippe, Thereza falava e ria expansiva e triumphante. Philippe voltava-se para admiral-a e ella, sentindo-lhe a alegria, mais se exhibia na porfia do brilho. As outras tornavam-se communicativas e logo já era Leonor, que despertava para o entusiasmo, provocando a vivacidade de Thereza. E, rindo infinitamente e exclamando de admiração pelo que viam de maravilhoso, de solar, de vasto e ardente, ligando-se pela alegria, chegaram ás Aguas-Ferreas e entraram no velho largo do Boticario, pequenino, densamente sombreado pela exagerada mangueira e pela folhuda amendoeira. O barulho do automovel foi excessivo para o torpor, em que tudo jazia.

Das casas antiquadas surgiram crianças e mulheres ociosas, que se approximaram do sumptuoso carro, de onde, extranhamente para ellas, sahira a familia visinha.

A' porta da rua, D. Isabel convidou cerimoniosamente Thereza a entrar. Desenvolta, Thereza foi entrando. Na sala de visitas estavam os velhos retratos da familia e quando D. Isabel apontou o de D. Victoria de Sá, a doadora, Thereza enguliu o riso. Ella imaginara uma mulher ascetica, esbelta, secca, austera, que fosse a antecipaçaõ de D. Isabel e o que lhe mostravam era uma portugueza nedia, lunar, frascalhona. Vivamente Thereza associou a carnuda minhota aos bojudos monges e, o que devia ter sido devoçaõ mystica, passou a ser bombança de frades e beatas. O terror da realidade agitou-a. Thereza desinteressara-se dos antepassados de Philippe. Só, na sua vibrante actualidade, ella o buscava. Philippe sentiu a inquietação de Thereza naquelle espaço estricto, sacerdotal e disse-lhe :

— Como lhe parecerá extranha esta casinha, neste triste largo, aos seus olhos, habituados aos mais bellos horizontes da terra!

Leonor referiu o encanto do irmão pelo outeiro da Gloria que cada vez mais o exaltava.

— Venham aprecial-o lá de casa, que o seu irmão ainda não conhece.

— Imagino a maravilha... interrompeu Philippe.

— Venham todos na quinta-feira tomar chá. É o melhor momento, insistiu Thereza.

— A senhora é muito amavel, acquiesceu D. Isabel.

— Venham os tres sem falta. Eu os espero ás quatro horas, assim teremos tempo de gosar da tarde, que é tão breve.

— Pois bem, iremos. Assim Philippe se distrahirá tambem um pouco, porque nestes ultimos tempos anda pensativo e fechado...

Thereza sorriu e fitou Philippe, que enrubeceu e não se explicou. Thereza, palpitante, levantou-se para partir. Não vira o quarto de Philippe, que era em cima. A reserva aristocratica de D. Isabel confinou a visita á sala e, apenas

na passagem para a sahida, mostrou o oratorio, onde ardia a lampada illuminando velhos santos de madeira. Philippe e Leonor acompanharam Thereza ao automovel. D. Isabel viera á janella antiga, debaixo do balcão de grades, emmoldurada por azulejos portuguezes. Quando o carro esvasiou o largo, Philippe recolheu-se para a sua vida nova.

Na manhã seguinte, Thereza está jubilosa em seu mirante. Brisa fresca, vôo alto dos passaros, tenue neblina que se evapora do mar e das florestas, agua serena e esmalhada. Bom tempo. Tudo se prepara para a festa dos olhos sublimes de Philippe. Thereza agradece á sua padroeira e áquella Virgem do outeiro, bella portugueza morena encerrada em seu oratorio juvenil, enfeitado de rosas roseas. Durante o dia, Thereza vem varias vezes ao mirante e á janella e inspecciona o tempo com a desconfiança mulheril. O tempo é louco. Varia e se enfurece. Para socegal-o, a meiguice de Thereza, para segural-o, o desejo de Thereza.

Quando Jujú appareceu, sentiu-se desamparado dos carinhos de Thereza. Embezerrou mudo, rancoroso, e a sua ira concentrava-se com a indiferença da adorada. Viu-se abandonado no salão. Thereza partira para o mirante a farejar o vento e o céu. O menino rompeu a chorar. Voltando, Thereza surprehendeu-se daquellas lagrimas e do arremesso, com que Jujú a repelliu. Zangaram-se os dois, mas, sem demora, Jujú precipitou-se no collo de Thereza, soluçando. Ella não se commoveu com este movimento importuno do seu menino e proseguiu no impulso interior. Poz-se de pé. Rapida e autoritaria, ordenou a Jujú :

— Vae lavar esta cara. Nada de chôro, seu tolo. Toca para a cidade.

Não demoraram em partir no carro, que Thereza, vivaz e alegre, guiava. Na Avenida, Thereza fez compras excessivas. Nesta tarde a casa de Philippe ficou enfeitada e perfumada de frutas.

VIII

Rio de Janeiro era uma cidade de martyrios, de sacrificios, de oppressão, de infamias e delações. Pela corrupção e pelo pavor o governo descobria os nucleos de conspiração. Na escabrosa rua Flack, uma casa foi cercada e os revolucionarios defenderam-se á bala e repelliram a policia. Uma mulher bateu-se valentemente, assegurando a retirada dos officiaes conspiradores, que escaparam do assalto. Esta aventura exaltou os revolucionarios. Mas, sem demora, tiveram de se apiedar da sorte do desventurado Conrado Niemeyer, assassinado pela policia. O homem, probo e altivo, fora precipitado da janella, depois do martyrio, em que o puzeram, para arrancar-lhe uma confissão vergonhosa e delações infames. A policia redobrava as torturas e os supplicios. Os presos eram açoitados, esbofeteados, pisados. As enxovias eram promiscuas. Negros, sodomitas ferozes e sanhaçados, eram lançados aos prisioneiros num furor bestial e aterrador. Batiam-se, ululavam, em vão. A fome e a sede allucinavam os infelizes. A escala dos algozes vinha desde o presidente até o verdugo, que supplicia os martyres. Generaes rondavam tenebrosos, perversos, as prisões, instigavam e ordenavam as torturas numa obsessão de servilismo e de odio. Sob a sua vigilancia, os policiaes excediam-se na crueldade. Mas, de todos, os mais crueis foram o delegado mestiço e o delegado portuguez. A crueldade do mulato era volup-

tuosa, hypocrita, felina. Os seus olhos raiavam-se de sangue no goso de fazer soffrer as victimas. A crueldade lusitana do outro era brutal, violenta, estúpida. A suas mãos pelludas, tentaculares, estavam sempre promptas a enganar os prisioneiros. Foram estas mãos, que arremessaram Niemeyer da janella da policia, á rua. Foi o olhar do mestiço, que gosou o estertor da agonia do moribundo.

O vento alegre da tarde, que sacudia as ondas e atirava agua sobre o cáes, subira ao outeiro da Gloria e espalhara a frescura e o movimento na varanda da casa de Vieira. Debruçados á janella, Philippe e Manuel olhavam taciturnos o espaço luminoso, indifferente. Os seus pensamentos não coincidiam com as imagens, que os olhos recolhiam.

— Receio muito pela sorte de Pedro, observou Philippe, interrompendo a scisma.

— É. Pedro se tem excedido, ou melhor, Pedro é aquella franqueza e aquella audacia, que vão para adeante des-cuidadas, disse inquieto Manuel.

— Não se pode censural-o, concordou Philippe. É uma natureza generosa e as revoluções precisam dos audazes. Se todos fossem como elle, estaríamos muito avançados. O que é admiravel em Pedro não é somente a coragem, é a confiança, o optimismo irreductivel, que inspira o espirito constructor. Toda criação é obra de enthusiasmo.

— Ou de estupidez, commentou sorrindo, fatigado, Manuel. Se Deus criou este mundo, foi em um momento infeliz.

Manuel deixou a janella e ausentou-se. Philippe comprehendeu que elle fora para a porta da rua espreitar se Pedro vinha subindo a ladeira. Como uma onda de infecção este sopro de pessimismo agitou Philippe, que reagiu contra estas exhalações morbidas de desanino. Daquella janella do alto do outeiro, o seu olhar envolvia a cidade,

as montanhas, as aguas e resolutamente alargou os destinos brasileiros. A energia vital, criadora da nação, exigia o movimento ininterrupto de conquista e de progresso. Dentro das cellulas longinhas e fundamentaes agia o dynamismo propulsor. Desta inconsciencia organica, devia surgir a espiritualidade, inspiradora da vontade collectiva, sua luz e seu guia. A revolução, tornando-se o processo da realização da finalidade nacional, seria o motor espiritual do Brasil. A acção não se limitaria á ordem interior, não viria unicamente purificar a atmosphera politica, substituir governos corruptos e despoticos por administrações justiceiras. A revolução teria de mover os destinos supremos do paiz, segundo as constantes da sua energia. Agir em toda a parte, penetrar as terras, vivifical-as, fundir a força humana na força cosmica. Alargar-se pelos mares e, á energia portugueza, a que criou o Brasil e se exgotou, responder gloriosamente com a vivaz energia brasileira, que absorverá Portugal e manterá no imperio atlantico a nacionalidade permanente e inversa.

Entraram na sala de jantar Manuel e Pedro, acompanhados de um joven, cuja presença causou pasmo a Philippe. Ao abraçarem-se, Philippe dizia, entusiasmado :

— Você é maravilhoso, Monteiro. Como se escapou da prisão?

— Ora, respondeu o foragido. Muito simples. Vocês sabem, camaradas, que prisão não foi feita para mim. Aturei aquella canalha até o momento, em que deliberei sahir. Foi ante-hontem. Fiquei só, á tardinha, com a sentinella e puz em acção o meu plano. Quando o soldado se afastou para o extremo do pateo, em que me guardava, eu dei um pulo para cima do muro do quartel.

— Muito alto?

— Uns quatro metros...

— Bravo !

— Uma vez na rua andei com calma, sem olhar para

atrás, mas segurando o revólver, que estava armado, dentro do pyjama, pois foi neste traje, que saí. Domingo, naquelles bairros tudo está á fresca, em familia. Na rua encontrei um automovel, que me levou á casa de um camarada, onde me recolhi. Na manhã seguinte vi alguns dos nossos e combinamos as bombas para a mesma noite. Foi um fogo de artificio, de brincadeira, para espantar a carneirada. Ein, Pedro? Gosado!

Pedro, alegremente, contou :

— Um pagode o susto da negrada da policia. Não sabiam o que fazer, se procurar os bandidos ou fugir. Passaram junto de nós e Monteiro, sempre louco, segurou um delles e gritou, « não corre, camarada, informa primeiro a gente que barulho é este ». « Sei lá, são bombas que esses malvados estão atirando. Não quero saber de historias. Se o negocio é de bombas, não é mais commigo... » « Nem commigo », afirmou outro soldado... E assim desapareceram.

— Está ahí, disse Manuel. Se houvesse um grupo de homens resolutos tomaria conta do Rio, porque ninguem quer morrer pelo governo.

— O que falta principalmente é um verdadeiro chefe, resmungou Pedro. Resolução não falta...

— Também chefe não tem faltado, observou Monteiro. Você se esquece do caso do « São Paulo » e do assalto ao terceiro regimento...

— Sim, mas o do « São Paulo » faliu por falta de preparo do navio e da insubordinação dos marinheiros. O chefe é um audaz, mas foi trahido. Se tivesse bombardeado o Cattete, onde estariamos nós hoje?... No terceiro regimento o que faltou foi a coragem, não dos assaltantes batutas, mas do pessoal, que prometeu intervir e não cumpriu. Você sabe melhor do que nós.

Philippe ficou impaciente com a discussão e logo interrompeu :

— Não vale a pena estarmos discutindo o que se foi.

O fracasso dessas tentativas ainda não está bem explicado. **Aproveitemos as energias para o que deve acontecer. Haja verdadeiro espirito de acção em um grupo numeroso, os chefes surgirão. O que é preciso é mais gente disposta. Se todos fossem como você, Raymundo, que maravilha!**

Raymundo Monteiro ficou mais rubro do que era. Os seus olhos azues espetaram-se nos olhos de Philippe, enquanto a bocca se abria, feliz, debaixo de um nariz inquieto e trombudo. Passou as brancas mãos descarnadas pelo rosto magro. Impellido pelo orgulho revolucionario, levantou-se como uma espada fina, luzidia, cortante. Andando, febril, Monteiro falava :

— A revolução é a minha vida, a minha razão de ser. Que era eu antes de me atirar no movimento? Um errante sem destino. Vocês sabem que eu sou nortista. Sou brasileiro, como ninguem. Sou branco, sou louro, que importa! Para ser brasileiro não é indispensavel ser mulato ou caboclo. Estes recentes filhos de portuguezes e de negras não têm a antiguidade brasileira, que eu tenho. Meus caros, aqui neste sangue correm tresentos annos de Brasil. A minha familia, como a tua, Philippe, formou esta nação. O Brasil é mais meu do que de toda esta mestiçagem. Só cedo o passo aos indios. Aos africanos e seus descendentes, nunca. Vieram depois dos meus antepassados, um seculo depois... Alto lá. Acabemos com esta petulancia. Um sujeito por ter pelle escura e cabellino crespo não pode ser mais brasileiro, que os brancos. E por ser mais brasileiro, que ninguem, é que me dóe toda esta miseria, em que cahimos.

Os outros riram do entusiasmo arrogante de Monteiro, que, mais picado, vociferava :

— A minha revolta não é de escravo, não é uma desforra rancorosa... Não sou revoltoso, sou revolucionario.

— Não é a liberdade, é a libertação, concluiu Philippe.

— Isto mesmo. Dizes bem, Philippe. É um movimento interior do meu ser, que aspira a um quadro humano para

a plenitude do meu espirito universal. Isto que temos aqui é o que existe por toda a parte, a opressão e a submissão, o despotismo e o conformismo. Tu me ensinaste estes pensamentos, Philippe. Quando eu te encontrei na minha vida eu era um errante, um vagabundo, sem coordenação das minhas forças e dos meus instinctos. Vinha do Norte. O Amazonas me fascinara com o seu imprevisito, suas tragedias, suas aventuras tenebrosas. Delicia de me achar nos igarapés, nos seringaes, só, sem saber quem eu era, na floresta, nas aguas, imbebido no torpor verde, intoxicado de maleita, desvairando. Batia-me com os animaes, matava-os e comia-os. Nenhuma caça mais assanhada do que caçar mulher naquelles desertos. Mulher alli é bicho raro. Quantas vezes não atravessei nú o rio, á nado, sem receio da cobra grande para perseguir uma femea, escondida em algum barracão de seringueiro ou malóca de indio. E quanto sangue espalhado. Foi um custo sahir desse encantamento... Mas eu tenho a sina de me libertar sempre e vagar sem descanço. Passei com uns retirantes cearenses para o Nordeste e me fiz vaqueiro. Não me arreceei dos cabras... Eu, homem branco, derrubava qualquer garróte bravo, como um campeiro curibóca. Naquelles sertões, fiz tudo, lavrei algodão, trabalhei nas estradas, toquei violão, fui cantador de desafio e, para minha tristeza, fui professor. Conheci aquellas miserias todas da gente sertaneja, como já tinha vivido a infinita animalidade da gente vegetalizada no Amazonas. Uma grande piedade saturou todo o meu corpo. E os meus cantos eram tristes. Tanto eu cantava, como chorava. Um choro engolido, que se desmanchava em dansa. Chôro, dansa, chorado, musica do Norte. Cançado de tanto penar, revoltado contra esta opressão, vim para o Rio. Vivi obscuro, desesperado, sempre dentro dos soffrimentos humildes, dolorosos e que não eram unicamente brasileiros, mas de todos os escravos esmagados pela riqueza e pela tyrannia. Foi então, que te encontrei, Philippe.

— Tu já eras aviador, Raymundo. A tua audacia me assombrou. Quando eu te vi subir no avião e no ar desenvolver toda uma serie de acrobacias allucinantes e que te atiraste de dois mil metros em um para-quedas, tive orgulho da energia humana e tu me attraiste para sempre.

— Nenhuma audacia vale a tua, Philippe... disse pressuroso Manuel. Tu és o libertador. Tu nos arrancaste de toda esta rede de compromissos, em que estavamos presos e eliminaste o terror dos nossos espiritos.

— A mim não foi sómente esta libertação, que me deste, continuou Raymundo, deste-me a alegria. Eu carregava commigo toda a tristeza amazonica, toda a melancolia nordestina. Vinham do espanto da terra e dos soffrimentos humanos. Tu soubeste transformar tudo isto em uma força bemfazeja, que me consola e me torna senhor do mundo. Por minha vez quiz ser um libertador dos outros homens. Esta terra soffre e geme. Precisamos eliminar a dor. Onde ha uma possibilidade de insurreição, estou presente. Onde ha uma revolta, o meu espirito sopra para acelerar o movimento. É assim que sou revolucionario. Para dar alegria aos outros homens. Libertação.

Philippe e os seus amigos maravilharam-se da energia de Raymundo Monteiro, que vinha a elles do fundo da humanidade, da tristeza mais infima, e se tinha alimentado de todas as miserias e esperanças para se atear nesta chamma de alegria, que espanta o terror e exalta o ser humano.

Raymundo continuou :

— É preciso agir infinitamente. Não contemplar, não discutir. Que toda acção, que se transforma sómente em palavras ou extases, seja eliminada. A acção deve ser pura no seu movimento e realizadora inexoravel. Nas nossas conversas, Philippe, eu comprehendí o que tu podias exigir de mim, uma actividade incessante, que se concretizasse na revolução politica. Que era eu? Repito : um vagabundo, um homem, que vivera no meio dos outros homens mise-

raveis, que trazia em si a piedade e o odio. Pela tua magia, tu transformaste em força disciplinada estes confusos elementos de destruição. Tu me elevaste acima de mim mesmo. Deste-me a soberana impulsão de agir sem rancor, sem desespero, para uma finalidade libertadora. Ao teu lado conspirei para a primeira revolução. Desci ás camadas, onde não podias ir. Incitei os espiritos, organizei a reacção popular, procurando sublevar as massas entorpecidas na escravidão. Na madrugada do movimento, eu estava em Copacabana. Não me bati no forte, mas quando os inverosímeis desoito sahiram para a morte e para a gloria, eu fui um dos companheiros civis que, armado de fusil, se bateu á sombra dos heróes. Vi o que a bravura humana terá de mais puro, mais doce, mais abnegado. Dentro da luz feita de sol e das côres do mar, do céu e das arvores, elles caminhavam impavidos e fulgurantes. No combate foram sublimes. Avançaram desdenhosos e faziam correr a negrada do exercito e da policia, que, espavorida, atirava á toa. Fugia e morria. Os rapazes morreram ou foram feridos de pé, abnegados, transcendentés.

— Foi o santo sacrificio. Não houve na historia do Brasil um momento de heroismo angelico, como esse, falou Philippe.

— Tudo foi perfeito nesta sahida maravilhosa. Partilharam a bandeira nacional, que no mastro da fortaleza espalhava nos ares o espirito da revolução. Cada combatente trazia um pedaço do panno sagrado, como amuleto para a morte e para a vida eterna, continuou Monteiro.

— Que gloria a tua, amigo! disse rapido Manuel. Foste ferido... Eu tambem daria o meu sangue por viver esse instante, que viveste. Sinto que nós, os que não combatemos, somos inuteis, como estes rapazes sportivos ou literatos, imbecilizados nos jogos idiotas. Que valem elles deante de um anonymo combatente da revolução? Este pelo menos faz o acto supremo.

— O que é preciso é a accção, observou Philippe. Accção

que seja movida por um pensamento superior, por um sentimento que quer viver para o beneficio de todos. Um homem de tal actividade vale qualquer philosopho ou sabio, porque elle realiza em actos a philosophia e a sciencia.

— Tu me honras muito, Philippe, replicou gracejando Monteiro. Os miseraveis não te prenderam tambem, suspeitando o teu prestigio em nossos espiritos? E eu não procuro realizar o teu pensamento? O meu ferimento e o primeiro revez não estancaram o meu ardor revolucionario. Logo que me puzeram em liberdade, continuei a agir. A conspiração fortaleceu-me. Esperamos tenazmente dois annos. O que succedeu, vocês sabem. Fui dos que combateram em São Paulo na desordem, no chaos, no desespero das traições. Tivemos horas victoriosas. Vencemos por alguns dias. Abandonados pela inactividade de todos, que esperavam unicamente do nosso esforço a victoria impossivel e que, covardes, não nos ajudaram, fizemos a retirada surprehendente e evitamos a destruição de São Paulo. Foi um sacrificio sobrehumano. No primeiro momento pareceu um erro irreparavel. O tempo mostrou que a nossa humanidade suscitou o fecundo reconhecimento de uma população, que desde então ficou inspirada do espirito revolucionario e resolveu libertar-se por si mesma. Não é isto que buscamos, a libertação?

Deante daquelle que vivera a guerra, que soffrera, dera o seu sangue, os outros sentiam-se inferiores. O esforço delles limitava-se ao risco das conspirações frustadas, ao ardor do proselytismo. A presença de Monteiro os estimulava a uma actividade mais perigosa e mais proficua. A exaltação do sacrificio os contaminava. Sabiam os trabalhos consideraveis do companheiro, as suas avançadas no Paraná e no Rio Grande do Sul, os seus combates incessantes e a sua collaboração efficaz na marcha para o Norte, depois da rendição de Catanduvas.

— Foi assim que viste todo o sertão do Brasil, rematou Pedro.

— Vi e o vivi. Nada me impressionou nestas infatigáveis peregrinações, em que nos empenhamos, como a miséria sertaneja. Faz dó. Para eliminá-la e salvar aquella pobre gente valia a pena fazer-se a revolução. Para mim, hoje, o seu fim mais concreto é a libertação material das populações do interior. Está-se allí em plena escravidão com fome e molestia. Que mentira mais lugubre do que esta da riqueza do Brasil, da abastança e da fartura! O que testemunhei foi a exploração do homem miseravel pelo patrão, foi a disseminação das gentes pelas mattas e pelos desertos, foi a febre, a lepra, a peste apodrecendo os corpos, foi a fome allucinando e entorpecendo a todos. É preciso ter visto como eu vi, ter vivido como eu vivi esta miséria, para concluir que a nossa revolução não terá mais imperiosa finalidade do que a reorganização da produção e da riqueza no paiz.

— Não é sómente isto, Monteiro, objectou Manuel. A revolução tem principalmente de restabelecer a liberdade.

— A liberdade sem uma base economica, solida e justa, é uma palavra vã. Onde ha pobres e ricos, ha sempre senhores e escravos. O capitalismo é uma oppressão, respondeu Monteiro.

E Philippe o interrompeu :

— Não é só o terror do capital que devemos combater. Ha outras funções do terror. A libertação deve ser integral.

— Certamente, disse Monteiro, mas neste momento o que é urgente é uma revolução economica. Não ha revolução, como nenhum movimento social, que não seja aeterminado por motivos economicos. A nossa revolução será mais uma tentativa vã de liberdade, se ella não preencher o seu fim utilitario em favor das massas proletarias.

— Tu restringes a revolução, Monteiro, disse vivamente Manuel, a uma finalidade materialista. A este materialismo historico eu opponho as razões mais vastas da sensibilidade collectiva. Ha outros factores, que movem os homens,

além dos impulsos da nutrição. Não se póde explicar phenomenos tão complexos, como os phenomenos humanos, só por uma determinante. Nem pansexualismo, nem pannutritismo exclusivos. Além destes, ha mil outros impulsos, que nos movem.

— Metaphysica, Manuel, cortou Monteiro. Sejamos realistas. O que urge para pacificar o mundo é a communhão da producção e da distribuição da riqueza. Foi testemunhando a insondavel miseria humana dos brasileiros, que me decidi pelo communismo. Compreendi que jamais seremos um povo feliz, emquanto houver a dolorosa escravidão dos proletarios...

— Metaphysica por tua vez, pura ideologia, Monteiro, gritou triumphante Manuel. O que te move é a piedade, é o vago sentimento de justiça. Romantismo. Como estás longe da realidade! Como será possível uma organização communista em um paiz de analphabetos?

— E a Russia não era um paiz como o nosso, de senhores e escravos? objectou Monteiro.

— E por isso o communismo falhou... respondeu Manuel.

— Não falhou, elle organiza a nação em novos moldes, o bolchevismo triumphou.

— Veremos até quando. O facto é que hoje o bolchevismo não é mais o mesmo que foi no começo. Tambem se adaptou, replicou Manuel. No Brasil, o problema é ainda militar e não operario. Para se estabelecer uma dictadura operaria, seria necessario saber a attitude das classes armadas. Não, camarada Monteiro, a luta não é contra os burguezes e os capitalistas, é principalmente contra o exercito e a marinha. O nosso momento é ainda militar. Depois virá a phase juridica, a infinita paz do direito e da liberdade.

Philippe não dizia nada, mas seguia attento a discussão dos amigos. Pedro interrompeu-os, soffrego de os chamar ao que elle julgava ser a realidade.

— Deixemos a liberdade em paz, Manuel, e afastemos,

Raymundo, esta ideologia marxista, que tão generosamente queres experimentar neste paiz de mythologia barbara. O que precisamos é de cultura, de uma disciplina intellectual, que organize este chaos. O communismo viria augmentar a confusão. Neste paiz de espiritistas e de macumbeiros não se deve augmentar o mysticismo politico. A minha revolução é no sentido da cultura. Revolto-me contra estes tyrannos imbecis e violentos, que são incultos e selvagens. Quero ver soprando nesta immensidade o espirito constructor, o espirito engenheiro. Não foste tu, Philippe, que disseste que o mundo era uma construção continua? Pois bem, a consciencia deste pensamento exige uma infatigavel actividade do engenheiro, penetrante, eliminador, organizador. A propria guerra, a nossa revolução, deve ser um acto de engenharia. Dominar materialmente a natureza, plantar, produzir, criar cidades, levantar casas, abrir canaes, utilizar aguas, sondar a terra, extrair minerio e pedras preciosas, atravessar os mares e o ar, tudo, tudo depende do engenheiro, e por toda a parte sopra o espirito constructor com o predominio do machinismo. A supremacia do engenheiro é cada vez mais accentuada. Este espirito apodera-se do homem e o transfigura. Por elle o homem torna-se o architecto espiritual, que organiza o universo.

A conversa parou com a entrada do Léo. Sacudido, vigoroso, foi invadindo a sala de jantar e sem cerimoniaes perguntou por Aracy.

— Até agora não appareceu, respondeu-lhe Manuel.

— Vim buscal-a para o tennis do Flamengo. Estamos jogando o campeonato e ella é a minha companheira. Uma batuta, esta Aracy. Para servir uma bola não tem igual. Ha de ser a nossa campeã.

— E tu és o campeão? indagou ironico Pedro.

— Não pretendo. Tennis é cousa mais para mulher. Estou jogando por causa de Aracy. O que me apaixonou é o remo, e já estou me treinando no box.

— Vida vagabunda tu levas, disse Manuel, irritado com a presença do intruso. Seria melhor que tu desses a tua mocidade á patria, que está no desespero, em vez de lebares a gastar o tempo em divertimentos.

Léo sentou-se á mesa e balançando as pernas começou a rir e a falar.

— Que diabo. Não estrilla, Manuel. Vocês estão tiri-ricas. Hô! sogras! Não me importo com a patria. Não vou nisto. É bobagem. A vida é gosar e arranjar um bom negocio, que vá me dando uns arames, e toca a divertir. É muito preferivel remar, jogar tennis ou fazer box, do que a gente se envenenar com politica e outras complicações idiotas. Vocês estão conspirando. Oh! eu sei, mas é estupidez. Isto de revolução é um buraco. Acaba-se preso, surrado, e afinal se morre, para tudo continuar na mesma...

— Imbecil! vociferou Manuel. Tu tens a linguagem dessa mocidade inutil, animal e viciada. Para vocês tudo é dinheiro e pandega. Brutos, sem a menor espiritualidade, e corrompidos. Afinal tu és o Léo Flamengo, um vadio com automovel, fazendo sport até que te appareça um casamento rico ou mais tarde uma ladroeira. Isto é mocidade? Uma miseria...

Léo os olhava a todos com o desprezo da sua propria inferioridade. Não achou palavras para replicar. Sentiu-se extranho a elles. Apenas conhecia Philippe e nunca vira Monteiro, cujo nome não lhe deram. Pedro tentou exhortal-o com palavras persuasivas.

— Olha, Léo, o que tu fazes agora nós já fizemos. Tambem fomos sportivos. Tu sabes que fui do primeiro team do Fluminense. Mas isto passou. A vida espiritual nos tomou e a nossa intelligencia se esclareceu. Entramos nos estudos e alargamos as nossas idéas. Comprehendemos que ha um mundo maior do que um campo sportivo, que ha gente mais interessante do que os atletas e os jogadores ou remadores.

— Mas eu sou moço, tentou explicar Léo.

— É o que tu pensas. Ninguem mais velho do que o homem do sport e do dinheiro, porque a animalidade é mais primitiva do que a intelligencia. A ambição do goso e da busca do dinheiro são symptomas da velhice, que é egoista e interesseira. Deixa de te absorver nestas puerilidades e nestas miserias e levanta o teu espirito, rapaz. Tu te deves ao teu paiz, a uma communhão espiritual, ao teu proprio desenvolvimento humano...

— Bem cantado, Pedro, mas não me pegas para a tua revolução. Meu lombo não foi feito para cano de borracha, nem estas mãos para palmatoria... Deixemos de conversa fiada, e Aracy? É possível que esteja me esperando no Flamengo. Vocês tambem não prestam attenção a nada. Nem sabem se ella sahiu vestida para tennis. Aqui é só politica, politica. Ufa! Vou-me embora. Deixem de maluquices...

Deu um pulo da mesa e, em duas pernadas, atirou-se á porta. Dahi voltou-se. Forçando uma gargalhada, berrou :

— Olha a policia! Foge pessoal!

A voz irritada de Manuel o perseguiu violenta :

— Canalha, Léo Flamengo! Léo Flamengo!

— Eis o moço brasileiro, disse Philippe desconsolado. Como elle, milhares. Todos indifferentes, todos viciados na volupia e avidos de dinheiro. O scepticismo egoista os move. É a mola interior de cada animal destes. Os que têm a fortuna dos paes consomem o dinheiro na sensualidade e nos vicios. Os que não têm dinheiro acabam em ladrões, falsarios, exploradores de mulheres. E nesta casta a policia recruta os espiões e os ricos têm os seus escravos elegantes. Oh! meus amigos, vocês e todos os semelhantes a vocês, livres, idealistas, homens de intelligencia e sensibilidade superior, são o milagre do Brasil.

— Infelizmente são tão poucos, accrescentou Monteiro. O paiz inteiro está anquilosado depois de uma longa escavidão. Nas nossas marchas pelo interior sentiamos a

admiração e a sympathia, que nos envolviam. Mas que medo de nos auxiliar! Não se acredita que uma revolução possa vencer. O governo vence sempre, é a convicção popular. E ninguem reage. Todos estão submettidos. Os mais afeitos pagam com castigos inominaveis a audacia, os que têm bens são roubados pelos legalistas, como penalidade da rebeldia. Isto é o que se pratica do sul ao norte. Acompanhei a columna até o Piahy. Fazia lastima o pavor do sertão, indeciso em nos ajudar. Todos temiam os chefes politicos e estes temiam os governadores, que por sua vez temem o presidente da republica. É a organização do terror. O curioso é que essas populações nos eram sympathicas e todos viam na revolução a libertação. Mas não se moviam para se bater. Ficavam, como espectadores, torcendo por nós. Não era bastante. A' vista disto fui mandado ao Recife promover o levante da guarnição. Reconheço que, no estado actual da situação brasileira, tem razão Manuel. A unica cousa efficiente é ainda a intervenção militar. O resto é por ora hypothetico. Seguramente que o exercito tambem está indeciso e, com a sua indecisão, fortalece a tyrannia. Mas tambem é certo que o paiz inteiro está saturado do espirito revolucionario. Estamos convencidos de que um acto de audacia victoriosa arrastará a massa do exercito e da marinha. Eis como se explicam estas subseqüentes tentativas. Confiamos que alguma ha de pegar. Falhou a minha tentativa no Recife. Sempre a delação. Por isso vim para o Rio, e estavamos experimentando um golpe, que podia ser feliz. Prenderam-me. Livrei-me pelos meus proprios meios. Já fizemos o bombardeio para amendrontar. Toquemos para adeante.

Appareceu na porta D. Calú. Os rapazes ergueram-se para recebê-la. Vinha da cozinha falando, exuberante e expansiva. Ninguem a ouvia, até que exclamou atordoada :

— Meu Deus! que susto! Você aqui, Raymundo. Quando chegou? Pensei que estivesse lá pelo Norte. Não. Você é

o demonio. Quando menos se espera, você arrebenta Abriu os gordos braços e recolheu o rapaz.

— Deus te abençõe, meu filho. Ha quanto tempo não lhe via e quanto tenho chorado por você. Mas Deus é grande e dá sempre a salvação. Philippe, você pode rir, mas Nossa Senhora da Victoria protege a revolução...

— Não rio de nada. Ao contrario admiro a sua fé e só quizera que todos fossem assim. É preciso acreditar em alguma cousa, que nos mova.

Quando D. Calú soube da situação de Raymundo Monteiro não socegou, emquanto não o decidiu a refugiar-se alli :

— Olhe, aqui tudo é de confiança. A casa é grande e tem estes andares, que dão para o Russell. Ha varias sahidias no caso de necessidade. Depois Deus nos protegerá. O que eu posso fazer pela revolução, por vocês, meus filhos, eu faço. A minha alegria é ajudar esta mocidade, que está salvando o Brasil. Não tenho medo do governo. Se quizerem perseguir que persigam. Entrego tudo a Deus e a Nossa Senhora. Os maus pagarão. E a sua mala, Raymundo?

— Não tenho, respondeu, rindo, o revolucionario. Tenho um pouco de roupa em casa de um amigo...

— Não tem importancia, cortou Pedro. Tu te arranjarás com o que é nosso. Começamos o communismo...

Debaixo desta expansão alegre, Philippe deixou a hospitaleira casa da fé e da abnegação. Na rua extremamente tranquilla tomou para o lado da morada de Thereza. O portão tinha em algarismos de ferro a data de 1855. Philippe deteve-se em frente ao muro alto, muro de baluarte amparando a collina. Um vento fresco corria pelo caminho estreito e sombrio e subia para sacudir as palmeiras de cima. Philippe proseguiu lentamente na direcção da igreja.

— Amanhã conhecerei todo este mysterio, que me attrae ahi dentro. É a casa de Thereza. Um espirito tão movel em uma morada tão placida. Thereza finge-se con-

formada no isolamento. Mas eu percebo a sua ansia de se evadir. Todos se querem evadir. Sente-se um esmagamento universal. Os meus companheiros batem-se por se libertar. Pesa-nos uma desoladora decepção. O governo opprime, os grupos politicos, os industriaes, o commercio, tudo opprime. Porque se revolta a mocidade brasileira? Contra o que reage? Examinemos bem tudo. No Brasil ha uma grande liberdade social. Não ha a oppressão do conformismo, do puritanismo dos paizes anglo-saxões, nem o peso da rotina e da tradição, como na França, nem o devotismo iberico. Tudo é tolerado. Não ha medo de ser atheu, todos podem ser revolucionarios em religião, arte ou sciencia. Muito bem. Tudo permittido e mesmo admirado até os limites da politica. Não se pode passar dahi. É o perigo. Soffre-se o constrangimento da gente, que se apossou do poder e que se impoz com abuso, com tyrannia. Durante muitos annos, a mocidade foi subserviente ao governo. Era sportiva e indifferente. Depois da revolução de 22, com o feito de Copacabana, a mocidade começou a se interessar pela causa publica e a se agitar. Percebeu a horrivel oppressão, que esteriliza o paiz e se revolta. Alguns, como Léo Flamengo, são retardatarios. Mas outros como Manuel e Pedro são actuaes. Copacabana. Renovação. A revolução desde lá passou a ser um acto de mocidade. Antes, os velhos generaes, os contumazes politicos, tinham o privilegio das revoltas. Elles organizavam e os moços os seguiam. Fracassaram os velhos. Hoje são os moços que organizam e avançam. Os raros homens velhos, que os acompanham, são arrastados pelo espirito joven, que tudo conduz. O instincto estava recalcado. Havia uma humilhação, que consumia a mocidade. Succedeu uma desforra, esta ansia de libertação, que nos levará á victoria ou á morte. Mas se vencermos? A solução é muito obscura. A dictadura militar? O communismo? O meu espirito liberta-se da preocupação do que vae succeder. Eu perseverarei no meu ser. Não me deixarei absorver na

communhão anonyma, nem a minha personalidade será abolida. Não retrogadarei da intelligencia ao instincto. O universo existe pela minha consciencia. Ella me separa dos outros homens. Cada consciencia, cada universo. E para a fusão no infinito tenho a minha philosophia, a minha arte. E só? Haverá em mim ainda outra força, que me transfigure e me dê a suprema alegria?...

IX

Galgavam pausadamente a ladeira, que, da praia do Russell, leva ao outeiro. Pouco a pouco cada passo em ascensão os separava do ruído da cidade e os introduzia no silencio. D. Isabel e Leonor voltavam-se incessantes para a bahia. Pesava sobre ellas a fascinação. Philippe alegrou-se quando em uma volta da ladeira desapareceu a paizagem impertinente e entraram na rua apertada entre muros e casas. Do portão da chacara de Thereza atravessaram o velho lagedo do pateo interior e subiram pela ladeira de pedra, bordada de pequenas palmeiras, extranhas e rudes na sua aspera sequidão. Vieram do Amazonas. As raizes, como duras tabocas, muitas dellas, em vez de se enterrarem, projectavam-se confusamente para o ar. Mais adeante tres caminhos se offereceram para os transportar para cima. Ou á esquerda a rua larga e asphaltada, ou á direita a estrada de macadam de automoveis, ou em face, no centro, a escadaria estreita, longa, onde as pedras estão enfeitadas de limo variado e colorido. Subiram por ahi e de repente tudo se desfogou. Eis de novo a infallivel bahia, insistente, com as suas ilhas chammejantes, as suas montanhas, a sua barra, de bocca salivosa, por onde passa o oceano. Philippe desdenhava todo esse deslumbramento por Thereza, que os vira e descia para recebê-los. Os pés voavam pelos degrãos a baixo, o corpo precipitava-se inclinado para cair. As pernas finas

e energicas se retesaram e Thereza, firme, estacou, abrindo mais o sorriso e alargando os grandes olhos alegres. Falavam, falavam e, subindo, Thereza se foi recolhendo em uma subita angustia. Havia um excesso de felicidade, que a inquietava. Philippe viu a extranha pallidez, que lhe tornavam os labios frios e violaceos e lhe transfigurava a pelle, que, ainda ha pouco, luzia como ouro e agora desfallecia nocturna.

No terraço, emquanto a mãe e a irmã se abysmavam no panorama, Philippe pegou as mãos de Thereza. Geladas. Olhou-a perdidamente nos olhos cheios das lagrimas refreadas, que não caem e voltam ao coração.

A voz ingenua de Leonor separou-os :

— Que maravilha esta morada. É um sonho. Não me farto de olhar. Nunca vi uma cousa assim. Tudo tão alegre e tão grande. Se eu morasse aqui, passaria a vida mirando esta bahia. Olhe, mamãe, lá vae um vapor, e lá vêm dois, e quanta canoa ! Alli está a egrejinha da Boa Viagem, que enfrenta o outeiro. São duas Nossas Senhoras, que se fitam. Isto vem de outros tempos. Tudo tão religioso em nossa terra primitiva. Louvado seja !

— Deste lugar mesmo, minha filha, os nossos antepassados combateram os huguenotes. Daqui, desta casa, elles bombardearam aquelle forte, Villegaignon, pois era o reducto da expedição franceza. Com certeza as muralhas, que sustentam esta casa e amparam o muro eram do baluarte dos portuguezes.

Thereza, interpellada directamente por Leonor, disse rindo a sua ignorancia. Achava que tudo isto eram lendas e anedotas. Nada havia de certo na historia da cidade.

— Ah ! isto não, replicou D. Isabel, ha muita cousa certissima. Então não se sabe que a cidade começou na Praia Vermelha ? que houve combates aqui neste morro e na ilha, que se chamou depois do Governador ? E que Estacio de Sá á frente dos portuguezes repelliu os francezes e seus alliados tamoyos e afinal foi ferido no lugar, que é

a rua de Paysandú? e morreu do ferimento e foi sepultado no Castello pelo seu tio Men? Oh! Estacio de Sá, não é por ser da minha familia, mas fico desesperada de ver a profanação, que commetteram, arrancando-o do seu tumulo e derrubando o morro, que era o monumento sagrado da nossa historia. A cidade ficou mais feia. Em vez do morro, um terreno immundo. Neste paiz tudo é vandalismo. Que saudades do Castello, onde estava o marco da cidade e eu fazia a minha peregrinação ao tumulo do nosso antepassado, á hora das vespas dos barbadinhos.

— Ora, mamãe, acudiu vivamente Philippe. Quantas vezes o tumulo de Estacio mudou de logar? Sentimentalismo. O morro era inutil e uma extravagancia dentro da cidade. A engenharia do homem moderno abriu espaços á cidade, que cresce e não podia ficar atrophiada nesse romantismo historico... Ha mais ar e mais terra para os novos homens e nós veremos a maravilha, que será alli a construcção em marcha. Deixemo-nos de tumulos e frades.

Leonor continuava a sua cantilena de exclamações e descobertas. Thereza, enlevada pelo entusiasmo dos visitantes, mostrava-lhes o jardim, as suas arvores companheiras, o seu viveiro de passaros cantadores e coloridos. Enfileirados nas gaiolas, debaixo das arvores, no caminho lateral que ia para o interior da chacara, araras, tucanos, cardeaes, um gallo da serra, do Amazonas, e soltos, pelo terreiro, negros jacamins e sombrios mutuns de bicos amarellos ou vermelhos. Isolada, uma coruja, soberbamente vestida de farta plumagem amarella salpicada de preto, os olhava com os seus olhos humanos... Leonor benzeu-se, quando a viu. Deram, por entre canteiros e gramados, a volta pelo fundo do terreno até a sahida para o morro de Guaratiba. D. Isabel lembrou as tradições locais, os antigos habitantes e as festas do outeiro. Thereza convidou-os para virem no dia de Nossa Senhora da Gloria, que se aproximava. Antes de tomarem do outro lado do jardim, passaram pela garage e pelo gallinheiro e os perús

os festejaram, acompanhados dos latidos dos cães dinamarquezes, dos filas portuguezes possantes, e dos rancorosos cães policiaes.

— Ai! Meu Deus, tanto cachorro bravo! Para que? exclamou Leonor.

Thereza enrubeceu.

— É uma mania de meu marido, que receia sempre ladrões. Imaginação, medo de tudo.

Rapidamente desviou-os para o seu mirante. As orchi-deas dependuradas, abertas, exuberantes de formas, luz e cor, balançadas pela brisa. Sobre a balaustrada, as avencas, os tinhorões, as begonias, recolhiam o ar humido, que lhes ennegrecia a roupagem verde lamellar. Dentro do pavilhão, Thereza exclamava :

— É a minha gaiola. Parece-me estar suspensa no ar e um medo permanente me dá um tremor, que é gostoso. Daqui vejo tudo socegado e longe. É preciso haver resaca forte, para que a bahia me pareça agitada. A distancia suaviza tudo. Conheço tim-tim por tim-tim cada canto desta vista e acompanho aqui todas as mudanças. Muda a toda a hora. Por muito tempo eu não tinha outro divertimento. Agora penso em outras cousas, depois que me tiraram do meu esquecimento.

Dizia e olhava Philippe. A voz cahia doce e grave e impunha silencio. Todos scismavam absortos. Philippe ficava constrangido com a oppressão de não poder dizer o que devia dizer. D. Isabel exprimiu a angustia, que tomara a todos, quando, pegando mansamente a mão de Thereza, lhe disse :

— A sua solidão deve ser pesada. Mas porque não se refugia em Deus? Haverá logar melhor para a meditação do que este? E da meditação não sahirá o extase?

Thereza deixou-se consolar, abysmando-se na doçura da piedade humana e ia falando extranhamente :

— Será possível que eu saia um dia do pavor, que me atormenta e entre na beatitude, que me libertará? Não sei

se vencerei ou se tornarei ao meu aniquilamento. Tudo é tão mysterioso. Do que estou certa é que não me sinto mais a mesma. Estou mais resoluta, mais decidida. Antigamente, ainda não ha muito tempo, eu me sentia esmagada, era uma prisioneira nesta solidão. De repente me veiu uma ansia de outra cousa, que não é isto. Aqui nada me contenta.

— Mas Deus que é o redemptor está em toda a parte... murmurou D. Isabel.

— Eu sei e estou com Deus, explicou-se Thereza. Tornei-me mais devota nestes ultimos tempos. Procuo nas orações o socego. Não veiu... Que fazer? Vou sempre á igreja e não posso me absorver. O pensamento está distrahido. Aqui medito, aspiro por um extase, como o de minha Santa e nada se concentra. Tudo se move em mim e aspira a uma alegria, que a devoção não me dá. É um martyrio...

O rosto de Thereza empalledecia, os olhos fulguravam dentro de grandes olheiras roxas, a bocca morria em um sorriso de inquieta esperança. De repente foi ella mesmo, que sacudiu o torpor da scisma, em que se calavam.

— Não falemos em tolices, ainda não lhes mostrei a casa por dentro. Vamos. E voltando-se para Philippe :

— Não se espante dos horrores, que vae ver. Tudo muito idiota, mas a culpa não é minha... Um dia eu lhe pedirei os seus conselhos para reformar a casa, pol-a de accordo com o ambiente. Oh ! vontade bruta de derrubar tudo isto e fazer cousa nova, vida nova...

Thereza, movel, movia-se ruidosa e expansiva. Sob o trigueiro da pelle, a purpura sombria do sangue. O olhar dansava alegre. A voz alta sacudia o corpo magnetico e parecia eleva-lo em allucinante vôo. Philippe buscava Thereza, irreal e maravilhosa, nas alturas.

Absurdamente a casa se furtava á luz, recolhia-se em uma penumbra desconsoladora. Oppunha-se á paizagem, negando-a em vez de absorvel-a e incorporal-a, e não se abria ao sol, ao mar e ás arvores e não dava aos humanos

a magia tropical dentro das paredes pesadas. Os negros moveis de jacarandá misturavam-se aos dourados europeus. A austeridade colonial e o arrebicado rococó. O disparate na riqueza, a mediocridade na profusão. Estavam examinando moveis, tapeçarias, quadros, estatuas, cortinas, reposteiros, quando na porta da sala appareceu Lili, que duas mãos negras empurravam. Thereza deu um salto, apanhou a filha e, gloriosa, a ergueu.

— Eis a minha boneca, a minha Lili!... E apertou a criança por entre beijos estridentes.

Emquanto D. Isabel e Leonor festejavam a menina, Philippe entristecera. As suas palavras de louvor foram vagas e distrahidas. Esta reserva desconcertou Thereza, que cessou subitamente o seu enthusiasmo maternal. Leonor apoderou-se de Lili. As duas simplicidades entenderam-se. Philippe quizera partir. Sentia-se intruso naquelle mundo de Thereza, em que se irradiava, como força propulsora e absorvente, a maternidade. O instincto de Thereza procurava conciliar sentimentos oppostos e exclusivos. Approximou-se ainda mais de Philippe, falava-lhe, sorria-lhe meigamente, acariciava-o com os olhos doces e profundos, olhos que tinham tacto para sentir e transmittir a delicia e suppriam o toque das mãos e as antennas mysteriosas da pelle. Philippe sahiu da melancolia do desequilibrio para se alegrar e se abysmar na seducção de Thereza. Não tardou a que elle mesmo buscasse a graça de Lili, a conquistasse com a sua voz, infiltrante e possuidora. Thereza sorriu reconhecida a Philippe, quando viu Lili beijal-o e dar risadas de camaradagem.

Para introduzir Philippe na sua intimidade Thereza insistiu em mostrar o seu quarto de dormir. Estava contente que vissem ter quarto separado do marido e queria ostentar os moveis e tapetes modernos, adquiridos recentemente.

— Tudo isto é influencia sua... disse vivamente para Philippe. Eu tambem estou no movimento. E o maior prazer é a raiva do meu marido. Um succo!

D. Isabel ficava meia tonta com estas exuberancias, comprehendidas por Philippe. Leonor gritou da porta do quarto de Lili :

— Mamãe, veja só esta loja de boneca ! Que belleza ! Olhe a caminha, que balança e é toda azul, este guarda roupa com figuras de passaros recortadas, estas cortinas tão alegres, estas bonecas pelo chão. Sim senhora, que encanto a senhora arranjou para Lili. Ella merece, uma boneca que é um amor, só neste paraíso infantil. Quanto bicho engraçado, o macaco no trapesio, o urso em cima do armario, os papagaios...

Lili estava encantada com a admiração, que as suas cousas produziam. A negra, que se escondera dentro do quarto, foi-se esgueirando, procurando desaparecer por entre as visitas. O branco dos olhos estava como clara de ovo cosido, opaco e duro. As pupillas encolhidas, longas e finas. Sahu rancorosa e sobre os beiços negros e rugosos passavam as palavras do odio desaforado :

— Gente maluca, ixe, parece que nunca viu nada, t' esconjuro.

Só Thereza percebeu o desespero da negra. Os outros, entretidos, apenas notaram a passagem da massa preta, envolta em côres azues. Tornaram ao terraço e foram recebidos pela brisa fresca e viva. De um lado, o céu estava esverdeado, do outro, a lividez do estanho. As aves passavam em bandos rythmados indo recolher, as gaivotas, mesmo desfilando, ainda se precipitavam vorazes, encapotando sobre as ondas.

Thereza e as visitas estiveram mirando o mundo, inclinadas sobre o parapeito do terraço, por entre os vasos portuguezes de azulejo antigo, cheios de amarellas e violaceas cardos tropicaes. As palmeiras embandeiravam-se ao vento. Pouco a pouco nas moradas humanas em volta, nos morros e nas avenidas foram-se abrindo as luzes. Em baixo a cidade se recolhia á penumbra das arvores espectraes.

Tomavam chá no caramanchão, quando veio Jujú, agarrado a um livro. Thereza o recebeu com um alarido, que o desconcertou. O pequeno embatucou. Os seus olhos apoiaram-se em Thereza, enquanto dentro da cabeça tudo lhe rodava. Muito pallido Jujú suava frio. Ficaram com pena da criança e Philippe segurou-o com meiguice.

— Que é isto Jujú, estás com medo? És bicho do matto?

O menino sentiu horror com o contacto e as palavras de Philippe, deu um pulo e precipitou-se no collo de Thereza, abrindo em choro convulso, desesperado.

— Meu bem, Jujú, que é isto? acalentava-o Thereza com aborrecimento carinhoso. Deixa de bobice, fica socegado, ninguém te come. Olha o teu amigo Philippe, esta senhora é mãe delle, aquella moça é irmã. Bobo!

Jujú chorava, enterrado no collo de Thereza, que forçava em levantar-lhe a cabeça teimosa. Os outros procuravam rir e brincar para distrahir a criança. Mas todos estavam caceteados com a nervosidade impertinente. Lili, pageada pela negra, aproximou-se curiosa do barulho de Jujú. Thereza insistia :

— Olha, bobo... Até Lili está espantada desta tolice. Não é Lili? Jujú é mais tolo que você, que não faz destas manhas. Vem buscar este manhoso chorão e leva elle para brincar.

A menina, inchada com o elogio, puxava Jujú com as mãosinhas tenazes. Jujú resistia. Todos riam, só elle chorava convulso. Afinal ergueu a cabeça, irritado, violento, empurrou Lili, que cahiu sentada no chão, aterrada com aquelles modos.

— Vae embora, berrava Jujú... não me amola... eu quero, eu quero, que Teté me ensine a lição...

— Ah! é isto que tu querias, seu tolo. Hoje não, tu não vês que estou com visitas? Fica bomsinho, que amanhã tu vaes passear commigo de automovel, nós dois sósinhos. Mas olha lá... E beijou-o repetidamente, limpando-lhe a cara rubra.

Jujú respirou alliviado. Ficou tão contente. Envergonhado, afastou-se e foi para mais longe sentar-se na gramma onde Lili veiu procural-o. De longe elle mirava enternecido Thereza. A obscura magua de a sentir perdida para elle acabrunhava-o. Cada movimento de Philippe para Thereza entenebrecia-lhe o espirito. Apontou-lhe vivo, feroz, um resentimento contra Philippe, odio de o ver naquella logar, ao lado de Thereza, desapossando-o do seu doce e exclusivo privilegio. Odio dos olhares e das palavras. Por mais que Lili o agradasse e o seduzisse para brincar, Jujú concentrou-se naquella dolorosa observação, desesperado, abatido, inutil.

Leonor apiedou-se do menino e veiu tambem sentar-se na gramma com as crianças e procurou entretel-as. Lili, passado o atordoamento, entregou-se á brincadeira. Jujú mantinha-se casmurro.

— Como é boasinha a sua filha, observava Thereza a D. Isabel. Que paciencia com as crianças.

— Leonor procede sempre com simplicidade, explicou Philippe. Não conheço ninguem mais innocente.

— Chega até a ser ingenua demais, disse D. Isabel. Acredita em tudo. Para ella não ha mal no mundo. Deus a fez assim.

— Ora, é preciso que haja santos neste mundo de maus, exclamou Thereza. Faz bem viver-se na companhia desses anjos, como a sua filha. Eu, que vivo rodeada de gente inferior e egoista, posso dizer o que é este martyrio.

— Não fale assim, não se lamente, a senhora é tão feliz, tem a sua familia e a sua fortuna, interrompeu D. Isabel.

A frieza e a estultice destas palavras de conformação exasperaram Thereza. O seu impeto fora desapparecer deante daquella gente, que tambem não a comprehendia. O seu pensamento marcava : velha convencional, interesseira, carola, insensivel, tu não sabes quem eu sou. Não sabes o que é soffrer nesta casa, que tu invejas, porque é

rica, vem do passado e te lisongeia a vaidade aristocratica. Não sabes o que é Radagasio, viver com a estupidez quotidiana, abafar os desejos, morder o freio, estar humilhada, espionada, prisioneira, desejar a morte de um homem para ser feliz, tornar-se má, ser assassina, ter odio, ter nojo de si mesma e continuar na podridão...

D. Isabel ficou desnordeada com o rancoroso silencio de Thereza, que desviava della o olhar para se fixar duramente em Philippe. Rompendo o circulo do odio, em que fora envolvida, D. Isabel evadiu-se sorrateiramente na direcção de Leonor e das crianças. Thereza percebeu que estava só com Philippe, quando, com extrema doçura e muita tristeza, elle lhe falou.

— Não se afflija com o que lhe disse mamãe. São palavras para socegal-a. Mamãe é muito boa, tem aquella apparencia reservada. Não quer dizer nada. Ella vive fóra do mundo e não sabe os martyrios. Oh! eu adivinho tudo o que soffre, as suas angustias, os seus desesperos. Comprehando que uma mulher tão superior, tão vibrante, não pode ser esmagada, ser acorrentada a uma existencia mediocre, em que o seu espirito não tenha a suprema liberdade. Desde o momento que eu a vi, senti a sua superioridade. Deixe-me dizer-lhe não foi só a sua belleza, que me impressionou... para sempre... Foi tambem o seu entusiasmo, a sua exaltação espiritual e desde então calculei as suas torturas e tive uma pena, uma piedade...

Thereza recebia tremula a infiltração dessa subita ternura. Veiu-lhe uma deliciosa vontade de chorar. Os olhos ficaram vermelhos, a garganta secca e todo o sangue confluio ao coração, deixando-a pallida, exangue.

Philippe continuava :

— Sim, uma piedade de tanta belleza assim mortificada no mais injusto sacrificio. O meu pensamento passou a ser todo seu. Não lhe posso dar mais nada do que esta admiração e esta ansiedade em vel-a feliz. Eu só lhe peço uma cousa... Posso pedir? É uma retribuição...

Thereza não pôde responder. Os olhos enlanguesciam mansos e a bocca meio aberta parava extatica num sorriso de bemaventurada.

Philippe concluiu :

— Pense profundamente em mim.

Thereza bateu doce, docemente com a cabeça. Olhou em torno e levantou-se para se reunir a D. Isabel e Leonor. Uma alegria poderosa a arrebatava. Agradou-as muito, louvou-as e, dando o braço a D. Isabel, a estreitava com unção e meiguice. O fluido do enthusiasmo communicou-se a todos. De repente uma algazarra de vozes, risos, gritos, rompia a melancolia da tarde, alvoroçava o ar, até que um klaxon berrou na ladeira.

— Automovel, gritou Jujú.

Lili, que já distinguia os ruidos das machinas, disse desconsolada :

— É papae.

Abriu-se o portão e o automovel começou a subir a rampa infestando as plantas e o ar. Radagasio desce do carro. Aperta a bocca e atira os olhos para o grupó. Domina-se e, disfarçando, chama pela filha.

— Vem Lili! É seu pae...

A pequena, empurrada pela negra, vae ao seu encontro. Radagasio, para se apoiar, dá-lhe a mão, que o conduz. Philippe levanta-se. Thereza e as outras esperam sentadas. Radagasio gagueja uns cumprimentos com a sua voz sumida e velada. Thereza pergunta-lhe se quer chá. Radagasio recusa e olha, atrapalhado, Philippe. De repente o reconhece.

— Mas nós já nos vimos... Foi no baile do Gloria, na noite das bombas e por signal que o senhor me pareceu revoltoso... Pode confessar. Não tenha medo. Eu não digo nada á policia...

Philippe mordeu rapidamente o labio inferior. Sorriu para disfarçar. Thereza fez frente ao marido.

— Eu tambem sou revolucionaria. Se você quer denunciar alguém comece por mim...

— Gabolice. Você, medrosa como é? E depois, isto de politica não é para mulher.

Thereza respondeu :

— Se as mulheres interviessesem como deviam, o paiz não estaria nesta miseria, em que foi posto pelos homens, uns por ganancia e prepotencia e os outros, a grande maioria, por servilismo. Não são homens, são ladrões e escravos. Já que elles não prestam, as mulheres devem salvar isto.

Radagasio ri amarello, chupa os beiços. A lingua por entre elles, apparece e desapparece em movimentos incessantes. Vae insultar Thereza. Philippe percebe e intervem :

— É uma verdade. Se não fosse a covardia e a submissão dos homens...

D. Isabel corta a discussão. Volta-se, senhorilmente, para Radagasio :

— O senhor é um homem de muito gosto, porque escolheu para morar a casa mais interessante da cidade. Alem da vista incomparavel é uma moradia historica. Foi daqui que os meus antepassados, Men e Estacio, bombardearam os huguenotes francezes.

Radagasio se ninava dos huguenotes, detestava aquella casa, fóra de mão, isolada, moradia imposta caprichosamente por Thereza, romantica, a cultivar a solidão, o panorama e a tradição familiar, permanecendo na casa, que fora dos paes. O cumprimento de D. Isabel o inflamou e elle entrou a elogiar a vivenda.

— É. É uma habitação modesta e ás suas ordens, minha senhora. Aqui estamos em um paraíso, ar magnifico, de primeira mão, da barra, sol para tonificar a pelle, arvores para queimar o carbono e nos dar oxigenio. Vivemos na paz. Paz e amor... como os inglezes gravaram no frontão do mercado de Kandy, em Ceylão.

Thereza agita-se. Quer gritar, insultar o monstro de estupidez e hypocrisia. Contém-se. Philippe se compadece.

Leonor festeja a phrase e a erudição, e acrescenta lisonjeira :

— Não é só por este lado que tudo aqui é delicioso. Haverá maior maravilha do que esta vista? Eu estava dizendo a Philippe que elle devia fazer a descripção disto, um poema, porque meu irmão é escriptor, um poeta.

Radagasio quer se mostrar informado e declara que conhece os escriptos de Philippe. Para se impôr, sobretudo a Thereza, se enthusiasma a frio.

— O senhor teria aqui o mais extraordinario quadro para um poema e para um romance. Às vezes sou tentado a metter-me a escriptor. Se não fossem as minhas serias occupações no banco, se eu fosse ocioso como os poetas e os artistas, que têm o tempo á disposição, seria o meu divertimento. Assim como ha tantos negociantes e industriaes, que passam os domingos a pintar, eu passaria a escrever e fazer versos inspirados por este panorama.

Um infinito pejo apoderou-se de Thereza. Muito vermelha desviou os olhos dos outros e os cravou desvaiados nas crianças, que brincavam ao longe. O seu impeto era fugir, mas antes de se evadir, quizera bater, morder, destruir aquella ignobil machina de falar, que era o seu marido. Mas Radagasio enthusiasmava-se, embevecido com a admiração de Leonor.

— O Rio de Janeiro é um conjuncto sublime de agua, floresta e montanha. Dentro deste scenario o maravilhoso artista é o sol. Desde cedo elle brinca nos cimos dos morros, na toalha das aguas e nas folhas das arvores. É um sol infante, que torna tudo suave de tons, na frescura da manhã. Mais tarde elle se esquentava e incendeia. A luz absorve o mundo e o dissolve em poeira scintillante. A' tarde, as côres se desforram e o sol morre afogado em seu sangue e tudo fica rubro e violaceo...

— Bravo! Seu Vianna, que poeta é o senhor! Quem diria! applaude Leonor.

Philippe sorri. Radagasio deslumbra-se. Thereza está aterrada.

Radagasio, de pé, continúa, apontando :

— Olhe tudo isto. Veja estas ilhas como são pittorescas. Cada uma tem a sua expressão. Lá no fundo estão as ilhas tropicaes, ilhas de arvoredos compactos, banhadas pelas aguas, que murmuram docemente uma canção de amor e entre todas, Paquetá, com os seus coqueiros, parece um trecho das praias pernambucanas, transportada para suavizar os pedregulhos, que são as ilhas proximas á barra. Aqui tudo é monstruoso, anti-diluviano. A terra tremeu, os vulcões vomitaram estas pedras gigantescas, que formaram ilhas. A Lage é uma tartaruga colossal...

— É mesmo, mamãe ! grita Leonor, levantando-se entusiasmada. Só falta a cabeça...

— A tartaruga está dormindo, graceja Radagasio... E que massas, que volumes são estes morros ! Formam figuras estranhas e mesmo procissões fantasticas. Olhe aquelle grupo de montanhas á direita. E' uma caravana assombrosa. O Pão de Assucar, como um elephante quaternario, vae puxando na frente. O cabo do caminho aereo, é o freio, que o liga á Urca. No alto do Corcovado está o personagem principesco, que é o senhor, o rajah, o chefe da caravana. Hoje elle está invisivel, um dia elle apparecerá na figura do Deus-Rei.

— Muito bem, approva D. Isabel. Afinal a natureza ficará consagrada ao Criador.

Radagasio discursa :

— É pena o exclusivismo desta consagração catholica. Sou catholico por tradição. É a religião dos meus paes. Esta é a terra de Santa Cruz. Deviamos ser mais largos, todavia. Por isso, no Educational Club, que, como sabem, é uma associação da America do Norte, para a educação moral e social dos homens, com filial no Rio, eu propuz que, em cada morro da nossa incomparavel bahia, fosse collocada a estatua de um grande fundador de religião.

Seria um pantheon sublime, em pleno ar, em um quadro maravilhoso da natureza. Já o Corcovado está consagrado ao Christo Redemptor. Vá lá. Consagre-se a Gavea a Luthero. E o Pão de Assucar, pela sua forma bojuda e conica, está indicado para ser o pedestal do Budha. Ver-se-ia um dos morros pequenos da barra para Mahomet, e outro menor para Augusto Comte.

— Mas que blasphemia, seu Radagasio, interrompeu, irritada, D. Isabel.

— Não, minha senhora. Concordia. Neste paiz não ha gente de todas religiões? Por espirito de justiça, os morros seriam designados, segundo a importancia das religiões no Brasil. A religião catholica, que é a mais importante pelo numero, devia ir para o morro da Tijuca ou o Bico do Papagaio, mas concedo que vá para o Corcovado, que é mais evidente.

— É uma bella idéa. Seria um pantheon assombroso e que lição para a humanidade! Minhas felicitações, applaudiu Philippe.

Radagasio inclinou-se, desvanecido e orgulhoso com o successo do seu brilhante improviso.

— Será a consagração dos homens, prosegue Radagasio, porque a natureza por si mesma havia patenteado ser ella um prodigio divino. Não está alli na Serra do Mar, o Dedo de Deus? E no nosso céu de anil, nas noites maravilhosas, não brilha o sublime Cruzeiro? As nossas noites, que magia! No céu, as estrellas sem fim, tão numerosas que parecem terem baixado á terra, para dar-lhe a illuminação feerica. É a coroa do Pão de Assucar, que é um rei de granito, é o collar de Copacabana, são os pyrilampos do Flamengo... Ah! neste paiz, neste Rio incomparavel, tudo é grande, só o homem é pequeno!

Radagasio engasgou-se apavorado com a surpresa deste conceito dissonante da sua apologia.

Philippe percebeu o desconcerto do homem loquaz e sublinhou :

— Por este final é que eu não esperava. Porque desesperar do homem se elle fez tanta cousa, que o assombra, conforme o seu louvor. O cabo aereo da Urca, a redea do elephante, o collar de Copacabana?

Foi a vez de Thereza sorrir e o seu prazer augmentou, quando Radagasio, muito roxo e sempre engasgado, tossia, exausto, esforçando-se em responder.

— Não nego que o homem brasileiro não tenha feito alguma cousa e ajudado a natureza. Mas elle é indolente, só cuida de carnaval e só pensa em revolução...

— O senhor não gosta de carnaval? Eu acho tão divertido para a gente pobre, objectou Leonor.

— Ah! minha senhora, replicou Radagasio, é um divertimento inferior, uma bacchanal de negros. Eu detesto negro. Não nego, sou aristocrata. E a desgraça é que, emquanto nascer neste paiz um moleque e uma negrinha, o carnaval não se extinguirá... Ainda assim é melhor carnaval do que revolução.

— Porque, seu Vianna, só se fala em revolução? indagou Leonor.

Radagasio olhou firme para Philippe e disse triumpante :

— Casa que não tem pão, todos gritam e ninguem tem razão.

Thereza revoltou-se :

— Oh! Você não larga esta mania de dictados.

— O proverbio é a sabedoria do povo, explicou Radagasio raivoso.

A irritação de Thereza gerou um silencio constrangido. D. Isabel, para acalmar Radagasio, poz-se a gabal-o.

— Como eu admiro a sua alegria. Com certeza o senhor deve ter uma boa saude, um bom estomago. Isto vem deste ar, o ar da Gloria.

Radagasio sorriu victorioso ao equivoco cumprimento.

— Sim, este ar vivifica os pulmões. Mas não é tudo. É preciso saber usal-o. Eu tomo cincoenta respirações,

bem fundas, bem de vagar, em um dia de cada mez, para o beneficio do corpo e do espirito. Durante este exercicio vou falando sósinho, commigo mesmo, affirmando que sou um homem superior e de grande successo. Desta forma brilha mais forte em mim o sol interior. Cada um tem dentro de si um sol.

— Já sei, interrompeu Leonor, batendo palmas, é a alma.

— Não. Paz á alma, respondeu Radagasio superiormente. O nosso sol interior é o plexo solar, o sol abdominal.

Thereza, muda, exasperada, poz-se de pé em um impulso desattencioso. Todos seguiram o seu movimento. D. Isabel despediu-se. Thereza convidou-os a ficar para jantar. A mãe de Philippe recusou polidamente este precipitado toque de familiaridade. Radagasio, para mostrar-se hospitaleiro, insistiu no convite para outra ocasião. D. Isabel desculpou-se, porque não sahia nunca á noite.

Com espanto de Thereza, Radagasio agarrou-se a Philippe.

— Olhe, disse o marido, temos muito que conversar... Quero expor-lhe as minhas opiniões financeiras. O senhor sabe : dá-me boas finanças, dar-te-ei boa politica.

Combinaram que Philippe voltaria no proximo domingo. Quando as visitas partiram, Radagasio, seguindo ao lado de Thereza, resmungava :

— Estes seus amigos pensavam naturalmente que eu era um idiota... Sim, imagino o mal, que você não lhes tem dito de mim. Mas conheceram de quantos páos se faz uma canoa. E sahiram embasbacados...

Thereza sentiu um frio no corpo com aquellas palavras. Fitou um instante o marido. Teve nojo da sua pelle rugosa de sapo. Malditos olhos opacos, frouxos. A cara parada. Sómente o nariz marcava o rythmo da estupidez. Thereza, rapidamente, o deixou e appressou-se para o mirante. Não quiz olhar o seu mundo. Elle fora manchado, conspurcado,

ridicularisado, degradado pelo verbo do homem infame. Ficou de costas para aquillo tudo. Sentada no banco, fechou os olhos. Dentro delles, a magia recomeçou. Cumpria a ordem de pensar em Philippe.

Desamparado do conchego de Thereza, separado bruscamente da unidade, que a illusão infantil lhe creara, como definitiva, Jujú recolheu-se macambusio á sua casa. Desinteressou-se de tudo. Quando a mãe o viu tristonho e o quiz interrogar, o menino a repelliu, raivoso, desesperado com a perturbação, que lhe causavam indagações impertinentes. Á mesa familiar jantou-se morosamente. As conversas politicas arrastavam-se. Bastou aquelle ponto obscuro da scisma de uma criança para espalhar a melancolia. D. Calú fez o menino deitar-se cedo, conduziu-lhe as orações, que elle repetia, machinalmente, com o pensamento longe. Quando ficou só, no escuro, Jujú alegrou-se na liberdade de pensar, imaginar e soffrer. Estava alli como um engeitado, mettido em uma cama, quando podia estar com Thereza no jardim, no caramanchão, no mirante, ouvindo historias tão bonitas. Porque lhe faziam aquella maldade? Gente perversa. Agora tudo era Philippe. Um suor frio inundou a criança, o coração batia rapido e uma nausea o tonteou. Cerrou os olhos. Tudo vogava em um balanço enjoativo. As figuras de Thereza e Philippe approximavam-se unidas e riam delle : « Olha o bobo. Chorão ! » Jujú zangou-se. Um calor ardente succedeu ao frio e seccou o suor. A bocca ficou amarga, as mãos e os pés crispavam-se. Ah ! se uma onça sahisse do matto e viesse devorar Philippe. Prazer. Na sua rigidez, Jujú riu-se

e os membros distenderam-se. Estava vingado. Philippe desapparecera e Thereza estava salva e seria sua. Só se occuparia delle. Acalmou-se. Foi adormecendo imaginando passeios com Thereza. Iriam ver os macacos. Engraçado. Pula um, pula outro, coça-se um, come outro, fazem caretas, gritam, e de todas as gaiolas uma berraria damnada. Gostoso. Olha o papagaio, fala, fala, tu és mais gente que macaco, que não fala. A onça que comeu Philippe! Que medo, foge Teté, corre, corre, lá vem a cobra grande atraz de nós... E correram loucamente. A cobra voava, a cabeça empinada, a lingua vibrante, avida, electrica. Jujú arrastava Thereza com uma força sobrenatural. Corriam, corriam por entre a algazarra da bicharada, que nas gaiolas alegrava-se com a porfia... Ah! meu Deus... a cobra pegou Thereza, horror... Thereza, Teté, salta, foge... Ah! a cobra está apertando, apertando, Teté não chora, uma faca para cortar a cobra, pelo amor de Deus! Sáe, cobra malvada... Philippe!... E Jujú gritou alto, espavorido : Philippe!...

D. Calú, que ainda não se deitara, correu ao quarto do menino, que estava dormindo alagado em suor. Sacudiu-o. Jujú acordou aterrado e agarrou o pescoço da mãe.

— Socega, meu bemsinho. Foi um sonho mau?... Não é nada... Já sei, tu estás com saudade de Philippe... Amanhã eu mandarei chamal-o...

A criança estremeceu de horror. Empurrou a mãe, virou-se para a parede e cobriu a cabeça desesperado, furioso. Não houve nada que o fizesse sahir desta posição de rancor. D. Calú ficou exhausta e desamparada. O marido, que tambem ouvira o grito angustiado de Jujú, veio ao quarto. Quando observou a attitude do menino, ponderou gravemente :

— Conheço isto, é algum espirito mau, que o está perseguindo. Aqui não posso fazer nada. Amanhã vou ao Centro Redemptor e peço uma intervenção para afugentar o espirito perseguidor e saber o nome delle...

D. Calú revoltou-se :

— Ora, Aristides, lá vem você com as suas maluquices, deixe-se de babozeiras. Qual Centro, qual nada. Se elle está com espirito mau, que para mim é o demonio, eu farei uma novena a Nossa Senhora da Gloria. Isto sim, é que salva... Espiritismo, maluquice, peccado...

Vieira desdenhou discutir. Encerrou-se no seu grande desprezo pela intelligencia terrena da mulher e elevou-se ao plano astral e aos outros planos superiores, em que as infinitas forças espirituaes governam o universo, libertas das dolorosas reincarnações.

Thereza evadira-se do circulo de Radagasio. Sentia-se livre da oppressão do homem odioso e alegrava-se no mundo imaginario, que o amor lhe criava. Os seus olhos separavam-se do quadro repulsivo, que fora a sua existencia, e só viam a miragem de uma vida em perpetuo extase por Philippe. Tudo era indeciso, mas que belleza indefinivel no sonho libertador e maravilhoso ! Vivia dentro de si mesma o goso supremo e sorria indifferente ás miserias conjugaes. Sabia que estava livre, não pertencia mais áquella ignobil escravidão. O que a religião não lhe dera, o amor realizava. Ainda envolta no mysticismo fervoroso, a religião transmudou-se em amor. Thereza imaginava em Philippe a encarnação de Jesus. Nas suas orações fundia o Deus e o homem e o seu ser espiritualizava-se nas delicias da volupia transcendente. O dominador era divino e a mulher inebriava-se na possessão. O pensamento concentrava-se na imagem adorada, que lhe exaltava o sangue e a sexualidade. A paixão transfigurou-a e a separou de todas as cousas.

Esta separação ineffavel foi tambem a magia do amor em Philippe. Entrou em um sonho sublime, que o arrebatou do mundo exterior. Foi uma scisma maravilhosa, que o libertava da realidade. Scisma, separação. O espirito separa-se de tudo e concentra-se na miragem intima.

As tendencias imaginativas do seu espirito desenfream-se e desde então passou a viver no mundo fantastico, construido pelos sentimentos absolutos e criado exclusivamente para o amor. A realidade dos outros pareceu-lhe aborrecida. Não reflectia, não pesava a vida. A separação era movimento inconsciente, involuntario e fatal. Absorvia-se no encantamento de imaginar Thereza e na obsessão de desejal-a. No sonho acordado, extasiava-se no adorado corpo esguio, fino e ardente, como um cirio, corpo de raça extatica, que foi apurado na provação, no transporte voluptuoso, na prece, na dansa, na solidão, corpo, que se ergue da terra, como uma chamma em busca do infinito, corpo, que é uma exclamação do perpetuo desejo. Que fascinação a morte de amor desse corpo transfigurado! O corpo nú em face do mar, embebido de luz. No magnifico senso do maravilhoso, Thereza despira rapidamente as vestes da noite solitaria e apparecera deante de Philippe. A grande e meiga luz da manhã fazia irradiar os magicos olhos negros e fazia da bocca fresca uma sanguinea aurora, lambia a pelle e afundava-se em todos os cabellos sobre os abysmos carnaes. No allegro innumeravel, mar, sol, côres, linhas, idéas, fórmãs, sonhos, pedras, vegetaes, tudo celebra o corpo sublime. O universo é a gloria do amor. Se chega a sombra, o pallido corpo de Thereza recebe o que ha de claridade no espaço. Corta como uma opala as trevas. Os olhos scintillam, emquanto a bocca gelida se descora. Nocturno. Os amantes perdem-se para sempre e enlaçados transfiguram-se no extase supremo da grande morte. Foi para a magia dessa unidade, que Philippe emprehenheu a viagem maravilhosa.

No domingo á tarde, Philippe desceu do bonde no largo da Gloria em caminho para a casa de Thereza. A triste amendoeira do largo estava carregada da melancolia domin-gueira. Todas as vendas fechadas e nas varandas das casas vermelhas a gente preguiçosa. O becco do Rio,

estreito e sujo, não teve a força de lembrar a Philippe a conspiração mallograda, em que estivera envolvido. Passou por alli indifferente. Ia afastando-se cada vez mais do que fora o seu profundo interesse. Aspirava unicamente a subir á morada do sonho. O que os seus olhos iam percebendo não lhe dava a menor reacção espiritual. A sua visão era toda interior. Por isso não deu attenção ao amontoado de casas galgando a collina, aos nomes indigenas das avenidas, aymorés, carijós, goytacazes, nem á fresta, por onde passavam a vista da bahia e o desfilar dos carros á beira-mar. Subia ansioso a ladeira por entre casas, flammejantes do lado do sol e de muros cinzentos, carcomidos, do lado da sombra, cobertos de flores vermelhas, trepadeiras, latadas, caramanchões, mascarando a egreja, que no alto se posta em frente á barra, tendo á esquerda o morro espesso de Santa Thereza, no qual verticalmente sobem mil casas, atropeladas até repousarem na esplanada, onde se estendem os jardins, os parques e as casas em horizontal. Do largo da egreja, Philippe mirou a morada de Thereza. O sangue bateu-lhe forte. O sol, no Corcovado, por cima da casa, o tonteava. Parou anseado. Sorriu á alegria, que o tomava. Imaginou Thereza no mirante a chamal-o. Philippe fixou os olhos e tirou o chapéo, cumprimentando. No mirante um vulto claro agitou o braço. A mão batia. Philippe precipitou-se, rastejando o muro, espiado pelas bananeiras alegres. Foi furtivo e celere. Os olhos presentiam todos os movimentos da rua adormecida. Philippe temia que o vissem da casa dos amigos e receava um brusco arremesso de Jujú, que se lhe tornara odioso. Quando se viu no pateo da chacara, Philippe respirou sem animo de subir. Viera cedo demais para o jantar. O pejo das conviniencias o amargurava. Mas viera para encontrar Thereza só, sem o marido. E se assim não fosse, não explicaria a sua invasão. Era tarde para recuar. Avançou para o alto. O horizonte rasgava-se para o lado do mar e perdia o seu tempo, porque Philippe não o olhou. Fitava para

cima, dentro do silencio, cheio do vento, que corria, livre, a sacudir ruidoso as palmeiras e todas as folhagens. Subitamente Thereza appareceu no alto da escada. O vulto claro. O braço agitou-se, a mão estendeu-se. Os olhos de Philippe abysmaram-se em uma atmospherã azul amarella roseã, que emanava da figura de Thereza. Elles humedeceram ao contacto das mãos, que se apertavam. As boccas iam se fundir, quando o timbre alto da voz de Thereza as separou.

— Quanto tempo para chegar... Eu estava á sua espera e quando o vi, no largo da igreja, contei os minutos... Foi um seculo. Fiquemos aqui, no meu mirante até que os outros cheguem. Estou só, nem Lili ainda voltou do passeio.

Thereza falou muito, a alegria do imprevisto de estar sósinha com Philippe a excitava e manifestava-se em palavras e gestos, que tentavam disfarçar a extranha situação. Pouco a pouco a loquacidade se extinguiu e Thereza serenou em extase.

Philippe perguntou-lhe :

— Pensou muito em mim? Sim? O meu pensamento é tambem todo seu. Nada mais me interessa. Só quero a sua presença real para completar a idealidade, em que o meu espirito se inebria.

Thereza sorria, os olhos postos em Philippe, a bocca bebendo-lhe as palavras, que vinham vibrantes e insinuantes.

Murmurou :

— Como tudo é difficil entre nós! Eu quizera tambem vel-o, ouvil-o sempre. Seria tão bom... Mas ha tanta cousa, que nos separa.

Philippe arrebatou-se na ansia de vencer.

— Não diga assim. Farei tudo para estar sempre ao seu lado. Não temo nada, e abandono o resto só pelo encanto de contemplal-a. Virei todos os dias... Não? Porque? Receia o seu marido? Os outros? Ora não diga que é uma escrava, uina prisioneira... Libertação.

Thereza achou-se subitamente transportada a um plano irreal, em que as contingencias da sua vida restricta se annullavam para a livre ascensão dos sentidos e do espirito. Todo o ser de Philippe a desejava. Ella entregou-se maravilhada ás delicias supremas de ser admirada, querida, cobiçada pela voz, pelos olhos, pelo corpo e pela alma do homem, que ella igualmente queria, desejava e cobiçava. O entusiasmo allucinou-a :

— Philippe... meu... só meu...

Não falaram mais. Estavam unidos para sempre. As mãos enlaçaram-se. Os olhos abysmaram-se. As boccas sorriam, caladas e soffregas. No longo extase todo o mundo exterior, as maravilhas da luz, da côr, das formas, o sol, a agua, as montanhas, as arvores, incorporaram-se em Philippe e Thereza, que aspiravam a realizar pelo amor a suprema unidade universal.

O apparecimento de Lili deslocou o encanto e ella attrahiu-os para o seu universo infantil. Philippe brincou com a menina, contou-lhe historias absurdas, a fez rir e correr, enquanto Thereza seguia desvanecida a flexibilidade do adorado. Lili, enthusiasmada, queria mais brincadeiras, atirava-se aos braços de Philippe, que a beijava estrepitosamente. Estes beijos, Thereza queria para si, eram della, e porque iam para outrem? Interveiu para moderar a excitação da criança e ordenou a negra, que a conduzisse e lhe mudasse a roupa suada.

Quando ficaram sós, Thereza e Philippe recahiram no silencio. Um mesmo fremito os impellia um para o outro. Ella estendeu-se languida, ardente, o rosto pallido e fixo, os olhos enormes. Philippe segurou-lhe o pé, apertou-o nas mãos quentes e beijou-o com os labios frios, gelados. Absorveu longamente o calor capitoso da pelle de Thereza. Ella murmurou : adorado!... E, curvando-se sobre Philippe, levantou-lhe a cabeça e entregou-lhe a bocca fremente.

Quando puderam se falar, elles disseram a magia do

encantamento, a transfiguração da realidade, o absoluto da esperança. Elles louvaram a maravilhosa fatalidade, que os unia para sempre. Elles se alegraram no extase da unidade e entraram na vida eterna.

Estavam neste doce esquecimento, quando o automovel de Radagasio afugentou a beatitude, em que se abysmavam. A volta brusca áquella triste contingencia assombrou-os. O instante da alegria suprema lhes dera a sensação da perpetua e infindavel separação de todas as miserias.

Radagasio percebeu, ao descer do carro, Philippe ao lado de Thereza. Os olhos minguaram, a bocca franziu-se, o nariz fungou, as bochechas bateram acceleradas. Veiu a elles, exclamando :

— Oh! Já chegou?

Conteve-se logo. Radagasio queria parecer bem educado e corrigiu-se :

— É verdade que sou eu que estou atrazado. Desculpe-me de não estar para recebê-lo. Quando se vae ás corridas, nunca se sabe quando se volta. Não imaginam o que perderam... Quanta gente e que gente boa!

E vociferando para Thereza :

— Em vez de ter ficado aqui a olhar esta estúpida bahia e não fazer nada, era melhor que estivesse se divertindo nas corridas, como as outras...

Falando a Philippe :

— A minha vida é muito cacete. Vou a toda a parte sózinho, a minha mulher faz finca-pé de não me acompanhar a nenhuma festa. E não retribue visitas. Por isso estamos isolados, ninguem nos procura, não recebemos ninguem. Dentro de pouco tempo não seremos mais conhecidos. A minha vingança será, quando ella morrer, ninguem irá ao seu enterro e nem á missa do setimo dia. É uma ruina para a minha carreira e para a minha posição. Mas isto vae acabar. Você vae divertir-se, irá a toda a parte, fará como toda a gente. Agora, ultimamente, anda mais exquísita,

nem mesmo de automovel passeia. Não sáe de casa, anda distrahida, no ar, calada...

Thereza ficou rubra. Da bocca contrahida sahio um rancoroso :

— Não amolle.

Radagasio exultou com esta explosão de mau humor de Thereza. Invocou o testemunho de Philippe :

— É assim que me responde quando lhe falo. O senhor não viu nada. Cada insulto, cada palavra feia...

Thereza revoltou-se contra a mentira canalha. Ia repellir vivamente, quando o olhar de Philippe a prohibiu. Radagasio aproveitou para desaparecer.

Thereza explodiu :

— Oh ! homem nefasto. Que odio !

— Thereza, tu não pertences mais a este mundo. Coragem !

Philippe apertou-a nos braços, ella entregou-lhe a cabeça para o agasalho ineffavel e, enquanto as boccas se beijavam, os olhos della abysmavam-se em um céu luminoso, enorme, infinito, dominador da terra e eliminador das suas miserias.

Vieram chamal-os para o jantar. Arrancaram-se dolorosos da volupia e passaram, constrangidos, para o plano de Radagasio.

Este os esperava no salão. Estava de smoking. Espanto de Thereza. Radagasio explica a Philippe que aquelle traje de bom tom, elle sempre usa para jantar por causa dos criados. Balançando a cabeça, Thereza o desmente em silencio.

Á mesa, os dois homens de cada lado da mulher, mas Radagasio está isolado. Thereza e Philippe entendem-se nos pensamentos, nas palavras e nos sorrisos. Radagasio esforça-se para attingil-os. Fala de tudo, da comida, do tempo, dos divertimentos. Elles apenas o ouvem e continuam á parte, separados dessas importunas trivialidades. Radagasio não pode digerir. Mastiga alto e queixa-se do

estomago. Toma bicarbonato. Procura chamar a atenção sobre si. Os outros continuam indifferentes. Radagasio está exasperado contra Thereza, inclinada para Philippe, com a voz tão doce, os olhos beatificados. Philippe está radiante, transportado, e absorve virilmente todo o ser de Thereza. Ella o serve. Servir. Amar. Ocupa-se de Philippe : « Esta sopa, este badejo gorducho, este Perú, esta salada, esta gelatina », tudo para elle. As mãos de Radagasio ficam roxas, tremem frias. É o criado que o serve. Thereza á Philippe : « Estes morangos, este sorvete, champagne. » Radagasio levanta-se para vomitar.

Thereza e Philippe gosam a ausencia do homem verde. Riem, exaltam-se por tudo. Um seculo de alegria. O tempo immenso aprofunda-se nos seres extasiados e os une nas raizes immemoriaes. Podem apparentar superficies separadas, elles estão ligados para sempre na profundeza inabalavel.

Radagasio volta sorrateiro e fulo. Bate na mesa e grita :
— A minha camomilla.

Thereza e Philippe despertam assustados. Querem fugir. Os usos despoticos os detem, até que Radagasio acabe a tisana.

Fóra, no jardim, Radagasio seguiu Thereza e Philippe que se adiantavam para o mirante. A passagem para o escuro da noite o perturbava. Sentou-se no primeiro banco e dahi via os dois vultos olhando a immensidade. A intelligencia de Philippe o acabrunhava. Estava ahi o segredo da fascinação, que exercia sobre Thereza e da qual elle tambem participava. Seguramente Philippe estaria a dizer cousas maravilhosas, que deslumbravam Thereza. A emulação de se medir com Philippe o agitou. Ergueu-se do banco e caminhou decidido para o mirante. Para mostrar-lhes a sua educação e não pensarem que os vinha surprender, Radagasio tossiu na sombra. Quando se reuniu a elles, começou a interrogal-os sobre o que admiravam. Elles disseram que nada.

Radagasio sorriu e entendeu ser sublime :

— Pois admirem a bahia e o oceano. Que significação tiram dessa approximação singular?

Elles disseram que nada concluíam.

Radagasio ensinou-lhes :

— A bahia é feminina. Agasalha como um seio, sorri, orna-se, é doce, é faceira. Revolta-se, é ciumenta. O oceano é masculino, domina, esmaga, possui. Enche o mundo, afronta a terra, invade e fecunda o ventre da bahia.

Elles olharam-se, contendo o riso. O silencio, que fizeram, irritou Radagasio, que se mettu entre elles separando-os.

Desequilibrado com o desprezo, Radagasio bufava, tremia com as pernas, debruçado na janella. O seu impeto era esganar Philippe e esbofetear Thereza. Achou um derivativo em provocal-os sarcasticamente :

— O que é miseravel é uma bahia tão bella, uma obra divina, ser manchada por uns bandidos, que revoltam os navios de guerra. Esses canalhas só mortos á bala, como tudo que é revoltoso.

Thereza, rapidamente, perguntou a Philippe :

— E Jujú?

— Não o tenho visto. Ha dias que não me encontro com elle... respondeu Philippe.

— Jujú não me apparece desde aquella tarde do nosso chá. Elle anda nervoso, abatido. Porque?

Philippe não teve tempo de responder á interrogação de Thereza, porque Radagasio resmungou raivoso :

— O que elle precisa é de uma boa coça. É um pequeno malcriado, caprichoso e que a minha mulher estraga com uns agrados estúpidos...

Radagasio conseguiu irritar Thereza. Ficou surdamente satisfeito, quando a viu colerica.

— Não se metta com a minha vida, bradou Thereza, estúpido é você, que não tem a menor sensibilidade, que só quer espancar as crianças, maltratar os fracos. Mas sabe se

curvar diante dos poderosos... Isto é ser covarde... entendeu... covarde!

Radagasio mastigou as palavras com que ia responder. Os seus olhos batrachios apertaram-se e distillaram uma agua peçonhenta. As bochechas batiam...

— Cale-se, sua cabeça de esterco ...

Thereza deu uma gargalhada :

— Calar-me? Quem me manda? Você. Que esperança! Foi-se o tempo...

Virou-se para Philippe e continuou a falar com exagerado interesse de Jujú, seu amiguinho, seu companheiro das horas desertas e prometeu vel-o no dia seguinte. Philippe não a abandonou. Enojado com a provocação de Radagasio, apiedou-se de Thereza e aspirou para ella a suprema libertação.

— Tambem eu irei amanhã vel-o e nos encontraremos lá, disse altamente.

Para se destacarem de Radagasio e marcarem-lhe o desprezo, entraram a falar da familia visinha, a elogiar a bravura moral delles, a hospitalidade e o coração.

Radagasio fingiu que não os ouvia, disfarçou, olhando para fóra. Tudo se perturbava na sua cabeça. Elle resumia o mundo nestas duas obsessões, o masculino e o feminino, o oceano macho, a bahia femea...

Retirou-se do pavilhão e começou a vagar pelo jardim. Impulsos de vingança rythmavam os seus passos pesados. O seu desejo era matar. Mas logo acovardou-se e sorriu á idéa, que lhe veiu, de denunciar Philippe e os Vieiras, como conspiradores. Uma carta anonyma, á machina, escripta por elle mesmo sem cumplicidade de ninguem, que o trahisse. Estava feito. A policia o que queria eram denuncias, delações para se justificar e augmentar a verba secreta. Radagasio alegrou-se com o plano infallivel, estava acabado Philippe, liquidado Jujú e toda a maluquice de Thereza. Elle, triumphador, campearia como o marido, o dono, o senhor. Bravo,

Radagasio. Toca a disfarçar para que não desconfiem.

As mãos ardentes desprenderam-se, quando elles viram Radagasio approximar-se. Sorria com esforço. Procurou falar-lhes. Com difficuldade sahiam palavras engasgadas :

— Fizemos mal em ter ficado aqui. Podiamos ter dado um passeio de automovel. Ainda é tempo, querem?

Thereza recusou vivamente. Radagasio, conciliante, concordou em não passear.

— Sim, é tarde, são onze horas... e eu tenho de levantar cedo. Aqui, o senhor sabe, é regimen militar. Tudo marcha á hora. Sou homem da ordem. Não comprehendo esta gente bohemia, que vive com o desprezo do tempo. Não digo que não saia á noite, não vá ao theatro, a um baile, mas sempre em vespera de dia santo ou domingo. Nunca eu seria um revolucionario...

E riu gostoso para Philippe, saboreando a armadilha que lhe preparava. Philippe não pôde mais supportar a presença de Radagasio. Levantou-se para partir.

— Realmente é tarde. O senhor tem de estar cedo no banco. Não quero perturbar o salutar regimen da ordem.

Thereza ficou desamparada, quando Philippe a deixou. O seu impulso era segui-lo para a eternidade. Ouviu-lhe os passos vagarosos, com que elle descia a escada do jardim, tambem custando a desprender-se daquelle encantamento. Thereza ficou absorta em todos os sons, que podiam ser dos movimentos de Philippe na escuridão por entre as arvores e as flores.

De repente sobre a sua nuca sentiu um bafo quente. Era Radagasio, que lhe murmurava :

— Passou... Não se zangue... Façamos as pazes...

Ella o empurrou.

— Saia, miseravel, canalha!

Radagasio insistiu :

— Não fique brava. Eu perdi a cabeça por causa daquelle sujeito. Agora não se recebe mais elle, fica tudo como dantes. Vamos para o quarto. Eu vou tirar este smoking cacete...

Thereza não o ouvia mais. Os seus olhos devoravam a escuridão e fixavam-se na claridade do largo da igreja. Quando alli appareceu o vulto de Philippe, ella, arquejante, desesperava-se por se atirar para elle. Philippe voltou-se e deslumbrou-se reconhecendo Thereza, que o esperava. A visão transcendente parecia-lhe serena e bemaventurada. Saudou-a na ineffavel alegria da unidade. Thereza, transfigurada, bateu vivamente com as mãos. Debruçada sobre o espaço sorria e beijava loucamente Philippe.

Radagasio, que na sombra vira o transporte de Thereza, ficou apatetado. Batendo com os pés pesados, marchou sobre a terra grossa do jardim e recolheu-se para se libertar do smoking

XI

Thereza e Radagasio não dormiram essa noite. Passado o estupor, em que a bravura de Thereza o bestificou, veio a Radagasio o furor de dominal-a e batel-a. Do outro lado da porta Thereza sentia-se segura. Fechara-se resolutamente e foi com um sorriso vingativo, que seguiu a inútil tentativa de Radagasio para penetrar no seu quartó. Elle não ousou gritar e impor a sua presença. Experimentou resignar-se e desprezar a mulher, que o affrontava com aquelle enthusiasmo impudente por Philippe. A bocca esteve sempre secca a noite inteira. Radagasio bebeu uma moringa dagua, acompanhada de bicarbonato e de agua de flor de laranjeira. Tudo inútil. O pensamento trabalhava contra o repouso. Imaginou a carta anonyma, gosou as suas consequencias, a prisão de Philippe, a deportação e seguramente a morte pelo providencial beri-beri, que já havia liquidado tantos prisioneiros politicos. Veiu-lhe depois o medo das consequencias. Podiam descobrir ser elle o autor da denuncia. Quem descobriria? Thereza. Ella ligaria a prisão de Philippe ao seu desespero, ao seu odio, que tinha feito imprudente explosão. E Thereza exaltada, quanto mal lhe poderia fazer? Não tinha irmãos para soccorrel-a, mas uma mulher apaixonada não precisa de ninguem para vingar o seu amor. A evidencia desta banalidade, alarmou Radagasio. Thereza, desencadeada, iria ao extremo, fugiria de casa. Ruina de Radagasio.

Que fazer? O melhor era contemporizar, conquistá-la. attrahil-a á sua luxuria. Se outro a desejava, era por ser fascinante, appetitosa. As imagens lubricas accenderam-lhe o sangue. Thereza amava Philippe. Elle queria aproveitar das ardencias dessa paixão. Pensou possuir em Thereza a mulher de Philippe. Desforra. Veiu á porta, tentou abri-la. No silencio, Thereza seguia, alarmada, os ruidos inquietadores. Ouviu que elle a chamava insistentemente. Ficou hirta, agarrada aos lençóes. Só olhava a janella para por ahi escapar-se. Radagasio proseguia no impulso sexual. Supplicava, mandava e exasperava-se com a impossibilidade de entrar. Percebeu que Thereza o ouvia e ficou mais violento. Procurou forçar a porta. Com raiva, com desespero atirou-se contra esta. O baque inutil foi tremendo e abalou a casa adormecida. Lili acordou gritando. A negra deu um pulo da cama e de pé, virada para o corredor, berrava :

— É o diabo ! Ah ! Meu pae do santo, cruz capeta, Eixú ! Eixú !

Tudo acovardou-se. Ninguem se moveu nas trevas. Ninguem respondeu para tranquillizar o pavor. A noite continuou indifferente ás angustias humanas. No profundo socego, as madeiras, as paredes, crepitavam subtilmente.

De manhã, Thereza desesperava por communicar-se com Philippe. Revoltava-se com a certeza de que na casa delle não havia telephone, por um estúpido commodismo da velha D. Isabel. Detestou a velhice, a devoção, o tradicionalismo. Passou quasi todo o tempo no seu quarto, fechada, e só abriu, quando Lili a reclamou. A pequenina, ao vel-a ficou deslumbrada e agarrou-a muito. Thereza não pode adivinhar a exageração daquella ternura. O mysterio infantil é insondavel. Estavam as duas se entretendo docemente, quando uma criada avisou Thereza, que a chamavam ao telephone. Assustou-se. Pensou que seria Philippe, correspondendo assim ao seu intenso appello mental. Compoz um pouco a sua toilette, sorriu, mirando-

se de passagem no espelho, e correu para o telephone. Estava este tomado pelo marido, que dizia o seu allô com voz disfarçada.

— É para mim, gritou Thereza.

Radagasio largou o phone e cortou a communicacão.

— Não sei, é algum canalha que telephona, porque eu falei e não me respondeu. O sem vergonha fugiu... Ah! se eu o apanho. Quem é? Você deve saber, sua cynica!

Ella o fitou com um desprezo, um odio, que o tonteou... Levantou bem alto a cabeça para sustentar os pesados cabellos despenteados e voltou ao quarto. Lili desaparecera. Thereza ficou só no infinito desespero. Seguramente era Philippe, que vinha em seu soccorro. A maior ventura lhe seria ouvir a sua voz, que a transportaria para longe daquelle inferno. Esta alegria lhe fora roubada pelo homem ignobil, seu marido. Sentiu este maldito epitheto como uma marca de prostituição sobre o seu corpo, que seria o dom do seu amor a Philippe. Chorou raivosa e humilhada.

O resto da manhã foi torpe. Teve de almoçar com Radagasio, teve de fazer as mesmas cousas, que a tyrannia dos habitos impõe. Entendeu desferrar-se á tarde, indo a casa dos Vieiras, onde seguramente se encontraria com Philippe.

Jujú divagava ininterruptamente. Vivia alheio a todos, mettido em suas scismas. As tendencias contemplativas do seu espirito accentuavam-se no tempo perdido, em que fitava o mar, na indiferença aos brinquedos, no enjôo de qualquer estudo. A familia esforçava-se em distrahir-o e elle fazia corpo molle aos impulsos affectuosos, que procuravam arrancar-o das suas cogitações. Negava-se a ir a casa de Thereza e, se insistiam em leval-o á força, chorava aterrado. Ás vezes emmudecia e com difficuldade arrancavam-lhe respostas. Mas a esta depressão succedia uma excitação extranha e a criança disparava a

falar sem conexão, a narrar casos extravagantes, delirio de sonhos acordados. Nestes vinham sempre Philippe e Thereza, aquelle odiado e esta adorada. Mentia sobre elles, denunciava a sua intimidade, referia-se a abraços e beijos, que nunca vira. Essas affirmações, apesar do delirio, que as exaltava, foram convencendo aos que as ouviam do amor de Philippe e Thereza e aos poucos os actos e as attitudes delles eram interpretados pelo angulo da paixão. Para os rapazes, o desinteresse singular pela revolução, que iam notando em Philippe, era signal de amor. Para todos, o subito entusiasmo de Thereza pela revolução fora impulso da paixão por Philippe. O amor reagia differentemente e os acabrunhava com a sua força separadora, exclusiva e incoherente.

Quando, á tarde, ainda cedo, Thereza surgiu na casa dos visinhos, cortando a grande ausencia, só estavam as mulheres. Nunca ellas perceberam Thereza tão linda. Ou observavam nella a irradiação do amor e ficaram fascinadas por imaginação, ou na realidade Thereza fulgurava nos olhos scintillantes, na bocca carnuda e a sua voz, que de agora em diante devia musicar as palavras da paixão, tinha inflexões e sonoridades, que impregnavam de magia os que a escutavam. Aracy admirava com inveja a elegancia luxuosa de Thereza e não se cansava em louvar-lhe o vestido, os adornos, o chapéo, a bolsa e tudo que realçava, com desenhos e côres, a formosura admirada. Thereza affligia-se com aquella analyse, que por instincto lhe parecia cobiça. Para se furtar aos louvores e socegar a inveja de Aracy, prometeu-lhe o vestido, chapéo e bolsa do mesmo gosto. A interesseira ficou maravilhada. D. Calú vexou-se com a ganancia da filha, mas não ousou reprehendel-a. Era a mãe fraca, a mãe brasileira. Desviou a conversa para Jujú, a sua inquietação. Contou a Thereza as crises do menino, o seu amor por ella, que tanto a impressionava, parecendo amor de homem... Escondeu as aventurosas revelações,

que Jujú fazia da paixão de Philippe. Esta situação aborrecia Thereza, que bravamente quiz affrontal-a para esclarecel-a e desannuiar o ambiente das allucinações infantis, que davam a todos desalento e morbidez. Pediu a Aracy que fosse buscar o menino. Enquanto o esperavam, Thereza arrastou a conversa para a politica, ardendo por chegar até Philippe. D. Calú confirmou-lhe a perseguição feroz da policia, os crimes, as infamias do governo e lamentou a inercia de certos revolucionarios.

— Não sei o que se passa. Eu noto todos mysteriosos. Sei que alguns trabalham. Não me dizem o que fazem, mas eu percebo que ha esforço para resolver a situação que não pode ficar assim. Desgraçadamente muitos estão, afrouxando. Mesmo alguém, que era a cabeça, a intelligencia forte, o enthusiasmo inexgotavel... este já não apparece e os rapazes estão tristes, porque sentem o seu desinteresse...

D. Calú não ousou nomear Philippe nem precisar os motivos, a que attribuiam a distração daquelle, que foi um dos orientadores. Thereza jubiloou intimamente, mas teve pudor da força, que arrebatara Philippe á revolução. Não queria vangloriar-se e não sabia até que ponto tinha direito de enfraquecer o movimento, desviando-lhe um chefe, um criador de enthusiasmo. Thereza não interrompeu D. Calú. Esta atrapalhou-se com o silencio e para se equilibrar fez-se, sorrindo, confidencial :

— Ah! Não lhe conto nada. Temos aqui um segredo, que eu vou lhe confiar. É verdade que não estou autorizada mas a senhora é tão nossa, que seria deslealdade guardarmos escondido...

A confidencia foi interrompida com a entrada de Jujú, quasi arrastado pela irmã.

— Como está mudado ! exclamou, sem querer, Thereza, estendendo os braços para o seu menino. Que saudades, meu bemsinho. Não quer mais á sua Teté?

Júju sahiu do seu abatimento e avançou timido para os

braços, que o queriam. Thereza beijou-o, interrogativa.
— Diga o que você tem? Porque está triste? Vim buscal-o para jantar commigo.

A criança suspirou e não respondeu. Foi Aracy, que gracejou :

— Este bobo estava fazendo luxo para vir á sala e quando se resolveu, exigiu se vestir com a roupa nova e perfumou-se todo.

Jujú ficou acabrunhado de vexame e escondeu a cabeça no braço de Thereza. Um calor extranho do corpo infantil alarmou a mulher.

— Mas este menino está com febre. Meu Deus, que será isto?

D. Calú não queria acreditar em febre, mas a insistencia de Thereza a tornou apprehensiva. Aracy, desinteressada, continuava a examinar os objectos de Thereza com uma, familiaridade cigana.

Thereza poz-se a engabelar Jujú, que, pouco a pouco, foi se libertando do pesadelo, que o esmagava e entrou a sorrir deslumbrado para o seu idolo. Inebriou-se do perfume carnal de Thereza, deleitou-se em ouvil-a e acariciar-lhe a nudez dos braços.

D. Calú sacudiu o torpor desta languidez, ansiosa por descobrir a Thereza o segredo da casa.

— Bom, agora vou-lhe mostrar o que prometti... o nosso segredo. Ih! eu imagino a sua curiosidade... Espere um pouco, eu já volto... não lhe digo nada.

Sahiu radiante de revelar o que estava tão guardado. E rindo, mais lepida, desapareceu.

Para desferrar-se de tanto segredo, Thereza quiz descobrir a surpresa, antes que D. Calú voltasse. Indagou de Aracy, que, rindo muito, se negou a falar, contente de intrigal-a e entrar no jogo da familia. Jujú debatia-se por saber do que se tratava. Não atinava com o sentido das palavras da mãe. Para satisfazer Thereza, insistia que Aracy contasse.

Colerico, gritou-lhe :

— Conta, conta, sua burra...

Aracy deu-lhe um tapa. Jujú desprendeou-se de Thereza e atirou-se a ella, mordendo-a e dando-lhe ponta-pés. Foi nesta occasião, que D. Calú entrou alviçareira :

— Apareça a surpresa ! Não tenha medo, Monteiro.

Monteiro appareceu encalistrado e antes de ser apresentado a Thereza estendeu-lhe a mão, que ella apertou sem comprehender nada.

— Era esta a surpresa, explicou verbosa D. Calú. Este rapaz chama-se Raymundo Monteiro e é um dos mais audazes e famosos revolucionarios. A senhora está conhecendo um verdadeiro heróe. Com certeza Philippe já lhe falou nelle...

Thereza disse que não. Espanto de D. Calú, que sondou assim mais uma vez o desinteresse de Philippe pela causa.

— Não faz mal. Elle devia lhe ter posto mais ao par de tudo, que é o movimento e que é a vida delle...

Olhou vingativa para Thereza. Naquelle momento uma zona de odio estendeu-se entre ambas. D. Calú via em Thereza a força, que desviara Philippe e Thereza detestou esta causa, que absorvera Philippe e que ainda podia ser um perigo para o seu amor exclusivo e despotico. Emquanto não tinha o amor de Philippe, alardeava, para agradal-o as idéas e as paixões politicas revolucionarias. Depois da revelação do amor, afastava, ciumenta de tudo o que podesse transviar da unidade do extase o seu adorado.

— Mas o senhor ainda tem esperança de successo? Não pensa que é inutil continuar a luta? perguntou Thereza a Monteiro, com desdenhosa inflexão de desanimo.

Monteiro foi eloquente. Affirmou a sua fé. Declarou-se prompto para todos os sacrificios. Narrou-lhe a sua vida de combatente, os perigos por que passou, a actividade que desenvolveu. Exaltou os seus companheiros sublimes, os chefes, os conductores, os organizadores. E, no enthusiasmo, disse que, mesmo foragido, como estava, conti-

nuava infatigavel na conspiração para salvar o paiz da canalha infecta, que o flagellava cruelmente.

O ardor de Monteiro commoveu Thereza, mas ella não se sentiu novamente contaminada pela chamma revolucionaria. O seu espirito librava-se em outro plano.

Quando Vieira entrou, Jujú afastou-se rapidamente do collo de Thereza. O pae o intimidava. Receou que lhe ralhasse por aquella falta de modos. Vieira estava atormentado com a saude do menino e, sem mostrar muita alegria pela visita de Thereza, foi logo indagando da sua impressão sobre Jujú.

— Não acha que está definhando? Este gury não brinca, vive no ar, tristesinho. Aqui em casa querem que se chame o medico. A senhora tambem pensa assim. Mas eu não estou de accordo. Todos os nossos males são espirituaes. Jujú está sendo perseguido por algum espirito, que tem de soffrer por crimes em outra vida. Tudo é mysterio. Estamos fazendo pesquisas no meu circulo espirita e ainda não chegamos a um resultado, sempre apparecem espiritos zombeteiros, que perturbam as invocações. Ainda hontem estavamos chamando o proprio Allan Kardec e quando este espirito divino ia nos esclarecer, veio um espirito mau que estragou tudo e Allan Kardec retirou-se, furioso, derrubando a mesa, apagando as luzes, batendo com as portas. Sempre é assim, quando quero saber o que se passa com o menino. Seguramente o espirito que está nelle, purga algum crime horrivel e não é possivel acalmal-o, emquanto não cumprir a pena.

Jujú seguia esta explicação obscura, aterrado com os esgares do pae, a voz tumular, com que declamava e sentenciava. Os outros ficavam acabrunhados com estas emanções da loucura e da miseria humana. D. Calú puxou o filho para si e tristemente, quasi chorando, ia dizendo :

— Ah! Aristides, você está mettendo tanto medo ao pequeno. É maldade. Não, meu filhinho, tu não tens o demonio ou espirito mau no teu corpo. Nossa Senhora da

Gloria te livrará de toda esta bruxaria. Para a semana começo a novena e eu cumprirei a promessa, que fiz...

O condemnado olhou enternecido para a mãe, que ia livral-o do demonio. Thereza veiu tambem ao soccorro da criança, prometteu-lhe presentes e passeios. Vieira achou ignobil a superstição feminina. Virou-se para Monteiro :

— Rezas, novenas, santos, promessas, como tudo isto é inferior. Religião corporal, selvageria. Para esta gente só ha morte e por isso veneram os cemiterios, templos da podridão. O espiritismo mostra que não somos donos dos nossos corpos e nos impelle ao desapego de tudo, que é terreno e vão...

Monteiro sacudiu enjoado a cabeça, desesperado por se libertar daquelle circulo, em que fanaticos se debatiam em volta de uma pobre criança, torturada por uma psychose mysteriosa. Só a intelligencia de Thereza lhe pareceu clara naquelle chaos. Aracy estava indifferente e caceteada vendo a sua tarde perdida. Esperava do imprevisto uma salvação, que a levasse para longe. Alvorçou-se quando tocaram a campainha. Correu para abrir a porta. Ouviram na sala os seus gritos :

— Meu Deus... que susto ! Pensei que fosse alma do outro mundo... Entre... Minha gente, não se assustem, ahi vae o fantasma... o espirito... livra !

Philippe entrou, seguido de Aracy ás gargalhadas, curiosa de ver o espanto de Thereza. Não viu nada. Thereza disfarçou a sua alegria. Não falou. Apenas os olhos e a bocca sorriam na beatitude. Monteiro festejou a apparição de Philippe. D. Calú o recebeu com o mesmo alarido da filha.

— Que milagre, sim senhor ! Quero saber qual foi a santa, que fez o milagre...

Aracy deu uma risada vibrante e garota :

— Será Santa Thereza ? É a santa da moda...

Felizmente Vieira interveiu, indignado :

— Sempre esta mania de santos. Os santos podem ter

sido espiritos superiores. Não se nega. Mas não ha milagres. O que ha é a intervenção do criador pela legião de espiritos encarregados da nossa regeneração, para nos tirar das trevas, em que temos jazido por seculos.

Aracy ficou desconcertada e não receou cortar a verbiagem do pae.

— Papae, deixe dessas historias, não está vendo que Philippe está boiando...

Na realidade, Philippe não estava desnorteado apenas com o espiritismo de Vieira. Todos os daquella casa lhe pareciam differentes e desencantados. O proprio Monteiro estava transformado. A barba crescera para disfarce e diminui a originalidade do rosto avermelhado, em que se dependurava o volumoso e atrevido nariz. Thereza, sim, era o seu mundo, o seu universo. Deslumbrou-se em contemplal-a e, com ella, formar a unidade isolada dos seres, que os rodeavam. As suas menores palavras tinham um significado profundo, que era mysterioso para os outros. Por esses fios esparsos de conversa, pela voz que ás vezes estava dolente e supplicante, pelos olhos postos nelle, Philippe entendeu tudo o que soffrera, desejava e esperava Thereza. Quiz leval-a comsigo e ouvil-a e sentil-a na confidencia allucinante.

Jujú estava inundado de suor frio, desde que viu Philippe. Rápidas olheiras faziam sobresahir o sinistro fulgor dos olhos. Quando Philippe e Thereza se falavam, o menino tremia de raiva. Os queixos bateram forte. A mãe assustou-se e, com o olhar, mostrou a criança a Thereza.

Philippe percebeu a afflicção de Jujú e aproximou-se.

— Vem cá, Jujú... Vamos passear, vamos lá dentro, vamos ver o mar... Quanto vapor está passando! Tu vaes me explicar.

— Sáe, sáe...

Foi um grito desesperado. Instantaneamente o tremor passou, o suor seccou e a criança enfrentou o homem. Este, sorrindo e desapercibido, foi querendo segurar o

menino. Jujú avançou e cravou os dentes na mão de Philippe. Mordeu com violencia. Sacudia a cabeça e olhava possesso com os olhos desvairados, que logo se injectaram de sangue. Ficaram todos atordoados. Thereza avançou para livrar Philippe e sem pejo deu uma pancada no peçoço da criança.

— Larga, menino malvado...

Aracy, envergonhada e furiosa, esbofeteou o irmão.

— Cachorro damnado... larga.

Jujú largou e correu fugindo da sala. Ouviu-se o seu choro convulso, doloroso.

— Eu não disse que havia um espirito mau nisto, triumphou Vieira e foi observar o possesso.

Foram se recompondo, procurando attenuar as tristes e extranhas impressões, que os aborreciam. Monteiro experimentou conversar sobre a revolução, indagando de Philippe a situação, em que se achavam. Notou, com pasmo, a falta de informação de Philippe, que habitualmente era o mais sabedor de todos.

— Que diabo, onde tens te mettido, rapaz? Andas no ar...

Philippe desculpou-se frouxamente com os olhos attentos em Thereza, que recebia assim a doce homenagem da sua absorpção. A grande amizade de Monteiro perdoou o amigo e inspirador. Quiz informal-o do que tramavam e com voz baixa foi-lhe segredando os designios e os planos da nova conspiração.

D. Calú continuava a conversa com Thereza e, de repente, lhe deu uma novidade, de que se ia esquecendo :

— Estou esperando por estes dias uma sobrinha, que vem do Maranhão, do interior, é a Ritinha, filha de minha irmã fallecida ha tempos. Ha um anno morreu o pae. Não ficou pobre, mas não tem ninguem no mundo, mandei buscal-a. Coitadinha. Não a conheço, nasceu depois que nos mudamos de lá. Mas, filha de minha irmã, minha filha é.

— Era o que faltava... resmungou Aracy. Eu é que não estou para desmamar matutas... Mamãe que se fique com a tal Rita.

Thereza não prestava muita atenção ao que diziam D. Calú e Aracy. Esforçava-se em vão por ouvir o que segredavam Monteiro e Philippe. Receava tudo da seducção revolucionaria. Sabia que a revolução fora o interesse exclusivo de Philippe antes do amor. O instinto lhe revelava a attracção soberana, que exerce nos entusiastas o risco fascinador da acção libertadora. Temia. O seu impeto era cortar aquella conversa de segredo, arrancar Philippe de tudo aquillo. Desesperada entrou inconveniente a interrompel-os. Á principio, com perguntas revolucionarias, fingidas de devotamento á causa. Depois, pulando para outros assumptos frivolos, cujo sentido só Philippe percebia. Com o olhar meigo, convidou-o a acompanhá-la. Levantou-se, despediu-se, no meio de effusões dos que ficavam. Philippe não teve escrúpulos em segui-la. Aracy os levou até a porta. Nem Monteiro, nem D. Calú foram á janella. D. Calú gritou para a filha :

— Volta para dentro, menina abelhuda.

Aracy obedeceu. Veiu gingando e berrando :

— Puxa, seu Mundico, é amor a bessa !

Na rua sem sol, a sombra era cinzenta e fria. Não se falaram logo. Sentiam por detraz o olhar de Aracy. Quando chegaram ao portão da sua casa, Thereza viu que estavam sós e logo perguntou a Philippe o que dissera Monteiro. Philippe contou o que ouvira e o convite, que lhe fizera o amigo, para uma reunião de conspiradores naquella noite. Confirmou a Thereza a sua recusa.

— Massada. Mas eu não me sinto com disposição neste momento. Elles vão ficar amollados commigo, mas sou sincero. Não posso fazer nada forçado. Sei que a revolução é necessaria para o paiz, mas não a tenho como essencial

para o meu ser. O que aspiro é a ti, minha paixão! Na tua magia, no teu sublime encantamento, eu sou um contigo e vivo a eternidade.

— Philippe, tu és unico e immortal. Eu sou gloriosa! Meu amor...

Ousadamente, alli, em plena rua, á porta da casa, elles se beijaram. Foi um longo, violento e arrebatado beijo, do qual sahiram maravilhados. Philippe enlaçou Thereza e foi docemente levando-a pela socegada rua acima. No largo da igreja não olharam o mar e não se importaram com a tarde morrente. Estavam voltados para a magia interior dos seus seres. Subiram para o pateo da igreja e se julgaram immensos, infinitos, sobre todas as cousas. Thereza, que anseava por desabafar as miserias da sua noite e da sua manhã e dizer o seu odio do infame, esqueceu-se do que soffrera e só falou da sua alegria transcendente. Disse que se recolhera á sua deliciosa solidão e que alli evocara a imagem do adorado, vivera as suas palavras sublimes, inebriara-se na solemnidade de tudo o que se passara. Disse a sua felicidade do inicio da grande e sublime vida. Que era a sua existencia antes? O nada, o vacuo, a tristeza sem fim. Philippe a criara. O amor é o supremo criador. Ella nascia para a vida eterna. Tinha a sensação da immortalidade. Mas era humilde deante da grandeza da paixão inspirada. Que doçura em affirmar que era o seu primeiro amor, que orgulho desta sensação em homenagem á paixão de Philippe. Contou a alegria do seu amanhecer na segurança da unidade. Que ansia de rever Philippe, de ouvir a voz, que a transfigurava, e receber a maravilhosa claridade dos seus olhos e as caricias irreaes, que lhe davam o fremito allucinante.

Philippe exclamou :

— O' minha alma musical... Canta este amor que tu me revelaste e que é a minha paixão. Todo o meu ser vive em ti um divino extase. Tu me deste a eternidade, ó gloriosa. Eu estava na duvida, na angustia. O amor dissi-

pou toda a tristeza e, por elle, eu vivo na perpetua alegria...

Passavam na calçada em baixo os amigos de Philippe, que os viram. Desviaram o olhar. Não fizeram mais o menor movimento para cima. Philippe e Thereza deixaram, indifferentes, que continuassem o seu caminho. Elles proseguiram na tenacidade revolucionaria, cheios de piedade humana, ardentes de mysticismo politico. Philippe integrava-se no Universo pelo amor.

Thereza e Philippe estavam abysmados, quando o sino da egrejinha os sobresaltou, tocando Ave-Maria.

Erguem-se. Os olhos olham-se. As mãos apertam-se. As boccas unem-se. O sino alegre-se. Descem. O largo resoa. Os passos vibram. Os corpos cortam o ar sonoro. A brisa passa. As bananeiras cortejam.

XII

Ritinha chegou. Muito cedo, Aristides Vieira estava no cás. Logo que o vapor atracou e foi desembarçado, eil-o um dos primeiros a bordo. Nos salões, nos corredores, no tombadilho era uma algazarra de nortistas, que chegavam, e nortistas, que os recebiam. Vieira, alegre, gosava das vozes altas, cantadoras, estridentes, que o atiravam para o passado provinciano. Muito á vontade, despachava-se para descobrir a sobrinha. Não tardou que lhe mostrassem a familia, que a trazia do Maranhão. Sem cerimonia, foi logo perguntando :

— Cádê a Ritinha?

Apontaram-lhe, por entre clamores festivos, uma moça pallida, magrinha, de cabellos compridos, castanhos escuros, como os seus grandes e doces olhos. Aristides disse quem era e a moça atrapalhada, sem falar, beijou-lhe a mão, enquanto elle a abraçava. Logo os outros se puzeram a elogiar Ritinha, que fora o encanto do vapor, o mimo de todos.

— Ah! O senhor não imagina, disse uma mulher esgançada de cara de cigana, por baixo de um desabado chapéo de palha com fitas e flores, como a sua sobrinha foi a feiticeira de bordo. Todos a queriam, para dansar, para cantar, para brincar. Hum! hum! ficou muita gente de aza cahida... Diga, Ritinha, não é?

— É uma maranhense que nos orgulhou no vapor,

affirmou uma mulher redonda, de lunetas com trancelim de ouro, embrulhada em um capote. Nem as pernambucanas emproadas podiam competir com ella. Para cantar ao violão, não se fala, para jogos de prendas, adivinhação, para um tudo, a primeira.

Aristides sorria lisongeado e agradecia o incommodo de trazerem a sobrinha e os elogios, que lhe faziam. Afflicto por se safar das tagarelas, dizia a Ritinha :

— Muito bem. E as bagagens?

Um moço cortou-lhe a retirada. Entendeu tambem louvar Ritinha. Sacudiu os cabellos crespos, um sorriso triangular escancarou-lhe a cara e passou-lhe pelos dentes dourados. Levantou os braços e, aflautado, cantou para Aristides :

— A Ritinha é uma sylphide na dança e no canto um rouxinol, uma Philomela. Sempre a nos maravilhar. Ainda esta madrugada estavamos no tombadilho de cima, para apreciar o incomparavel espectaculo da entrada desta magestosa bahia e admirar o Gigante de Pedra. Emquanto esperavamos o instante divino, Ritinha cantou umas modinhas tão chorosas, que todos tivemos as palpebras humedecidas.

— Mas como o senhor, seu Chrysostomo, recitou o Gigante de Pedra ! que voz maviosa, bem merecido nome, bocca de ouro, ciciou uma mocinha, cortejando o angelico mancebo.

— O merito é todo de Gonçalves Dias, o maior poeta do Brasil de todos os tempos... respondeu corando.

— Lá isto não, interrompeu sarcastico um rapaz baixote e escuro, o primeiro poeta é Castro Alves.

— Oh ! bairrismo ! Sim senhor, seu Maneço, bem se vê que o senhor é bahiano, disse a maranhense esganiçada. Quem é o cantor de « minha terra tem palmeiras »?

— E do « emfim te vejo, emfim posso »?... interrogou suspirosa outra maranhense.

— Seu Maneco, tire o cavallo da chuva com o seu

bahiano, berrou uma velha desabusada. Gonçalves Dias é o nosso primeiro vate.

— Mas quem ficou toda babada, quando eu declamei o « Navio negroiro »? replicou o bahiano.

Ardente, recomeçou :

— « 'Stamos em pleno mar »!...

Uma mão rápida tapou-lhe a bocca, enquanto uma voz de moça despeitada ia resmungando :

— Muito bem, seu Maneco, esta cá me fica. Ainda hontem o senhor me jurou que o primeiro poeta é Gonçalves Dias e agora se desdiz! Vá a gente acreditar em jura de homem...

Aristides Vieira agarrou Ritinha pelo braço e foi levando-a para baixo, ordenando-lhe, nervoso :

— Vamos ver a sua bagagem, menina.

Quando chegaram ao camarote, já de porta escancarada, Aristides estacou deante de uma preta velha, que lhe pediu a benção. Vieira olhou interrogativo para a sobrinha.

Ritinha saboreou o espanto do tio, e rindo explicou suavemente :

— Titio não se lembra mais? Esta é Andreza, minha mãe de leite, que me criou. Foi impossivel deixal-a lá no Rosario, sósinha. Não posso me separar della. Trouxe commigo. Fiz mal?

A preta velha abriu os beiços roxos, triumphante, mas os olhos cançados, ficavam parados no perpetuo pasmo. Vieira conciliou-se com a situação, sabia o genio hospitaleiro da mulher e quanto á casa, era vasta.

Desceram para o cáes. Ritinha ficou atordoada com tanta gente, tanto guindaste, tanta machina. Os companheiros de viagem diziam-lhe adeus, e ella, apatetada, mal lhes falava. Vieira tratou de leval-a para fóra com a preta e as bagagens. E só, quando teve de tomar a conducção, notou a bicharada, que Ritinha trazia. Eram gaiólas com mutuns, jacamins, papagaios, periquitos, uma com uma veada, outra com macacos e sauins, além das de passa-

rinhos, sabiás, graunas, curiós, patativas, cardeaes, chechéos e um tucano. Em uma gaiola de que Ritinha não se separava um delicioso corrupião, amarello claro, de encontros e rabo pretos.

Vieira desanimou. Era a sobrinha cantadeira, seguida de bichos e passaros, que lhe invadia a casa. Misericórdia.

Tomou um caminhão para as malas e as gaiolas, e metteu-se em um taxi com Ritinha, a velha Andreza ao lado do chauffeur. Ritinha foi achando tudo incommensuravel, avenida do porto, praças, automoveis, gentes. A sua mocidade reagia contra a confusão, em que se baralhavam as cousas e as massas. Fazia um esforço para discernir, separar e admirar. Vieira ia explicando logares e objectos. Ritinha não prestava muita attenção aos nomes e as qualificações. Ella ia recolhendo as suas impressões directas, simples, das formas, das côres, dos sons, dos movimentos e na imaginação ia criando a cidade fantastica e inverosimil. Quando dobraram para a avenida Beira-Mar, ficou abysmada da apresentação dos morros verdes e cobertos de casas e dos morros seccos a pique sobre a agua azul, faiscante.

— É alli que moramos, explicou Vieira, mostrando a collina da Gloria.

— Que bonito, titio. Olha, Dedeza, uma egreja no alto. Você está vendo?

A preta velha não via nada, mas benzeu-se e poz-se a rezar. Ritinha levantou a pequena gaiola do corrupião e apresentou-lhe o panorama :

— Está ahi, seu Vivi, o que eu lhe offereço, está belleza. Valeu ou não valeu sahir do nosso Rosario e vir para aqui? Agora você vae aprender as cantigas da gente da terra para assobiar para titio...

Vieira estava aterrado. Pensou o diabo, mas conteve-se, complacente, sorrindo como se sorri aos loucos.

Não precisaram klaxonar para dar aviso da chegada á

casa. Logo que entraram na rua do morro, Vieira avizou Ritinha :

— Lá está na janela a sua tia com o Manuel, lhe esperando.

Os dois carros pararam ao mesmo tempo á porta da casa.

Emquanto Vieira se occupava do pagamento e de fazer descarregar a singular bagagem, D. Calú veiu á porta e abraçou-se á Ritinha.

— Minha filha do coração... Que saudades de tua mamãe, a minha Dondon... Coitada, no céu! Mas tu és o retrato della quando tinha a tua idade. Que bonitinha! Não é Manuel?

Ritinha, atrapalhada com a gaiola do Vivi, beijava e abraçava a tia, de lado. Para ter mais liberdade a matutinha não se intimidou. Entregou a gaiola a Manuel.

— Tome cuidado, não deixe elle fugir, é o meu companheiro. Dindinha, a sua benção. Olhe quem eu trouxe, a Andreza...

— O que? tu és a Andreza?... Quasi não te conhecia... Tantos annos...

— Ah, Nhanhã, o tempo está pesando nestes ossos velhos... Quando Vosmecê nos deixou, Ritinha não era nascida, eu era ainda mucama da fallecida... Uê! terra fria, a gente nem pode falar de tremura, livra, meu São Benedicto.

Na sala de jantar, as gaiolas ficaram espalhadas pelo chão. Manuel collocou a do corupião sobre a mesa. Ritinha ficou muito inquieta e perguntou alvoroçada :

— Tem gato?

Socegou com a segurança que lhe deram de não haver na casa nenhum animal. Aquelles eram para elles uma extranha novidade. D. Calú levou a sobrinha ao quarto que lhe destinara e tratou de agasalhar a velha Andreza. Perguntava noticias maranhenses, commovia-se, exclamava, ria-se, encantada com este encontro familiar.

Trouxe de novo Ritinha á sala de jantar para resolver o problema dos bichos. Ahi estavam Monteiro e Pedro, que, com Manuel, se entretinham em examinal-os. Ritinha familiarizou-se com os rapazes, admirada dos conhecimentos de Monteiro, que sabia de todos aquelles animaes. D. Calú tratou de desencavar Jujú, que estava adoentado e não se levantava, assim facilmente, da cama. Afinal o trouxe. O menino esverdeado, febril, teve um relampago de alegria com a novidade de tudo aquillo em sua casa. Era o jardim zoologico, que lhe vinha como em um sonho. Mas era o jardim dos bichos sem a sua Thereza. Este pensamento o affligiu e o petrificou deante das gaiolas. Ritinha tentou inutilmente o fazer falar, vibrar com os seus animaes. Jujú manteve-se mudo, apenas curioso das piruetas dos macacos e dos movimentos inquietos das aves, atordoadas com o vozerio humano.

A ultima pessoa da casa, que appareceu, foi Aracy. Veiu muito arranjada, com os cabellos louros bem ondulados e um vestido ousado. Ritinha ficou intimidada com a entrada arrogante da prima e esperou que esta lhe falasse. Aracy a examinou e mal a saudou. Mostrou-se exageradamente horrorizada com as gaiolas. Motejou da maranhense e seu rancho.

— O que você pensava do Rio de Janeiro para carregar esta bicharada? Que isto aqui era uma especie de Cajapió, Codó, Cururupú? Sei lá! Olhe, mamãe, o melhor é mandar tudo para o Jardim Zoologico... Que budum!

Manuel amparou Ritinha, ralhando com a irmã, que era uma tola e não sabia apreciar aquellas maravilhas. Ritinha ficou contente e entrou a elogiar os seus companheiros. Falou-lhes. Brincou com elles. De repente todos os bichos exaltaram-se, ouvindo as palavras meigas e decisivas da dona e dominadora. Os macacos pulavam alegres e guinchavam ruidosos, os mutuns piavam, os jacamins roncavam cavernosos, cantavam os curiós, as patativas ligeiras, as graúnas altivas, os sabiás saudosos.

O chechéo os imitava zombeteiro. Trepado no dedo de Ritinha, o corrupião, livre, luminoso, solar, assobiava uma canção do norte, doce e vibrante. Só o tucano não dizia nada. Produzia a magia da cór.

A manhã inteira passou-se nesse encantamento. Ritinha soltou a veada, a sua Sinhá, que a acompanhava pela casa toda. Ao almoço o corrupião estava no seu hombro e, de vez em quando, lhe tirava da bocca grãos de arroz. Jujú estava pasmo e distrahido. Ensaçou ver se o passarinho lhe fazia o mesmo, mas o corrupião se recusou e vôou para a janella. Os rapazes ficaram inquietos, imaginando que o passaro fugisse e com elle o maravilhoso sortilegio, que já os prendia. Ritinha assobiou e orgulhosa recebeu no dedo o corrupião obediente. Ordenou-lhe que tambem assobiasse e elle assobiou um sonoro maxixe. Perguntaram-lhe porque o chamava de Vivi.

Ella explicou, enleuada :

— Porque o moço que me deu chama-se Viriato. Eu então puz na lembrança delle o nome porque eu o chamava. Elle agora está no Amazonas, mas um dia virá aqui...

A passagem do amor deu um grande silencio na mesa.

Aracy não falou todo o tempo, irritada com a transfiguração da casa. Depois do almoço Vieira partiu para a repartição. Aracy mettu-se no quarto. Os rapazes rodeavam Ritinha e brincavam, como ella brincava. Não tardou que exigissem o canto. Ritinha appareceu com o violão, a Sinhá ao seu lado e Vivi no hombro. Poz-se a cantar cousas tristes, que os balançava suavemente, como em uma sésta no sertão quente em uma rede de varandas de crivo. Passou o violão a Monteiro, que a principio tocou solos simples e depois elevou-se a chromaticas rendilhadas e fulgurantes. Conheceram a mestria do errante, mas, quando o ouviram cantar com a voz rachada, falsificando o sertanejo, espocaram a rir. Monteiro gosou o seu esperado fracasso e entrou a cantar ainda mais falsete, modinhas

brejeiras, cantigas atrevidas de vaqueiros, emboladas, côcos e maxixes capadocios.

Levaram assim um dia nortista, um gostoso dia vadio e, quando foi á tardinha, D. Calú espreitava na janella a passagem do automovel de Thereza. Logo que o percebeu, fez signal que parasse. Veiu á porta e convidou Thereza a entrar.

— Desculpe, mas é por pouco tempo. Quero que a minha sobrinha veja a senhora.

Thereza desceu do carro e entrou graciosa na atmosphera da admiração. Desta vez Jujú precipitou-se para ella e abraçou-lhe as pernas. D. Calú mostrou-lhe Ritinha. A maranhense ficou boba. Nunca vira uma mulher assim. Thereza sentiu o pasmo do encantamento e o seu inconsciente feliz multiplicou a seducção. Chamou Ritinha aos seus braços, beijou-a e falou-lhe com a suprema meiguice da sua voz quente e musical. Ritinha não rompia a fascinação. Deixava-se vencer extatica. Foi Jujú que, ciumento, desviou Thereza para mostrar-lhe a bicharia. Thereza tinha muitas daquellas aves em casa, mas, não conhecia o corrupião, que a maravilhou. Ritinha não sabia como explicar tudo aquillo. Monteiro foi o interprete da fauna nortista, transportada pela moça cantadeira.

A visita foi curta. Thereza pediu a Ritinha que a fosse ver com Jujú para mostrar-lhe os seus passaros. Já Ritinha quiz dar-lhe dos seus. Ellas se entendiam nesta attracção do encanto animal.

Só depois que Thereza partiu, appareceu Aracy. Logo que a viu, Ritinha disse-lhe enthusiasmada :

— Stá ahi, a Thereza tambem tem cabellos compridos.

Aracy deu um muchocho :

— Sua tola, Thereza não conta. Está fóra da canôa. Olhe, mamãe, en vou jantar em casa da D. Genoca... Ufa!

Na beatitude do amor Philippe renunciou ás acções, que o ligavam aos outros homens. Renunciou á gloria e ao poder. Exaltou-se na exclusiva actividade do amor. Que

maior acção que a do amor? Arrebata-nos da relatividade mesquinha, da-nos a separação bemfazeja, torna-nos criadores de novos valores, de um mundo, em que o nosso ser se **augmenta**. Nenhuma actividade mais poderosa, nem a da sciencia, nem a da arte, nem a da religião. O Universo deixa de ser espectáculo, transforma-se em vida, quando a energia do amor o conquista para a viagem maravilhosa, que realizamos nos espiritos e nas cousas.

A actividade suprema do amor de Philippe foi a criação de Thereza. Antes da revelação do amor, Thereza permanecia na desolação. As forças conscientes a confinavam na relatividade social e impediam o surto da sua magnifica natureza. Para encher a separação, que se abria entre a sua alma e o universo, a religião não fora sufficiente. Não encontrou nella a perpetua alegria. Só o amor dá a plenitude espiritual e sensorial e nos integra na ineffavel unidade, em que a dôr cessa e o ser se abysma na beatitudẽ. O amor de Philippe actuava sobre o amor de Thereza para impor a magia do encantamento e da força, com que ella venceria todas as contingencias e se libertaria de toda a servidão. Philippe, que vivera longamente na ascenção espiritual e que, de realidade em realidade, se manifestara homem de pensamento e de acção, sentiu-se deslumbrado, quando o milagre do amor se produziu em Thereza. Desde então, renunciou a qualquer outra actividade. Para que proseguir na obra do pensamento, na expressão da imagem, na acção politica, se a vida, na sua maravilha suprema, se revelava emfim em um ser, onde a belleza da forma, o fluido da intelligencia, a vibração, o entusiasmo dos sentidos se exprimiam pela transcendencia do amor? Philippe torna-se o heróe da intelligencia, que se completa no amor. Thereza, a pura heroina do amor, que se faz intelligencia, arte, religião, vence a natureza e realiza com o seu amado a unidade infinita.

Philippe e Thereza proseguiram na ansia do desejo. Esperavam sempre eliminar todas as difficuldades, que

impediam a perpetua união, a que aspiravam. Nesta aurora da paixão, o encanto os arrebatava, os fascinava e não deixava que agissem violentamente contra a ordem social, que os separava. A felicidade os adormecia na esperança. Procuravam se ver em encontros fugazes, telephonavam-se diariamente e esperavam ardentes, inquietos e anseados. Thereza fez-se a Amante mystica, a serva que radiante se absorvia, se eliminava no Amante e vivia no sangue e no pensamento deste. Philippe aceitava bemaventurado o divino dom do ser de Thereza e transfigurava a tortura da separação na delicia da maravilhosa unidade e da perenne fusão voluptuosa e immortal. Sentir o desejo, a ansia de possuir é uma sensação innominavel. Parecia a Philippe que elle se voltava a si mesmo, que Thereza era o seu proprio eu na expressão feminina, como elle era o eu masculino, em que se transmudara a mulher amada. No corpo de Thereza encontraria o seu proprio corpo em uma apparencia mais attrahente, mais seductora e de fascinante perpetuidade. Tudo é o jogo magico da natureza, o mysterio dos mysterios, porque é a realidade da paixão, é o Amor! Desde que se separavam a dôr era immensa. A saudade delles mesmos, a suprema tortura.

Ritinha trouxe do Maranhão uma rêde de tucum para o tio se deitar; uma cuia pintada para Jujú se banhar; rendas, crivos, lenços para Aracy se enfeitar; bacury, cupú, jussara para os primos regalar e, para a sua madrinha o capeta esconjurar, um rosario de Nossa Senhora, uma figa e a estrella do mar. Os bahús de Ritinha tresandavam a capim cheiroso. Nas suas roupas espalhava favas de baunilha, a agua de seu banho perfumava com macacaporanga, sobre o corpo esfregava pega-não-me-larga e nos cabellos punha essencia de pripioca e no lenço a umburana de cheiro. De Ritinha emanava um feitiço, que entorpecia os rapazes. Entretinham-se com a maranhese, ouviam as suas historias e iam se familiarizando com as evocações

nortistas. Quando ella cantava, Vieira e a mulher tinham uma saudade funda da terra e se julgavam exilados neste sul frio e montanhoso. Ah! Maranhão como aquelle não ha! O Anil e o Bacanga abraçam a cidade velhinha e olham de vagar as quintas com as suas mangueiras e os bacurys e as casaronas frescas, de mirantes e socavões. Que silencio nas ruas grandes de sol e que conversas, que entram por uma porta e saem pela outra. Ritinha dansava o chorado da terra e o côco sertanejo, que os retirantes levaram ao Rosario. Dansava para o namorado que estava no Amazonas comendo tartaruga no tremendal dos siringaes. Os rapazes na varanda do outeiro da Gloria pensavam que Ritinha dansava a cantava para elles e não se mexiam com olhos de jacaré.

Aracy e a sua canoa desmanchavam o sortilegio. Entravam pela casa, vaiavam Ritinha, xingando-a de macaca-poranga, mucura-cáa... Ritinha chorava. Não chora, meu Bem, não chora... O Léo cantava : Tatú subiu no páo. Os revolucionarios espertavam e berravam : Ai seu Mé, mé, mé. Fervia a bagunça em uma algazarra hostil e alegre. Macaca-poranga ! Mé, mé !

D. Calú arrancou Ritinha desse pagode e a levou para a novena da Gloria, que estava fazendo como promessa para a cura de Jujú. O menino muito amarellinho e cheio de febre ia embrulhado para a igreja. A velha Andreza seguia com elles e, já na rua, ia engrolando o terço. A primeira vez que Ritinha viu a egrejinha do outeiro, toda faiscante de luzes, suspensa como um adereço de brilhantes sobre a terra e o mar, desde a tarde fresca desmaiada pela noite a dentro, ficou maravilhada. A romaria para a novena cumpria-se com profunda unção nos quattros devotos. D. Calú entregara o seu filho á misericordia da Virgem Santa, á Mãe dos Afflictos, e tinha esperanças. Ritinha pedia á Sublime, á Bondosa, á toda Poderosa que unisse os que se amam. Para Jujú, a Santa no resplendor da luz, das joias, do fogo, no perfume do incenso, era Thereza no céo e elle lhe sorria extático. Andreza exclamava o seu benza-te

Deus, minha Santa da Gloria, resmungava as preces rudes e confusas, tomava-lhe a benção como a sua senhora, a dona, a mãe dos perpetuos escravos.

Na manhã da festa, D. Calú com as suas companheiras, e mais Aracy muito forçada, levaram Jujú para o cumprimento da promessa. Magrinho, só pelle e osso, ia descalço pela ladeira acima, carregando o seu peso em cêra, cincoenta libras. Vieira estava intimamente indignado com aquelle rito supersticioso. Mas não protestou. A devoção tem uma extranha energia de imposição. Ninguem, por mais independente que seja, ousa desrespeital-a. A igreja estava assaltada de romeiros, sarados, doentes, aleijados, de todas as côres e condições. Traziam as suas offerendas em velas de cêra, em prendas e dinheiro. Ritinha levava rendas para Nossa Senhora, Andreza carregava um mutum corpulento para o leilão. Depois da missa passaram o dia, de janella aberta, vendo desfilar as numerosas gentes, que subiam e desciam o morro a pé, ou em automoveis. Jujú mal se interessava, a sua curiosidade infantil ia pouco a pouco extinguindo-se. Ficava apathico, indifferente, sahindo das suas obscuras scismas, irritado e mais triste.

Depois do jantar D. Calú e Ritinha foram á casa de Thereza, que lhes pedira para acompanhal-a á igreja.

— Oh! Dindinha, quanta flor neste jardim, como é bonito. Nunca pensei... Estou com tanta vergonha...

— Ora, Ritinha, a gente tinha de vir mesmo um dia para corresponder a tanta amabilidade de D. Thereza. Tu pensas que tambem não estou vexada. Não frequento a sociedade, não tenho vestidos... mas esta moça é tão boa, que tenho confiança... E o demonio do marido não está... A massada é que Jujú não quer mais voltar aqui, anda com aquella raiva de Philippe, que faz dó... seja tudo como Nossa Senhora da Gloria quizer. Confio em sua divina misericordia...

D. Calú suspirou e subiu ainda pela escada, que ia directa ao mirante. A voz de Thereza as festejou.

— Bravo! Foi milagre de Nossa Senhora. Até que um dia me veio ver...

— Não sei qual foi a santa... A Senhora também é milagrosa.

Explicou que viera sómente com Ritinha, porque Aracy odeia festa do povo e deu o fóra. Tinha ido com as amigas dansar em Copacabana. Jujú, embezerrado, não quiz sahir, ficara com o pae. Os rapazes estavam peralteando no largo, apreciando a festa.

— Também estou só, como lhe preveni, disse rindo Thereza. Imagine que o meu marido foi para a fazenda que foi da tia e carregou a menina com a ama. Elle diz que esta festa da Gloria é festa da canalha e lhe faz nojo. Radagasio é difficil... é aristocrata. Todos os annos nos obrigava a ir para a roça, fugindo daqui nestes dias alegres. Este anno bati o pé e fiquei. Quero uma vez gosar da festa do meu morro. D. Calú, liberdade, que cousa gostosa!... Desde ante-hontem que estou solta! É o succo! Estou também esperando Philippe e a familia...

— Ah! bem disse Jujú que Philippe estava aqui...

Thereza não gostou desta observação de D. Calú.

— Jujú é um bobinho. Sempre com esta raiva de Philippe. Porque? Ora!... É pena ser noite, não podem ver bem o jardim. A vista da bahia é quasi a mesma da sua casa. Mas, deste outro lado, temos os morros com as suas casas salteadas, illuminadas...

— Tal qual um presepio... insinuou timidamente Ritinha.

— É o que diz sempre Radagasio... gracejou Thereza.

Carregou-as para dentro da casa, que estava toda accessa. As duas visitas ficaram embasbacadas. Ritinha sentiu um frio no corpo deante de tanta cousa, que a assombrava. D. Calú estava mais segura e podia exclaimar as suas continuas admirações. Quando voltaram ao terraço respiraram alliviadas. Sahiam de um mundo extranho e voltavam ao maravilhoso quotidiano da natureza, com que eram intimas. Ritinha venerava em Thereza um ser fabuloso, que

vivia magicamente uma encantação. Quando Thereza a enlaçou gentilmente e a acariciou com palavras meigas, a moça maranhense beijou-lhe com fervor a mão, por não ousar beijar-lhe o rosto.

D. Calú notou a emoção da sobrinha :

— Eh! Ritinha está toda boba! Que matuta!...

Philippe, a mãe e a irmã chegaram. Alvorozo de Thereza, que ria, agradava, falava sem parar.

D. Calú conheceu então D. Isabel e Leonor e disse-lhes a sua amizade por Philippe e a fraternidade dos seus filhos com elle, que era o mestre, o guia de todos. D. Isabel achou-a excessiva, mas orgulhou-se do filho. Thereza estava em extase e animava o entusiasmo de D. Calú. Quando veiu um pouco de silencio, Thereza explicou novamente a ausencia de Radagasio e todos, sem commentar, ficaram satisfeitos. Partiram para a igreja. Naturalmente a ordem de marcha era a que devia ser. As duas moças na frente, as duas velhas no centro, e atraz Thereza e Philippe. No escuro do jardim as mãos se uniram bem apertadas, quentes, macias e fortes. Por entre o cheiro dos bogarys, das rosas e das magnolias, as duas boccas uniram-se subtilmente e os dois corpos penetraram-se de um calor capitoso...

Sahiram da sombra do jardim para a rua colorida pela luz das lanternas, suspensas desde a ladeira do Russell em fios parallellos, ao longo das casas e muros. Os passos dos que iam e vinham esmagavam as folhas verdes espalhadas no chão e accendiam-lhes ainda mais o cheiro acre de canella. Thereza apertava o braço de Philippe e aspirava inebriada este odor novo, vegetal e inhumano. Caminhavam cortando o vozerio, que se ia avolumando na proximidade do largo, quando, na volta da rua, o clarão da igreja supprimiu a luz das lanternas e dos arcos. Era festa com o povo enchendo a praça, ladeiras e pateos, com pregões, musica, gritos, zumbidos. No largo, Thereza dá esmolos a mendigos estropiados, declamadores, horrendos, deleita-se nas

quitandas das opulentas negras bahianas, compra bolinhos de arroz e côco, pés de moleque, pamonhas de milho, alcaçar e, em risadas, distribue estes quitutes aos companheiros. Ritinha regala-se e lembra-se do Maranhão. Só D. Isabel desdenha os quitutes das pretas minas. Thereza interessa-se pelos trajés das vendedoras. Para ser admirada pelas yáyás e pelo yôyô, uma bahiana ergue-se, ostentando uma saia ampla, rodada, azul escuro, recheada de outras muitas saias, presa por cinto de ouro, cabeção branco de gola de renda de crivo e, sobre o collo, com os collares de missangas, cadeias de contas de ouro, em uma gradação de volumes e pesos, placas lavradas, trancelins de latão, alfinetes de turmalinas e aguas marinhas, contas de vidro, de porcelana, côres e côres, e, nos longos torneados braços bronzeos, largas pulseiras de ouro, de prata e nos dedos aneis enormes de brilhantes e esmeraldas e rubis. Tudo falso. Na cabeça, em vez do costumado lenço turbante, um amplo pente de tartaruga, trepa-moleque, com friso de ouro, segura a trumpha carapinha, deixando bem aberta a fronte lisa, de onde partem as trancinhas pixains. Sobre ella a admiração. A negra orgulhosa cresce, empina-se, empomba os peitos, sorri nos dentes brancos, descambando os lacivos olhos africanos.

^ Subiram. No pateo da igreja, não se olha para a vista. Fica-se envolto na multidão, que se delicia no aperto e na algazarra. É o esplendor da mestiçagem. Negros genuinos, cafusos, mulatos, na fricção ardente dos contactos, exhalam um cheiro violento, caprino, que se mistura ao aroma das flores, que as mulheres trazem á cabeça e ao perfume dos unguentos vulgares e fortes, com que todos se besuntam. Multidão pobre, humilde, cheia de alegre cordura. No pavilhão da direita, é o leilão das prendas em que se transmutou o holocausto antigo. As victimas são animaes enfeitados, leitões com laços de fitas, perús, gallinhas, um tatú desconfiado, um tamanduá-bandeira comedor de formiga, cobiçado pelas mulheres, macacos sem vergonha e

o mutum de Ritinha, que lhe deu uma saudade, dominada pela curiosidade com que examinava o leilão.

— Olhe, Dindinha, aquelle jabotinho dourado. Parece que veiu da nossa terra.

Thereza arrematou o jaboty e o presenteou a Ritinha. A maranhense ficou vexada e alegrissima. Não quiz deixar o bicho cascudo, que foi carregando por entre o povo. As outras prendas não a interessavam mais. Era uma infinidade de objectos ornamentaes, quadros, almofadas feitas em honra da Virgem, toalhas de renda trabalhadas longamente com espirito de devoção, garrafas de vinho, vidros de cheiro, tudo o que se tem á mão e se offerece ao culto. Vende-se patuscamente, ao som do maxixe, que vibra da banda militar e exalta a negralhada. O que se vende converte-se em cera, em velas e cirios, que queimam nos altares, na purificação do fogo eterno, expiador supremo, infatigavel, inseparavel de todas as religiões. Entraram na igreja. Na nave octogonal centenas de lampadas electricas excedem-se em claridade diaphna e centenas de velas queimam em chammam amarellas. A prataria dos candelabros, dos lustres e castiças, misturada ao dourado dos calices, estolas, capas, resplendores, irradiava-se sumptuosamente. Os altares brancos, as rosas brancas, aereas, pendentes tiras de folhagem verde, parasitãs serpentinas, entram na harmonia da luz. Corpos negros interrompem a phosphorescencia triumphal. As pretas devotas, sentadas no chão, murmuram rezas. Outras, encostadas ás paredes de azulejos, dormitam pesadamente. No meio da igreja fluctuam escuras cabeças carapinhas e os corpos desaparecem na massa compacta. O cheiro de bóde, o cheiro de satanaz, espraia-se e dá o perfume á devoção negra. Para D. Isabel aquillo era nauseabundo e profano. O seu agudo e vigilante senso historico evocava a devoção de outróra, naquella egrejinha, devoção real e cortezã. Por alli passaram, constrictos, os scepticos imperadores. Alli foram baptizados principes reaes e foi Nossa

Senhora da Gloria que, num milagre, salvou de um perigo o primeiro imperador, como testemunha o quadro esculpido na parede da capella. Naquelle pulpito um monge cego, chamma de eloquencia, pronunciou o seu ultimo sermão deante de Pedro II, cercado dos discipulos, que o trouxeram do mosteiro em commovido triumpho. Um destes discipulos ferventes era Corrêa de Sá, o pae de Isabel, que contara a filha a derradeira jornada gloriosa de Montalverne. Que importa tudo que passou? Os que enchiam a igreja ignoravam. Estavam beatificados na emoção pura da crença immoredoura no divino, a mystica insuperavel dos espiritos, que annullam a historia e vivem na eternidade do mysterio e de terror.

Quando voltaram ao adro da igreja, a aragem da noite os refrescou. As luzes da igreja projectavam-se sobre a massa dos negros, sacudidos pela musica, em que os metaes clamavam, os zabumbas e tambores vibravam e as flautas sibilavam. Rasgado maxixe, em que rebojava a luxuria mestiça.

D. Isabel, cada vez mais enojada, resolveu partir com a filha, apatetada naquelle frenetico desencadeamento dos sons, dos gestos e dos odores. Philippe não as acompanhou. Ainda ficaram algum tempo divertidos, até que D. Calú entendeu tambem se recolher. Deixou Ritinha com Thereza e Philippe e levou muito recommendado o jaboty de Ritinha. Foi então que Thereza, em um repente, propoz que fossem os tres a Copacabana. Desceram as escadas e cahiram novamente no largo da igreja, pateo dos mendigos e das quitadeiras. Tomaram pela ladeira da Gloria. Logo á primeira casa, em um balcão enfeitado de seda, damasco e purpura, como em colorida estampa antiga, uma mulher vestida com vistosas roupas desusadas, com os cabellos em cachos, o pallido rosto, os espantados olhos de automata e, ao seu lado, um homem volumoso de vasto carão matte, circumdado de uma espessa barba negra. Estavam postados em silencio, quasi immoveis, figurantes

do esplendor aristocratico, em disparate com a patuléa que, zombeteira, os olhava.

Foi impossivel tomar pela calçada abaixo. Tiveram de ir pelo meio da rua, que ainda assim era difficel atravessar pela quantidade de gente a descer e subir. Neste caminhar vagaroso os olhos iam se horrorizando com as deformações, com as chagas, com os aleijões, com as lepras ostentadas nas calçadas pelos mendigos sem pudor, esganados por esmolos, berrando as suas lamurias, as suas imprecações, as suas pragas.

Thereza agarrou-se a Philippe e Ritinha, fechando os olhos, ia se deixando conduzir como uma somnambula. Quando se viram livres de todo este horror, respiraram exhaustos da angustia, por que passaram. Vieram até Beira-Mar. Ainda olharam para o alto, onde a egrejinha refulgia, transfigurando, no resplendor da luz, a miseria.

Thereza, inebriada de liberdade, gosou uma delicia transcendente, quando se viu em um taxi entre Philippe e Ritinha. Ella se inclinava para o adorado sem falar, mas furtivamente entregava-lhe a mão, que elle apertava com aquella vontade de tudo possuir. Se Ritinha exclamava o seu prazer ou a sua admiração, elles não respondiam. A moça maranhense foi emmudecendo e a scisma do amor tambem a separou dos seus companheiros e de tudo em que se movia.

Na volta das longas praias desceram do automovel em baixo da ladeira e subiram a pé pela rua ainda festiva. A' porta da casa, Ritinha abraçou commovida Thereza, olhou com subito carinho maternal aquelle amor e desapareceu.

Mais alguns passos e Thereza abriu o portão da chacara. Tomou o braço de Philippe e o foi levando para o alto. Silenciosos, resolutos, os cachorros de Radagasio desceram sorrateiros na sombra. Thereza os conteve e elles, submissos, deixaram passar o intruso, farejando-lhe as pernas. Philippe sorvia o aroma de Thereza e recebia a quentura

capitosa do corpo cobiçado. As boccas frias beijavam-se, mordiam-se. As mãos apertavam-se, rijas. Os corações batiam sem rythmo. E subiam mudos, os olhos scintillando no escuro.

Quando chegaram ao mirante, o espaço dilatou-se para os arrebatár. A visão era confusa e tumultuaria. As cousas deliravam. As montanhas pareciam nuvens, as estrellas eram aviões, que marchavam no mar liço, enquanto o céo espumava vagalhões. A casaria dos morros atropelhava-se nas arvores voadeiras. Luzes em cruces. No jardim, a sombra exagerava os espectros vegetaes e afastava para muito longe a casa e tudo o que era humano. Voltados sobre si mesmos, elles aboliram o espaço, o tempo, e o pensamento. O instincto abysmou-os na magia da volupia.

De manhãsinha, a friagem luminosa e verde os despertou do encantamento. Desceram do mirante. Thereza vinha apoiada em Philippe, que a sustentava, como o seu proprio corpo. A sua mão enlanguecida difficilmente abriu o portão. As boccas quentes queimaram beijos longos e inseparaveis.

XIII

Praça da Bandeira empestada dos maus odores de lama, de pó, de restos de feira, de gasolina, de gorduras, de suores a pesarem, na noite densa e na claridade aberta pelos projectores e pelas fochas de fogo dos cafés, das confeitarias e do cinema, rastejando o chão immundo das calçadas movediças de gentes. O parque de diversões também illuminava apagando o céo, onde devia haver estrellas inuteis. Mandava o seu barulho de musica ragedora, de alto-falante, de algazarra infantil e feminina desafiar os ruidos dos bondes estrepitosos, os arquejos dos omnibus e a klaxonaria provocante dos autos. Covardes fugiam, com os seus gritos e as suas luzes, para destinos longinquos, a Penha patusca, S. Leopoldo, Andarahy enygmatico, Cajú funerario ou para a poeira pittoresca de Villa Izabel. Mas outros atrevidos voltavam para a cidade e paravam furibundos pela praça, arrebrandando sons, barulhos, luminarias.

No espaço estreito, furtado á praça, que era o café cafageste da esquina da rua do Mattoso, estavam sentados Raymundo Monteiro e Manuel. A cada passo entravam mulatos, negros, que esbarravam nelles não faltando á cortezia pernostica de se desculparem : « Com a sua licença, cavalheiro ». Os syrios, os italianos, os portuguezes passavam resmungando, empurrando. Um negro robusto, truncado, de forte peitoril, de cabeça redonda carapinha,

olhos pardos, sanguineos, veio sentar-se á mesa de Monteiro. Deu-lhes a mão e, pela bocca desdentada, foi dizendo :

— Eu estava por alli rondando. Secreta está tecendo na praça, que é um desatino. Cuidado. Aqui não é logar para conversa. Vamos embora, minha gente.

Monteiro, que tinha uma razão para escolher aquella praça para o encontro, zombou :

— Deixa de medo, Felismino. Medo estúpido, rapaz.

— Oh ! o senhor é muito afoito e por isso foi apanhado no anzol. Quanto mais, na rede da policia...

Manuel queria saber do negro o que elle vinha informar-lhes.

— Olhe, desembuxe, que é o melhor. Pedro conta com você. De quantos homens você dispõe para uma acção decisiva?...

O negro olhou malandro os brancos :

— Se é para gritar na rua, fazer banzé, pode-se contar com uns mil homens, da estiva e dos frigorificos. Se é para um assalto, com apoio da tropa, uns cem homens. Se é para fazer o serviço, nós sosinhos sem tropa, uns cincoenta, ou menos. Se é para um trabalhinho de segredo e definitivo, pode-se contar só commigo...

Esta precisão prudente de Felismino os fez scismar. Monteiro fitou Manuel e tomou a resolução de dar um pouco mais de esclarecimentos.

— Você é um camarada seguro e finorio, Felismino velho. Nós queremos aquelles cincoenta homens para o serviço sem a tropa. Queremos cabras decididos. E com você é de virar e torcer.

— Quando será? indagou Felismino, alegrando-se e esfregando as mãos imprudentemente. Eu tenho uma continha a ajustar com esse pessoal. Aquellas lambadas, aquella fome, aquella sede na quarta delegacia, tudo isto vae ser pago com lingua de palmo. Espera por mim, vinte e seis !...

— Para breve, cabra bom. Cada um tem a sua desforrasinha a tirar, saboreou Monteiro.

Manuel explicou ao negro :

— Olha, Pedro está praticando de engenheiro no porto. Como elle te vê sempre, te dará o aviso do que tens de fazer.

O preto olhava desconfiado para as portas. E foi com voz baixinha que affirmou a sua promptidão.

Dois sujeitos esganiçados, aciganados, capadocios de cabelleira densa e de olhos esgazeados vinham da rua em direcção á mesa visinha, a unica vasia e empurraram propositalmente o corpanzil de Felismino.

— Desculpe, cavalheiro...

O cavalheiro fez um gesto de acquiescencia senhoril. Catucou com as pernas os companheiros e metteu-se a falar alto :

— Na roça é que é gostoso. Não tem cinema, é verdade, nem parque de diversão, mas uma noite de sabbado, como esta, é sambar até romper o dia. Não sei porque não estou lá. Vim para espairecer um pouquinho e fui ficando...

Os outros entraram no jogo :

— Quando você parte para o seu Tinguá? perguntou Monteiro.

— Depois de amanhã, se Deus quizer. Fico aqui este domingo, porque tenho um baptisado na Pavuna e, como é forrobodó, a gente não engeita...

Continuaram a falar á toa de mulheres e de pagodes. Os secretas foram esmorecendo a attenção e esbrazeados empinavam chops sobre chops. Não tardou que outros individuos se chegassem a elles. Não eram da policia, mas gente que corteja a baixa autoridade e a suborna para os seus negocios, suas trapaças e seus vicios. Esquentados, os secretas esbravejavam theatralmente para serem ouvidos por todo o café.

— Os mashorqueiros estão tramando. Nós estamos de olho vivo. Seu Marechal deu ordem de metter cano de

borracha até matar. Policia agora não brinca. Acabou-se a pasmaceira de prender nos cubiculos. Liquida-se tudo de uma feita. Olha o tal de Niemeyer. Aquillo é que foi uma belleza. Os chefes da quarta se um é tigre outro é onça suçuarana...

Os olhos de Felismino fusilavam.

— Não lhes conto nada. A cafusa ficou toda enrabichada por mim que nem se fosse macaca por banana. Ella me arranhava, me comia com os olhos. Oh ! negra para bolir...

Monteiro percebeu Pedro, que da rua lhe fez signal chamando-os. Muito subtilmente respondeu com a cabeça e Pedro sumiu-se. Monteiro propoz que fossem ao parque de diversões. Chamou o criado que não attendia nunca. O café era um chiqueiro de cuspo, pontas de cigarros, bebidas entornadas, vasilhame immundo, criados nauseabundos. A torpe clientela de cafagestes, secretas, rameiras, jogadores, sodomitas, ladrões, comprazia-se na solidariedade da crapula e da porcaria.

Pedro mostrou-se ao longe e elles o foram acompanhando. Quando o alcançaram, Felismino esbravejou, alliviando o peitoril suffocado :

— Arre ! que eu já estava esbaforido e sem folego de inventar tanta safadagem. Mulatas, cafusas, samba. Nossa Senhora da Purificação. Parecia conversa de bode. Amanhã vou botar uns cobres no milhar da vacca, da cabra e do macaco. Tambem do gallo, em todos os bichos da gandaia. Minha gente, olha disfarçado para ver se estamos sendo seguidos... Não. Elles estão mas é bebados. Gambás... que fedor !

Tomaram para o mercado da feira livre, que estava vasio e no escuro. No lado da rua, que vem de São Christovão, um homem baixo aproximou-se delles. Era o capitão, destemido e ardoroso, que organizara a demonstração das bombas. Pedro apresentou-lhe Felismino. A mascara severa e preocupada do official foragido tornou-se ainda mais inquisidora. Deixou que os outros

falassem. Monteiro, com a sua espontaneidade e o seu tacto de propagandista, tratou de quebrar aquelle primeiro movimento de desconfiança, que fazia emmudecer Felismino. Explicou ao capitão as disposições do estivador e esperou uma palavra de confiança, que não veio. Como não entravam no assumpto, que os reunia, Monteiro começou a discorrer sobre a situação dos trabalhadores.

— Esta pobre gente está na perpetua miseria. Quanto ganha um homem de carga ou de picareta no cões do porto? sete mil reis por dia de trabalho.

— Não ha meio de fazer uma greve? perguntou o official a Felismino, que ignorava a sua qualidade de militar.

— Qual, seu doutor. Já se foi o tempo de greve. Com estado de sitio não ha mais classe operaria. O governo prende todos que reclamam. É um despotismo. Quem reclama vae logo para a policia, como revoltoso. E agora não é só revoltoso, é tambem communista. De forma que não ha meio de se protestar. Deste modo o governo nada teme dos trabalhadores, que estão esmagados. Os homens ganhavam sete mil reis. Elles queriam dez mil reis, que é cousa muito á toa. Ameaçaram de greve. Veiu pau em cima. Mas sabe qual foi o augmento que deram? cinco tostões por dia. Agora a diaria é de sete mil e quinhentos, seccos. E cabeça baixa, senão chilindró, cano de borracha, fome. Não, seu doutor, não ha mais possibilidade de se fazer uma revolução com a massa operaria. Aquelles que estão nos trabalhos do governo, a gente da Central por exemplo, esta anda murcha e só trata de conseguir augmento por meio de bajulação. Hoje tudo é empregado publico e cuidando de aposentadoria.

O senso juridico de Manuel revoltava-se com esta oppressão e esta corrupção, que destruiam o espirito das corporações, o syndicalismo tão util ao equilibrio social. Na sua convivencia com Monteiro, deante do espectáculo da miseria dos trabalhadores, as suas reflexões iam modifi-

cando a sua ideologia liberal e burguezia. Tocava na ferida do organismo e exasperava-se.

— Esta situação tem de acabar, ponderou elle. Este regimen de senzala, em que ha proprietarios e feitores de um lado e do outro escravos, é uma infamia. Estou convencido de que a unica solução é a collaboração do trabalho e do capital em uma forma de cooperação. Ou melhor, a organização da cooperativa.

O capitão cortou o discurso do estudante.

— Isto fica para depois. Neste momento do que precisamos é de quebrar a machina da expoliação.

— Vamos a isto, concluiu Monteiro. Olhe, aqui o Felismino está prompto a nos ajudar. Elle que é capataz da União dos estivadores, soffreu, apanhou, foi preso e quasi morto.

O preto ficou ufano de ser uma victima da tyrannia. Augmentou ainda mais o vasto tronco, enfunado pela vaidade.

Pedro dirigiu-se ao official :

— Elle tem elementos. É só você dizer o que elle deve fazer com a gente delle.

O capitão não respondeu logo. Indagou ainda mais do ambiente politico dos operarios e ficou constrangido quando, pelas informações que obtinha, se ia certificando da apathia, do embotamento do sentimento civico, da covardia das classes, que mais soffrem com a prepotencia esmagadora dos ricos, alliados aos governos corruptos e despoticos.

Monteiro foi quem revelou a Felismino o plano de acção. O official deixou que elle falasse e se reservou.

— Falando serio, Felismino. Nós pretendemos dar um assalto ao Cattete e prender aquelle miseravel, que está como um covarde escondido lá dentro e ordenando todo este horror de crimes e ladroeiras. Como a tropa não se move e fica vergonhosamente consentindo em toda esta torpeza, não ha remedio senão agirmos nós mesmos. Somos

um pequeno grupo decidido a tudo. Tu não viste o que foi o assalto do terceiro regimento? Pois bem. Falhou daquella vez. Nós vamos repetir o ataque. Precisamos de ti e dos teus homens para nos ajudar na rua junto do palacio, em quanto nós fazemos o serviço.

— E a guarda, seu doutor? murmurou Felismino para o official.

— Naturalmente, continuou Monteiro, nós faremos isto quando a guarda for nossa. Por isso não ha dia marcado. Vocês estejam de sobreaviso para o primeiro chamado.

O negro tirou o chapéo, coçou-se todo.

— Homem, seu Raymundo. Não vejo furo neste plano. Vocês estão sonhando. Bem se vê que é imaginação de rapaziada. O palacio está cheio de dynamite e dizem que as grades têm carga electrica. É só abrir o commutador e lá vae tudo carbonizado. E nós que ficamos na rua estamos fritos. Vem logo a policia, tropa de linha, bombeiros, que sei eu...

— Que diabo, estás desanimado, rapaz? Tu que promettes tanto te vingar, interpellou-o, irritado, Pedro.

O official sorriu desconsolado e olhou firme para os amigos.

O negro, atrapalhado, suava abundantemente. Resfolegando falava com a bocca secca.

— Não seria melhor esperar o bicho em uma tocaia?

— Mas como, se elle não se arrisca a por o bico de fóra? interrompeu impaciente Monteiro.

O negro entendeu gracejar :

— Mas se elle é passarinho, um dia ha de querer voar. Então ahi, pan! Tiro certo.

— Deixa de tapeação, Felismino, disse vivamente Pedro. Tu estás é com medo. É natural, neste lombo, neste toucinho, cano de borracha já trabalhou. Já te disse que não queremos assassinato. Queremos revolução collectiva, popular e militar. O que for, mas revolução.

O capitão sorriu mais enigmatico. Para elle, o negro,

na sua covardia, estava vendo claro. Não havia solução senão eliminar o presidente. Mas elle era talvez o unico entre os revolucionarios a pensar assim. O official disse baixo a Pedro que se fossem embora, pois estavam perdendo tempo e em voz alta propoz que se separassem, porque a zona era perigosa e aquelle encontro estava muito prolongado. Monteiro explicou que tinham vindo alli, porque era na proximidade do refugio do official e o campo em que elle operava, na visinhança dos quarteis. Seria mais facil para elle, tão procurado pela policia, mover-se sem maior difficuldade. Toca a separar, concluiu.

O official abraçou os camaradas, deu vagamente a mão ao preto Felismino, que estava matutando.

— Felismino, disse-lhe Pedro, um destes dias eu te procurarei. Conto contigo. Olha lá, não me envergonhes.

E partiu com o official.

Os outros tres vieram vindo na direcção do Mangue. Apesar dos omnibus, dos autos, dos bondes, havia uma grande solidão no immenso amphitheatro, que o triste canal corta por entre os renques das espichadas palmeiras meditabundas. Os casebres escuros das largas ruas paralelas tornavam mais altos os morros sangrentos. A pedreira leprosa afugentava da sua peste as casas e as officinas e expunha-se núa e dolorosa. Do outro lado, a vegetação subia da planicie para as montanhas, indifferente e fresca, e, sob a claridade nocturna, o bafo indeciso da terra.

Os tres foram encontrando a população noctivaga fustigada pela lascivia. Mulheres de todas as raças, de todas as côres e edades desfilavam na aspereza do ganho. Os homens tinham sobre ellas a superioridade do desejo. Elles estacionavam aos magotes nos cantos das ruas, onde se enfileiravam as casinhas que eram os alcouces. Monteiro e Manuel absortos, passavam indifferentes, mas Felismino ia cobiçando assanhado aquellas marafonas rubicundas e desdenhando as negras pintadas de vermelho, que eram apanhadas pelos europeus. Nessa promiscuidade não se

fecundavam as raças. Era apenas a permuta bestial dos instinctos e da curiosidade. Felismino bem queria permanecer naquella malandragem frascaria, que o divertia assombrosamente. Os companheiros não se detinham e o negro não teve remedio senão proseguir com elles. Depois do Mangue, a praça Onze agasalhava os pares, que se mettiã voluptuosos nas sombras das arvores do jardim, emquanto, sobre o espaço arborizado, cahiam as luzes e as musicas dos orpheões lusitanos e os sambas dos clubs, onde a negrada lasciva dansava frenetica. Felismino ahi entendeu que não devia proseguir. O seu instincto caçador estava muito excitado para permittir-lhe a liberdade de ser politico e de se occupar com as cousas remotas e abstractas, em que se exaltavam os companheiros. Pretextou que lhe parecia ter visto um secreta, que os seguia. Achava melhor elle dar o fóra, aconselhando a Monteiro que fosse sósinho. Antes de sumir-se, o negro voltou-se para recomendar que Pedro não o procurasse por causa da gente do cães do porto e que, na quarta-feira á tarde, ás tres horas, elle viria ao seu encontro, na praia do Russell, para assentar tudo.

Monteiro e Manuel, quando caminhavam pela rua Senador Eusebio, iam disfarçando os seus pensamentos intimos com a notação dos pequenos factos exteriores, que lhes passavam pelos olhos. A onda oriental vasara alli nas lojas de portas meio fechadas, nos cafés vagabundos, nos restaurants inverosimeis, as tribus syrias, os equivocos judeus russos e os immemoriaes chinezes. Eram os tentaculos mongolicos e semitas, que vinham se alongando para o extremo Occidente. E, no meio de tudo, os infalliveis portuguezes, que mantêm a característica lusitana na cidade carioca e infatigaveis procriam mulatos, que se arrogam em legitimos e unicos brasileiros. Foi um descanso, quando receberam a aura verde do Campo de Sant'Anna. Com ella, que frescura e que mansidão. Não entraram no parque já fechado, mas aspiravam de fóra o bom cheiro

daquelle interior, onde passeavam tranquillias as cutias, sorriam os quatipurús e dormitavam os cysnes e os flaminios.

A caminhada ia longa. Manuel, desconfiado com a observação de Felismino de que estavam sendo seguidos, e receando por Monteiro, que era um foragido, insistiu em que tomassem um taxi. Dentro do carro trocavam, em voz muito baixa e com disfarce, algumas impressões sobre a lealdade do negro estivador. Não tinham opinião segura. Perceberam as desconfianças do capitão, mas a tactica de Monteiro era sempre experimentar tudo e todos, contando com o imprevisito. Foi esta tactica que o fez progredir e que o perdeu. Valia a pena tentar a experiencia com Felismino.

Os cinemas da rua Larga estavam se fechando, quando elles passaram. A debandada das gentes enchia as calçadas já apagadas. Na Avenida um vento sul, forte e frio, os recebeu hostilmente. Atravessaram por elle para a terra da alegria e da vadiação luminosa. O vasio era grande, a cidade crescera para dormir. O somno, que sempre era acalentado por um resfolegar rythmado e sussurante das aguas, naquella noite estava atormentado pelo desencaamento tumultuoso do mar.

Monteiro e Manuel desceram do taxi ao chegar á Gloria e ficaram absortos, sem nenhum pensamento, tomados totalmente pela violencia, que, na sua grandeza, os maravilhava. Os olhos viam as ondas avançando de longe, impetuosas e rapidas. Montavam umas sobre as outras, avolumando-se para a invasão. Cantavam, assobiavam, urravam e arremessavam-se indomaveis sobre as paredes, que eram os muros da defesa da terra. Cresciam sobre o cáes, empinavam-se fogosas, esguichavam jactos luminosos, atrevidos, e cahiam estrebuchando convulsas, sobre as calçadas e espriavam-se no macadam. Subiam alto para a escalada. Sobre essas aguas entumecidas e agitadas alargava-se a escuridão de um céu de lua nova. A luz, que

banhava a amplitude, vinha de baixo para o alto, nascia e espalhava-se das ondas em furor. Os repuxos sobre o cáes recebiam a iluminação dos reverberos e transmutavam-se em jorros de crystal, diamantes, saphiras e esmeraldas.

Monteiro e Manuel foram abeirando o parque do Russell abandonando, como os autos, os omnibus e os caminhantes, a avenida á invasão da bahia. Tomaram a ladeira do hôtél Gloria, perseguidos pelos estampidos dos vagalhões. De cima, ainda olharam a resaca. Depois afundaram-se na sombra da ruasinha abafada entre casas e muros e que não via nada. Conversaram sobre a conspiração, que era o tumulto dos seus espiritos.

Madrugadeira, a velha Andreza, tremendo de frio, procurou na cosinha aquecimento e café. Accendeu o cachimbo de taquara e quando veiu pitar á janella, deu um berro surdo.

— Nossa Senhora dos Navegantes, o mar... o mar...
Dia de juizo! Perdoae... perdoae...

Andreza correu espavorida para o quarto de Ritinha. Abriu a porta com estrepito. Ajoelhou-se no meio da casa e poz-se a declamar o seu pavor. Ritinha despertou assustada e não comprehendeu. Pulou da cama e sacudiu a negra velha. Com difficuldade poudo perceber que se tratava de qualquer cousa na bahia. Imaginou naufragios, explosões de vapores. Não pensou em resaca, que nunca vira. A curiosidade moveu-a e, apezar da resistencia de Andreza, vestiu-se e voou para a janella da sala de jantar. Os seus olhos paralyzaram-se de estupor. A bocca cerrouse, abafando ainda mais a garganta secca. Sobre todo o corpo, o tremor do espanto e do medo. As vagas, por entre assobios dos ventos enfurecidos, subiam, arrebatavam, extravasavam na vastidão das praias. O peito de Ritinha arfava violento, o coração desordenava-se, os olhos dilatavam-se para se embeber nas immensas aguas revoltadas. Neste extase, a encontrou Vieira, que o estampido da

resaca despertara. Ritinha agarrou-se ao seu braço e Vieira percebeu-lhe o medo.

Sorriu superiormente e tranquilizou a sobrinha :

— Nada de medo. Isto é matutismo. E depois saiba que o Espirito fluctua sobre as aguas...

— Para mim, disse Ritinha acalmando-se, isto é uma pororóca damnada.

— Qual, menina. Não fale em pororóca deante de uma resaca destas. É cousa muito differente. Você viu pororóca do Mearim, cousa á toa. Eu, que vi no Amazonas, sei avaliar e comparar.

Os rapazes appareceram entusiasmados. Entre elles e a resaca, a secreta affinidade da violencia e da revolta. D. Calú tambem veiu e poz-se a exclamar o seu espanto e as suas preces de misericordia. Aracy surgiu de roupão verde, os seus cabellos ruivos, desordenados, desprendiam os reflexos luminosos, faiscantes, que o sol nascente fazia germinar. A loucura maritima exaltou-lhe a alegria. Gritava, vociferava, dansava, absorvendo com todos os sentidos, o estrondo, o cheiro, o impeto e a luz das vagas em furor, na intimidade profunda, ancestral, como uma gai-vota na crista das ondas.

Na promiscuidade dos roupões e pyjamas commentavam o spectaculo : Lá cahiu um pedaço do cáes. A agua invade a avenida. Oi! Oi! onda tremenda, uns vinte metros. Coitadas das arvores, vae tudo morrer. Nossa Senhora dos Navegantes, misericordia. O vapor vae ser engulido. Meus Deus! A Lage desapareceu, as ondas lavam-lhe o casco. Lá vae a onda atraz delles, corre, corre, qual, apanhados! Tomaram banho. Que pagode! Vamos lá embaixo? Loucura. Daqui se vê tão bem.

— Mas lá é que é gostoso, concluiu Aracy. Estou com vontade louca de me vestir de roupa de banho e receber a onda.

— Deixa de bobice, Aracy, ralhou D. Calú. Fica socegada. Só tenho pena de Jujú não querer sahir do quarto.

Contei a resaca a elle, nem cousa. Caladinho, tristesinho, sem forças para nada.

Só Vieira prestou attenção a esta tristeza. Tossiu e escarrrou. Os olhos ficaram vermelhos. Os outros continuaram a gosar a resaca. Ritinha entrava na alegria.

De pés no chão, com as pernas escuras e cabelludas, em maillot, os braços nús, muito musculo e carne dura, o Léo entrou aos berros, alvoroçado e invasor. Aracy ficou deslumbrada e possuida.

— Vamos, Aracy. Lá embaixo é que é belleza. De longe é bobagem.

Aracy assanhou-se para ir perto do mar. O pae ainda protestou, mas, quando a filha o abraçou pedindo, fraqueou e cedeu. D. Calú apenas queria que não fosse sósinha com Léo. Este affirmou que a irmã era da banda. Aracy disparou para vestir-se. Não demorou em apparecer. Veiu de roupa de banho, cobrindo-se com um roupão felpudo escarlata. Os irmãos achavam uma estupidez bancar o banho de mar na avenida. Ella deu um muxôxo de desdem e apressava-se para partir, quando a curiosidade de Ritinha a deteve.

— Deixa ver a tua roupa, meu bem. Deves estar o succo.

Aracy tirou o roupão e mostrou-se. Presos pela touca verde os cabellos apontavam mechas douradas, que dançavam sobre a testa e no pescoço. O maillot tambem verde apertava o busto e a cintura, deixando em liberdade um collo farto, uns braços roliços, umas coxas carnudas, tudo branco, roseo e azulado.

Ritinha corou e não quiz olhar mais. No Rosario, do Maranhão, as moças banhavam-se núas nos riachos, nas fontes, nos corregos das fazendas. Era uma frescura primitiva na agua pura e no segredo da matta.

Aracy fez uma pirueta, embrulhou-se no roupão encarnado e correu para a rua, seguida do Léo. Á porta da casa Zilda os esperava. Veiu de roupão amarello, touca azul e maillot vermelho. Esta mocidade colorida desceu correndo,

em risadas, a ladeira. A violencia, o arrojo do mar os fascinou. Avançaram para o cáes e, já á beira do largo do Russell, a agua espumando banhava-lhes os pés. Toda a avenida estava alagada. Os autos passavam voando, espandando a agua sempre crescente. De longe, cavalgando umas sobre as outras, empurradas pelos ventos frementes, as ondas, numa correria impetuosa, arremessavam-se sobre o parapeito do cáes. Em todo o semi-circulo da immensa praia, esguichavam milhares de columnas altivas, furiosas, elevadas a vinte metros, atravessadas pelo sol. Era a suprema alegria da agua. Na sua loucura arrebetava as muralhas e sacudia longe as pesadas lages de cantaria. Pelas brechas, entrava na cidade, arrombava as paredes das casas, inundava as ruas. Os espectadores festejavam a maravilhosa invasão e disparavam a fugir. Outros vagalhões vinham sobre elles e derrubavam os que enfrentavam a indomavel furia liquida. Na avenida e nas ruas transformadas em canaes, appareceram os yoles e os canoes do Flamengo e num delles, o Léo, a irmã e Aracy brincavam com os remos e com as varas, vogando em uma risonha imaginação aquatica.

Depois do almoço, Ritinha tambem quiz ir até a praia. A resaca augmentara e a attrahia. Manuel propoz-se a acompanhá-la. Raymundo não se podia apresentar alli no meio de tanta gente e por um dia tão vivo. Pedro ficou acompanhando-o. Antes de descer á beira-mar, Ritinha pensou em Thereza. Desejava a sua companhia incomparavel. No impeto da sympathia, a matuta não teve pejo de procurar Thereza. Foi rapida e leve, que atravessou a rua, e entrando mansinha pelo portão, subiu a escada, que levava perto do mirante. O silencio estava cheio do ronco do mar revoltado e do ronco de Radagasio, estirado em uma cadeira preguiçosa, de costas para a bahia, a cara tumida, negra, as mãos sobre o tronco, que arfava, em estertor. Sobre as pernas, o Jornal dos Economistas. Thereza viu logo Ritinha e fez-lhe signal para que não falasse.

A matuta elevou-se muito subtil por entre as plantas e devagarinho chegou até Thereza. Os seus olhos estacaram sobre o somno rumuroso de Radagasio, e, vendo o monstro, apegou-se a Thereza com um medo desesperado de o despertar. Thereza, em um sorriso de desprezo e libertação, a socegou. Foi em voz muito baixa, que conversaram. Thereza recusou sahir da sua solidão para divertir-se na praia. Ritinha ficou desconsolada, mas, presa ao encanto daquella mulher e daquelle repouso, esqueceu o mar e a sua furia. De longe, do alto, a resaca tinha a abstracta transfiguração cinematographica.

Thereza não communicava o seu espirito ao movimento das ondas allucinadas na desbragada orgia maritima. Pela manhã, ella estivera com Philippe na Quinta da Boa-Vista. Impregnara-se da magia do amor na doçura verde. Era domingo e Philippe, que já não acompanhava a mãe a São Bento, passava essas manhãs com Thereza, impossibilitada pela permanencia de Radagasio e pela restricção domingueira de encontrar-se com elle durante o dia. Debaixo das arvores do parque quasi deserto e abandonado pela gente conhecida, elles afundavam-se na volupia, que os envolvia e os narcotizava com os venenos imponderaveis e violentos. Desse torpor gostoso era tão difficil sahir. Era preciso que o sol viesse forte, ardente, para precipitar a combustão das arvores, dos perfumes e da terra e os queimasse, arrancando-os do magnetismo vegetal.

Durante dois dias o pagode da resaca distrahiu a cidade de beira-mar. Na tarde de terça-feira as ondas foram abrandando. O que foi alegria e estupor passou a ser lamurias sobre as destruições, calculos dos prejuizos, odio do mar. Na quarta-feira ás duas horas, Pedro desceu ao parque do Russell para esperar Felismino. Em cima, na janella, Raymundo Monteiro acompanhava a scena. O parque estava socegado, quando Pedro chegou. Em alguns bancos, criadas vigiavam meninos a brincar e outros a dormir nos seus carrinhos. Dos restos da resaca

vinham barulhos roufenhos. O mais era o ruído dos omnibus, dos autos e dos bondes, que davam rythmo ao silencio. O tempo estava passando devagar para a impaciencia de Pedro, quando afinal vê, ao longe, entrando pelo meio do parque, Felismino, volumoso e escuro. Monteiro observava que alguns homens vinham em sentido opposto ao negro, do lado da Gloria, e hesitavam em descer ao parque. Pedro não podia vel-os e a sua attenção era toda para Felismino. Monteiro via mais que, na avenida, outros homens surgiam, e, ao mesmo tempo, mais outros vinham pela calçada, abeirando as casas do Russell. O seu faro deu-lhe uma violenta inquietação. E que desespero angustioso de não poder avisar Pedro. Um grito não se ouviria. Os olhos de Monteiro viam Felismino chegar-se a Pedro, abraçal-o, falar-lhe sorrindo tão devotado, tão escravo. Os homens partiam de todos os lados na direcção delles. Eram dez. Aproximam-se. Gesticulam furiosos. Pedro dá um pulo para atraz. É contido. Felismino indifferente. Quatro homens empurram Pedro para a avenida em direcção a um automovel. Felismino os acompanha. Seis homens olham para cima, para a casa de Pedro. Dois partem para a ladeira da Gloria e quatro para a ladeira do Russell. Monteiro arranca-se da janella. Grita por D. Calú. Avisa rapido, brutal, a prisão de Pedro.

— Ah! minha Nossa Senhora! exclamou a devota revolucionaria. Aquelle negro miseravel nos pagará.

Monteiro toma o chapéo. D. Calú chora. Dá-lhe um beijo e vinte mil reis. Ritinha acóde. Dá a sua bolsa, onde havia cincoenta mil reis. Empurra Monteiro para a rua. Espia na porta. Ninguem. Ainda Monteiro dá-lhe papeis rasgados para queimar. É o plano do assalto ao Cattete. Num pulo, Monteiro atravessa a rua. Entra devagarinho no portão da casa de Thereza. Ritinha recolhe-se e corre para o fogão.

Quando no jardim, Thereza viu Monteiro, pensou logo que uma desgraça acontecera a Philippe. Sem medo da

negra, que pageava Lili e os olhava assombrada, Thereza gritou vindo offegante para Monteiro :

— Onde está Philippe? Diga, diga...

Monteiro teve um generoso sorriso, que acalmou a angustia apaixonada. Contou o que succedera a Pedro e a sua fuga precipitada para alli, que era o unico refugio naquelle apertado momento. Thereza, alliviada por Philippe não estar em causa, examinou com liberdade a situação. Bravamente propoz a Monteiro refugial-o em sua propria casa. Debateram esta hypothese, que Monteiro não aceitou, porque comprehendia os aborrecimentos, que sobreviriam a Thereza. Ella, descuidada e enthusiasmada por prestar um auxilio áquelle companheiro do seu adorado, desmanchou todas as objecções. Falou com desprezo do marido e prometeu que faria tudo sem elle saber, apezar do seu infame systema de farejar e fiscalizar. Monteiro foi firme na sua resistencia e pediu apenas que lhe desse passagem do morro da Gloria para o de Guaratiba. Thereza resignou-se a este insignificante auxilio, mas com que altivez poderia dizer a Philippe que estava prompta a servir á causa, que era d'elle e cuja fascinação ella tanto temia?

— É preciso prevenir Philippe do que nos occorreu... pediu Monteiro. A primeira cousa a fazer é descobrir em que prisão metteram Pedro. Esses miseraveis a pretexto de interrogatorio occultam os detidos, os suppliciam cruelmente. Infames. Philippe é o unico, que tem prestigio para suster as torturas... Mas elle deve andar depressa.

Thereza prometeu comunicar-lhe tudo sem demora, naquella mesma tarde, e entrou em outras indagações.

— Não ha duvida, explicou Monteiro. Fomos vendidos por aquelle negro. Bem o capitão desconfiou, mas nós, sempre soffregos por experimentar tudo e todos, nos entregamos... É uma sina. Terra desgraçada...

— Mas não teme pela sua segurança? Que devo dizer a Philippe? perguntou Thereza.

— Diga-lhe que desappareço por uns dias. Darei signal

de vida, quando for possível. Receio pelo capitão e por Manuel. Penso que tudo está desmanchado. Paciencia. Recomeçaremos...

Esta resignação á tenacidade commoveu Thereza. Era uma força estranha na natureza entusiasta e erradja de Raymundo Monteiro.

— Ah! Se todos fossem da sua coragem e firmeza, que libertação! Eu tambem sou firme e tenaz. Já fui vacilante. Mudei. Acompanho este rythmo do character de Philippe e dos seus companheiros...

Lili aproximou-se da mãe, que a recolheu ao collo fazendo-a agradar Monteiro. O foragido alegrou-se com os mimos infantis e esforçou-se por conquistar as graças da criança. Não tardou que a tomasse nos braços e se puzesse a correr com ella pelo jardim. Lili estava deslumbrada. Nunca sentira tanto impulso, tanto entusiasmo, nos que a carregavam nos hombros. Ella deleitava-se, derreada no pescoço de Monteiro, ria em gargalhadas de perder o folego. As pernadas de Monteiro eram gigantescas e a menina imaginava-se em um cavallo maravilhoso. Thereza acompanhava o prazer da filha e de pé estimulava aos gritos a correria. A negra cinzenta arrebetava de raiva. O branco duro dos olhos raiava-se de sangue. Os resmungos da colera não se ouviam por entre as risadas e o alarido, que contaminava os cães e as aves do gallinheiro.

Durante longo tempo brincaram esquecidos, até que a negra enfurecida reclamou em gritos a menina, para deital-a. A hora da sesta de Lili estava atrazada. Thereza tirou-a do pescoço de Monteiro. A criança estava quente e alagada. Thereza quiz esconder da negra este excesso e, contra os habitos, ella mesmo levou a filha para dentro. A negra, batendo pesada os sapatos, seguiu atraz e, quando ia entrando em casa, voltou-se para o lado de Monteiro, praguejou, fez uma cruz com os dedos, beijou-a rudemente e com uma jura de vingança cuspiu na terra, que esfregou com os pés. Monteiro nada viu. Scismava em frente ao mar.

Quando Thereza voltou, elle disse que ia partir. Ella sentiu um aperto no coração. Era o desconhecido, o perigo para o joven destemido, que renunciava ao abrigo seguro. Desespero de não poder guardal-o alli livre de todo o mal. Aquelles instantes de fraternidade na luta contra a oppressão lhes deram ao espirito e ao sentimento uma amplidão bemfaseja, em que se libravam acima de todas as miserias. Apiedou-se de Monteiro. Inquietou-se sobre as privações, que elle ia passar. Correu á casa, enquanto elle a esperou, commovido por aquella avassaladora generosidade. Thereza appareceu carregada de embrulhos de doces, frutas, presunto e pão.

— Está. Ao menos passará a noite hoje sem fome. Como ha de ser amanhã?... Olhe, desculpe. Tome isto para os primeiros dias.

Muito rubra, afogueada, sem fitar Monteiro, apresentou-lhe uma carteira. O foragido estremeceu. Ficou triste. Thereza abaixou o braço dadivoso e ficou triste.

— Não, não faça isto, supplicou Monteiro, Não posso aceitar, a senhora já fez demais. Perdoe, mas não é possível. Tenho muito dinheiro commigo. D. Calú e Ritinha deram-me bastante.

Thereza recolheu a carteira. Ficou pensativa. Monteiro não aceitava dinheiro della e aceitava das outras. Elle marcava a separação que, mesmo no infortunio e na communhão das idéas, impede a inteira fraternidade. Compreendeu que era um bem para a sua libertação integral e que ella devia proceder fortemente, mas sempre emancipada de todo o sentimentalismo. Acompanhou Monteiro até o portão dos fundos, que dava para o morro de Guaratiba. Fez-lhe mil recommendações de prudência, prometeu-lhe ver Philippe naquella mesma tarde e foi com alegria e muito livres que se despediram.

Logo que deixou de ver Monteiro, Thereza fechou o portão e mandou preparar a sua barata. Poucos minutos depois ella estava á porta dos Vieiras. Nas duas esquinas

postavam-se homens, que espiavam os movimentos da rua. Thereza não ligou e entrou firme na casa amiga. Quando D. Calú a viu, foi uma choradeira. Aquella mulher, que tanto esbravejava, cahiu em prostração, desde que a desgraça a attingiu. Thereza consolou-a, um pouco enfastiada. Ella queria factos e não lamurias. Ritinha foi que a esclareceu. Os secretas vieram, deram uma busca na casa, á procura de papeis e sobretudo de Raymundo Monteiro, que sabiam estar refugiado alli. Desesperados de nada encontrar, fizeram mil ameaças contra todos, que seriam chamados á policia e Aristides Vieira castigado por ser revoltoso, sendo empregado publico. E que Pedro, que estava nas unhas delles, havia de pagar por todos. Agora estavam vigiando a rua.

— A senhora está se expondo muito, supplicou D. Calú, entre lagrimas. Não faça isto, que pode lhe vir mal.

— Que importa? O que está feito, está feito, affirmou resoluta Thereza. Faça o que Philippe desejaria que eu fizesse, concluiu sem temor de expor francamente o seu coração.

Contou-lhes a passagem de Monteiro, pela sua casa, os momentos quasi alegres e descuidados, que tiveram, e a promessa que fizera de communicar tudo a Philippe, naquella mesma tarde.

— Vamos, Ritinha. Venha commigo ao escriptorio de Philippe e se elle não estiver iremos á casa delle. Arranje-se e vamos...

— E eu? Fico só? gemeu D. Calú. Nem mesmo Aracy está em casa. Parece um castigo. E Manuel? Ah! procurem por elle tambem, que não venha para a casa. Ah! eu fico doída. Jujú está na espinha. Não tem mais força para se levantar. Parece maluco, coitadinho. E agora mais esta calamidade.

— Coragem, D. Calú. Tudo isto passará. Hão de dar cabo deste governo, replicou sem convicção Thereza.

— A senhora acha? Qual o que. Elles são muito fortes,

compram todo o mundo. Têm dinheiro a bessa. O melhor é a gente abaixar a cabeça e não se metter contra. Não vale a pena. Os que têm coragem e brio soffrem, enquanto os outros lucram... Ah! meu Pedro, meu filhinho!... O que estará padecendo?

A covardia maternal exasperava Thereza. E foi um allivio, quando Ritinha veiu á sala, vestida com o seu melhor vestido. Thereza apreciou esta liberdade de espirito, que mantinha a faceirice feminina. Deixaram, apressadas, D. Calú. Ao chegarem á rua, um secreta examinava o automovel. O olhar soberano de Thereza intimidou o pardavasco, que se afastou quasi se desculpando.

— Canalhas! disse alto, e exasperada pulou para o volante.

Ritinha, contagiada por este desabafo violento, sentou-se ao seu lado e bateu com estrondo a porta do carro. Thereza atirou o automovel com toda a velocidade em cima dos secretas, que recuaram atordoados.

Na Avenida, á porta do escriptorio de Philippe, ella fechou o carro e tomou o elevador. Era a primeira vez que alli entrava, mas instinctivamente tudo lhe pareceu habitual. Quando lhe informaram que Philippe estava só, foi com toda a autoridade, que penetrou no seu retiro. Elle escrevia, mas a sua attenção estava sempre alerta ao mundo exterior. O menor ruido interessava os seus sentidos. Não foi espanto, mas uma ineffavel satisfação que o arrebatou, ao ver Thereza na sua frente. Levantou-se vibrante para recebê-la nos braços e cobri-la de beijos. Ella defendeu-se muito subtilmente, fazendo Ritinha mostrar-se. Foi então que Philippe extranhou a apparição de Thereza. Sem demora, com uma vibração, que lhe illuminava os olhos, purpureava o rosto trigueiro e agitava-lhe as mãos enluvadas, Thereza narrou tudo. Philippe, ainda embevecido na admiração, acompanhava mais o rosto, as expressões, o som da voz, o magnetismo do olhar da narradora, do que o proprio assumpto narrado. A intervenção

de Ritinha, que accentuou pormenores anteriores aos que se deram com Monteiro, foi obrigando Philippe a prestar attenção ao caso, que angustiava a todos. Repetiram-lhe tudo. Quando Thereza lhe contou mais minuciosamente todos os detalhes da passagem de Monteiro, Philippe ficou pensativo. Viu Thereza e Monteiro na grande espontaneidade dos sentimentos, na subita intimidade, que a dôr e a sympathia criam. Imaginou o deslumbramento de Monteiro pela sua Thereza generosa, ardente, entusiasta. Na sua secreta irritação, o grande desalento, o impeto de deixar tudo, de se evadir, porque tudo era torpe e immundo. Não queria olhar Thereza, que recebera a admiração de um homem em um momento de exaltação e de fraternidade. No extranho silencio, o delirio intimo do ciume separava Philippe de Thereza, que se viu desamparada e não comprehendia a subita attitude rancorosa do seu adorado. O instincto velava. Muito de manso a mulher falava ao homem, ostentando um livre desinteresse por tudo o que a commovera e a fizera procurar Philippe. Á principio elle quiz repellil-a, expulsal-a com injurias, mas a doçura da voz, o desprendimento manifestado o foram equilibrando e foi sorrindo que, por sua vez, Philippe se libertou da furia do ciume e se poz em profunda harmonia com Thereza.

— Vamos já á policia, propoz elle, apertando a mão de Thereza, que suspirou alliviada do pesadelo obscuro e indeciffravel, que a atormentava. Ritinha alegrou-se, sem saber tambem porque.

Quando chegaram á policia, Philippe deixou-as no automovel e subiu. A rua estava cheia de carros parados. Outros entravam e sahiam do interior do edificio. Thereza ia commentando com Ritinha estes movimentos imaginados por ella como execuções de ordens tenebrosas dos tyrannos do estado de sitio. Os ciganos, que estacionavam nas portas, os negros benguelas, os soldados cafusos, os advogados, os syrios, os portuguezes, os italianos, todos lhes pareciam

sicarios, malfeitores, secretas, ladrões acompanhados das rubras polacas excessivas, das negras desbragadas, suas comparsas na crapula e nos crimes. Thereza e Ritinha sentiram o nojo tremendo e a vergonha revoltada. Philippe demorou muito a vir e o desesperado martyrio, que soffreram, as anniquilava. Veiu. As informações eram escassas. Com muito custo descobriu que Pedro estava incommunicavel e naquelle momento o interrogavam. Felismino, que delatara, tinha apanhado uma surra e ficara preso.

— Bem feito, bravo ! gritou Thereza applaudindo generosamente os algozes.

Philippe resolveu que ellas voltassem para a casa. Era tarde, oito horas passadas. Elle esperaria pelo fim do interrogatorio de Pedro e mais tarde levaria noticias á casa de Vieira, onde Thereza o encontraria. Thereza apiedou-se da dedicação de Philippe e, temendo pela sua saude, pediu-lhe muito que jantasse e se agasalhasse, pois a noite estava humida.

No caminho, Ritinha procurou tagarelar falando dos horrores, que viram e que souberam. Thereza não deu trela. Estava absorvida em Philippe e pensava com angustia nas horas, que elle passaria naquella infecta policia, na fome que teria, no frio que iria apanhar e admirava em extase a bondade, a energia, a autoridade do seu idolo. O amor exagera.

Thereza deixou Ritinha em casa e entrou no seu portão vagarosamente, desanimada. Poz o automovel em marcha para cima. Aquello socego do cheiroso parque adormecido a confrangeu. O seu impulso era voltar e esperar Philippe na ignobil porta da policia. Quando lhe appareceu a casa, viu Radagasio no alpendre, sob o fóco de luz. O homem estava hirto, negro, pavoroso. Thereza abandonou o automovel e o affrontou.

— Deixe de cara amarrada... Vim tarde hoje, porque tive de ver uma amiga doente. Não pude abandonal-a, antes do medico chegar...

Esta mentira exasperou o homem. Riu sarcástico, batendo com as bochechas, com os dentes, fungando desesperado. Quando Thereza ia passando para dentro, julgando-se livre e dominadora, Radagasio agarrou-a pelos braços e berrando :

— Mentirosa, safada, traidora.

Thereza torceu-se energicamente para se livrar das mãos, que a apertavam com raiva.

— Larga, miseravel. Tu és um infame que eu odeio e desprezo. Canalha ! E cuspiu-lhe na cara.

Radagasio empurrou-a contra a parede, esbordoou-a com furor. Na luta o chapéo de Thereza cahiu, o vestido se rasgara. Os criados accudiram. Deante delles, Radagasio largou Thereza e procurou disfarçar :

— Não foi nada. Uma discussãosinha á toa... Vamos jantar.

Os criados sahiram resmungando, unidos no odio contra o homem estúpido, violento e falso. A negra não appareceu. Thereza recolheu-se ao seu quarto, humilhada e desesperada por uma vingança, que destruisse o monstro odioso. Como prevenir Philippe? Philippe ! Sempre longe, quando ella precisava do seu apoio constante, da sua protecção, das suas caricias, que apagariam todas as maculas, todas as infamias. Fora obrigada a mentir. Covardia eterna. Escravidão. Nada a humilhava mais do que a mentira, com que se desculpava. Quando a libertação, que lhe daria a coragem para tudo, a harmonia do seu ser com a verdade? Atirou-se na cama em soluços, mordendo de raiva o travesseiro, batendo-se ainda mais, como se merecesse ser ainda mais flagellada pela sua covardia de permanecer alli, naquella covil, com aquella fera miseravel, idiota, nojenta. Não foi jantar. A criada veiu devagar, como se entra em quarto de moribundo, espial-a. Percebendo que não estava dormindo, offereceu-lhe com muito carinho qualquer alimento. Thereza recusou. Pediu-lhe que a ajudasse a tirar o vestido estraçalhado. E foi compassiva que a criada examinava

o lindo collo de Thereza com as marcas roxas dos dedos de Radagasio. O rosto escapara á furia destruidora da belleza.

Radagasio jantou só. Procurou mostrar-se calmo deante dos criados. Ficou soturno e mais negro. Depois do jantar veiu ao terraço e caminhou para baixo e para cima, desesperado. Falava só, descompondo Thereza, Philippe e os amigos deste. Jurava vinganças estrondosas. E o seu desespero era não poder falar com Thereza, desabafar aquella colera. Precisava da mulher para a expansão do odio e da inveja, que o suffocavam. Não se conteve e foi ao quarto de Thereza. Ella, quando o viu, ergueu-se da poltrona em que se enterrava e o expulsou com violencia.

— Vim para conversarmos, explicou o marido. Gosto sempre de conversar. Isto da gente brigar sem falar é um inferno.

Thereza sentou-se e virou-lhe as costas. Elle de pé vociferava :

— Você é muito atrevida. Ha muito que a sua existencia me desespera. Você mudou em tudo. Ah! não confessa... Mas tambem não nega. Olhe, eu estou espiando a sua vida e a delle. Se eu descobrir qualquer cousa, eu os mato... O meu prazer é picar vocês com um punhal. Ou liquidar tudo com um tiro. Olhe, não pense que estou dormindo. Ha tempos que estou fazendo esgrima e praticando tiro de revolver e pistola, porque no tiro de espingarda sou forte. Bom caçador não erra caça...

O silencio rancoroso de Thereza exasperava a colera de Radagasio. O que elle promettera a si mesmo nunca dizer á mulher, porque era a grande arma contra ella, e que seria para a occasião decisiva, no desespero daquelle desprezo, elle desabafou :

— Sua canalha, cuida que eu não sei tudo o que se passa aqui na minha ausencia. Burra, cabeça de esterco. Então eu não sei que você, sua ordinaria, está mettida em cons-

pirações? A Balbina me contou tudo. Quem é este caga-geste, que esteve aqui, fugido da policia e que você deu escapula pelo morro de Guaratiba? Fale, responda. Você está me compromettendo horrivelmente. Eu, um legalista decidido, a receber em minha casa, um bandido revoltoso, um ladrão mashorqueiro, porque, sim, todos estes revolucionarios não passam de larapios, assassinos, deshonradores de mulheres casadas... Corja infame... O governo deve surrar todos elles e queimal-os. Responda. Como se chama o tal canalha? Olhe, eu, para me ver livre de qualquer responsabilidade, vou denuncia-la á policia...

Radagasio esperou o effeito desta ameaça. Thereza não respondeu. Continuou na mesma postura de odio e silencio. Apenas, depois destas revelações, o seu coração batia mais violento, o seu corpo queimava de raiva. A negra Balbina pagaria tudo antes da sua libertação desse torpe Radagasio.

As ameaças continuavam inuteis. Radagasio voltou ao jardim. Gritou por Balbina, que dormitava no quarto de Lili. A negra acordou assustada e veiu tremendo.

— Ah! Nhonhô. Vosmecê faz logo um barulhão com tudo o que a gente conta. Se eu soubesse, tinha visto e ouvido calada. Bocca para que falaste.

— Você fez bem. Você é a unica pessoa, que me estima neste mundo, disse humilde Radagasio. Vamos, conte tudo de novo.

A negra tranquillizou-se e repetiu o que vira.

— Mas como é o typo?... Não ouviu de D. Thereza o nome delle?

— Ah! não, meu branco. Ella não disse o nome. Repito a vosmecê que era um sujeito claro, magro, espichado, de um nariz que, valha-me São Francisco... Falavam, falavam. D. Thereza, a principio estava triste, aborrecida com a prisão do filho da vizinha. Depois esqueceram tudo, o sujeito brincou com Lili, como se fosse um innocente. E quando elle ia partir, D. Thereza encheu o homem de doces, frutas e lhe deu uma carteira com muito dinheiro...

— Ladra ! vociferou Radagasio, sentando-se desanimado num banco.

A negra pegou-lhe a cabeça, e começou a alizal-a. Com uma voz suave e sonora modulava-lhe na noite capitosa a sua melopéa :

— Nhonhô está triste... Tem de quê. A mulher de Nhonhô está enganando a elle. A mulher é sempre traioeira. Esta não estima Nhonhô. Tem vergonha e desprezo do seu marido. Ah ! eu reparo tudo. Quando ella fala com Nhonhô, é com cara fechada, má. Por detraz é um Deus nos acuda. Não tem vergonha de dizer que Nhonhô é estúpido, sovina, mau, um miseravel, e repete sempre que casou sem amor, obrigada, e que Nhonhô é ladrão e só vive á custa do dinheiro della. Uma pouca vergonha. Uma mulher que não respeita seu marido, um homem tão trabalhador, homem de sabedoria, um moço fidalgo que a minha mãe criou, tão bonitinho desde menino e que é um homem importante, cotuba...

Radagasio ficou embevecido com a ternura, que o surprehendia e o acalmava. Pegou a mão rugosa de Balbina e a amimou.

— Então gostas muito de teu Nhonhô, minha negra tão boa...

— Sim, Nhonhô, eu tenho uma adoração por vosmecê desde pequena. Nhonhô não reparou como eu não largava Nhonhô? Eu comia Nhonhô com os olhos. Tinha tanta pena do que Nhonhô soffria nesta casa com aquella mulher ingrata. Ah ! Maldita.

Baixavam sobre Radagasio a meiguice e a quentura negra. O volume preto pesava sobre elle e das entranhas alvoroçadas vinha o fluido da concupiscencia. Radagasio passou o braço pela cintura de Balbina. A negra, derretida, afundou-se sobre elle e o farejou com as narinas assanhadas. Radagasio apertou com força. A negra arreganhou a bocca e lasciva, babosa, o mordeu nos beiços. Radagasio resfolegava, esfregando a cabeça nos peitos de Balbina :

— Minha nega, meu petisco preto, safada, gostosa...

A negra deu um grito abafado e sumiu-se. Vira Thereza surgir no patamar da porta. Radagasio encolheu-se todo miudo, apagando-se na sombra. Thereza desceu muito firme na direcção do mirante, envolta em um roupão de seda cõr de morango, que lhe fazia resaltar ainda mais a opulenta pretidão dos cabellos.

Philippe referira em casa de Vieira a situação de Pedro. Tinha sido interrogado. Não lhe quizeram dizer o seu depoimento. Continuava incommunicavel para ser acareado com Felismino e depois seria mandado para a Detenção. Não o tinham maltratado. Philippe chegara a tempo de o recommendar a um dos delegados seu conhecido. Felismino tinha levado uma surra e estava na geladeira. Fora o preço da sua delação. Manuel não apparecera. Seguramente tivera algum aviso. Vieira estava acabrunhado com medo do que lhe podia succeder. Já na repartição elle era muito suspeito. Agora justificariam pretextos para o perseguir e abrir a vaga muito cobiçada. Os miseraveis venciam. A tristeza da casa desconcertava Ritinha, que desejava voltar ao seu Rosariõ, tão socegado, ou ir para o Acre reunir-se ao noivo. Solidão, febres, tudo preferivel áquella angustia neste Rio tão bonito e tão mau. Esperaram por Thereza inutilmente. Ritinha offereceu-se para ir saber a razão da sua ausencia. Philippe presentia uma violencia de Radagasio, furioso com a demora de Thereza naquella noite. Decidiu-se a ir elle mesmo saber o que se passara. Dispensou a intervenção de Ritinha e, recommendando calma, consolando-os com a esperanza, partiu. Ia empurrando o portão da chacara de Thereza, quando Radagasio puxava este do lado de dentro. Ambos surprehenderam-se com o encontro. Radagasio acovardou-se e servilmente abriu o portão.

— Oh! Que coincidência... pode entrar. Eu ia dar uma volta, a volta do chylo e da meditação. Andar para pensar,

é a nossa devise, dos peripateticos... Sinto muito não ficar na sua companhia. Mas o senhor não é de cerimonia. É de casa. Thereza está lá em cima á sua espera. Que diabo, não andei nada hoje. Veja o meu pedometro. Só tres kilometros e eu me impuz na obrigação de andar dez por dia. Por isso, desculpe, vou cumprir o meu dever. É indispensavel para a digestão. Quem tem boa digestão, tem idéas claras. *Mens sana in corpore sano*. Suba. Thereza está no mirante á sua espera. Ella saberá entretel-o na minha ausencia. A casa é sua...

Deu uma gargalhada secca. Empurrou amistosamente Philippe para dentro, fechou o portão. Viu que Philippe subia. Proseguiu, tomando pela ladeira da Gloria. Apertou o passo. Debaixo de um lampeão verificou o pedometro. Qual, não tenho tempo de fazer os kilometros da obrigação. Não tem importancia. Ninguem sabe. O aventureiro está subindo com toda a velocidade. Mas não é andarilho como eu. Ando mais que o judeu errante. Sabes quem foi Ashaverus?... Diabo, o vento está fresco e eu sahi sem sobretudo. Volto? Não. Ella está espantada com a chegada do sujeito... Elle agarra ella nos braços. Beijam-se. Pouca vergonha. Toca a andar. Emquanto elle subiu dez metros, eu andei quinhentos... Não póde commigo. Já estou aqui embaixo, agora pego a avenida. Elle pega a mão della, aperta com força, ella conta tudo, deitada no hombro delle. Nina, nina, meu bem, o teu amor... Divertido. Mas quem fez tudo isto? Eu, Radagasio Vianna, o marido generoso, que não tem ciume e abriu a porta para o amante de sua mulher e veiu andar, andar. Superioridade. Quem faria isto? Ninguem. Todos os maridos, uns canalhas ferozes e ciumentos, sem grandeza d'alma para proteger o amor. Sou um caso raro. Estou suando. É este vento frio. O meu sobretudo... Não volto para buscal-o. Não perturbemos o amor. Ella está damnada a falar mal de mim. Paciencia. Não comprehende nada. Cabeça de esterco... Na primeira occasião explicarei tudo

a Philippe. Ufa, um kilometro e meio. Toca a andar. A calçadinha é estreita e toda a gente me empurra. Se um taxi ou um omnibus me mata... Thereza, viuva, elles se casam. Evitemos desastres. Como está desmantelada esta avenida. Que prefeitura miseravel... E eu defendo o governo, defendo tudo... É preferivel estar do lado do cabo da faca... E metter a faca em Philippe e Thereza. Maravilhoso. O marido que se vingá, o defensor da honra do lar. O lar é a base da vida nacional. Vou contando os carecas até o fim da avenida. A Balbina está escutando para me contar tudo. Sou o chefe dos secretas. O governo me devia aproveitar. Vinte carecas. Vae depressa. Eu na policia, Philippe no cubiculo, surra de cano de borracha, depois deportação para o Amazonas. Não devo andar contra o vento. Faz angina de peito. Prudencia. A avenida está ficando deserta. Este povo dorme com as gallinhas. E os gallos não dormem... Estão tramando o diabo contra mim. Ella está enthusiasmada por Philippe. Sim senhor, o cabra é cynico, vem vel-a sem minha autorização. Deilhe uma lição. Fui eu mesmo que lhe abri o portão e o mandei para cima, para junto de sua Thereza. « Ah! meu Philippe, tu és bravo, não tens medo de Radagasio, que é uma fera valente e terrivel, tu vieste socegar a minha afflicção... meu amor, minha vida. » Philippe responde: « Adivinhei que estavas soffrendo o martyrio deste miseravel Radagasio, deste cretino, e corri para o teu lado. Não tenho medo! » « Viste o algoz? » « Sim, foi elle mesmo que me recebeu. Estava sorrindo, disse-me que tu me esperavas. Abriu o portão para eu entrar. Estava superior, um verdadeiro gentleman... » Duzentos carecas, ufa, cheguei á zona da Lapa, zona gostosa... Eu arrebeno este pedometro de tanto andar... Se houvesse uma corrida de gente distincta para a marcha a pé, eu tomaria parte e, quem sabe, teria o primeiro logar. Seria uma sensação na cidade. Ficaria conhecido. Quem é aquelle? É o Radagasio, o celebre andarilho, que tirou o primeiro premio na corrida

de homens importantes. E no banco, então? Todos me olhariam com respeito e mesmo com inveja. O presidente me felicitaria. « Sim senhor, meus parabens, o senhor com os pés honra o banco. Vou referir ao governo o seu heroismo. » Oh! bruta raiva de Philippe... Não é minha culpa. Quanto beijo lá no alto! É um pagóde. Miseraveis. Vocês me pagam. A minha vingança é pical-os bem devagar. E a carta anonyma? Não. Isto é indigno de um cavalheiro, que ganhou o primeiro premio de corrida a pé dos homens respeitaveis... Beijem-se, beijem-se, aproveitem, enquanto Radagasio é o marido. Oh! diabo! que caça extranha é aquella! Apertemos o passo... Não corre, meu bem, não corre... Oh! que crioula!... Isto é que é mulher... Pelo cheiro deve ser bahiana...

XIV

Radagasio esqueceu o odio, esqueceu a policia, e ufanou-se da sua formidavel clarividencia, quando, de manhã cedo, no jardim, Balbina lhe referiu que tudo se passara como elle tinha « visto ». Sorriu deslumbrado para a negra que, sem comprehender tão extranha ventura naquillo, que ella deformava e gosava como uma medonha tragedia, ficou apatetada, tambem a sorrir á estúpida alegria. Radagasio engrandecia-se desmesuradamente, orgulhoso dos seus dons sobrenaturaes e do seu cavalheirismo.

— Bem, muito bem. Agora é apertar o cerco, prescrevia elle á negra. Tu não arredas pé delles. Se a sem vergonha te mandar embora, quando o aventureiro estiver com ella, não obedece. A palavras oucas, ouças moucas... Quem manda aqui sou eu. É preciso que saibam... Olha lá...

Balbina jurou pela luz que a allumiava que só respeitava Deus no céo e Radagasio na terra.

— Tu és um quitute, Balbina. Pretidão de amor, como diz o epico.

A negra suspirou langorosa e esperou o assalto de Radagasio. Não veio. Radagasio ruminava sobre o seu genio intuitivo e o seu dilatado prestigio social. Coordenava o plano de combate contra Thereza e Philippe. Quanto a este, a solução estava na policia. Denuncia anonyma, naturalmente. E o resto é o que se pratica com todos os presos politicos. Fome, surra e deportação para morrer.

Contra Thereza, a tyrannia marital. Balbina desnorteou, quando em vez de arrancos de libidinagem, recebeu ordens de perseguir Thereza. Á proporção que Râdagasio mandava, o odio da negra despeitada, enfurecia-se.

— Deixe, Nhonhô, por minha conta... Eu espremo ella que nem canna. Fica bagaço só, que a gente joga fóra. Vou já tirar Lili do quarto dessa malvada...

A raiva alliviou-lhe o peso e foi em sacudido boleio, que entrou na casa á busca da menina.

Lili brincava socegada no tapete. Thereza, da cama, olhava na entrada da bahia a abertura, por entre as ilhas, para o oceano livre. A sua felicidade integral estava na libertação com Philippe. E para attingil-a, renunciar a toda a relatividade, em que a apertavam. A sua mão acariciou a cabecinha de Lili. A criança continuou a brincar, mais quieta, deliciada com aquella meiguice. Na grande languidez, prostada pela angustia, faltavam a Thereza forças para suspender a filha. Lili sentiu esta insufficiencia e pressurosa pulou para a cama. O animalsinho roçou-se na mãe, aspirou-lhe o cheiro, aqueceu-se no corpo febril, beijou o rosto, apertou o nariz, mordeu, riu, riu, contente em reanimar o ser adorado, enlanguecido. As effusões da criança estimularam Thereza, que, no furor da possessão maternal, agarrou a filha com o desespero do pavor da separação e da agonia de perdel-a para sempre.

A negra bateu reclamando a menina. Thereza não respondeu. Aquelle chamado exarcerbou-lhe a angustia. Lili ficou muda, quietinha, cúmplice dessa defesa rancorosa. Escondeu-se dentro dos lençóes, ainda mais collada ao corpo, que a prendia por formidaveis fluidos da pelle e da carne absorventes. Era a unidade profunda, ancestral e eterna da maternidade. Contra ella só o milagre da desencarnação pelo amor.

De fóra, a negra insistiu inutilmente e já gritava desaforada, quando Radagasio veiu interrompel-a.

— Não berra, Balbina. Nada de escandalos. Aqui é casa

da ordem e compostura. E depois, cuidado... Acabo de ver a policia rondando na frente da casa e eu não quero historias. Sae, vae-te embora. Não faltará occasião... O bom bocado não é para quem o faz...

A negra olhou-o com desprezo e afastou-se, resmungando, **emphatica**, a sua odienta decepção :

— Todos estes brancos são safados... Ixe... Tudo tem medo um do outro. Para os diabos, que os carreguem. Mas elles me pagam. Santo Onofre valerá á sua devota e Eixú pune pela sua negra na encruzilhada da morte...

Thereza queria libertar-se de Radagasio e não se separar da filha. E com esta viver no paraíso do amor de Philippe. A essa ineffavel e suprema aspiração oppunham-se a ganancia de Radagasio em conservar intacta a fortuna da mulher, que elle usufruia avarentamente, e a sua vaidade em manter a apparencia da vida conjugal com a pretensão de dominar. Radagasio não consentiria na separação e, para prender Thereza, havia a força terrivel da piedade maternal. Na indizível angustia, em que se debatia, crescia o odio de Thereza pelo homem nefasto e, neste desespero, veio-lhe o impeto obscuro e tenaz de o matar. Seria a libertação e por ella a felicidade eterna. Desde que este pensamento a dominou, Thereza tinha constantemente o revolver á mão. Esperava que chegasse o momento da execução, que ella desejava e temia. Era o segredo do seu sentimento, que nem mesmo a Philippe ousava communicar. Era o que havia de tenebroso, de horrivel, no fundo da paixão, que luta pela sua liberdade absoluta e seu desafoço feliz. Esta obsessão a torturava. A presença de Radagasio allucinava-a. O som da sua voz a enchia de terror. E nesta exaltação do odio e do pavor, Thereza cahia em prostração, inactiva, inermes. Philippe não a via nessas crises da miseranda intimidade do lar tenebroso. Quando elles se encontravam, Philippe adivinhava na pallidez terrosa da adorada, no halito febril, a combustão daquelle ser desesperado na maior angustia

humana. Não queria pesar sobre ella, mais do que pesava. Quizera libertal-a da tortura nefanda. E ficava perplexo deante da fatalidade ineluctavel. Não podia deixar de amal-a. Por esse amor supremo viviam ambos. Não se ama, nem se deixa de amar, quando se quer. Pensou em morrer por Thereza. Mas Thereza morreria. Pensou em morrerem ambos. Mas a lei de conservação do amor repelle esta traição á plenitude da unidade. Philippe e Thereza soffriam das duras contingencias, em que a sua paixão nascera e se tornara maravilhosa e infinita. O que podia esperar de Thereza seria que ella renunciasse á filha e partisse, livre, com elle. Esta renuncia Thereza não tinha animo de praticar. Muitas vezes, propunha esta solução que o amor exige, mas sempre recuava tomada do sentimento entranhado, que a maternidade gera para escravizar a mulher e tornal-a inferior ao homem no amor. Philippe comprehendia e se confrangia na compaixão. E tudo para elles tornava-se triste, indefinido e obscuro. Era nestas trevas dolorosas que a ansia de supprimir Radagasio se apoderava cada vez mais de Thereza. Quando ella, na doce calma da volupia, na intimidade bemaventurada, ousou muito firme revelar a Philippe o seu proposito libertador, elle, pasmo da resolução assassina de Thereza, esforçou-se por protegal-a da tentação infernal e, por entre beijos de fogo e de ternura, procurou arrancar daquella alma transcendente a allucinação do crime. Thereza espantou-se da reprovação de Philippe. O que elle achava monstruoso, ella julgava justo. Porque só ella soffrera, toda a sua vida, o martyrio innominavel de ser a mulher do homem funesto e ridiculo, porque só ella sentira na sua carne a infamia de ter pertencido áquelle maldito, ignobil e asqueroso. Porque elle era o impecilho, o estorvo da felicidade do amor que a transfigurava, não era humano, não era justo que por um Radagasio cessasse a alegria do universo e não se abrisse o paraíso. Esta logica de Thereza emmudeceu de admiração Philippe. Sentiu elle a immensidade do amor,

mas tambem o conflicto desesperado, em que Thereza se debatia. Era para conservar Lili, que Thereza resolvera matar Radagasio. E foi com uma piedade immensa que Philippe repelliu o sacrificio e revelou a Thereza a razão profunda e imperiosa do seu proposito. Thereza recebeu uma invasão luminosa no espirito, turvado pelo odio, quando Philippe lhe mostrou que este terrivel sacrificio de commeter o crime ella faria não pelo amor que os unia, mas pelo amor maternal. Thereza não precisaria eliminar Radagasio, se quizesse renunciar a Lili e desaparecer com Philippe para sempre. Para conservar Lili, que Radagasio não consentiria em lhe dar definitivamente, foi que ella pensou em matal-o.

Esta claridade no espirito de Thereza a offuscou. Abatida, dolorosa, a amante reconheceu não estar agindo pelo amor do seu amor e sim pelo sortilegio da maternidade. Aca-brunhada, infeliz da sua inferioridade, Thereza chorou humildemente nos braços de Philippe.

O amor exaltava-se na situação insolúvel. Thereza não podia permanecer em casa, onde a existencia era intoleravel. Procurava estar sempre com Philippe. Na casa dos Vieiras tudo era desolação depois da prisão de Pedro, sempre detido. A doença de Jujú aggravava-se em allucinações e desfallecimentos. O medico, que afinal chamaram, estava apprehensivo. Naquelle mundo infeliz a angustia de Thereza augmentava. Ritinha não podia acompanhá-la, presa aos cuidados pela doença do menino, de quem se fez transbordante enfermeira. Thereza notava que Manuel estava tomado por uma grande saudade de Monteiro. Faziam-lhe falta o enthusiasmo, a penetração, as experiencias do revolucionario erradio. Manuel reflectia, cada vez mais, no que d'elle ouvira sobre as miserias do interior do Brasil, e confrontava estas miserias com as que testemunhava aqui e era, de miseria com miseria, que se formava o fundo doloroso da nação. Pelo angulo da sympathia humana, Manuel se foi despindo dos seus preconceitos

juridicos e se impregnando de um ambiente mais vasto, sentimental e intellectual, germinado pelas ideas de Monteiro. O seu espirito abria-se para o communismo com o mesmo ardor, com que o combatera. Nada disto interessava Thereza. Tambem Philippe se libertara dessas preoccupações secundarias. Na magia do amor vive-se no absoluto.

Ainda assim os companheiros de Philippe não o deixavam totalmente. Vinham ao seu escriptorio, o acompanhavam na rua e era com difficuldades que Philippe se livrava delles, quando tinha de se encontrar com Thereza. Uma tarde na avenida, Philippe, seguido por Manuel e mais outros camaradas, foi interrompido por Laura Moraes. Ella postou-se, desenvolta e resoluta, deante de Philippe. Não lhe deu a mão. Segurou-o pelo braço.

— Não fuja, seu malcriado. Agora não o largo sem ajustarmos contas. A vontade que tenho é dar-lhe pancada.

Laura ria estridente, victoriosa da sua belleza e da sua ousadia. Este atrevimento enervou Philippe. Os outros ficaram enleitados.

— Vamos, explique-se deante de todos, continuou Laura. Porque você foge de mim? Tem medo? Oh! covarde! Porque não cumpre o que prometteu? ir ouvir os meus versos? Ande, responda... Está prisioneiro de alguém? Todo o mundo sabe... Fingido, hypocrita... Agora só o deixo, depois que me jurar que vae me ver.

A allusão a Thereza exasperou ainda mais Philippe, que, por um vestigio de respeito, queria occultar, proteger o seu amor. Para se ver livre de Laura, prometteu covardemente ir vel-a.

— Sim, meu caro... A promessa está feita. Mas ella ha de ser cumprida amanhã á tarde... Está com medo?...

Philippe, estimulado na sua vaidade, cede. Promette ir. Laura exige um juramento. Philippe sacrifica-se.

— Ah! bravo. Isto agora é outra cousa. A palavra de Philippe Miranda é sagrada. Eu fico tão contente... Você não quer ir tambem, Manuel? E os senhores?

Compreenderam que era um convite forçado e desculparam-se recusando. Philippe ficou desamparado, confuso, estúpido.

Laura Moraes ainda os entreteve com ruidosa volubildade. Disse-lhes que os paes lhe davam toda a liberdade para receber os seus amigos e que vivia muito independente. Apertou-lhes as mãos, sacudindo as pulseiras extravagantes e, arreganhando a bocca grossa e vermelha, partiu na alegria.

Philippe ficou atormentado. Teve vergonha da sua fraqueza e o terror de offender Thereza, no contacto com aquella mulher impudente, aniquilava-o. Porque cedera? Na angustia, que o affligia, Philippe não podia discernir se a sua submissão fora determinada pelos impulsos da vaidade de se ver requestado por uma moça tão bonita, ou pelo orgulho do seu prestigio intellectual e ao mesmo tempo pela vergonha de comprometter Thereza, o pudor de exhibir a sua paixão, recusando o convite. Os companheiros festejaram vulgarmente o seu successo.

Na certeza de que tudo isto era passageiro, insignificante e ainda um sacrificio á relatividade, em que se debatia o seu amor, Philippe foi á casa de Laura na tarde seguinte. Era no quarteirão dos arranha-céos e dos cinemas. Do solo elevavam-se musicalmente columnas de cimento armado e guindastes de ferro como torres. Subiam nos sons das serras que, cantando estrepitosamente, enterravam gostosas, devoradoras, os dentes no âmago carnudo das tóras brancas de pinho. Reteniam as pancadas metalicas, agudas, ferinas. O ferro alegrava-se sobre o ferro, emquanto um canto chão se formava soturno das marteladas nas madeiras, das baixas vozes humanas, dos ruidos dos carros de cimento, trepando pelos guindastes para despejar a materia cinzenta, concreta, que se precipitava tumultuosa dentro dos vacuos das fôrmas. Tudo timbrava uo espaço livre. Exaltação do movimento criador da multiplicidade sonora. Philippe foi envolvido pela magia

musical, que dava encantação ao trabalho. E nesta abstracção, subiu, no elevador, para o appartamento da familia de Laura. Na sala ella estava de pé conversando com um homem muito alto, para quem levantava os olhos, quando viu Philippe. Deu um pulo e segurou as mãos do desejado, rindo, deslumbrada, sem poder falar. Philippe ficou atordado. Já esquecido das sensações ineffaveis, que as construcções cantantes tinham gerado, achou aquelle ambiente e aquelles personagens extranhos e hostis. Afinal Laura desatou a falar. Os seus gestos, as suas attitudes, mais do que as palavras, exprimiam a linguagem secreta, voluptuosa, que vinha dos seus desejos profundos. O homem, que a visitava, era um pintor russo. Sentado, as suas pernas magrissimas empinavam-se para o alto. Sorria sarcastico fechando os olhos cinzentos, mongolicos, enrugando a pelle branca, exangue, da cara longa, desbarbada. Com as suas mãos compridas e tristes estava sempre a alizar os cabellos ralos e desbotados, que não podiam cobrir todo o vasto craneo tartaro.

Laura disse a Philippe o que devia áquelle mestre. Era a sua volta ás fontes primitivas da sensibilidade e da formação racial. O seu esforço era applicar a formula despojada, antiliteraria, á poesia brasileira. Esta lição lhe dera o mestre que alli estava, que, pintor, influiu poderosamente na musica e na poesia ultra-moderna. Depois dessas explicações, Laura passou a ler os seus poemas. Philippe sentiu nelles unicamente habilidade technica. Laura seria capaz de todas as virtuosidades artisticas. Era a fatalidade do espirito feminino, destituído da força criadora, prompto para a perpetua fecundação. Aquelles versos eram reflexos das lições recebidas. Faltava-lhes originalidade, seiva. Via-se o esforço para produzir humanamente e tudo resultava artificial e applicado. A outra conclusão de Philippe era a tristeza dessa poesia, que aspira a exprimir o real brasileiro. Rompeu-se uma discussão entre elles sobre o que era a realidade brasileira. Cada um a comprehendia

segundo o seu temperamento. Nenhum dos tres podia, em uma formula objectiva, definir o que era vago, impreciso, indefinivel.

— A realidade, ou pelo menos toda a realidade não é isto, Laura, que você pretende nos seus poemas, affirmava Philippe. O Brasil não é esta cousa perpetuamente triste, informe, miseravel, que você julga ser a expressão essencial. Ha outro Brasil, o da energia, da aspiração, da força criadora. Este é o que nos sobreviverá.

— Lá vem você, Philippe, com a sua ideologia do dynanismo, com o seu optimismo bemaventurado, com a sua fatigante alegria, gritou Laura, accentuando o sarcasmo. O Brasil, que você imagina, não existe. Nós descobrimos outro Brasil, o ingenuo, o primitivo, que está atrapalhado nestas complicadas civilizações européas. Eliminemos tudo isto e libertemos o Brasil, que deve recommear a sua existencia para fazel-a mais natural, menos literata e artificial. Nada de machiņas, nada de escolas, nada de academias, nada de politica, tudo isto faz esquecer a realidade. A selvageria, a barbaria, a miseria, a ingenuidade, eis a realidade brasileira... Ah! se podessemos voltar á taba, aos indios nós, livres, ou aos negros sem a mestiçagem infame dos europeus.

— Seriamos nós, que estaríamos aqui? perguntou Philippe a rir.

O Russo interveiu :

— No Brasil só o negro e o indio são interessantes. Tudo o que é branco é artificial e postiço. É literatura e não realidade. Esta é barbara, rudimentar. A arte, que a exprimir, deve ser primitiva e rude. O menor vestigio de cultura a desnacionaliza. O que este ambiente devia suscitar seriam escriptores, poetas, artistas, em que o sangue negro ou indigena predominasse. Só estes estariam equilibrados neste ambiente barbaro. É necessaria a gota de sangue negro ou indio para ser o artista desta selvageria. Escriptores e artistas cultos, que fazem proposi-

talmente arte primitiva, fazem literatura. Sentem-se o esforço e a intenção que trõem o artifício. Um verso de um poeta mestiço, inculto, tem mais poesia, mais naturalidade.

Philippe replicou refutando esta deformação do Brasil. Realidade brasileira? que significa isto? Ninguém sabe. É uma formula mystica, uma expressão da cabala moderna. Ha mil realidades brasileiras, a realidade da cultura, a realidade barbara, a realidade dos brancos, a dos negros, a dos nacionaes e a dos proprios estrangeiros, tudo realidade brasileira, na sua naturalidade, nos seus desejos e realizações. O Brasil não pode ser visto, sentido, interpretado da mesma forma pelos varios espiritos. Um homem branco não o interpreta, como um negro ou um mestiço. A arte de ambos tem de ser fatalmente diversa e opposta.

O Russo insistiu :

— Elimine-se tudo o que não for barbaro para que o Brasil seja verdadeiramente Brasil. Nestes versos, que ouvimos, alem do esforço para exprimir a singeleza natural da mentalidade primitiva, ha a satyra contra tudo o que é civilização, que nesta terra selvagem está deslocada. Isto de arranha-céos, automoveis, aviões, todo o mecanismo urbano, conforto, livros, cultura, todo o aparelhamento da industria, é extravagante, inapplicavel. É preciso manter a barbaria, que caracteriza o Brasil. No dia, em que elle deixar de ser selvagem, barbaro, mesmo caboclo, mameluco, cafuso, não será mais Brasil. Olhe, renunciem á cultura, integrem-se na selvageria. Já que não podem voltar ao estado de pureza selvagem, ao menos conservem o que ha de tosco, barbaro e que é a originalidade brasileira. Estive nos sertões de Minas e da Bahia. Que maravilha, que extase ! É preciso que o sertão domine tudo. A marcha do sertão para eliminar o cosmopolitismo nefasto do litoral e extinguir toda esta vã literatura, que falsifica o Brasil, eis a salvação. Que delicia a vida do sertanejo, vida de vaqueiro, gado, secca, fome, enchentes,

samba, côcos, casas de sapê, cerrados, clavinotes, facas de ponta. E que doenças fantasticas! Extranhas maravilhas. Vá ao meu atelier. Verá os meus quadros sertanejos, as caras monstruosas de papos estupendos, barbeiros gigantescos, magestáticos, pernas beribericas, a elephantiase sublime, os ventres hydropicos, estourando ao sol, ou as magrezas spectraes, famelicás, de olhos funereos, os queixos desdentados, batendo o frio tenebroso das maleitas immorredouras. Que magia, que allucinação... Tudo eu recolhi e fixei antes que tudo desapareça... Este é o meu Brasil, o que me fascinou e me deu a alegria artistica, que a Russia, com as suas miserias, suas pestes, suas fomes, suas torturas, não me causou... Não o perturbem com a civilização, com a sciencia, com a cultura...

Laura Moraes, subjugada pela visão do seu mestre, olhava Philippe, desafiando-o a que o refutasse. Philippe desdenhou insistir na sua divergencia. O seu impeto era esganar o Russo infame. Resolveu partir, deixal-os neste desvario literario, que se imagina realidade brasileira. Foi o Russo, que os deixou, rindo de olhos fechados em uma serie de caretas tartaras. Laura, quando se viu só com Philippe, tratou de agradal-o para distrahil-o da discussão, em que acabou mudo. Sentiu nesse silencio um signal de irritação. Na mobilidade das impressões, Laura ficou com odio do mestre, que lhe estragara aquelle encontro com Philippe. Desenvolveu a sua amabilidade, fazendo-se pequena, infantil e reverente na admiração por elle. Levou-o ao balcão, que dava para a bahia. Na claridade dir-se-ia que ella era feita de ar, luz e agua, tal era a transparencia da pelle, dos olhos, da bocca, dos braços, das mãos e de todo o seu corpo, ligeiramente vestido de roupas leves, coloridas, luminosas. Na faceirice dos movimentos, com que commentava o que viam, abaixou a cabeça sob os olhos de Philippe, que recebia, no aroma ardente, lampejos de ondas douradas. Esta apresentação foi muito violenta e irritou a sensibilidade de Philippe.

Os seus sentidos estavam intensamente impregnados da côr morena, dos cabellos escuros, do aroma de ambar, da voz calida, da meiguice e da graça de Thereza e o contraste de tudo isto, que era Laura Moraes, exarcerbou a reacção de Philippe. A esta retracção sensorial seguiu-se o pejo, o desespero de estar alli faltando á Thereza, o que o acabrunhou sem dar-lhe força para partir. A covardia physica acompanhava a depressão, em que succumbira e já o suor frio o inundava, como se naquella altura a vertigem o fosse anniquilar. Laura proseguia na seducção, exaltada pelos desejos e pela vaidade. Não percebia a angustia e a repulsa de Philippe, calculando que o silencio nelle era signal da admiração e da violencia sexual, que se concentra para agir. Philippe não prestava attenção ao que ella dizia. Atordoado, as palavras lhe chegavam agglomeradas com os sons da rua, os klaxons, os altofalantes, as musicas estrepitosas ou soturnas das construcções. Os seus olhos confusos não se interessavam em discriminar as cousas novas ou eternas, que eram a paisagem urbana, a bahia e os morros. Tudo lhe era indifferente. No seu acabrunhamento, só via Thereza offendida, maguada por elle. Reagiu emfim e poudo sahir do torpor, em que se afundara. Disse a Laura que ia partir. Ella espantou-se muito surpresa. Deixaram o balcão e Laura ainda quiz prender Philippe, procurando entretel-o com os objectos artisticos do seu appartamento, sabendo que em Philippe o senso esthetico era profundo e dominador. Laura ignorava que nelle o amor era mais forte do que a arte. Philippe não se deteve em examinar os moveis sem esculptura, as porcelanas pueris, os metaes simples, os estofos já banhados da luz das lampadas, que criava o nocturno, desprovido de mysterio. Laura desanimou e, enfurecida, atirou-se sobre o sofá, que era a sua cama de falsa artista. Martyrizando as almofadas, sacudindo as pernas descompostas, ria encarando duramente Philippe :

— Está direito... Tola fui eu em lhe pedir que me viesse ver. Só tive grosserias da sua parte. Para você eu sou uma idiota, que se finge de poeta, uma semvergonha que se oferece... Mas pensa que eu não sei, porque você me trata mal?

Philippe para evitar qualquer allusão á Thereza, disse rapido, adeus a Laura. Antes que desaparecesse, ainda ouviu como um latido :

— Canalha, fica-te com a tua escuridão. Bom proveito...

Depois da noite miseravel, como jamais passara, esperava Philippe, no dia seguinte, Thereza, no Cosme Velho para o passeio das manhãs domingueiras. Ella não tardou no seu automovel, que subia a rua alegremente reluzindo os metaes ao sol e cortando as sombras das arvores. Os sentidos sempre activos e agudos de Thereza perceberam uma mudança em Philippe. Elle tomou o automovel ao lado de Thereza. Ella mal podia manobrar. No meio dos arrancos da machina interrogava ansiosa, brusca :

— Que ha? Fala... Estás enygmatico? Aconteceu alguma cousa contra nós? Responde... Não temo nada... Morrer pelo nosso amor é uma gloria...

Estas palavras, resolutas e exaltadas, ainda mais affligiam Philippe. A paixão de Thereza affirmava-se soberana e vivaz. E foi a este puro e irreal sentimento, que elle offendera. Philippe assegurou que nada lhes acontecera, para augmentar a angustia, em que se debatiam. Era unicamente esta mesma angustia, que lhe causava a tristeza, em que ás vezes ella o surprehendia. Thereza não ficou tranquilla e em todo o caminho voltava insistente a reclamar mais alegria, mais vivacidade, mais clareza de Philippe. Não olhavam o que iam vendo e nem escutavam o que ouviam, até que machinalmente chegaram á Quinta da Boa-Vista. Depois de algumas voltas, Thereza estacou o carro deante do tanque dos nenuphars.

A quietude da agua, a somnolencia das plantas, que surgiam do fundo para espiar o sol e expandir flores, as densas sombras, que baixavam suavemente das velhas arvores maternas, impuzeram-lhes silencio. Pisaram o grammado escuro com cautella e foram, subjugados de respeito por aquelle repouso, sentar-se em um banco. Não podiam falar. Mas bem conchegados impregnavam-se dos fluidos dos desejos e acariciavam-se com beijos nas mãos, nos olhos, nas boccas. Suspiravam, arfavam, ardiam, sorriam transfigurados. Thereza começou a sentir no abandono de Philippe uma angustia occulta, uma tristeza differente da sua tristeza. Havia uma brecha na unidade, que os fundia e por ahi se escapava o extranho desespero de Philippe. Foi com profunda meiguice e dolorosa curiosidade, que ella voltou a interrogal-o. Philippe preferia que Thereza não lhe falasse. Era penoso responder-lhe, era impossivel mentir-lhe. Thereza exercia sobre elle a fascinação da verdade. Ficou silencioso. Apenas em um sorriso triste morria a confissão, sem força de exprimir-se, clara e leal. Thereza insistia já persuadida de que na realidade havia alguma cousa de grave, que Philippe não ousava dizer-lhe. E como nada de preciso obtinha, entrou a entristecer. Foi então que Philippe não teve mais animo para esconder a sua attribuição. A dor, em que entrara Thereza, augmentava a sua tortura. Elle não podia vel-a triste sem succumbir de agonia. Veiu-lhe a coragem de falar e elle tomou-lhe a mão com mais exasperado aperto e falou :

— Ah ! minha santa adorada, entre nós não deve haver mysterios e silencios... Não duvides do meu amor immenso, immortal...

Thereza, que estava prostada, ergueu o corpo e fitou inquieta o amante.

Philippe continuou :

— Sim... Tu sabes o que é o meu amor, o nosso amor. Nada o pode attingir... Elle plana sobre todas as cousas.

Nada o pode macular, elle é sublime e a sua pureza incomparavel...

Thereza arfava, os seus olhos extaticos cresciam para tragar Philippe.

Elle proseguia :

— Devo dizer-te tudo, tudo o que se passa commigo. A minha vida te pertence. É o dom da minha paixão...

Thereza sacudiu a mão de Philippe, que estava na sua mão e ordenou vibrante :

— Fala... quero saber tudo... fala, meu amor... que foi? Oh! eu adivinhava... fala...

Philippe desequilibrou-se com a voz imperiosa, metalica, de Thereza. Veiu-lhe uma onda de orgulho, que lhe impoz dominar-se e dominar. Ninguem o commandava sem soffrer.

— Nada de grave. Socega. Hontem á tarde estive em casa de Laura Moraes... disse resolute, forçando o sorriso.

Thereza soltou-lhe a mão e deu um salto, pondo-se em pé.

— Miseravel...

Os seus olhos vidrados, mais negros, fulminavam os olhos de Philippe, que se abateram. O rosto ficou congesto e toda a pelle trigueira encheu-se de sangue roxo. O corpo reteso moveu-se no impulso da repulsa, um calor descomunal o queimava e accelerava os seus gestos de desespero. Thereza caminhava sob as arvores sem parar e sem destino. Philippe a seguia, murmurando nervosamente o seu amor, procurando retel-a. Thereza repellia as mãos, que a tocavam, mas queria que ellas não a largassem e a amparassem no abysmo, em que se sentia despejada. Marchava violenta, allucinada, num redomoinho de visões aterradoras. Philippe revoltou-se com o delirio de Thereza e agarrando-a forte, a fez parar.

— Tu és louca?... Deixa de tolice... Sou teu, gloriosamente teu. Não fiz nada de mal e eu te juro que foi uma lição, que recebi e dessa estúpida visita sahi com odio e nojo.

Thereza não replicou. Lutava por se desembaraçar da

mão firme, que a retinha e inconsciente se ia entregando ao dominador. Philippe a foi levando para um banco. Sentou-a, agarrando-a ao seu peito e Thereza desatou a chorar. Philippe a consolava, a beijava, a animava. Defendeu-se, explicou-se. Pouco a pouco, a sua energia foi amollecendo e sentindo esta fraqueza, Thereza explodiu, allucinada pelo odio. E falou exasperada :

— Ah !... tu pensas que não sou capaz de te fazer mal... Estás muito enganado... Agora mudarei de vida, irei a toda a parte, festas, bailes, jantares, não tem mal nenhum, não é assim? E quero ir á casa dessa Laura, que tu tanto admiras. Tambem sou artista, sou a tua companheira, a tua discipula... Vou interessar-me pela arte, receberei artistas, poetas, todos os teus amigos... Oh ! não tem mal nenhum...

Philippe sorria raivoso. A attitude de vingança, de desforra, que Thereza promettia tomar, o irritava e o seu impeto era batel-a, reduzil-a. Mas ella riu ironica e esta alegria de ter feito mal, illuminou-lhe os olhos, apagou no rosto as marcas violentas da colera, a belleza espraizou-se luminosa e Philippe, fascinado, mordeu-lhe a bocca num beijo longo, ineffavel. Da instantanea volupia, que a arrebatou, Thereza sahiu alquebrada, vencida e triste. Pegou mollemente a mão de Philippe, contemplou os seus olhos e suspirou fundamente.

— Philippe, Philippe! Soffro muito comtigo... Pela arte, pela tua vaidade, tu me abandonas... Foi-se para sempre a minha alegria. Tu não me podes dar a paz, a inquebrantavel harmonia no amor... Eu devia ser indifferente e abandonar-te ao teu entusiasmo desenfreado. Não posso e faço mal. Eu esperava que deixasses tudo para não me abandonares. Não renunciaste á tua acção nesses desgraçados movimentos artistico e politico. Tu imaginas que nisto está a tua gloria. Inconsciente. Que pena tenho de ti, meu louco adorado. Um dia entrarás na consciencia e será tarde. O mal está feito. Foi-se a nossa alegria...

Philippe ficou atordado com este queixume em que, na exageração, se sentia a aspereza da verdade. Deu razão á amante e julgou inutil proseguir na sua defeza. Beijava-lhe as mãos, constricto, humilhado. Thereza apiedou-se. Beijou-o na testa, que estava gelada. Não podiam sahir do silencio. O sol abraçou-os. Thereza olhou o relógio e levantou-se. Philippe seguiu-a. Entraram no automovel e voltaram para a cidade. Sempre calados, os pensamentos formavam-se e deformavam-se em uma celeridade assombrosa, sem o peso das palavras para os fixar e modelar. No largo da Gloria, Thereza parou o carro e em silencio, suffocando um suspiro, entregou a bocca a Philippe. Elle, desamparado, saltou e esperou que o automovel desapparecesse.

A casa pareceu a Thereza o espaço maldito a que ella voltava, depois de o ter perdido e esquecido. Naquella hora de angustia, que acabara de viver, transpuzera-se para um mundo ainda desconhecido, em que a sua unidade com Philippe era infrangivel e ininterrupta. No desvairio do ciume, a paixão impunha a solução de tudo abandonar para não perder o amante. A imaginação realizava o paraiso desejado. A volta á casa foi o desencantamento. Alli encontrou tudo a que tinha renunciado, o quadro quotidiano, os morros, a bahia, as palmeiras, o marido, a filha, a negra. Tudo longinquo, tudo espectral. Thereza não percebia se era ella, a sua pessoa real, que estava entre fantasmas, ou se era o seu fantasma, que surgia naquelle mundo real. Exhausta, sem forças para coordenar os pensamentos, sem impeto de revolta, esmagada, triturada, Thereza não disse uma palavra a ninguem. Agia como uma somnambula, repetindo machinalmente os movimentos habituaes. Almoçou sósinha, como se accostumara depois da ruptura com Radagasio. Elle sahira sem lhe falar, de frack, de chapéo cinzento, binoculo a tira-collo, luvas amarellas. O sportsman ia ás corridas, suando, esbaforido, dentro do automovel fechado, com medo do

vento. Thereza veiu ao seu mirante, onde foi impregnada da brisa, do canto das cigarras, dos aromas e da somnolencia, que o calor filtrava magneticamente sobre o universo. Agora, naquelle recanto, onde scismara as suas tristezas, os seus desesperos antigos, em que se exaltara na alegria do amor supremo e na esperanza, ella pensava a sua dôr. Philippe lhe faltara, arrastado pela ansiedade, intrinseca á sua natureza de criador. Por mais que o amor o absorvesse, restava-lhe sempre a força, que necessita de expansão e dominio. Era esta actividade, que Thereza percebia, como a temerosa adversaria da sua beatitude. E na sua meditação, Thereza reconheceu-se culpada do mal, que soffrera. A ternura da amante absolvía a culpa do adorado. Era ella, que estava em falta com o seu grande amor. Continuavam naquella posição, expostos a tantos perigos e tristezas, pela sua covardia. Não tivera animo de renunciar á filha e mantinha-se na situação equívoca de esperar do acaso a solução, que não viria nunca. O receio de perder a intensidade da paixão de Philippe, o pavor de o ver de novo arrastado ás seducções da politica e da literatura, o assalto, que sempre lhe fariam outras mulheres, deu-lhe a resolução firme e absoluta de livrar-se de tudo o que a prendia e ir viver com Philippe exclusivamente. Ella iria para elle, purificada de todas as torpezas. Entrariam, gloriosos, no paraíso do amor immortal. Thereza assim resolvía e sahía da prostração para a bemaventurança de uma alegria transcendente, em que toda ella se transfigurava.

Vagamente, os seus olhos viam Lili, que corria na sua direcção. Thereza não acolhe a filha e continua na sua scisma. A menina insiste e a mãe a repelle, como uma cousa aborrecida, a causa de todo o seu martyrio. Lili, espantada, entristece. A negra, que espreitava, corre para busca-la. Segura a menina acabrunhada, e quando se afastou de Thereza foi vociferando para a criança a sua satisfação.

— Arre, bem feito, ella te despreza e não quer saber mais de ninguem. Está com feitiço no corpo. Tambem tu és muito sem vergonha... Eu não te disse que tu não fosse mais para junto della... Safadinha... tu tens a quem puxar...

Lili abriu a bocca em um berreiro destemperado, acompanhada dos perús e dos canarios. A negra ergueu-a e poz-se a correr, carregando-a para o fundo da chacara. Thereza deu um salto, arrebatou a filha, empurrou a negra, que caiu sobre o grammado com as pernas para o ar, obscena. Thereza beijou doidamente Lili e agasalhou-a no collo, pensando em Philippe e offerecendo-lhe a maravilha da sua desencarnação do amor maternal.

Philippe recebeu no dia seguinte a segurança desta libertação nas palavras ardentes de Thereza :

— Estou prompta, Philippe. Nada mais me prende. Quero viver contigo, sósinha contigo, que és toda a minha unica vida... Meu amor, eu te faço soffrer muito... Mas agora será a belleza, a magia eterna, o nosso paraiso...

E explicou-lhe toda a sua angustia de o sentir perseguido pelas outras mulheres, o desespero de o ver sempre longe della. Ou a libertação immediata ou a morte. Philippe, deslumbrado, apertou nos braços a pobre adorada e a beijou no entusiasmo da paixão victoriosa.

— Minha divina, tu és unica, e, se fosse possivel, a minha adoração augmentaria... respondeu com firmeza. Compreendo tudo... Esperemos que o tempo fortifique a tua sublime resolução.

— Para que esperar, meu amor? perguntava ansiosa Thereza. Não comprehendo...

— Minha Thereza da minha eterna paixão... Um dia tudo se consummará. Tu virás a mim, serena, soberana, sem odios, sem desesperos, eu te sentirei desmaterializada, espiritualizada na paixão. Então, nesse instante incomparavel, sublime, entraremos em nosso paraiso, sem o menor vestigio de tristeza, de arrependimento... Espe-

remos. Neste momento tu ainda não estás livre. Tu ages pelo ciúme, pelo odio, pelo soffrimento de me veres longe de ti... Ah! meu bem idolatrado, o meu impeto é te tomar já, para sempre, e desaparecer contigo longe de todas estas miserias. Mas eu receio por ti, pela perpetua alegria do nosso amor... Se no nosso paraiso fores um instante, um fugaz instante, atormentada pela saudade? e que saudade! a saudade da tua filha!... Imaginar esta tortura para o meu amor, que vive no absoluto, que é infinito, eterno, immaculado, livre... que martyrio!...

Thereza repelliu vivamente toda esta desconfiança de Philippe e reaffirmou, energica, a sua resolução e a liberdade, com que a tomara.

Philippe ficou maravilhado. Sentiu que tudo ia se cumprir para a maior gloria do amor.

D. Calú dormia, quando, pela madrugada, foi despertada por um grito estridente de Jujú. Correu ao quarto do filho, que era junto ao seu. Jujú debatia-se na cama e não socegava com a cabeça, que apertava com as mãos. D. Calú verificou que a febre augmentara. Aterrada, chamou o marido e abriu a janella. Os dois, atarantados, postaram-se deante da cama, ambos em longas camisolas brancas, que a luz ainda verde da madrugada tornava mais lividas. As mãos de Jujú, quando largavam a cabeça em fogo, crispavam-se e os braços retorciam-se, emquanto nos olhos seccos, vidrados, as pupilas se dilatavam e não se contrahiam. De vez em quando o grito fino, doloroso, sahia da garganta estrangulada. Este apito macabro apavorava D. Calú e Vieira. Permaneciam estarecidos, incapazes de agir. D. Calú murmurava invocações aos santos da sua devoção, estropiadas, sem nexo. No cerebro de Vieira emmaranhavam-se noções confusas de espiritismo, de que a possessão de Jujú era um testemunho material. E a criança soffria horivelmente, batendo-se, contorcendo-se ou prostrada, hirta, devorada pela febre. Um dos gritos

chegou aos ouvidos finos de Ritinha e acordou-a. Os seus sentidos agudos a orientaram para o quarto dos tios. Quando D. Calú a sentiu ao seu lado, agarrou-se a ella chorando. Ritinha segurou em Jujú experimentando acalmal-o com palavras da sua meiga piedade. Era inutil. O menino não attendia e continuava angustiado, sem socego. Ritinha propoz que chamassem o medico. Mas era muito cedo e aquelles timidos receiavam acordal-o. Ella correu a chamar Manuel e voltou para junto de Jujú. A presença de Ritinha tirou D. Calú e Aristides da apathia. Quando Manuel appareceu, Aristides já estava meio vestido e D. Calú se cobrira com um roupão. Manuel viu a gravidade da agonia de Jujú e comprehendeu que o mal estava na cabeça. Não havia gelo em casa. Manuel e Ritinha começaram a applicar compressas com a agua mais fria, que puderam obter das torneiras. Manuel telephonou ao medico. A casa alvoroçou-se. Os criados vinham espiar no quarto do menino. Muito devagar, Andreza, embrulhada num chale escuro, sentou-se no chão, aos pés da cama e rezou, esquecida de todos. Aracy tremia, acovardada, não ousava fazer nada pelo doente e mal podia permanecer no quarto. Era Ritinha, que fazia tudo para alliviar Jujú. O sol entrava invasor pelo quarto, Jujú peorava vomitando muito, e o medico sem vir. Manuel telephonou novamente. Prometteram que o doutor viria sem demora. O grito meningitico amiudava-se. Pavor. Lutavam contra os espasmos, contra os vomitos, contra a febre, mas sem sciencia, sem criterio, desesperados com o abandono do medico. Afinal este chegou. Manuel o recebeu rispidamente. O medico, com o infallivel sorriso profissional, mentiu algumas desculpas para o seu relaxamento. Manuel foi levando-o para junto de Jujú. O medico, sentou-se na cama e pegou no pulso do doente puxando-lhe o braço reteso. A febre era enorme e o pulso arhythmico, rapido, louco, miudinho. Examinou as pupilas. Veiu um vomito que Ritinha limpou. Jujú sempre se debatendo,

ora procurando agarrar com a mão uma mosca imaginaria, ora segurando a cabeça, os olhos arregalados e ás vezes estrabicos. O medico não escondeu o seu desapontamento. Começou a dar ordens precisas, seccas. Gelo (Ritinha foi buscar correndo), escuro, silencio. O quarto ficou na sombra. O medico sahiu seguido de Vieira e Manuel. Na sala de jantar fitou os dois homens, que o olhavam inquietos

— É. Declarou-se a meningite... Muito grave. A intoxicação bacillar fez explosão. Quando tomei conta do seu tratamento já era muito tarde. O pequeno teve um choque forte, houve uma depressão profunda, a intoxicação sobreveiu, apoderou-se do organismo... Depois é um menino nervoso, intelligente. O cerebro é que paga. Bacillos miseraveis...

— Mas, doutor, ha ainda recursos, não?... Faça tudo... insistiu Manuel, cortando a dissertação inoportuna.

— Está claro... Olhe... vou tentar além do capacete de gelo, umas bichas... Corra a pharmacia ou melhor telephone em meu nome para que tragam já... Eu mesmo applico... Olhe, dê-me o telephone e eu receito daqui mesmo, porque é urgente um purgativo. Calomelano, o velho calomel... Intoxicação, infecção.

O medico ia descambando para o discurso scientifico. Manuel o foi empurrando para o telephone. Vieira, no plano astral, os seguia, apatetado. Os gritos de Jujú vibravam estridentes, na calmaria moribunda.

O medico tinha a dedicação dos jovens clinicos. Era amigo de Philippe, da mesma geração. Cheio do ardor da investigação, praticara em laboratorios, fora interno de pediatria e, por sua vez, muito intoxicado de pedantismo doutrinario. Applicou elle mesmo todos os recursos, que prescrevera, as bichas, o purgativo, o ininterrupto capacete de gelo. Ritinha desvelava-se, agil, firme, attenta. As qualidades primitivas da matuta maranhense raiavam na desolação geral. D. Calú choramingava, inutil, abraçando-se a cada momento com Vieira e com a filha.

Andreza permanecia silente, sentada no chão, batendo com a cabeça preta o compasso das rezas mudas. Manuel esforçava-se por manter-se forte. Commandava tudo e mobilizou Aracy para se occupar da casa, pois a mãe estava anniquilada. Ao meio dia, ella presidiu o almoço, pondo ao seu lado o medico, que procurava distrahir a tristeza familiar num falatorio, seguido sómente por Aracy. Ella achava graça nas tolices ditas com affectação para os alegrar e disparou a rir, quando o doutor discutiu com Vieira, que espertou para sustentar os tres principios capitaes da sua vida, o espiritismo, o vegetarianismo e a temperança.

Depois do almoço, que Manuel abreviou, farto da tagarellice do medico, voltaram ao quarto escuro do doente. Nenhuma melhora. A febre persistia muito alta, o pulso começava a cahir na lentidão alarmante, a meningite proseguia na sua devastação. O medico recommendou a Ritinha varios cuidados e retirou-se para soccorrer outros clientes. A tarde foi passando dolorosamente na funda apprehensão da catastrophe. A ausencia do medico augmentava o pavor. Aracy para se proteger naquella angustia, poz-se a dar alarma á vizinhança. Mandou prevenir D. Genoca e Thereza. Acompanhada da filha, D. Genoca, pressurosa de novidade, veiu correndo, muito pintada e sem chapéo. O seu rheumatismo desaparecera por encanto. Logo que viu Aracy, atirou-se-lhe nos braços, exclamando, convulsa de chôro :

— Ah! minha filha, que desgraça. Pobre Jujú. Sejam fortes. Eu sei o que é isto. Tenho assistido a muita morte... Coitada de sua mãe... Onde está ella?...

Sem cerimonia, foi se mettendo pelo quarto do menino e rompendo a escuridão descobriu D. Calú, acabrunhada em uma bojuda cadeira. Agarrou-se a ella chorando, soluçando. Assim estimulados, choraram todos copiosamente no silencio e foi D. Genoca, que primeiro suspendeu o pranto, para espiar Jujú. Vendo-o a se debater, ella sacudia

a cabeça com desespero e engulia os soluços. Quando veiu um grito dilacerante do doentinho, ella deu um pulo para traz, de medo, e cahiu no collo de D. Calú.

Mais tarde chegou Thereza. Os seus olhos estavam seccos e assombrados. A sua marcha era elastica. As mãos quentes apertaram as mãos de Manuel. Por elle teve a explicação do desesperado desfecho da molestia do seu menino. Manuel levou-a ao quarto do agonisante. Thereza ajoelhou-se junto a cabeça de Jujú e o beijou na face em um longo beijo, em que lhe dera o fluido da sua infinita ternura. Com as mãos ardentes agasalhou-lhe a cabecinha gelada e lhe disse muito baixinho palavras da doçura transcendente do seu amor. Jujú olhou-a lá do fundo das trevas, o seu semblante serenou extatico, angelico, e Thereza imaginou que elle lhe sorrisa. Succedeu a agonia, que interrompeu o maravilhoso. Thereza entrou a ajudar Ritinha nos desvelos pelo doente.

Estava anoitecendo, quando o medico voltou. Veiu com Philippe. O medico entrou no quarto e Thereza viu Philippe em pé na porta ao lado de Manuel. Levantou-se e dirigiu-se de mansinho para junto d'elle e foram para a sala de jantar. Aracy recebia os curiosos. Era gente da visinhança e tambem pessoas de longe, que ella convocara. Mulheres de varias edades e diversos volumes. A conversa desprendia-se da catastrophe e espraiava-se vulgarmente para se interromper, ao chegar uma pessoa nova, que obrigava a volta ás lamentações. Thereza e Philippe isolaram-se em uma janella sobre a bahia, que toda colorida entrava faustosamente na noite. As mãos pendentes para fóra apertavam-se. Philippe sentia o choque doloroso de Thereza, vendo morrer uma criança. Até a revelação do amor, ella fora unicamente mãe. O instincto profundo estava sempre alerta no interesse pela infancia e o seu carinho extremado por Jujú era uma modalidade do amor maternal. A morte de Jujú viria renovar, exaltar em Thereza o amor pela filha? Este enigma torturava Philippe.

Na scisma de Thereza repassava uma saudade risonha e dolorosa de Jujú. Ella o via nos primeiros instantes da sua apparição em sua triste e solitaria existencia. Era o menino sonhador, seu companheiro do tedio, que a divertia com os carinhos violentos e as allucinações maravilhosas. Era como o embryão, o resumo, a concentração do amor de homem, que a desejava, a transfigurava. Jujú fora a annunciação de Philippe. E Jujú era a inconsciencia, que nunca lhe fizera mal. E Philippe lhe fizera soffrer... Jujú morrera desde o instante, em que sentiu que ella pertencia a Philippe. O seu instincto de mulher sabia este mysterio, de todos nunca imaginado. Jujú desaparecia para se completár mais definitivamente a sua unidade com Philippe. E com Jujú morria tudo que fora o mundo, em que ella esperara Philippe. E os olhos felizes de Thereza abysmaram-se no adorado.

O medico chegou-se a elles. A situação era irremediavel. Tudo se ia consummar dentro de poucas horas. Agora só restava actuar para diminuir os soffrimentos da agonia. Por isso, elle dera uma pequena injeccão de luminal. Manuel approximou-se. Philippe passou-lhe o braço pelos hombros, estreitando-o discretamente. Thereza apertou-lhe a mão. Manuel comprehendeu. Os olhos vermelhos encheram-se de lagrimas. Os curiosos perceberam. Uns vieram agrupar-se em torno de Manuel e indagar do medico a ultima impressão. Outros cercaram Aracy amparada pelo Léo e uma choradeira annunciou á casa toda a apparição da morte.

Como o desfecho demorava, restabeleceu-se a calma. As conversas sussurravam persistentes. Os curiosos vinham á porta do quarto do agonisante, agora toda aberta, olhavam e voltavam para communicarem-se as inuteis observações. O medico abandonou Jujú e veiu para o gabinete de Vieira, onde estavam silenciosos, Philippe, Thereza e Manuel. A sua situação lhe dava autoridade para falar alto e conversar á vontade. Indagou de Manuel do destino

de Pedro. Soube que estava na Correccão sem esperanças de sahir. Ainda não lhe tinham communicado a aggravação da molestia de Jujú. Philippe disse que iria vel-o logo muito cedo. O medico discorreu sobre politica :

— Não pensem que reprovo a revolução, affirmou. Acho que deve vir. Mas não para restaurar liberdades perigosas e reforçar a democracia. Tudo isto já fez o seu tempo. Hoje o que o mundo exige é a concentração da autoridade, a dictadura que seja não sómente temporal, mas tambem espiritual. Porque não? Bolchevismo ou fascismo, sempre dictadura. O Brasil precisa desta omnipotencia do Estado. O que temos é despotismo hypocrita. Viola-se a constituição, abafa-se a liberdade com medo, mentindo. Venha a revolução. Destrua-se tudo e surja o governo forte, livre nos seus movimentos, indifferente aos caducos direitos do homem. O individuo morreu para o bem do Estado.

Manuel quiz interrompel-o, impellido pelo demonio da dialectica. Philippe obstou e pediu ao medico que explicasse como entendia a dictadura. Thereza achava a discussão deslocada e pretensiosa. O medico, estimulado e contente de expandir-se, proseguiu :

— Perfeitamente. O primeiro dever do dictador no Brasil é salvar a raça. Nós caminhamos para a miseria physica, para o descalabro de todas as energias vitaes. Defendamos a raça, não a deixemos ser constantemente invadida por elementos nocivos, que chegam de toda a parte. A esta defeza para o exterior corresponda o saneamento interno. Todos estamos intoxicados. Proceda-se a uma desinfeccão geral do paiz. Não é unicamente a desinfeccão dos espaços, em que o homem vive, é a desinfeccão do proprio homem. Já se pensa estabelecer o exame prenupcial. Muito bem. Mas não basta. É preciso a desintoxicação geral.

— A começar pelos governantes, observou Philippe.

— Naturalmente. Estes mais do que todos. Que perigo para um paiz ser governado por um homem tarado, irre-

mediavelmente enfermo, infeccionado, intoxicado! Todos os problemas moraes, toda a psychologia, resolvem-se pelas secreções internas. Augmentem-se ou diminuam-se estas, eis o caracter modificado. Os governantes devem ser submettidos a um tratamento especial. Ninguem poderá exercer um cargo publico sem ser desintoxicado. Estabelecer um regimen dietetico para todos os funcionarios, a começar pelo presidente, pelo dictador, para todos os senadores e deputados. Nada de alcool, de comesainas, de excessos. E uma cura especifica, seja qual for a reacção do sangue. Será o unico meio de os tornar melhores, mais equilibrados, mais justos, mais dignos de governar a nação.

— De accordo, concluiu sorrindo tristemente Philippe. Todos estes miseraveis estão intoxicados e dahi o delirio em que estão a flagellar o Brasil. Institua-se a dictadura medica para o nosso bem. Desinfecção...

As flores atordoavam com os seus aromas violentos os que, pela noite a dentro, velavam o corpo de Jujú. Para a somnolencia, café, que serviçaes voluntarios distribuïam regaladamente. Mas nada apagava os traços do canção, que se marcavam em todas as caras. Os coloridos artificiaes tornavam-se mais impudentes nos rostos inchados das mulheres, onde se dependuravam enormes olheiras roxas. As physionomias dos homens amarellados ennegreciam-se com as barbas a crescer. Philippe, vendo Thereza tambem desfeita e acabrunhada, insistiu em arrancar-a daquella decomposição geral. Obrigou-a a recolher á casa e prometeu-lhe ir igualmente repousar. O fresco da rua acariciou-os e tornou mais doce o enlace, em que iam mansamente perdidos em suas scismas. No portão beijaram-se muito. Thereza derreou-se no hombro de Philippe, olhou-o cheia de dôr e de esperanza, chorou devagarinho, e, quando socegou, ficou com a cabeça no braço do amante e desvairada, ardente, murmurou :

— Nós que temos o mesmo amor, teremos a mesma morte.

Vieira, transfigurado, via o espirito de Jujú, que lhe exprimia a sua alegria da desencarnação. D. Calú imaginava Jujú no céu como um anjo e chorava desesperada. O caixãozinho era vermelho e branco com galões dourados. As tampas estavam abertas. Jujú, vestido de São Luiz Gonzaga, o padroeiro dos seus estudos, tinha as mãosinhas rigidamente postas, com as unhas levemente pintadas. Sobre as faces amarellas um suave colorido roseo de carmim. Os olhos se fechavam sobre círculos escuros de azul violeta. Nos cabellos castanhos penteados e perfumados, um resplendor. As luzes das velas faziam faiscar gloriosamente todo o ouro e o habito de seda branca e setim vermelho do santinho e as flores, que misturavam os seus aromas ao cheiro da cêra, prolongavam o encantamento das côres.

Em pé, junto á eça, Ritinha contemplava Jujú e por entre lagrimas lhe sorria ternamente, admirando-o naquella apothese, que ella preparara, seguindo a tradição maranhense. Á tarde, enterraram Jujú. A cova foi no canto das crianças. Lá estavam o Luiz, o Carlinhos, a Helena, o Joãozinho, nos seus tumulos, velados por anjinhos de pedra. Ritinha ficou contente, vendo que Jujú não estaria só. Quando os vivos os deixassem em paz, aquelles meninos o viriam buscar para brincar de pegador e dansar a cirandinha.

XV

Os choques, que Thereza e Philippe receberam, exaltaram a paixão. Absorviam-se longas horas, todos os dias, abraçados, soffregos, na alegria do amor. Sentiam-se movidos por uma fatalidade bemfazeja, que lhes dava o entusiasmo de viver, a força de esperar e a intensa confiança na libertação. A esta alegria transcendente, Thereza juntava a satisfação profunda, entranhada, de haver arrancado Philippe ás outras mulheres e a tudo que não era unicamente ella. Devorava-o de caricias, queria absorvel-o em seu corpo e o seu desespero era não poder realizar integralmente esta voracidade, que a allucinava. Na paixão exclusiva, o dominio e o paraiso de Thereza. Os seus olhos reluziam o prazer, que desafia. Philippe era a sua carne e o seu sangue. Para possuil-o, os dentes mostravam-se em um riso de triumpho. Para defender a sua posse, mostravam-se em uma raiva de ataque e destruição. Nesta magia o ser de Philippe dilatava-se gloriosamente. Elle não era sómente a posse de Thereza. Era o seu dominador. A sua energia, a sua intelligencia, o seu encanto, o seu amor, transfiguravam Thereza na amante incomparavel, que lhe dava o perpetuo deslumbramento. As forças do universo, nas suas expressões puras e absolutas, sublimavam-se no ser adorado. A luz, a côr, a vegetação, o som, o calor, o perfume, o sabor, dymamizavam-se na mulher e, nesta concentração da natureza, abysmava-se a eternidade de Philippe.

Philippe separara-se das contingencias familiares e sociaes. Tudo o que não interessava ao seu amor deixara de existir para elle. Foi com grande esforço que sua mãe ponde obrigar-o a prestar attenção aos negocios da familia. Ha algum tempo, o tio de Philippe, Salvador Corrêa de Sá, resolvera aceitar uma proposta americana para a compra da fazenda em São Paulo, na qual D. Isabel e os filhos tinham a quarta parte. Ultimamente Salvador de Sá reclamara a presença de Philippe para a avaliação da propriedade e realização da venda. Os compradores eram esperados dos Estados Unidos a todo o momento. A chamada a esta realidade restricta atordoou Philippe. Era a separação de Thereza, o exilio do perpetuo encantamento, o desterro das caricias immortaes, o desespero, a agonia. Philippe não teve animo de informar Thereza da dolorosa ameaça á bemaventurança, em que esperavam a libertação. Recusou-se a partir. D. Isabel exasperou-se com a negligencia do filho e entrou a exprobal-o e a responsabilizal-o pelos prejuizos, que ella e Leonor soffreriam pelo abandono daquelle, que devia ser o protector, o amparo da familia. Este debate rancoroso e implacavel martyrizava Philippe. A sua razão pratica justificava as queixas e os desabafos da mãe, que se tornava feroz pela ambição de um grande negocio, que seria ainda melhor, se Philippe o acompanhasse de perto, zelando pelos interesses communs. Rompendo as camadas de santidade de uma vida beata, os impulsos ancestraes da descendente de conquistadores mostravam toda a ganancia e todo o imperio da raça. D. Isabel commandava Philippe e enfurecia-se por não ser obedecida. O seu instincto não se demorou em descobrir que os pretextos de negocios forenses, allegados pelo filho, eram tenues ou falsos e que sómente o amor o retinha e impedia de cumprir o dever, e esse amor só podia ser por Thereza. Em D. Isabel a devota alliou-se á ambiciosa e aquelle amor, que aceitara e abençoara como a emanção sublime do coração do filho, representava-se agora para

ella como um nefando peccado. O odio gerado pelo interesse e pelo egoismo a fez sahir da sua circumspecção. Nas discussões com Philippe, D. Isabel não tinha pejo de insultar Thereza. Nada podia ser mais deprimente para Philippe. Por algum tempo teve forças para esconder de Thereza a sua miseranda attribuição e a presença da adorada produzia o sortilegio do esquecimento dessas miserias. Mas um dia a pressão do tio fora violenta. Escrevera a irmã que os Americanos tinham chegado a São Paulo e esperavam Philippe para irem juntos á fazenda. O tio declarava que, se Philippe não comparecesse, elle não realizaria o negocio, pois tinha escrupulos de o fazer, sem a presença e a fiscalização dos associados.

Armada desta carta, D. Isabel irrompeu no quarto de Philippe. A devota esbravejava.

— Leia e veja o crime, que você com a sua semvergonhice está commettendo. Por causa de um peccado infame, vamos ficar na miséria, deixamos de ganhar um dinheirão... Você não tem piedade de mim, nem da sua irmã. Pobre Leonor, tão santa, condemnada a viver na pobreza por causa de um irmão relapso. Foi para isto, que lhe dei a vida? Foi para isto, que lhe criei com tanto sacrificio? E tudo por causa de uma descarada, que não tem religião e está no inferno da luxuria... Miseraveis... Porcos...

Philippe ficou acabrunhado e não respondeu. Aquillo era sua mãe. Monstro de cupidez, de odio, de brutalidade.

Quando, á tarde, elle se encontrou com Thereza não teve mais força de occultar o desespero. Thereza ouviu aterrada a narração desse drama mesquinho da cobiça e do rancor e viu a tragedia de mais este circulo infernal, que se abria para envolver e suffocar o seu amor. O espanto mudou-se rapidamente em colera. A surda e inexplicavel antipathia, que a separava de D. Isabel, justificava-se agora. Thereza vociferou a sua raiva contra a mãe de Philippe. Vendo-o calado, sem acompanhal-a no seu odio, Thereza exprobou-lhe, sarcastica, a reserva, que era pudor

e que ella considerava covardia. Philippe deixou passar o insulto e os sarcasmos. Docemente, com grande firmeza, affirmou-lhe a sua revolta contra a cupidez e o despotismo da mãe e a resolução, em que estava de tudo abandonar para não se afastar da adorada, que era a sua vida e a sua paixão. Insistiu para que se libertassem naquelle mesmo instante. A sinceridade e a decisão de Philippe commoveram Thereza, que amolleceu e se agarrou a elle, amparando-se. Pouco a pouco serenou. O instincto pratico da mulher foi esclarecendo-a. Compreendeu que ainda não era o momento de desapparecerem. Deviam lutar para assegurarem a gloria do amor, sem torturas, sem miserias. Ella faria o sacrificio de toda a sua fortuna para conseguir a libertação. Seria o preço do consentimento de Radagasio. Era necessario que Philippe, do seu lado, realizasse a independencia para elles. Thereza não aspirava para Philippe uma existencia de preocupações materiaes. Ella o queria livre para se absorverem exclusivamente na magia do amor.

— Vae, meu Bem supremo, disse Thereza. Faze esta terrivel viagem. A tua amante soffrerá muito, muito. Será um desespero sem nome. Mas ella é forte, e se mostrará digna de ti. É bello soffrer pelo amor... Coragem e esperanza. É duro, mas é preciso e eu não quero que, por um acto nosso, irreflectido, sofframos no futuro. Este será maravilhoso. Façamos tudo pela gloria do nosso amor.

Ella disse e chorou soluçando, desesperada, no peito de Philippe.

D. Isabel e Leonor não esperaram Philippe para jantar. Elle faltara á hora estabelecida e nenhuma condescendencia lhe fizeram. Quando elle chegou muito atrazado, teve um grande desdem pelo rancor, com que a mãe o tratara. Beijou-a e a irmã e recolheu-se. Custou muito a despir-se. Sentia-se no vacuo. Rapidas vertigens o tonteavam e ás vezes um suor frio o inundava. Uma dor surda apertava-lhe o peito. O cerebro ora vasio, exangue, ora congesto,

febril, não tinha força para coordenar os pensamentos embrulhados. Assim, ora adormecia, ora espertava atordoadado. De manhã, as palavras de Thereza actuaram sobre elle beneficemente. Philippe escreveu ao tio avisando a sua partida por aquelles dias. Quando desceu do quarto, encontrou a mãe e a irmã na sala de jantar. Communicou-lhes a sua decisão de partir. D. Isabel olhou, victoriosa, para Leonor, que sorriu beatamente áquella concordia. Philippe deixou-as. D. Isabel retomou a compostura devota, foi ao oratorio, accendeu uma vela para os seus santos, orou dando graças por seu filho estar se libertando do peccado mortal e sobretudo por lhe ter obedecido. Foi-lhe impossivel a concentração piedosa. O dinheiro distrahia-lhe alegremente os pensamentos.

Foram dias ardentes e dolorosos aquelles, que prece-deram a partida de Philippe. Os encontros amiudavam-se. Elles se viam em todos os momentos de liberdade. Thereza, no sacrificio, engrandecia-se. Desprezava as furias de Radagasio, as espionagens da negra e desprendia-se da filha. Thereza era o amor e a sua maravilha. A esperanza de que tudo se ia cumprir para a conquista do paraiso a fortalecia e a extasiava na grande dor. Esta força sobrenatural de Thereza communicava a Philippe o desejo de vencer e a ansia de combater pela libertação. Faria tudo para realizar a venda da propriedade aos Americanos. A parte em dinheiro, que lhe coubesse, elle separaria dos quinhões da mãe e da irmã. Ficaria com fortuna propria, livre emfim da indivisibilidade, em que permaneceram durante a longa communhão familiar. Para esta finalidade, elle empregava toda a sua energia, dominando as torturas da separação.

Na manhã do domingo, vespera da partida, Thereza e Philippe passearam longamente. Era tarde, quando Thereza deixou Philippe na cidade, onde elle resolvera almoçar; fugindo á familia. Depois do almoço, andou sósinho pela velha cidade. Rompia o silencio com os seus passos nas

estreitas ruas commerciaes, por onde entrava de longe a claridade da bahia. Outros passos de caixeiros em folga juntavam-se aos delle. As portas de ferro das horribeis casas trancavam tudo e impunham a quietude. No largo da Carioca havia o canto tumultuoso da passarada, que só se ouve aos domingos. Philippe entrou pela Avenida, onde se encontrou com o movimento festivo das musicas barulhentas dos cinemas, com os bondes que se enchiam, com a infinidade de automoveis, com as gentes avidas de prazer. Caminhou na tarde quente até ao outeiro da Gloria.

A porta da rua da casa de Vieira estava entreaberta e Philippe foi entrando sem bater. No silencio, em que tudo se entorpecia, os cantos melosos da patativa e da graúna fluíam uma frescura florestal. Philippe chegou á sala de jantar, que a facha de luz, vinda da janella, cortava em duas zonas escuras. Á direita, no sofá, dormia Aracy. Á esquerda, em uma esteira, no chão, Ritinha dormia com a cabeça nas pernas da velha Andreza, que, cochilando, lhe coçava os cabellos desfeitos. Philippe veiu devagar sentar-se junto de Aracy. Deixou-se invadir pela quietação e o seu pensamento, desprendido de toda a materialidade, vogava livre no irrealismo do sonho. Scisma de amor, de paixão infinita, sonho do paraiso na união mystica e immortal com Thereza. O sacrificio, que ia fazer da privação da presença real da adorada, devia ser cumprido para a conquista do bem supremo. E Philippe o desejava agora com violencia, com ansiedade, para precipitar a libertação. Elle sorria, deslumbrado, para a gloria do amor e na penumbra esquecida proseguia a scisma da evasão. Na porta apontou Aristides Vieira, que veiu vindo dentro da facha de luz. Lia um livro. Parava. Suspirava. Gesticulava. Atirava os olhos para o céu, que se via da janella. Philippe levantou-se e foi ao seu encontro.

Vieira deu um grito :

— Quem és? Espirito bemfasejo ou espirito mau?

Philippe apiedou-se do desvairado e obrigou-o a reconhecer-o.

— Você não faça mais isto, obtemperou Vieira tremulo. Não se brinca com espiritos. Veja como fiquei alagado de suor. Ninguém sabe quem é encarnado ou desencarnado. Ainda não sei se você está na materialidade humana, no que os obsecados chamam vida, ou se é o seu espirito, que tomou a sua fôrma para me annunciar alguma cousa. Diga, eu o conjuro em nome da Fé, da Verdade, da Caridade, você viu Jujú?

O berreiro de Aristides Vieira despertou as dorminhocas. Correram para elle, espantadas da presença de Philippe. Andreza, que ouvira falar em espiritos, começou a engrolar um padre-nosso para as almas do outro mundo. Vieira, na presença da gente de casa, recahiu na torpe realidade dos humanos e sereno ouviu as explicações da visita de Philippe. Quando Ritinha soube da partida para São Paulo, teve uma pena calada e profunda de Thereza. Interessou-se pela viagem, pela demora e, com extranha ternura, pediu a Philippe, que voltasse logo. Elle comprehendeu que ella falava por Thereza e affirmou a brevidade, com que levaria os negocios para se ver livre de tudo, de tudo, repetia para se animar e se exaltar. Perguntou pelos rapazes. Estava ansioso por ver Pedro, que fora solto naquelles ultimos dias. Ritinha correu a chamal-os. Vieira foi avisar D. Calú. Philippe, só com Aracy, perguntou-lhe :

— Então que é isto? Dormindo a esta hora? Por um domingo destes?

— Pois é. Ando agora em uma lombeira, que tomou conta de mim. Depois daquella encrenca tudo desandou nesta casa e para mim, então ! Ficamos suspeitos. Ninguem mais me quer... Pois é. Foi um azar damnado. Está em que deu a revolução de vocês. Estamos todos pesados...

— Que bobagem, Aracy ! Deixe de fatalismos e bruxa-

rias. Tudo vae se recompor. Você deve reagir contra a depressão. Saia deste torpor e volte á alegria.

— Alegria, alegria. É o que você sempre prega, Philippe. É muito bom de dizer, mas quando a gente se vê abandonada, desprezada, quando todos fogem da gente, como da peste... Alegria, alegria. Cacete.

— Não se faça de infeliz exageradamente, rapariga. Vença tudo, toque para adeante. Viva indifferente, domine...

Aracy não se importou com estas palavras vagas.

Philippe foi mais preciso.

— E os seus amigos? O Léo?

Aracy não respondeu. Teve vergonha de confessar que o Léo lhe fugia e que raramente se encontrava com Zilda.

Pedro e Manuel entraram, correndo para Philippe. Abraçaram-se como resuscitados, deslumbrados de voltarem á vida. Dominaram a commoção. Zombaram dos martyrios soffridos, das perseguições e das miserias passadas.

— Elles te deixaram ainda a pelle e os ossos, observou Philippe, examinando Pedro. E escapaste da Clevelandia. Deves fazer uma visita de agradecimentos.

— Veiu chupado, mas deixou gordissimos milhares de percevejos, que se banquetevam com o sangue dos hospedes da Correção, continuou Manuel.

Os olhos gaseos de Pedro faiscavam e as ventas do nariz felino moviam-se ageis. A bocca escancarava-se para rir, enquanto falava.

— Que deliciosa aquella vidóca, seu Philippe! O cubiculo era no alto, numa galeria do terceiro andar, elevada ás honras de prisão de estado. Oitenta e oito degrãos para subir e descer todas as vezes, que tinhamos de ir ao banheiro e á privada. O espaço reduzido para dois presos, estava entulhado de camas de ferro, com colchões de palha, travesseiro de capim duro, cobertor vermelho e lençol de algodão. Na parede, uma mesa microscopica. O meu com-

panheiro de cubiculo era um pardavasco assassino, que matara para roubar e á noite me divertia debatendo, em pesadelos, os seus odios ou os seus remorsos. Durante o dia, soturno, feroz. Levava a mirar-me com os olhos vidrados e a coçar a barba negra. Comíamos juntos a nossa boia, um feijão encroado, um angú visguento e uma carne de sóla. Mas havia gente divertida em outros cubiculos nesta galeria, destinada aos presos politicos. Vinham gargalhadas do corredor, que se propagavam estridentes, gostosas. Os assassinos, os ladrões, alegravam-se connosco e das grades brincavam, chalaceavam. Devia ser interessante, para quem pudesse ver, o espectáculo de todas estas horriveis caras esparramadas nas grades de ferro, a rir, a gritar as zombarias, no palavreado obscuro da giria das prisões. Eu só via alguns cubiculos na minha frente.

— Perdemos esta fita, Philippe, commentou Manuel. Quem sabe? Ainda chegará a nossa vez. Não desanime mos.

— Mas tu estiveste dois dias na geladeira da policia. Que horror, hein? perguntou Philippe, já sem vontade de caçoar.

— A Correção, nesta promiscuidade infame com os criminosos communs, com a porcaria inaudita, com o acabrunhamento das tenebrosas galerias, com os percevejos, as pulgas, baratas, ratos, era o paraíso para quem sáe da geladeira...

— E aquelles canalhas, que me prometteram que tu não serias maltratado, rompeu Philippe.

— Ora, continuou Pedro. São sempre os mesmos. Promettem e depois se ninam. Quando viram que não me arrancavam nada nos interrogatorios, puzeram-me na geladeira para me vencerem. Estupidos.

— Ah! minha Nossa Senhora, que malvados, cortou Ritinha. É preciso um castigo, Philippe. Um castigo terrivel. Faça alguma cousa, que acabe com estes miseraveis.

A imprecação de Ritinha morreu melancolica no silencio

de Philippe. que não pertencia mais á revolução e de Manuel, que buscava outra cousa, que não era unicamente a luta pela liberdade politica. Pedro não prestou attenção ao desespero de Ritinha, soffrego por contar as suas experiencias.

— Qual, quem não passou pela geladeira, não sabe o que é bom.

— Muito frio, Pedrinho? perguntou tremendo Ritinha.

— Esta Ritinha é boba, interrompeu Aracy, zangada e curiosa. Deixe elle falar.

— Frio era o de menos. Não te conto nada, Ritinha, gracejava Pedro, gosando em espantal-a. A geladeira é em baixo, na Policia Central. Na entrada o carcereiro. Em torno delle um monturo de trapos, papeis sujos, garrafas vacias. Depois um portão de grades de ferro. Quando o abriram para mim, empurraram-me na sala, que é a tal geladeira, que tem uma altura de tres metros com um comprimento de cinco e uma largura de quatro. O chão é de azulejo, escorregadio com a humidade, que vertem as paredes. Agua para beber só da latrina. Comida nada. Com muito engodo, muita energia, podia-se conseguir, comprando os guardas, um pouco de café. Para deitar, era uns sobre os outros no lagedo sujo, gelado. Não se pode dizer toda a sujeira. Os corpos fediam ainda mais que os esgotos putridos. As barbas cresciam nas caras tumidas, famelicadas. A luz era baça. Mas os olhos aguçavam-se e viam os monstros horrendos, que cada um era para o outro.

D. Calú entrou vagarosa, de roxo, embrulhada em um chale de lã preta, gemendo a sua desgraça, seguida por Vieira, macilento e aluado.

— Ah! meu Philippe. Você por aqui nesta pobre casa... Muito obrigada.

Philippe a abraçou e ensaiou confortal-a com as palavras de inutil animação. D. Calú não ouvia e proseguia nas lamentações. Quando Pedro, febrilmente quiz continuar a narrativa, D. Calú não permittiu.

— Não, não, meu filho. Basta. Poupe sua mãe, que morre de dor. Jujú é o mais feliz de todos nós. Está na gloria de Deus... E vocês? nas garras do tyranno... E sem meios de reagir. Eu já disse, agora acabemos com isto, deixemos que façam o que quizerem. Os que se levantam contra o governo são poucos e logo esmagados e martyrizados. Se vocês têm piedade desta pobre mãe, renunciem, renunciem pelo amor de Deus.

Esta covardia humilhou os filhos. Philippe olhou-os com pena e desviou a conversa para a sua viagem. Era elle agora que espalhava a melancolia. Ninguem pronunciou o nome de Thereza, em que todos pensaram.

Philippe sahiu daquella casa triste e foi esperar Thereza no pateo da egreja do Outeiro. De lá os olhos se fixaram nas palmeiras, na morada que as andorinhas investiam, no jardim, no mirante, e o pensamento imaginava a libertação de Thereza de tudo aquillo. E quando elle a percebeu embaixo na ladeira, caminhando rapida ao seu encontro, bateu-lhe alegremente com a mão. Thereza que vinha apprehensiva, transformou-se com o gesto do enthusiasmo e foi radiosa, que voou pelos degrãos da escada e se atirou nos braços de Philippe. Na solidão ardente, por cima da cidade sonora, em face da bahia parada e dos morros concentrados, o extase da transfiguração. A volupia dos beijos, o prazer ineffavel da admiração, a delicia que inebriava todos os sentidos até o da extranha voracidade, excitada pelo desejo profundo e violento, aboliavam nelles a lembrança de que fora alli que começara a viagem maravilhosa do amor e nenhum pensamento tiveram para a criança, que, no seu jogo innocente, os ligara gloriosamente. A alegria da paixão elimina o tempo, torna tudo para os amantes, actual, vivo, eterno. Subitamente a ansia do movimento os tomou e elles deixaram aquelles lagedos escaldados do pateo da egrejinha, desceram a ladeira e vieram á avenida Beira-Mar, tomaram um automovel e seguiram por entre uma multidão, esbaforida de calor. Encontraram carros

pittorescos de romeiros da Penha, restos portuguezes, coloniaes e campesinos na cidade, que se liberta. Foram até Copacabana, ao Leblon, á Gavea. O calor fizera surgir do oceano uma evaporação densa, que escondera o mar, as praias, as montanhas. Nessa muralha espessa, abria-se de vez em quando, no oceano, um disco rubro do farol da Rasa. Os faróes dos automoveis acenderam-se. As luzes corriam no nevoeiro. Thereza e Philippe impregnavam-se deliciosamente naquelle mysterio da nevoa calida. Ao chegarem na ladeira do Russell, deixaram o automovel. Subiram a pé nas sombras. Veiu-lhes a tristeza da separação. Por mais esforços que Thereza fizesse, ella succumbia de saudades. Philippe animou-a, fortaleceu-a com a esperança. Estimulando-lhe o heroismo, por sua vez elle reagia contra o desanimo. Thereza admirou o homem forte, beijou-o, reconhecida, e subiu sósinha a ladeira. Antes de perder de vista Philippe, voltou-se para elle. Sorrindo e arquejante, atirou-lhe um beijo com um longo suspiro.

Nessa noite Philippe recolheu-se cedo. A sua vigilia não foi acerba. A separação, que tanto o acabrunhava, apparecia-lhe como a benefica fatalidade para attingir á suprema aspiração do amor. Resignava-se na esperança. Em Philippe, a intelligencia acabava sempre por governar a sensibilidade. O amor dava-lhe a profunda paz por entre a inquietação dos humanos. Tambem elle e Thereza foram inquietos até se unirem na beatitude da paixão. Inquietos eram todos em torno delles. Os que aspiram ao absoluto e permanecem na relatividade. Os que se revoltam e não são satisfeitos. Os que sonham e não realizam. Os que amam e não são amados.

Ritinha surpreendeu Thereza chorando no mirante naquella noite, já desembaraçada do nevoeiro. Thereza quiz dominar-se e não pode. Ritinha beijou-lhe as mãos e procurou instinctivamente consolal-a falando-lhe da sua separação do noivo, o seu Viriato, perdido nos seringaes do Acre. Até este momento ella não ousara alludir ao

amor de Thereza. O desespero, em que a via, aboliu toda a reserva. E Thereza contou á matuta humilde a sua historia sentimental. Desfilou os horrores da sua existencia com Radagasio, expoz o seu martyrio, o seu acabrunhamento, o vacuo, em que fora precipitada até a sua resurreição pelo amor. Exaltou-se. Perdeu todo o contacto com Ritinha e disse a sua paixão á imagem de Philippe, que ella via na sombra quente e perfumada pelas orchideas e pelos jasmins.

No dia seguinte, Philippe e Thereza procuravam esquecer na alegria physica do amor as torturas da saudade. Depois de longas horas nesse jogo do prazer e da melancolia, separaram-se doloridos, acabrunhados e cheios de esperanza. Á noite, Philippe partiu. Á estação vieram Manuel e Ritinha, por quem, Thereza mandara frutas, doces e um chale de lã. A eterna maternidade no amor feminino.

Separado de Thereza, não havia repouso para Philippe. A sua inquietação ajustava-se ao movimento que o arrebatava deslocando, desequilibrando o espaço em uma vibração convulsa e atrojadora. Massas de casas illuminadas eram engolidas por sombras desertas, verdes-negras. Voltavam outra vez em uma desforra festiva de musica e gentes e novamente desapareciam na escuridão. Roncos angustiosos da locomotiva arfavam na energia de correr, voar, acompanhados da alegria sonora dos apitos. Uma parada unica, uma gritaria confusa, uma partida rapida para deixar a cidade e entrar no matto. Mas a serra pensou tapar tudo. A machina furou a serra, subindo e descendo, subindo até descer para a margem do rio. Ahi parou muito. Philippe, fatigado do movimento interior do seu espirito inquieto, recolheu-se. Encerrado no seu leito, ia por entre a alegria tumultuosa do ferro, do aço e do vapor, ouvindo as conversas dos corredores num vozerio soturno, cadenciado, de frouxas e estupidas palavras, que davam enjôo. De madrugada, o camarote foi refrescado pela humidade das terras altas. Philippe cobriu-se com o chale de Thereza e só então adormeceu para acordar, já dia claro. O que

veiu aos olhos de Philippe foi uma terra amarella escura, uns campos rasos, seccos e uns horizontes montanhosos. Perdera-se a amenidade da terra carioca e das margens do Parahyba. Entrava-se no sertão. Sobre a aspereza do terreno, o prodigio da cultura. As chapadas cheias de gado. Os campos pejados de plantações. Os morros sustentando nas linhas verticaes o peso das arvores de café. Os trens, os automoveis, os caminhões, as aranhas de um cavallo só, voam pelas estradas parallelas. A terra torna-se mais rubra, as casas condensam-se, a estrada transforma-se em ruas, viaductos, tunneis, o trem entra na estação do Braz. Pouco depois do automovel, que levava Philippe, se pôr em caminho, uma cancella lhe estorvou a marcha. Agglomeraram-se automoveis, bondes, caminhões, carroças, em um berreiro de klaxons, apitos, campainhas, pragas em varias linguas, até que um trem passou e a cancella se abriu. Foi um avanço desafogado para invadir a cidade. A população, apressada, mexia-se nas calçadas. O centro da avenida enchia-se de carroças de mercadorias. Negociava-se, trabalhava-se. Na enorme extensão, que se rasga pela cidade não pairava a doce preguiça tropical. O labor não era doloroso, mas era incessante e ardente. Philippe sentiu-se em um Brasil joven e prodigioso de actividade. Aquelles italianos, syrios, libaneses eram indolentes em suas antigas patrias. A terra brasileira é velhissima, a gente estrangeira, de nações velhas. E tudo era alli tão novo. O milagre do dynamismo espirital. Força, conquista, trabalho, ambição. E aquelle enxerto e este fermento remoçavam São Paulo. A cidade cresce, varre a melancolia. Trabalho, criação, alleluia.

Da janella do seu quarto no hotel, Philippe olhava a cidade em transformação. Os primeiors arranha-céos apontavam o seu atrevimento. Era o signal de partida para a americanização integral. O rythmo seria acelerado. As velhas casas portuguezas se desmanchariam em pó. Este

pó não resuscitaria. Sobre elle, o cimento, o ferro, a pedra, se levantariam, possantes e indifferentes ao passado.

Na quietação da casa, Thereza estava attenta a todos os ruidos. Radagasio sahira para o banco. A negra pageava Lili no jardim. O telephone tocou vivo e Thereza de um salto acudiu. São Paulo a chamava. Thereza, tremula, radiante, medrosa, esperou, esperou. Afinal chamaram de novo e a voz de Philippe chegou. Thereza suffocada, tonta, não percebia nitidamente e interrompia Philippe com mil perguntas anseadas. Entenderam-se na angustia e na saudade e animaram-se um ao outro na esperança. Philippe receberia no dia seguinte a primeira carta de Thereza, já começada naquella manhã. Philippe devia escrever por intermedio de Ritinha. Isto fora resolvido na noite, em que Thereza se confessou a Ritinha. Quando deixaram o telephone ficaram atordoados e longe, longe, do Rio, de São Paulo, da terra. Estavam afflictos. Na espacialidade infinita, qué o amor abria, buscavam-se desesperados. Ambos puzeram-se a escrever as suas primeiras cartas.

Nesta tarde Philippe entreteve-se dos seus negocios com os Americanos. Estes individuos eram anonymos. Eram seres ephemeros. A vida para elles, como a dos termitas, é uma missão biologica do nucleo nacional, movido pela conquista economica. Têm a consciencia de desaparecer para sempre sem deixar vestigios. Por isso desdenham de tudo, não têm personalidade, são instrumentos superactivos da massa impulsora. É a afirmação extremada do anonymato, destituído de qualquer finalidade moral.

Depois da miuda conversa de negocios, que tiveram com Philippe, os Americanos transformaram-se em meninos. Levaram Philippe a passear de automovel e gosaram infantilmente, saudaveis e alegres, do que viam. Conheciam São Paulo ha dois annos, mas tudo lhes parecia sempre

novo. Não se fatigavam nunca. As cousas para elles, como para os selvagens e as crianças, mostravam apenas a magia externa das côres e das formas. Philippe extrahia dellas o senso de humanidade, de que estavam carregadas. Por toda a parte, uma civilização nova sobrepunha-se á civilização antiga. O que era colonial, ou imperio, ia sendo eliminado. Os velhos espiritos, jurista e ecclesiastico, desapareciam deante da impulsão violenta do optimismo industrial, criado pelo trabalho e pela riqueza. As fabricas succediam aos conventos, a vertical dos arranha-céos escarnea as massas horizontaes dos casarões lusitanos, as pequenas casas pueris apossavam-se alegremente das quintas e das chacaras, ou espalhavam-se nas varseas, que foram merencorias á visão jesuita e hoje vibravam nas côres excessivas e nas formas engraçadas dos bungalows. A cidade cresce possante, eliminadora, rubra, da maior realidade ao maior idealismo. É a ascensão para o dominio, para a gloria. O moderno rythmo brasileiro. A fascinação da energia e da grandeza. Tudo se transforma no Brasil. Não ha desnacionalização, ha mutação de rythmo para exprimir todos os impulsos da nação multiple, que se projecta, vivaz, para os espaços illimitados. O fecundo sentimento do transitorio caracteriza esta epoca. Constroe-se, produz-se para um momento. Não se busca a eternidade. Todos estão impregnados do espirito da renovação incessante. As construcções por mais solidas e mais grandiosas são realizadas para durar um instante, o nosso instante. Desapparecerão para virem outras mais solidas, mais grandiosas, mais actuaes. É a innovação permanente. O espirito do homem está possuido da benefica magia da actividade. Não se fixa, move-se, prosegue a sua interminavel criação. É a suprema belleza do movimento.

Thereza sorria condescendente para Ritinha, que, para distrahil-a, trouxera o seu corrupção e o estimulava a assobiar.

— Vamos, seu Vivi, assobie aquella modinha da nossa terra, tão doce, que faz o coração chorar. « O meu Bem está longe, tudo ficou tão triste, a saudade não mata, quando o amor resiste. »

E Ritinha poz-se a entoar e seu Vivi a assobiar. A melodia simploria, desta mistura de voz humana e canto de passaro, agitou Thereza. Sahiu da sua immobildade, poz-se de pé, passando o braço na cintura de Ritinha, que recolhera o corrução á gaiola. Foi levando-a por debaixo do caramanchão e caminharam em face da bahia enrubescida, beliscada pelas gaiotas loucas. Estavam sós. Radagasio ainda não chegara para jantar. A negra e a menina dentro de casa. Thereza poude falar livremente de Philippe. A confidencia com Ritinha crescia e era um allivio para a saudade de Thereza. No dia seguinte, ella receberia a primeira carta de Philippe. Recommendou a Ritinha que ficasse alerta e viesse logo, logo, entregal-a. A moça maranhense estava radiante de servir ao amor.

Philippe, de volta do passeio, entrou com os Americanos no bar do hotel. Quasi toda a gente era moça. Pela conversa, de dinheiro e de sport, eram rapazes de negocio, fanfarrões e petulantes, rodeados de mulheres, que se exhibiam ruidosas. Estavam felizes na imitação provinciana da orgia cosmopolita. Apareceu nesta promiscuidade tumultuosa o pintor russo, que Philippe vira em casa de Laura Moraes. Acompanhado de dois moços, precipitou-se para Philippe, que os convidou a sentarem-se á sua mesa. Os Americanos aceitaram jovialmente. Os amigos do Russo eram admiradores de Philippe. Imaginavam estar collaborando na renovação espiritual do Brasil. Mas nesta só os interessava o que havia de extravagante e de morbido. Por isso, fascinados pelo pintor slavo. O mimetismo de um delles impressionou Philippe. Facilmente se revelava opiomano. O seu aspecto physico, flacido, opilado, molle e planturoso, assemelhava-o a um

pançudo e intoxicado chinês. Á apathia deste moço oppunha-se a excitação do outro, nervoso, bronzeadomameluco, de uma loquacidade barulhenta, deformada e paradoxal. Alardeava a sua fortuna e a sua ociosidade. Não trabalhava, não produzia, como os jovens da sua geração, porque tudo era inutil. O Brasil caminhava para a destruição total. E appellou para o Russo, que explicou a Philippe :

— Destruição é um modo falso de comprehender a volta á selvageria immemorial desta terra, interrompida dolorosamente pela civilização occidental. É sob este aspecto, que temos de considerar o caso brasileiro. O senhor já sabe que, no meu ponto de vista esthetico, o Brasil devia permanecer na sua barbaria e eliminar toda a cultura. Naturalmente a isto se oppõe a imitação do que se chama civilização. O tal progresso material vae extinguindo a maravilha selvagem da vida primitiva. Felizmente este progresso não pode ir muito longe. Elle não pode lutar contra as forças mysteriosas da natureza, que surgiram para embaraçar a civilização nesta terra privilegiada para a solidão selvagem. Para destruir a especie hybrida, sahida do connubio de tantas raças, as molestias invenciveis e entre ellas, sobrepujando todas, a estupenda morphéa, que lastra nas terras cultivadas e que, indomavel, as tornará abandonadas, voltando tudo á mattaria, que terá a sua desforra. A outra força, desencadeada pela natureza para destruir o progresso, é a broca do café. Ella propaga-se pelas fazendas. Cada homem leva comsigo os germens da devastação. As estradas de rodagem vieram, como caminhos da providencia, favorecer a propagação bemfaseja. Não ha sciencia que a domine. A broca é uma maravilha. Sinto uma profunda emoção, quando imagino este insecto tão pequenino, perfurando os grãos de café e se embebendo do filtro doce e inebriante da polpa carnuda, sugando-a deliciosamente e reduzindo tudo ao pó, que leva pelos ares, em milhares de germens, a força da morte.

Vence o homem e a sua obra maldita. Depois do que vi de monstruoso e commovente em Minas, o meu empenho é fixar nos meus quadros esta allucinante decomposição do vegetal, que nutre a loucura brasileira.

Os Americanos riram gostosamente e deram alegres murros nas costas magras do Russo.

Depois do jantar, Philippe recolheu-se ao seu quarto. Tudo o aborrecia. O seu interesse pela cidade fora passageiro. As suas sensações terminaram em abstracções. Aquella gente era monotona. Os Americanos, estúpidos e vorazes. O Russo, desequilibrado e cacete. O que era grande e forte era anonymo, a synthese da energia collectiva promiscua, impulsionada pelo dynamismo das massas. Os individuos, que vira, eram insignificantes. A mocidade, absorvida nos jogos e nos negocios, indifferente ás questões essenciaes do espirito da nação. Estava á margem da vida brasileira. Philippe pertencia aos ardentes, animados do espirito do sacrificio. E alli, em São Paulo, elle não via o enthusiasmo espiritual, que engrandece o homem, seja pela liberdade, seja pela religião, seja pela solidariedade humana, pela extincção das classes em luta, pelo pensamento, criador de uma nova vida. Nada elle encontraria alli. Tudo accommodaticio, disfarçado, emboscado em puerilidades para escapar ao martyrio. Todos recusaram-se á revolução, quando esta fez o appello supremo. Emquanto isto se passava em São Paulo, outras mocidades affrontavam a tyrannia e batiam-se em todo o paiz, affirmavam o seu espirito de sacrificio, eram emfim humanas, sabiam viver e morrer.

Philippe poudo libertar-se deste desprezo, que o torturava e o seu pensamento purificou-se em Thereza. Olhava a noite paulista, a terra alta e secca, cortada de luzes paradas, modestas, e de luzes ousadas, que se agitavam e se divertiam em formar annuncios. Em baixo, o jardim, que se afundava na verdura para o repouso e o equilibrio de todo aquelle conjuncto de edificios volumosos, arranha-

céos, viaductos. Tudo isto atirava o pensamento de Philippe para o jardim de Thereza na calma socegada, embaçado pelas palmeiras, adormecido nos perfumes das flores, coberto de estrellas, em frente á bahia, sacudida pela brisa. Tudo verde, azul, diamantino. Thereza, sentada no terraço. Ritinha ao seu lado, em silencio.

Deste torpor despertaram Thereza para avisal-a que São Paulo a chamava ao telephone. Deu um pulo e correu para dentro. Ritinha seguiu o movimento, mas estacou na porta. Tremia por Thereza e ficou velando pelo seu isolamento. Se Radagasio apparecesse ou a negra surgisse, ella os embarçaria e daria aviso a Thereza. Ouviu a conversa se ligar entre Philippe e Thereza e não escutava o que Thereza dizia. Os seus ouvidos eram para os ruidos inimigos e os seus olhos dilatavam-se para ver nas sombras do jardim.

Philippe narrava o seu dia enervante e confirmava a sua partida para a manhã seguinte. Na fazenda receberia a primeira carta de Thereza. A soffreguidão pelas palavras da sua adorada, o desespero da saudade, o martyrio do degredo, a ansia da volta. Thereza, por entre lagrimas, falava do vasio, em que fora precipitada, da subita apathia que a tomara, da nenhuma vontade de se mover, da exclusividade do seu pensamento, da ansiedade de receber as cartas diarias do adorado e das recommendações, que fizera a Ritinha, do seu odio exasperado contra tudo que embarçava o seu amor. Quando chegou o momento de se despedir do amante, a sua voz elevou-se, audaz, para dizer-lhe adeus e cobril-o de beijos. Isto Ritinha ouviu e assustada correu para Thereza, que voltava ao seu encontro, febril, desvairada, com os olhos vermelhos, enormes, a bocca crispada, toda paixão, toda odio. Foi caminhando rapida para o jardim. Ahi atirou-se a uma cadeira e sem falar, sem chorar, fechou os olhos, para, fóra de toda restricção, ver Philippe.

XVI

A roupa kaki de Philippe affrontava o calor, no trem cheio de poeira vermelha, esquentada pelo sol matinal. Os sanguineos Americanos não suavam nos ternos de casimira. Em todos os bancos, de dentro dos guarda-pós e das roupas encardidas de terra roxa, vociferavam-se protestos em brados caipiras e carcamanos contra o calor e o pó. Os Americanos, indiferentes ao irremediavel, fumavam cachimbos, espalhando o cheiro doce dos seus tabacos por entre os odores fuliginosos da fumaça da locomotiva e acompanhavam a porfia da estrada de rodagem com a estrada de ferro, cortando ambas, fachas paralelas, largas, infinitas, no barro vermelho, coberto de pastagem rasteira, ou de capoeiras revigoradas pelas chuvas de novembro. As visões exteriores passavam desconexas para Philippe que, concentrado em Thereza, ressuscitava e construia immensos instantes vividos e por viver. Em Jundiahy a fumaça da machina cessou. Sahira-se do carvão para a electricidade. Os Americanos arrastavam Philippe a uma conversa technica de tracção, cachoeiras, petroleo, e os tres empenharam-se em conjecturas de aproveitamento das forças naturaes daquela região. Outros passageiros davam opiniões, indicavam cascatas desconhecidas, lençóes petroliferos a explorar, florestas de eucalyptos de rendimento fabuloso. Rapidamente, em palavras e imaginações, toda a energia da terra

se movimentava para criar a civilização e a riqueza. Os Americanos excitavam-se e tomavam em seus cadernos notas das indicações, que ouviam e que talvez um dia lhes fossem proveitosas. A ganancia desencadeou-lhes o bom humor e logo se familiarizaram com os passageiros e proseguiram, entre pilherias, um cerrado inquerito economico. Nas redondezas de Campinas os velhos cafezaes suggeriram vastas dissertações sobre café, colheitas, alta e baixa, valorização. Rompeu-se entre os brasileiros uma vehemente discussão sobre a intervenção do governo na defesa do café e na extinção da broca. Os Americanos, calados, sorriam attentos ao tumulto das palavras que se batiam. Depois de Campinas e do almoço, em que o tutú de feijão e o lombo de porco fartaram as fomes rusticas daquelles homens pesados e curtidos, veio, com os cigarros de palha fumegando, o somno na sesta quente. Os Americanos dormitavam com os cachimbos mal accesos e as pernas levantadas sobre o espaldar do banco fronteiro. Philippe cochilava, incapaz de ler e de conversar. De vez em quando espartava e olhava as massas das plantações, os volumes dos morros carregados de cafezaes escuros, os capões nos campos cheios do gado estrangeiro de cara branca ou manchado de preto e branco, de mistura com os caracús nacionaes. Caminhões correndo nas estradas, tractores arando a terra desbravada. O Piracicaba apparecia, correntio, volumoso, para refrescar os olhos ardidos de terra roxa escandescida. As estações succediam-se mais unidas, á beira das fazendas. O Mogy-Guassú apresenta-se para substituir o Piracicaba. A terra sóbe. Tapuya. Vastos horizontes. Dez legoas de redondeza mostram-se descampadas. São Simão, Cravinhos, Guatapará, São Martinho. A energia do homem transformadora. Velhas mattas substituidas pela cultura. Cafezaes, cafezaes. O novo Brasil vence o terror. Café illimitado. Villa Japoneza. Palhoças, arrozaes. Puerilidades. Rincão. Baldeação para a bitola estreita. Os pequenos vagões sacodem o somno dos

passageiros e o trem continúa pela margem esquerda do Mogy, rumando para Jaboticabal. Mais algumas paradas e Philippe, com os seus Americanos, desembarca. Tio Salvador está cercado do filho Men, do administrador, do capataz e de um fiscal. Aperta Philippe nos braços dominando-o de alguns centímetros. Saúda em inglez os Americanos

Men apodera-se de Philippe e desembucha :

— Até que afinal chegaste. Querias perder uma occasião como esta? Quasi fui te buscar Desconfiamos que fosse por causa de mulher, que não te resolvias a vir. Tia Isabel estava tiririca, êta! As cartas que escrevia ao velho mano, damnadas contra ti. Mas agora tu estás aqui, não se fala mais no que passou. Que taes estes Americanos?

— Ora, gente de negocio como quasi todos elles, respondeu Philippe caceteado.

— Olho vivo com elles. Papae está louco por liquidar este negocio. Não sei o que tem elle, que anda enfarado e só fala em partir do Brasil. Mas eu não largo a fazenda senão com muita vantagem. Tudo será bem avaliado, ainda que demore um anno...

Philippe espertou a attenção e ia repellir esta ameaça.

O primo não o deixou falar e continuou :

— Uma fazenda como Maracajá... Muito aproveitada, cafezaes novos, matta virgem, terra de padrão, gado bastante...

Tio Salvador deu ordem de partir. O fiscal fez arrumar as bagagens no caminhão. Os outros automoveis desabalaram na frente. Philippe ia com o primo e o administrador. Os Americanos, com Salvador Corrêa de Sá. A poeira abafou-os na estrada e os carros separaram-se distanciando-se. Bateram cinco kilometros até penetrar no primeiro cafezal da fazenda. Do alto da collina cultivada, via-se o carreador vermelho, por entre as filas verdes, estender-se longamente, subindo e descendo morros. Os automoveis deslisaram pelo carreador, espadando torrões de terra roxa, ennegrecida pela sombra da

tarde. Mais quatro kilometros e a primeira colonia apparece, com a sua casaria unida, caiada e suja de lama vermelha. A cachorrada late e persegue esbaforida os automoveis. Colonos parados nas portas das casas. As ferramentas pelo chão. As cabras deitadas, agarradas ás paredes. A velocidade dos automoveis liberta os viajantes da desolação. A casa da fazenda surge dentro de um parque. Para Philippe, que não a via ha muito tempo, desde a morte da tia, mulher de Salvador, foi uma novidade a varanda, coberta de trepadeiras, dando um agasalho verde ao interior da vivenda. Desceu lesto do automovel e, seguindo a vereda lateral do jardim, subiu pela escada, que dava no portico da entrada da casa. Dahi olhou o parque, talhado á ingleza, que se estendia por entre arvores poderosas e compridas até os cafezaes, que desciam do morro e, ao lado da estrada, que ligava Jaboticabal a Ribeirão Preto. Ficou só, enquanto o primo e o administrador entravam na casa para as providencias da hospedagem. Philippe imaginou que Thereza vinha ao seu encontro pelo meio daquelle parque, de linhas estrangeiras, nos campos do Brasil.

Durante o tempo que elle viajara, Ritinha tinha levado a Thereza a primeira carta de Philippe. Foi depois do almoço. Tudo arrenbentava de calor e, no mirante de Thereza, ainda não chegara a brisa, que agitaria o mar liso, duro, faiscante, e as palmeiras extaticas. Thereza, sem pejo, abriu deante de Ritinha a carta. Ritinha sentou-se no chão, de costas para ella, espreitando se apparecia alguém. Enquanto lia a carta, Thereza, desesperada, soluçava engolindo o chôro. Depois beijou as ultimas palavras de Philippe e apertou na mão ardente as folhas de papel. Ritinha ergueu-se de um salto, escondeu Thereza. Tinha visto Balbina espiando de uma janella. A negra, vendo-se percebida, escondeu-se.

De roupas frescas, de branco ou de brim pardo, jantavam no fim do dia misturadas as luzes electricas aos clarões rubros do longo poente, que enchiam a sala. Salvador de Sá, á cabeceira, entre os dois Americanos, dominava todos. A dura cabelleira cinzenta rastejando sobre o rosto moreno, desbarbado, cavado. Os olhos ainda vivos, desarmados, envoltos em cornea amarella, icterica. Os pulsos grossos ligando mãos enormes, cabelludas, que seguiam o rythmo moroso da voz forte. Labios pesados avolumavam os sons das palavras setenciosas e mandonas. O seu tronco largo e musculoso não se inclinava para falar com os Americanos o inglez, que bebera muito joven em collegios do sul da Inglaterra. Os Americanos lhe respondiam por cortezia, mas preferiam exprimir-se na lingua, que fabricaram em São Paulo, e que todos entendiam melhor. Salvador reagiu.

— A minha educação nã Europa só fez exarcebar o meu patriotismo. Não supporto a desnacionalização do paiz. Sinto-me vencido. Prefiro retirar-me.

— Será a volta á Europa, papae... cortou sarcastico Men.

A voz, com que Salvador replicou, tornou-se mais cavernosa.

— Volta? Não sei, o que quero é não assistir á dura degradação, em que vamos. O estrangeiro apossa-se de tudo.

Philippe ouvia espantado as explosões patrioticas deste tio incoherente, que por sua vez vendia a fazenda a estrangeiros. O espirito do negocio dominava os paulistas. Por interesse elles iam cedendo tudo. As suas empresas, as suas fazendas. Não era em São Paulo que estava a velha medula do que foi a antiga nacionalidade brasileira. Outra nacionalidade ia se formando de novas forças economicas, de novas combinações de sangue.

Salvador de Sá exhibia o seu nacionalismo, comendo pausadamente de pratos essencialmente brasileiros. Eram

o tutú, o cuscús paulista, o lombo de porco, o macuco e os legumes taioba, tayá, mangerico, mandioca, aipim. Os Americanos o acompanhavam alegres, festejando as comidas, algumas extranhas e nunca provadas. O administrador soturno, caipira, desprezava os pratos nacionaes, e fartava-se de milho americano, de presunto, de conservas e, á hora da sobremesa, quando Salvador e os estrangeiros se mettiam na goiabada e no pudim de mandioca puba, o administrador regalava-se com as frias peras da California. Salvador recommendou as frutas da fazenda, laranjas e abacaxis. O administrador, sorrateiro, atacou as uvas hespanholas e as maçãs. Tomaram café forte e quente e vieram fumar na varanda. As luzes das lampadas clareaavam o jardim e um tapete verde-lacteo estendia-se docemente aos pés da casa. Besouros enormes vinham da noite para os fôcos dos candelabros. Voavam e cahiam pesados sobre as mesas. Iam-se amontoando em tumulto surdo e empurrando-se até se precipitarem no chão. As conversas sobre lavoura, colonização, espreguiçavam-se e apertavam o somno dos viajantes. Deitado em uma rede, Philippe cochilava, fatigado do esforço physico desses dias e do abalo da saudade. Os Americanos já não podiam mais com as dissertações de Salvador de Sá. Quanto discurso, quanta theoria cacete, para afinal vender a fazenda e ir para longe vegetar na ociosidade estrangeira. Vieram os refrescos. Salvador fez a apologia do que era nacional. Os Americanos desta vez preferiram o whisky. A America tinha sede de alcool. O administrador os acompanhou regaladamente. Havia, nessa vassalagem aos gostos americanos, a intenção de se insinuar na estima daquelles, que seriam os novos patrões. Men acordou Philippe e empurrou-lhe um copo de ovaia.

Salvador poz-se de pé.

— Boa-noite. Fechem as janellas por causa dos pernilongos e dos morcegos.

O quarto de Philippe dava para o nascente. De madru-

gada, a cantoria dos passarinhos era apoiada agudamente pelo mugido da bezerrada faminta. Philippe veio á janella. Tudo limpo na atmospherá quasi sertaneja. As côres ainda não comidas pelo sol desforravam-se nos horizontes em fachas e volumes pesados, vermelhos, verdes, alaranjados, roxos. O verde dos vegetaes era espesso e soberano. O trabalho começava. Os vaqueiros e os camaradas labutavam nos curraes e no terreiro. O sol trepou depressa sobre as montanhas. As côres debandaram. As que não puderam fugir começaram a dansar volateis, transparentes, nos objectos cheios de luz.

Á hora do café, todos estavam na sala de jantar, promptos para a visita da fazenda. Os Americanos surgiram picados de mosquitos e pernilongos. Os outros, que se tinham defendido com os mosquiteiros, zombaram. Os Americanos não sahiam do bom humor e do optimismo. No íntimo, elles sabiam que venceriam todos os mosquitos do mundo e que nada resiste á energia americana. O que elles queriam era realizar o negocio. Depois, mosquitos, broca, tutú, ovaia, que esperassem por elles para a eliminação, para a americanização universal.

No primeiro automovel, poderoso e grande, Salvador, os Americanos e, junto do chauffeur, o administrador, para as informações. Atraz, em um ford, guiado por Men, ia Philippe ao seu lado. Foram deixando a séde, onde já estacionavam colonos e camaradas á porta do escriptorio. Cavallos e bestas arreados amarrados na cerca do curral. Cheirava a vacca, a lama e a excremento. Os automoveis desceram a estrada, passaram pelo armazem. Colonas de lenços vistosos amarrados á cabeça para protegel-as da terra, que se entranha nos cabellos, crianças immundas, sarapintadas de vermelhão, colonos de chapeos de feltro e calçados ferrados, camaradas escuros, mamelucos e cafusos, em mangas de camisas, descalços, a comprar, a beber, a fumar. Saudaram o patrão e os companheiros.

Quando Philippe passou por aquella gente, reflectiu

sobre o regimen do trabalho nas fazendas. Volvendo-se para Men exprimiu-se em voz alta :

— Olha, tu me disseste hontem que vaes abrir fazenda no norte do Paraná. Muito bem. Devias estabelecer logo com os teus trabalhadores uma cooperativa. Tu és um lavrador moderno. És bem da epoca da machina. Todos os melhoramentos da fazenda são devidos a ti, ao teu espirito industrial, pratico, scientifico. Porque não levas mais longe a tua orientação e não organizas o trabalho, segundo as condições actuaes da industria? Porque não industrializas a lavoura? Não se trata de uma reivindicacção proletaria, de um vago sentimentalismo. É uma soluçção intelligente no interesse da producção. Tu sabes que, por ora, aqui no Brasil, a unica formula proveitosa é a aliança do capital e do trabalho em uma associação rendosa. O trabalhador deve ser interessado na fazenda. É um coproprietario. Reflecte, Men. Serás um iniciador. Renuncia ás idéas tradicionaes de teu pae. Elle é ainda o typo do antigo fazendeiro. Está inactual, como toda a sua classe. No dia, em que o trabalho agricola estiver organizado, cessará a expoliação do colono, do trabalhador, pelo fazendeiro, e a exploraçção do fazendeiro pelo Estado. Todos são trabalhadores e donos do proprio destino e da nação.

Men sacudiu a cabeça, coberta com um largo sombreiro de feltro cinzento, mordeu a bocca para reflectir e tocou o ford pelo carreador do cafezal, em que penetraram. Nenhuma objecção podia apresentar ao que lhe dizia Philippe. Foi diminuindo a marcha do ford, ao se avizinharem do automovel de Salvador, parado no alto do morro. Salvador e os companheiros tinham descido do carro, quando Men e Philippe os alcançaram.

Cafezaes compactos, ordenados e infinitos, sobem e descem os morros, escalando-os em filas verticaes. Os horizontes perdem-se em toda a redondeza no vago illimitado. Os carreadores rubros cortam as massas verdes em rectas, que correm parallelas e se cruzam em perpendiculares.

A luz derrama-se alegre nas folhas dos cafeeiros e todos os cafezaes scintillam... No fundo longinquo do carreador sanguineo, o verde e o roxo fundem-se nos arvoredos folhudos. O silencio subia da vastidão e paralyzava o movimento. Nenhum rumor do trabalho, que se fazia, invisivel, quieto, no segredo vegetal.

Salvador mostrava aos Americanos o tamanho das arvores, que já estavam abotoadas depois da ultima florada. Nem todos os cafezaes, que se descortinavam eram da sua fazenda. Mas aquelle, onde estavam, era o seu orgulho, cafezal plantado sob as suas vistas e que crescera farto e rendoso. Explicou a sua technica de cultura, sustentado pelo administrador. Teve uma pequena divergencia com o filho sobre as vantagens da póda por este contestada. Arrancou um galho do cafeeiro e contou os grãos de uma pequena haste. Quarenta. Esplendor. Não havia café, como aquelle, na região. Café novo, adubado, livre da broca, ainda longe nas fazendas velhas de Campinas. Retomaram os automoveis. Philippe absorvia-se na luz, nas côres, nas formas, nos movimentos. Esquecia-se do valor commercial da plantação e da technica da lavoura. Imaginou que Thereza se deslumbraria naquella immensidade verde, ella que aspirava ao infinito. E sorriu para si mesmo, pensando na exclamação de Radagasio de que aquillo era « um maravilhoso oceano de café ».

Rumaram para as colonias. Passaram por uma terra, que os colonos e camaradas preparavam para as plantações. Novembro, mez do trabalho intenso depois da colheita, lavra-se a terra, planta-se café, milho, feijão. Mez da colonização, entram e saem trabalhadores. Os que estavam cavando de enxada eram bahianos e gente do Nordeste. Os automoveis estacionaram. Salvador fez algumas perguntas sobre o serviço.

— Philippe perguntou a um cabra :

— De onde você é?

A resposta foi prompta.

— Sou do Brasil.

— Como?

— Da Bahia. Lá é que é o Brasil. De lá para riba. Aqui não é mais Brasil.

Ao lado deste cabra, um homem esquelético, côr de azeitona, de cabello escorrido, olhava com os olhos encarniçados. Era cearense. Viera por terra do sertão do Cariry até a Bahia, subira com a leva de camaradas bahianos pelo São Francisco até Pirapora e de lá, no trem, até á Barra do Pirahy, para São Paulo. Viera com a familia para se estabelecer, emquanto não chovesse no Ceará. Trouxera o pae de noventa annos, para não morrer de fome. Trouxera a mulher e dez filhos. Mas estavam desilludidos. Nada ganhavam, deviam tudo e o que recebiam era para o armazem. Miséria. Saudades do sertão. Desesperados na terra fria. Ceará, Ceará. Calor. Chuva. Pastos alegres. Campos fartos. Carnaubeiras como custodias santas. Vaquejadas, despotismo de gado. Leite, requeijão. E a secca? Fome, morre o gado, morrem os meninos. Degollam-se os santos. Queimam os pastos. Fugiu a agua. Secca, secca. Retirantes. Amazonas, Acre. Seringaes, maleitas. Outros, alli interçados nas terras frias. As nuvens engrossam no Nordeste. Esperança nas almas cearenses, espalhadas na terra. Chuva. Alegria. Toca a voltar? Quantos não voltam nunca mais!

O capataz, que commandava os camaradas bahianos e era o empreiteiro daquelle serviço, mandou que o homem lamuriento se calasse. Affirmou que a sua gente da Bahia não era como aquelles cearenses enroscados de frio. Era sacudida e estava satisfeita. Tinham vindo pela segunda vez áquella fazenda. Viajavam escoteiros, sem mulheres. Vinham capinar, limpar cafezaes, preparar o terreno para o plantio. Ganhavam quatro mil e quinhentos por dia, recebendo o empreiteiro cinco mil reis da fazenda por cada homem. Findo o trabalho da empreitada, voltavam ás suas terras para tornar no anno seguinte. O bando era alegre, havia muitos cantadores e tocadores de violão. Os

Americanos quizeram que uma noite cantassem para elles. Os bahianos emproaram-se, vaidosos, e entraram a cantar, cavando a terra. O cearense, enraivado, disposto a brigar, soltou da bocca desdentada o seu desespero. « Vou-me embora, vou-me embora pro o sertão do Cariry, vou buscar quem bem me ama... a Maria Patury. »

Salvador mandou que os automoveis continuassem. A colonia apresentou-se com a sua enfiada de casas brancas, de longe e que iam mostrando as paredes barrentas, quando se aproximaram. O administrador dizia que não deviam parar, porque já era tarde. Os Americanos insistiram em visitar aquellas habitações. Pararam e Philippe se uniu aos compradores da fazenda para examinar as vivendas. Nas portas estavam agglomerados os colonos com as suas familias. Quasi todos recémchegados da Italia. Era gente desgraçada pela guerra e que emigrara cheia de esperança. Foram abrigados alli em casas de barrô vermelho, pisando a tragica terra roxa.

Depois da desoladora inspecção, os automoveis proseguiram por entre a algazarra do mulhierio e dos cachorros. O administrador propoz, como uma diversão, que fossem ver o terreiro, as tulhas e as machinas. Philippe achou que era demais por aquella manhã. Salvador tambem preferiu que se recolhessem á casa. O sol ia alto, seccando tudo e os atordoando.

— Veja, seu Men, o que eu lhe dizia, commentou Philippe no silencio, em que se afundaram. Os Americanos ficaram descontentes com estes alojamentos. Vão mudar tudo isto. Não são rotineiros como esses inglezes fazendeiros de café, que seguem o pessimo systema feudal dos brasileiros. Aproveite a lição, seu Men, e estabeleça em sua nova fazenda a cooperativa. É um provisorio, eu sei. Mas faça antes que venha a revolução, que não lhe dê tempo para nada.

Entraram em casa, immundos de pó vermelho. Banharam-se, uns na piscina, outros no chuveiro. Salvador de

Sá no seu banheiro de agua quente perfumada. Mudaram-se e almoçaram curtindo surdamente as tumultuosas sensações da manhã. Depois do almoço os Americanos puzeram-se a conversar á parte. Salvador, combalido e inquieto, estirara-se na rêde. Men e o administrador desapareceram. Philippe, debruçado na varanda, enchia-se de sol e esperava o correio. A fazenda adormecia. Nas grandes arvores cantava-se tristemente fogo-pagô, fogo-pagô. O administrador veio com a correspondencia. Carta de Thereza.

No quarto, Philippe lia a galope, saltando, adivinhando, tornando a ler, angustiado, alegre, mortificado.

« Meu idolatrado Amor, meu Bem supremo e unico. Que saudades das horas sublimes e bellas, dos nossos extases, de todo o nosso encanto. A tua pobre Amante sente a falta desesperada do seu adorado companheiro. Sinto-me desamparada e tão só. Como foram divinos os instantes do nosso amor. Que doce suavidade, que reconforto ineffavel. Como eu te adoro! Meu divino Amor, é dura, muito dura, esta absurda separação. Precisamos nos libertar o mais breve possivel de toda esta miseria. Quero-te forte, energico. Esperança eterna, meu sublime Amante. Nós venceremos e tudo será a belleza immortal. Quero viver ao teu lado, agarrada a ti, muito tua, na incomparavel unidade. Como me sinto feliz de te pertencer, de ser tua companheira, tua discipula, tua coisa. É um deslumbramento. Como tudo se torna sombrio, melancolico, miseravel, separada do meu Deus. Hontem, quando te deixei e me vi tão só, tive impetos de voltar, de não te abandonar mais. Por duas vezes voltei... e foi chorando que entrei no automovel. Foi duro, muito triste. Em casa, não sahi do meu quarto, puz-me a pensar, a pensar, a te seguir, a te adorar. Chorei, chorei desesperadamente até pegar no somno, que me levou para a inconsciencia. Mas tu estavas eternamente presente e vigilante. Sonhei comtigo o tempo todo... Estavamos longe, no meio do oceano. Tu me acariciavas e tu dizias á tua Thereza palavras lindas e profundas

e nos abysmavamos na magia da paixão... Meu Amor, neste momento são seis e meia, ainda estás viajando. Meu pobre adorado, não te quero triste e desanimado. Coragem, muita coragem. Tu me tens para a eternidade, fiel e pura. Estou prômpta para partir comtigo, ou morrermos juntos, sempre unidos. Estás longe, meu Amor, e como te desejo! O meu culto por ti é sublime. Venero-te pela tua paixão incomparavel de belleza, poesia e pureza. Como tu me commoves! Tu és unico. O meu amor é soberano e só elle existe. Sinto-me feliz, mystica, nesta disciplina interior de um grande pensamento. Sou tua em tudo, amante e discipula. Fundir-me em ti, devorar-te de beijos, acariciar-te, sorrir para ti, ver a tua imagem, contemplar-te, beijar-te longamente, deliciosamente e arrebatar-te na volupia sublime, em que tudo se esváe no goso infinito. Haverá maior encanto? Oh! ser tua e tu seres meu na eternidade do amor immortal! Que saudades infinitas de tantos dias bellos e transcendentés! Tu voltarás, tempo desejado, e tudo será o paraiso reconquistado. É com lagrimas de alegria, que te evoco na minha saudade. O teu incomparavel encanto me exalta. Todo o meu sangue gela. É uma volupia extranha, muito doce, muito subtil. A saudade me tortura e me delicia. Sinto-me feliz em soffrer de tanto amar... Meu Amor, meu Amor, eu te quero, busco-te neste infinito e tudo é miragem. Tu estás aqui, eternamente deante de mim, em mim. Teus olhos mergulham nos meus. Oh! mystica união dos amantes immortaes! Oh! esperanza eterna! Gloria!... Já tive o primeiro signal do telephone e agora eu te espero a todo o instante... Como palpita o coração de amor da tua adorada... Meu Amor, eu te ouvi. A tua voz era um encanto e todo o meu ser se exalta. Como é suave e doce a voz do meu amante! Como me sinto feliz, que gloria, que belleza! A minha alma está recolhida, cheia do teu amor sublime, o meu ser inteiro envolto mysticamente pelo canto da paixão no extase maravilhoso. Suprema força do amor, a tua ansia de

liberdade, a firmeza do teu character, a tua divina esperança. Exaltação. A tua companheira agarra-se a ti, digna de toda esta belleza. Eu te venero e, na magia da paixão incomparavel, seremos um só para a eternidade... Agora eu choro, o meu soffrimento é grande, tão doloroso. Como tu soffres! A tua noite foi um martyrio e eu me desespero. Mas eu te sinto resolute e sorrio e sinto-me immensamente feliz. A tua voz era linda, linda e muitissimo firme. Meu divino, arrebatava a tua amante de toda esta miseria.»

Glorioso desse maior amor humano, torturado pelo desejo, desesperado de saudades, Philippe ficou recolhido a escrever a Thereza. Felizmente concluiu a carta, quando Men o veiu buscar. Os automoveis os esperavam para o passeio da tarde. Logo que deixaram a séde, tomaram pela estrada, dentro do campo. Abrazamento. Em baixo a terra sinistra, sangrenta, coberta de verde violento e sombrio, cortando em linhas rubras a immensidade da vegetação concentrada e rasteira. No alto o céu ingenuamente azul, de nuvens brancas e candidas. O sol ia descendo alaranjado e alegre, já desarmado dos raios. A passadeira viajava em bandos. Sirmas de azas abertas velejavam, correndo nos campos. Os automoveis foram encontrando o gado. As mascaras brancas e castanhas pararam extaticas, descobrindo olhos immensos, tristes, curiosos. O pello de bronze e cobre refulgia na taboa larga e lisa das costas. Os chifres curtos, as canellas finas aguentavam o volume dos quartos e dos cangótes. Camaradas os mantinham na disciplina. Dahi a pouco outro gado appareceu vivo, farejando a terra e o ar, tangido aos gritos dos campeiros, commandados pelo capataz. Eram caracús chifrudos, esgalhados, amarellos, que o sol dourava. Por entre elles, zebús de cabeças levantadas, corcóvas entumecidas, bois soberbos, elephanticos, brahamanicos. Juntaram-se nacionaes, inglezes e asiaticos. Passara-lhes o estupor. Entraram a batalhar e a correr. Os campeiros, desesperados, galopam para conter a debandada e o gado louco, estimulado pelos

gritos humanos e pelos latidos da cachorrada, vae disparando pelo campo. Era hora de beber. Os automoveis apressaram-se e foram esperal-o no açude. Ahi já estavam, em silencio, garças, guarás, marrecas e gansos. Dentro da agua verde espiavam capivaras. Com o barulho dos motores, as capivaras mergulharam, as garças e os guarás voaram para as arvores, os gansos e as marrecas berraram alarmados á beira da terra. Um lote de eguas, pageadas por garanhões, veiu beber. Mettiam os focinhos na agua e a sorviam estrepitosamente. Pouco a pouco foi chegando vagaroso o gado, já contido o accesso de terror. Mascaras brancas, chifres esgalhados, corcóvas empinadas curvaram-se sobre a superficie verde-rubra, que lhes reflectia as extranhas imagens. Saciada a sede, veiu-lhes a alegria sexual. Cavallos e eguas, touros e vaccas praticaram com delicadeza o cerimonial erotico. Nos seus movimentos não havia a allucinada bestialidade humana.

Na manhã seguinte, Salvador de Sá levou os Americanos e Philippe á casa das machinas. Foram a pé, passando pelos chiqueiros. Era um dos orgulhos da fazenda aquella criação de oldspots e yorkshire, puro sangue. Nos cercados, os tanques de agua corrente e o chão de cimento. Porcos immensos, de pello branco, já tinto de terra roxa, arfavam dentro do toucinho espesso, das banhas fervendo de calor. Uma ninhada de porquinhos preto e branco grunhia irrequieta, enchafurdando-se na agua turva. Os Americanos divertiram-se em falar inglez aos porcos. Chicago. Hot dog. Salvador ficou radiante com este successo.

Na casa das machinas, Men triumphou. Era elle o animador do progresso industrial da fazenda. Aquellas machinas modernas de beneficiar e ensacar o café e as de descarçar algodão foram introduzidas por elle, vencendo o espirito tímido do pae. Os Americanos examinaram os machinismos, louvaram as installações, mas já pensavam em introduzir outras machinas que melhorassem ainda mais o excellente café daquellas terras. Calcularam que,

intensificando a produção, industrializando o seu preparo a fazenda daria lucros dobrados. Organização e machinismo para libertar a agricultura brasileira da rotina, em que definha, e dos perigos, que a ameaçam.

Da casa das machinas tomaram os automoveis, que os levaram aos terreiros, onde se lavava o café. Naquella epoca estava tudo parado. Os varios planos, largos, horizontaes, calçados de tijolos, ligavam-se em declive moderado. Eram cercados e cortados em quadros por estreitas valas de cimento, por onde desce o café, que a agua vae lavando. Café afunda, café boia. Não assistiram a esse jogo da agua e do grão. Havia só a espera da vinda da colheita. O sol furioso estalava tijolos e cimento. Salvador receou pelos Americanos e os foi levando para os automoveis. Nos carregadores, por entre os cafezaes, corria a viração. Sempre o grande silencio, até que despontaram em um terreno aberto, onde tractores á gazolina aravam para plantação do algodão. Era uma tentativa annual de Men, cujas esperanças a lagarta reduzia. O combate entre o homem e o insecto proseguia tenaz. Men insistia e esperava dominar a praga. Salvador consentia neste capricho, emquanto não houvesse prejuizo. Já era muito não haver lucro. Os Americanos informavam-se do rendimento dos tractores e falavam dos gazogenios á lenha, que barateavam o combustivel. Conheciam a cultura do algodão e examinavam com o administrador e Men a solução do problema. Os camaradas, que aravam, eram do São Francisco e do Nordeste. Ouviam aquella conversa e emquanto trabalhavam, um delles, odiento, resmungava, dentro da masca de fumo :

— Qual, esta gente, de olho azul e estes paulistas é só pabulagem. Elles lá sabem o que é algodão? Terra aqui não serve. Onde está, nestas bandas, sertão secco, como o de Seridó? Cadê algodão mocó? Para acabar lagarta uma boa defumação no algodoal e uma benzidura de um tio velho, negro sabido. Vae contando historia, paulista, lagarta

te come. Deixa algodão para a nossa gente do sertão, fica com o teu café ou então te vale de laranja e banana.

A negra Balbina também praguejava :

— Estas mulheres brancas pensam que me embaçam. Já descobri a marosca. O sujeito está para fóra e aquella fuinha é a alcoviteira. Cara invocada, eu te castigo. As duas fecharam amizade, que é uma desgraça. Mas eu velo por Nhonhô e o pae do santo ha de me ajudar com uma mandinga, que acabe com esta damnção. Eixú! A espada de Ogun vae cortar toda esta cavillação.

Thereza almoçava, quando Balbina lhe trouxe Lili. A negra veiu dengosa amimando a creança.

— Venha, meu bemsinho, para junto da sua mamãe, ande, tome a benção e beija ella com gosto.

Lili correu para Thereza. A estimulação de Balbina fez-lhe transbordar os carinhos sempre violentos. Subiu ao collo de Thereza, abraçou-a com força, segurou-lhe as mãos, impediu-a de comer. Thereza ficou deliciada e não reflectiu sobre o que havia de extranho nesta invasão da criança, que nunca lhe apparecia á hora do almoço e que ultimamente estava mais sequestrada pela preta. Naquelle momento a sua alegria maternal foi intensa. Na unidade da emoção de sentir-se afagada pela criança e de dar um pouco da effusão do seu ser, refreada na separação de Philippe, não havia brecha para reflexões. Encantou-se com a figurinha de Lili, extasiou-se nos olhinhos vivos, cheirou-a, beijou-a, mordeu-a e transfigurava-se, quando a filha derreava-se nas suas pernas a rir com os dentinhos brancos e a bocca rosada, escancarada.

— Sinhá está toda babada de satisfação, commentou com voz grave, nos beiços roxos, rugosos, a negra. Ha tanto tempo não vejo Sinhá rir. Ah! meu São Benedicto, não ha como amor de mãe... Não é, Sinhá?

E a negra poz-se em attitude extatica, contemplativa, como orgulhosa de ter criado aquella alegria maternal.

Thereza ouviu o rumor das palavras de Balbina, mas não lhe prestou atenção. Proseguiu no seu encanto. Entreteve-se em dar gulodices á criança. Era contra o regimen. A negra não protestou. Assistiu condescendente e bondosa a essa desordem. Acabado o almoço, Thereza trouxe Lili para o jardim. A negra as acompanhara, ostentando grande contentamento. O sol offuscava os olhos sahidos da penumbra. Thereza correu carregando Lili para o mirante. Na sombra quente o seu corpo entrou a cheirar, como as flores e as plantas. Lili acalmou-se na modorra da luz e dos aromas. Espreguiçada no collo de Thereza, com as mãosinhas agarradas nos braços nús, escandecidos, que a agasalhavam, Lili foi-se enchendo de somno. Balbina não se poudé mais conter e com uma voz quebrada falou a Thereza.

— Eu queria pedir um favor grande a Sinhá... Não me leve a mal. Mas Sinhá é tão boa, que eu tomei coragem...

Embatucou um pouco. Thereza esperou espantada o resto. A negra decidindo-se, continuou :

— Eu peço a Sinhá o grande favor de me deixar sahir hoje á noite... Não se arrelie. É por causa de uma festa em casa de minha comadre, da Penha, dia dos annos do meu afillhado. Ella mandou me convidar. Eu scismeij, como ha de ser? Eu nunca saio á noite. A minha tarde de sahida ainda está longe... E quem vae ficar com Lili, de noite? Para de tarde, tem sempre a arrumadeira, mas de noite? Ahi é que é o difficil. Então eu fiz uma promessa para São Benedicto, para me dar uma idéa. E o santo, que não despreza os seus devotos, me deu esta opinião d'elle. Sinhá me dá licença, eu deito Lili depois do jantar della e saio. Á noite, Sinhá, que dorme sósinha no seu mundão de cama, traz Lili para dormir com ella e assim tudo se passa bem até de manhásinha, quando esta sua negra chega de volta. Não precisa ninguem saber... Sinhá não fala com Nhonhô, por isso não tem que contar nada. Depois Nhonhô está no mundo da lua com os seus estudos...

Sinhá é quem governa. Tudo o que Sinhá disser, é o que se deve fazer...

Thereza achou isto muito singular. Hesitou em responder. Agradou-lhe a vassalagem da negra infame, alli submissa. Acreditou na força do seu prestígio. Imaginou uma noite inteira com a filhinha na sua cama. Era alguma cousa della mesma, que lhe voltava. Pensou em Philippe tão longe, tão só. Elle não levaria a mal esta rapida desforra da maternidade. Ao contrario, ficaria contente sabendo que a filha a preferia ao pae. Era sempre uma victoria sua no amor de Lili, na vida domestica, sobre a propria negra. E para Philippe não era Thereza a imagem da victoria?

A negra ficou um pouco confusa com o silencio de Thereza, embora percebesse no rosto, que se espraíava feliz, não ter irritado a patroa. Approximou-se mais de Lili. Encarou-a com vontade, bateu-lhe docemente nas nadegas descobertas.

— Não é, minha sinhásinha? Tu vaes dormir com a tua mamãesinha na cama grande. Não diz nada a papae. Tu finge que dorme na tua cama, depois mamãe te leva e vocês duas vão brincar toda a noite. De manhãzinha eu trago umas bananas gostosas para as duas...

Lili achou isso uma fantasia extraordinaria. Espertou e segurou Thereza no pescoço. Imperiosa queria aquella maravilha, aquella novidade, aquella mentira. Thereza accedeu ao pedido da negra. As alegrias disparatadas as unificou na beatitude. A calmaria aggravou-se. Veiu a hora de deitar. Lili, que adormeceu no collo de Thereza. A negra a tomou com um carinho immenso nos braços e muito mansa a levou para o quarto. Agasalhou-a na caminha e, vendo-a socegada, ajoelhou-se no chão, abriu os braços, e murmurou :

— Obrigada, Ogun, que não desamparou a sua negra na hora da difficuldade. São Jorge, louvado. São Cosme, louvado, Eixú, Airerê, tacurerê... Oh ! minha noite santa...

Quando o dia acabou com grande custo e veio a noite, Balbina continha o alvoroço do seu peito para as companheiras não desconfiarem. Vestiu-se com o seu vestido azul, escondeu no lenço as contas douradas, os collares de missanga, as argolas de coral e as pulseiras de contas de louça colorida. Deu pachorrenta, como sempre, de jantar a Lili, passeou-a no jardim, falando-lhe em segredo do que estava combinado para aquella noite. A menina ardia de soffreguidão e queria que a negra partisse, para a grande novidade começar sem muita demora. Balbina não se alterou. Cumpriu fielmente os costumes. E só á hora regimental deitou Lili. Esperou que a criança, sem somno, adormecesse. Lili percebeu que era indispensavel dormir para se ver livre da negra. Fechou os olhos e fingiu-se adormecida. Balbina não quiz apurar a realidade. Contentou-se com a apparencia. Sorrateira, escapou-se do quarto e, sem passar pela cosinha e sem nada prevenir a Thereza, foi para o jardim. Radagasio ainda jantava. Thereza esperava no seu quarto que elle desembarçasse a sala de jantar. Balbina desceu para o portão, dissimulando-se nas folhagens. Na rua estacou, receiosa da gente de Vieira e de toda a visinhança, que apparecia dependurada nas janellas. Moveu-se pesada, beirando o muro, de cabeça baixa, escondendo a cara das luzes impertinentes. Deu a volta da ladeira e não havendo mais janellas, de onde a vissem, Balbina olhou para a igreja e rezou uma ave-maria de graças a Nossa Senhora da Gloria. No escuro enfeitou-se com o collar dourado e com as voltas de contas, poz argolas nas orelhas e pulseiras nos braços. A massa negra ficou illuminada com os reflexos dos metaes e colorida delicadamente com as missangas e as porcelanas. Balbina não tomou a direcção dos suburbios. Qual festa na Penha! Tomou o bonde da Gavea. Quando passou no largo do Machado resmungou novamente uma ave-maria a Nossa Senhora da Gloria. Repetiu a reza na praia de Botafogo, deante da igreja. Na Lagoa, ella entrara em

outra zona mais mysteriosa, mais sombria, mais profunda. Da montanha, da agua e da vegetação vinham forças, que se entendiam secretamente com o seu espirito e o levavam aos circulos primitivos do terror. Balbina desceu do bonde depois do Jardim Botanico e foi-se esgueirando a pé pelo caminho da restinga, que vae ao Leblon. A viração do mar passava pelas arvores rasteiras e refrescava a noite sem lampeões, apenas coberta de estrellas. Cheiro de maresia, de mangue, de pitangueiras. Sobre a barreira do canal uma luz bronzeada guiou Balbina. Bateu pelo caminho de areia e foi-se apressando com o rumor das vozes, que lhe chegava. A casa de adobe, coberta de zinco, crescia em torno do clarão da lampada de kerozene. Debaixo de uma mangueira, cruzavam-se sombras verticaes e horizontaes. Balbina avançou directa para o preto velho sentado nas raizes da arvore.

— Sua benção, tio Jerômo.

— Uê, oxalá, bererê! Tu, mia fia, crioula de arrombação, por aqui?... Cuidei que tu tivesse esquecido o caminho... Mas Ogun é grande e tu voltaste...

Os homens e as mulheres, que estavam espalhados no terreiro, apertaram o cerco em torno do tio Jeronymo e de Balbina. O prazer do preto velho os contaminou. Puzeram-se a rir com o riso surdo e rudimentar dos negros. Ninguem conhecia Balbina. O pae do santo explicou :

— Esta cafusa foi cria na fazenda, em que eu me fiz gente, em Valença. Mãe della era uma negra sacudida, macumbeira, que soube prender o sinhô... Hê, hê, esta ahi tem sangue de branco, mas a alma é nossa. Está sabida de toda a mandinga, fui eu que ensinei desde a roça. Ella é de Ogun...

As negras, ao ouvirem o pae do santo pronunciar o nome sagrado, exaltaram-se e logo em marcha de dansa puzeram-se em roda, batendo as mãos, sacudindo os quartos, pisando forte o chão, cantando monosyllabos soturnos. Balbina apeçou-se ao pae do santo e babou-lhe com os

beijos tesos a mão rugosa. O negro velho mandou cessar o barulho. Silencio. Os homens empurravam as crioulas e farejavam Balbina. Nenhum ousava arrancar-a de junto do tio Jeronymo. Onde o pae do santo põe a mão, ninguem pode tocar. O espirito das trevas atravessa com a espada invisivel o profanador. O negro velho com o olhar carregado desafiava o assanhamento dos cabras, que cobiçavam Balbina e, quando viu que todos se continham, mandou que se afastassem para ouvir o que ella viera implorar. Negros, cafusos, mulatos, homens e mulheres espalharam-se pelo terreiro, zumbindo os resmungos pejados de curiosidade e despeito. Violas afinavam-se agudas no sussurro grave das vozes. O velho Jeronymo indagou de Balbina o que ella buscava. A principio riu desdentado, de vagar, encorajando-a. A cabeça comprida, coberta de um cabello duro, torcido, branco, a cara ossuda, deslavada, as gengivas escuras, cercando uma bocca immensa, vulvar, em que batia uma lingua pesada e roxa. O torso negro, curvado, a barriga funda, a bacia estreita, as velhas pernas compridas, os braços longos. Pés nús, encaranguejados, mãos de ferro velho. Mas toda esta carcassa gasta, ankylosada, animava-se de uma força magica, que vinha do sobrenatural, para dominar, prever, guiar, proteger, punir. A força de Ogun no seu inspirado. Esta força magnetizava Balbina e arrancava-lhe os segredos mais obscuros, mais tenebrosos. O pae do santo cessou de rir para escutar a confissão.

— Meu pae do santo, eu recorro ao vosso poder para punir uma mulher damnada, que faz mal ao homem que eu gosto... Faz tempo que eu persigo essa cara invocada. Eu esconjurei ella olhando para os chifres da lua minguante, eu apanhei as unhas, que ella corta nos dedos das mãos e dos pés, e puz no fogo, eu agarrei terra com a marca dos pés della, fiz um bolo e atirei no fogo, eu matei uma gallinha preta choca e espalhei o sangue na terra para ella pisar por cima... E nada de mal aconteceu áquella mulher

invocada. Ogun não me protege, meu pae do santo. A unica cousa, que deu um pouco resultado, foi o cabelo della que eu fui ajuntando e puz no jardim para passarinho levar e fazer ninho... Ah! isso, eu creio, que fez seu estropicio, porque ficou tudo enredado na casa, o marido desconfiou do embrulho, em que estava, e sahiu uma briga feia... Eu quero que vosmecê puna a desenvergonhada, porque só vosmecê pode, eu não tenho poder para isto. Lá tem uma criança que a gente podia castigar para punir a mãe. Pensei isto, mudei de rumo. A menina está nas minhas mãos. Era só um trabalhinho á toa. Mas, quando descobri que a cara invocada da mãe o que quer é se ver livre da filha, desisti da intenção...

O pae do santo ouviu, calado, apenas batendo com a cabeça. Como Balbina parasse, elle passou a interrogar-a :

— Pelos modos que tu me contas é gente rica e vae ser difficil... Eu sei, é aquelle mesmo teu sinhô moço, que tua mãe criou... Já sei, mia fia, tu queres castigar a malvada, a mulher do teu sinhô. E tu não queres punir elle tambem?

Balbina deu um grito profundo e segurou tremula as mãos do pae do santo.

— Oxalá, Ogun, meu pae do santo, pelo amor de Deus, proteja o meu sinhô moço... Faça uma roda de fogo, com a espada invisivel do Arcanjo para nada acontecer a elle.

— Tu queres que elle te queira bem, elle, o teu sinhô? perguntou o preto velho, avido por confessar a negra.

— Ah! meu santo, se vosmecê me fizer esta graça, eu serei sua escrava para a eternidade até o fogo de Eixú. Faça com que elle goste de mim, faça, meu pae do santo...

— Saravá, saravá, Oxalá... Pela força de Ogun, tu ganharás o amor do branco, mia fia, e ambos os dois serão livres da maldita.

Balbina exultou e babou gostosa a mão empedernida do negro.

— Eu queria que vosmecê fizesse a mandiga hoje mesmo,

um despacho molhado para se pôr esta madrugada na encruzilhada da rua...

Tio Jeronymo matutou sem responder. A negra insistiu.

— Mia fia, isto devia se fazer em dia que tu viesse sem ninguém, assim á tardinha. Agora, de noite, todo este bandão de gente vem para a devoção e ouvir os espiritos. Pode-se fazer depois do toque da meia-noite, para pôr no começo da madrugada, porque já é amanhã. Tu trouxeste dinheiro?...

— Está bom, está bom, continuou o preto, alegre com a afirmativa de Balbina. Vamos arranjar. Tu não trouxeste nada, nem charuto, nem gallinha, nem paraty... Emfim o pae do santo está sempre prevenido... Eu te vendo tudo, gallinha especial, da minha criação, já vinda do ovo com mandinga. Tudo criação preta. O trabalho, com os fornecimentos, custa cincoenta mil réis, fóra o que tu pagas ao Barnabé para pôr o « despacho ». São cinco mil réis e a condução. Para pôr o « despacho » é preciso boa mão. Tu não deves te arriscar. « Despacho » posto por Banarbé não escapa...

Balbina tinha comsigo o dinheiro para estas despezas. O pae do santo bateu palmas e todos lhe prestaram a attenção.

— Agora, devotos de Ogun, toca a sambar em favor desta devota. Saravá, povo do mar, saravá, povo do matto. Tudo junto, auê, auê... Oxalá...

Os ogans violeiros atacaram a musica, sacudidos por um pandeiro, um réco-réco e um roncador, que entraram violentos na toada melancolica. A gente negra dansava e cantava. Os pés socavam o terreiro e as vozes pesavam no ar. O pae do santo empurrou Balbina para o samba. Um cafuso possante apoderou-se da nova devota e os dois volumes rolaram no maxixe, que apertava e abria os corpos freneticos. O samba seria interminavel se, depois de um longo tempo de musica e dansa desbragada, tio Jeronymo, debaixo da mangueira santa, não ordenasse silencio.

— Suspendam as dansas, meus devotos, nós temos muito que trabalhar esta noite e ainda pela madrugada. Ogun espera por nós. Vamos para a sala das consultas, o santuario dos espiritos... Antes de nos reunir no cansol do pae do santo, corra um pouco de restillo...

Foi um avanço para a cachaça, que beberam em tijelas e canecas. Bom para esquentar, bom para refrescar. A negrada assanhava-se no alcool e na feitiçaria. Alvorçados, machucavam-se, friccionavam-se, deliravam. O pae do santo desaparecera. Em roda da mangueira prosequia a orgia, que foi interrompida, quando deram signal para entrar na casa. Subitamente constrictos, sahiram da escuridão para a luz da sala, onde o pae do santo, paramentado, os esperava no seu cansol. Fitaram apavorados o « estado », em que faiscava o Orixá. Era uma figura a cavallo, São Jorge, extravagante, quasi negro, diabolico, a expellir fogo pelos olhos e pela bocca. Em torno, uma serpente voando, no alto, a estrella do mar, Saravá. Um disforme signo de Salomão, bichos, monstros de papel dourado, longas tiras de galão prateado, na parede, realçando o quadro do Orixá. Uma toalha de crivo cobria a mesa do altar, cheia de vasos de flores de papel, charutos em pé, punhaes espetados, velas accessas. Nas outras paredes do cansol, bandeirinhas, quadros de papelão com linhas cabalisticas, figuras absurdas. Na frente do « estado », o pae do santo paramentado com uma capa de panno verde, uma corôa de papelão dourado na cabeça e uma vara na mão. Ao seu lado uma cafusa moça, de porte arrogante, vestida de uma saia azul e uma camisa alva, de renda, descoberto o collo escuro, cheio de voltas de contas e missangas e, nos braços nós, pulseiras de coral e de pedras falsas. Na cabeça, um turbante branco, crivado de lantijoulas e no tope uma estrella de filigrana dourada. Era Amelia, rainha de Loanda, a mãe do santo. Deslumbramento de Balbina, que não ousava encarar o Orixá terrivel. Os seus olhos perdiam-se no pae do santo, armado

do poder supremo, e da mulher, sua emanção, em que Ogun baixara. O pae do santo falou, na sua linguagem bronca, de termos cabalísticos, muitas vezes incompreensíveis dos devotos, porque eram improvisados no impulso sonoro, no delirio verbal, extravagante. Vinham termos congolezes, benguelas, nagôs, minas, cabindas, misturados com raizes tupis. Passavam reminiscencias mongolicas ou ciganas com deformações lusas. Nesta arenga rude entriçavam-se todos os caminhos da magia primitiva, marcados pelas expressões truncadas, grosseiras, aleijadas, mas guardando nellas o fogo perenne do mysterio, sempre prompto a incendiar os espiritos. A negrada acompanhava o pae do santo cantando, no côro, melopéas, em que as finaes metalicas ou soturnas de Orixá, Ogun, Eixú, estalavam e assombravam. Depois das preces e invocações, o pae do santo ordenou o samba em louvor do Orixá. As violas, os pandeiros e os récos-récos arremessavam-se, tocando no vasio. Os macumbeiros tinham ido beber cachaça no terreiro. Voltaram esquentados, atirando-se á dansa. Sambaram em rythmo religioso, fazendo reverencias ao pae do santo, que lhes batia com a vara exorcizando-os. Os devotos proseguiam constrictos, solemnes, abrindo, em roda da sala, um claro no centro. A mãe do santo levantou-se e entrou no meio da roda. Dansava soberanamente. Erguia a cabeça, gingava o corpo esguio, marchava leve, airoza, faceira. Os macumbeiros batiam palmas, sambando sempre. A musica esforçava-se. O cheiro negro azedava o ar. A rainha de Loanda cantava no compasso da dansa. O frenesi crescia. A mãe do santo deixou cahir a saia. A camisa alva, transparente, chegava apenas ás coxas oleosas, cobrindo o ventre e os quadris, que ennegreciam a brancura da cambraia. Continuou a dansar concentrada, fervorosa. Os devotos batiam as mãos pesadas e as cabeças duras. As vozes altas, esganiçadas, das mulheres erguiam-se sobre as vozes baixas e roucas dos homens. Dansavam aos berros freneticos, exasperados de devoção e luxuria. O pae do

santo animava-os com os seus lamentos piedosos. Amelia arrancou a camisa. Delirio. A negra esguia, flexivel, ardente, empinava a cabeça e os peitos. O ventre entrava, os quadris retesavam-se, o sexo empombava. Eh ! Macumba. Outras negras despiram-se, magras, esqueléticas, gordas, bojudas. Saracoteavam, rebolavam nos braços dos homens allucinados. Uma cafusa dava gritos, pulava, queria morder e cahiu convulsa, em espasmos, debatendo-se no chão. Homens e mulheres dansavam, em fila, em torno da rainha de Loanda e da epileptica. Balbina, possessa, esperneava aos pés do pae do santo, supplicando que Ogun lhe desse o amor de Radagasio e castigasse Thereza. O preto velho prometteu e pediu o dinheiro. Balbina ainda teve attenção para ouvi-lo e tacto para tirar o dinheiro do lenço, escondido no seio. Tio Jeronymo, que não estava bebado, agarrou a cedula e a poz no bolso. Mandou que a musica parasse. Ficaram atordoados. Mas quem estava nú, continuou nú. A rainha de Loanda retomou o seu lugar junto do pae do santo. Este explicou que estava allí uma devota, que ia ser benzida para que o espirito descesse nella e fizesse o que ella pedia. Os macumbeiros sentaram-se no chão, solemnes e lugubres. O pae do santo mandou que cantassem. Uma invocação lamurienta, dolorosa, sahiu rude dos peitos negros. Balbina estremeceu do medo, que a invadia possante. O pae do santo a encarou com os olhos de fogo. Balbina viu a cara do preto crescer e encher todo o « estado ». Depois viu as mãos do negro suspendendo no ar cabeças de oguns, de orixás, de eixús e todas mostravam os dentes e as linguas e avançavam para ella. Balbina fechou os olhos e estirou-se cataleptica. O pae do santo mandou que a rainha de Loanda e outras mulheres despissem Balbina. Os macumbeiros cantavam os seus côros dolorosos. Balbina ficou núa, espojada no chão. Era uma massa enorme, cinzenta-preta, pescoço taurino, peitos de jaca, ventre vasto, desdobrando-se sobre as coxas elephanticas. A expressão da cara traduzia a beatitude da bem-

aventurada. Os olhos doces, extaticos, apenas cerrados, as chatas narinas, arfando, bafejavam o sorriso venturoso da bocca rasgada. O pae do santo pegou um galho de arruda e sacudiu agua sobre o corpo da negra. Ordenava aos espiritos que baixassem sobre ella. Resmungava as suas ordens e esperava. Balbina ia ouvindo as rezas do pae do santo e a cantoria dos macumbeiros. Transfigurou-se e queria mais e mais daquella magia. Amelia veiu acariciar as pernas e os peitos de Balbina. Os macumbeiros cantavam mais alegres. A rainha de Loanda acariciava os pellos duros e crespos de Balbina. O pae do santo sussurrava uma melopéa muito funda, procurando os olhos da negra. Ella estremezia de goso, sem pavor, e enlanguecia todo o corpo na delicia da volupia. A rainha de Loanda continuava a friccionar-lhe os seios, o ventre e as coxas. O pae do santo commandou a Balbina que dissesse baixinho o nome do seu amor. A negra em extase, pronunciou, muito doce e muito escondido : Radagasio, Radagasio. O pae do santo arreganhou-lhe as guelras roxas, lavou-as com a agua sagrada dormida no tronco da mangueira. Os macumbeiros reconheceram que o espirito baixara em Balbina. Exultaram. Os cantos deixaram a triste melopéa e foram ruidosos e alegres. Balbina, repousada, feliz, olhava aquella gente, que a cercava, olhava o pae do santo, fitava emfim o Orixá e deixava-se ficar nua, embevecida, triumphante. O pae do santo deu por terminada a cerimonia. Mandou que esvasiassem o cansol, pois tinha outros trabalhos a fazer. Os que estavam nús vestiram-se e a maior parte da negrada veiu para o terreiro beber paraty. O pae do santo ficou dando consultas. Em nome de Ogun, tio Jeronymo curava tudo, doenças physicas e moraes, espinhela cahida, barriga dagua, maleitas, perseguições, mau-olhado, amores infelizes, ciuemeiras, caiporismo. Baixava o espirito poderoso do bem e expellia Eixú, o diabo. Durante as consultas, grande silencio no cansol. Os macumbeiros, que não tinham interesse nos

casos particulares, ficavam no terreiro a beber, enquanto as violas e os pandeiros tocavam.

Já de madrugada chegou a vez do « despacho » de Balbina. O negro velho deu em voz baixa ordens á mãe do santo. Ella foi para o terreiro e elle ficou absorto em Ogun. Balbina esperavá, sentada aos seus pés. Voltou a mãe do santo com uma gallinha preta, uma garrafa de paraty, uma cuia de farinha de mandioca e um copo de azeite de mamona. Poz os outros objectos junto do « estado » e de cima da mesa retirou quatro charutos, dois punhaes e uma faca de cosinha. O feiticeiro segurou a cuia de farinha nos joelhos, deitou dentro um pouco de paraty e de azeite e, rezando sempre, mexia com a mão até fazer uma passoca. Depois levantou-se e collocou a cuia com a farofa no altar. Offertou varias vezes ao Orixá. Poz dentro os charutos e tornou a mexer. Os macumbeiros rezavam em sussurro. Balbina agarrava a gallinha, alvoroçada por fugir e cacarejando agoureira. Balbina apertava-lhe o pescoço. O pae do santo depoz outra vez a cuia com a passoca e os charutos no altar e pegou a gallinha. Conversou, em uma linguagem surda e incomprehensivel com o bicho, offertou-o varias vezes ao Orixá e depois esfregou-o na cabeça, nas mãos e no collo de Balbina. Ordenou que a negra se sentasse com a gallinha nos joelhos e lhe dissesse no bico tudo o que precisava. Balbina, suspirando cheia de fé e esperança, pediu á gallinha que castigasse Thereza e a unisse a Radagasio. O pae do santo, muito entrevado, poz-se a dansar no « estado » e a rezar. Todos o acompanhavam, bansas. Parou e empunhou a faca. Agarrou o pescoço da gallinha, poz em um prato e cortou. O sacrificador foi embebendo as mãos no sangue violento. As suas narinas arfavam de goso. Este sangue foi escorrido na cuia da passoca novamente remexida. A cuia foi enfeitada com as pennas pretas arrancadas da gallinha. A farofa ainda levou a cabeça da gallinha, os pés e quatro charutos. Estava feito o « despacho ». Musica. Mandinga.

O dia estava querendo amanhecer, quando Balbina, acompanhada do preto Barnabé, deixou a moamba. O « despacho », que o negro trazia com grande respeito, vinha em um jornal. Quando chegaram á rua do Jardim Botânico, resolveram tomar um taxi, receosos de serem percebidos pelos viajantes dos bondes. Mettidos no automovel, vieram taciturnos, zelando o « despacho » e imaginando o que ficava para traz e que sempre os acompanha, Ogun e a sua feitiçaria. Encontraram bondes electricos, jardins scientificos, habitações civilizadas, escolas, passaram pela Lagoa drenada, onde guindastes, grúas, decauvilles, labutam, desceram pelas avenidas asphaltadas e vieram parar á beira do cubo de cimento, que é o Hotel Gloria. A alma dos macumbeiros permanecia immersa na selvageria primitiva. Para sempre. Desceram do automovel e subiram a pé a ladeira em busca da encruzilhada. Por elles passaram Manuel e Pedro, que iam ao banho de mar e reconheceram Balbina. A negra, absorta na mandinga, não fez reparo. Foi caminhando. Na encruzilhada, o preto Barnabé assumptou que tudo estava socegado e, depois de uma reza a Eixú para que « abrisse a rua e fechasse a rua », depositou o jornal em uma pedra. Balbina pagou-lhe o serviço. Barnabé, com medo de ser visto, desceu ás pressas a ladeira, enquanto Balbina a foi subindo, agitada de esperança.

A musica sertaneja vinha de longe espraiando-se no campo, coando-se nos cafezaes, cavalgando o vento subtil da noite, acalentando os passaros adormecidos, o gado, os eucalyptos, as mangueiras e as laranjeiras da fazenda. Aquelles rusticos e timidos accordes tinham a força de harmonizar e dominar em seus rythmos simples, a sonoridade, que vagava incerta no espaço. A toada humilde absorvia as innumeraveis e innominadas vozes e crescia, como se fosse o canto exclusivo de toda a natureza. Crescia empre, imperava e avançava até que Philippe viu ser

todo este prodigio a façanha de tres pobres instrumentos, uma viola, um cavaquinho e um violão. Os tocadores, cabras nordestinos, saudaram a companhia, repicando um côco acelerado, em que a viola cantadeira ia na frente, **espevitada**, seguida do dengoso violão, fugindo do zombeteiro cavaquinho. Um cantador esganiçado improvisou quadras de vassalagem aos maioraes da fazenda. Quando pararam e foram louvados, Men mandou servir-lhes pinga. Beberam chalaceando em giria nortista, que os Americanos e os outros estrangeiros, em roda, entendiam saborear, como se fosse ainda musica do sertão. Depois de reclamações impacientes, romperam a tocar e a cantar.

A vida sertaneja enchia as cantigas. Era a paizagem nua e dura, o descampado secco, o deserto das carnaúbeiras, os cómoros, onde se exilam, na pedra e na areia, os mandacarús, os chique-chiques, de braços abertos, carregados de espinhos, que abrem em flores de sangue, os funereos facheiros, as serras dos jatobás, onde se encostam as mattas de ingazeiras, de oiticicas e de joazeiros, e, sobre ellas e sobre as catingas, arribando, as infinitas e tumultuosas vagabundas avoantes, vorazes, poeideiras. Cantaram o boi, o seu cyclo de vaquejadas, de traficós, de migrações, de lavouras, de festas e bumbas. A bicharada fantastica, pullulando na mattaria, assombrações e caçadas. Quisilias partidarias, zombarias do populacho. Cyclo heroico dos cangaços. Dramas do sertão e as duas grandes pessoas dramaticas, a espingarda-pá, a faca de ponta-tá. Cunhãs, cabrochas, mulatas, caboclas, invocadas com uma delicadeza e um pudor, que differenciam a volupia sertaneja da luxuria negra. Os brasileiros do sul, os Corrêa de Sá, perdiam muito do encanto dessas obras, desses martellos, dessas emboladas. Os estrangeiros divertiam-se e não comprehendiam. Para a confusão americana tudo aquillo era musica negra. Philippe gosava o sabor das cantigas e desafios. Só aquellas vozes podiam exprimir a magia nortista, que tambem resoava nelle pela transfusão do sangue

paterno. Procurou conversar com os tocadores, que, desconfiados, não se entregaram facilmente. Afinal, foram cedendo a uma secreta comunicação com a sensibilidade de Philippe e, esquentados pela pinga, entraram a pabular as suas bravatas.

— Qual, seu doutô! exclamou um dos cabras cantadores, sertão não é só cantoria. Lá se briga a vida inteira, e de verdade.

Os nordestinos encheram-se de vaidade para parecer aos camaradas paulistas e aos colonos, como valentes e infatigáveis batalhadores. Um dos camaradas sertanejos, que havia acompanhado os tocadores, blasonou :

— Nós somos da terra do cangaço, onde a gente pelega dia e noite...

Os companheiros riram, ufanos...

— Ahí, cangaceiro velho... tu estás espantando esta arraia mofina, como a terra fria delles...

Os camaradas paulistas riram contrafeitos da pabulagem nordestina. Philippe, curioso, interveiu para perguntar ao cabra sertanejo se elle fora cangaceiro. O homem respondeu ousado :

— Nhor sim, não tenho pejo e não minto, assegurando a vossa senhoria que já trabalhei no cangaço...

— Lampeão? indagou rapido Philippe.

— Nhor não, eu conheci o Virgolino, quando estavamos ambos os dois sob as ordens do grande Sinhô Pereira. Vossa senhoria nunca ouviu falar? Chefe de cangaço, como aquelle nunca houvera, nem Luiz Padre...

Os sertanejos alvoroçaram-se. Cada um quiz contar uma façanha cangaceira, lembrar um grupo de bandoleiros. Foi uma conversa assanhada de factos, de pessoas, de miserias, de roubos e morticínios. Os paulistas estavam enfiados e humildes com as proezas dos nortistas. Um paulista, picado de vaidade, procurou reagir :

— Vocês só contam rodellas com este Pereira e o tal de Lampeão... São Paulo não inveja ninguem. São Paulo,

terra de bandeirante, está na frente por um tudo... São Paulo não se arreceia de Lampeão, porque já teve o Dioguinho... Esse, sim, era um bicho bravo, que mettia pavor... Só falar nelle tudo treme...

O cangaceiro nordestino deu um muchocho e cuspiu na terra. Levantou a cabeça para o ar, fitou com raiva nos olhos sanguineos o paulista, sorriu, atrevido, desdenhoso :

— Nunca ouvi falar... Onde vive este Dioguinho, que quero me topar com elle?...

Esperou a resposta, que veio murcha.

— Já morreu...

Os nordestinos riram estrondosos e puzeram-se a escarnecer do paulista. O cangaceiro retrucou mais desdenhoso :

— Tu falas de fantasma, paulista, Deus te fale na alma e ao teu Dioguinho...

— Fantasma não, replicou enfurecido o paulista. Deixa de confiança. Dioguinho foi um valente, como nenhum neste Brasil. Era um moço sympathico, bem vestido, que metteu medo á policia... Era muito bom para os pobres... Mas tinha aquella sina de matar... E fez quarenta e duas mortes... Só foi preso por traição de um caboclo velho, que elle protegia. Foi na emboscada da policia no Mogy-Guassú... Quem teve Dioguinho, não tem que invejar Lampeão...

— Cala a bocca, paulista, não desfaça de Lampeão, capitão Virgolino Ferreira da Silva, e do seu bando sem igual... Sabino Gomes, Ezequiel, Massilon... Ah! não, gente destemida, gloria dos nossos sertões... Este vosso Dioguinho, como o tal de Antonio Conselheiro, e mesmo o Antonio Silvino, tudo é fantasmagoria, eu quero saber de gente viva, que está batalhando...

Um camarada nortista, estimulado, entrou na disputa. Não era espadaudo e arrogante, como o cangaceiro que esbravejava. Era pequeno, magro, secco, amarello-fosco. Na mascara felina cahiam palpebras longas, pesadas, as maçãs da cara salientes, os dentes miudos, enterrados.

Quando sorria limitava-se a arreganhar os dentes e a olhar fixo. Desbarbada a pelle mongolica e, na cabeça larga, o cabello denso, grosso, castanho, reluzente. Tinha gestos cautellosos, vagarosos, desconfiados. A sua voz sibilou fina, cortante. Os nortistas, que o conheciam, o temiam.

— Se tu topasse Lampeão, paulista frouxo, tu e toda esta gente paulista morria de medo. Pois eu te asseguro que fui do cangaço de Lampeão... Não ha inconveniente...

Philippe interessou-se pelo que confessava o camarada. Interrogou-o com cuidado, animando-o e justificando-o. O cangaceiro foi abandonando a desconfiança e, por vaidade, ia narrando episodios do bando, a que pertencera. Eram assaltos ás povoações, aos engenhos e ás fazendas, resgates de prisioneiros, contribuições de dinheiro, gado, armas e balas. Só assim as populações eram poupadas. E rematou contando a occupação, que fizeram, na villa do Limoeiro, no Ceará, quando se escaparam da policia parahybana.

— Saiba vossa senhoria, que nós demos uma batida nas tropas do governo e fomos varando pelo Ceará a dentro, depois do ataque sobre Mossoró, que foi uma victoria sem igual. No Limoeiro, tudo estava em festa para receber os cangaceiros. Mataram uma rez e alguns cabritos para o nosso almoço. Foi um despotismo de doces, bolos, bejús, pamonha, coalhada, queijo do sertão... Festança de regosijo e nós respeitamos as mulheres e toda aquella gente boa, que nos deram dois contos de réis de recompensa... Depois que nós sahimos appareceu a policia parahybana, que fez um desperdicio horrivel, maltratou as gentes, fez mal ás mulheres, roubou os terens, raspou todo o dinheiro, surrou, destruiu... Qual, saiba vossa senhoria que policia do norte é bandida mesmo...

— E porque você deixou o cangaço? indagou Philippe...

— Sorte da gente, seu doutô. Me enrabichei por uma cabrocha das visinhanças do Limoeiro e não quiz proseguir. Lampeão pelejou commigo para eu ficar firme, mas

qual, seu doutô, mulher é mais omnipotente... Uma feita, me escondi do bando, quando descampava por causa da tropa de perseguição e fui ter com a mulher. Me arrependi que Deus sabe. Passado pouco tempo, a mulher morreu de bexiga preta. O bando estava longe nesse mundão de Christo, lá para as terras santas do padre Ciço. Não me achei com geito de ajuntar de novo, depois do que fiz, aos companheiros. Então me puz a trabalhar e, de trabalho em trabalho, varando todo este sertão, vim parar na mão do nosso capataz-empreiteiro e aqui estou... Tudo castigo de Deus Nosso Senhor pela minha falsidade com Lampeão...

— Quem sabe se você não torna ao seu bando? animou-o Philippe.

— Não sei, nhor não. A gente pune pelo seu destino...

O paulista mettediço, o admirador de Dioguinho, vendo o desconsolo do cangaceiro, entrou a debical-o :

— Êta, cabra do norte, deixa de choradeira, aqui tu ganhas dinheiro sem roubar e tu não tens fome...

O cangaceiro fechou ainda mais as palpebras, arreganhou os beiços e os dentes se enterraram uns nos outros. Philippe sentiu no silencio, que os outros camaradas sertanejos fizeram, o alcance do odio do homem. Cortou-lhe a raiva, agradando-o, louvando-o pela sua valentia. O cangaceiro abrandou e retrucou ao paulista :

— Tu estás mas é chumbado. Não fala em roubar, porque roubar é aproveitar o suor dos outros, como se faz aqui nestas bandas. Nós, no sertão, só tiramos o que precisamos para viver e o mais distribuimos aos necessitados. No Limoeiro, Lampeão deu a cada pobre do logar uma cedula de dez mil réis, duzentos mil réis para a igreja e mandou espalhar, como milho, pela criançada, toda a prata e todo o nickel, que nós carregavamos. Todo o povo abençoou os cangaceiros.

— Mas tu fugiste da fome e, se não fosse São Paulo, tu estavas bem morto, comido por bicho, implicou o paulista.

— Ai, ai, minha Nossa Senhora, não provoque, homem de Deus, gritou o cangaceiro com uma voz de desespero, Nós não temos fome, temos é secca. A terra será desgraçada, mas é nossa. Vocês, paulistas, venderam a terra de vocês a este bando de carcamanos e gringos, que invadiu tudo como formiga. Damnação. Brasil aqui se acabou.

O paulista, furioso, quiz intimidá-lo.

— O melhor, cabra, é tu te calares, porque tu estás na patria alheia.

— Terra estranja, gritaram os camaradas nortistas.

— Olha, paulista, deixa de arreliação e de pabulagem. Tu só arrotas café, café. Vae te fiando. Nós somos da terra de canna, que dá assucar, cachaça, melado, rapadura. Assucar já foi rei. Assucar pagou a independencia do Brasil. Realeza do assucar acabou, acabará também despótismo de café.

Outro cangaceiro gritou, ameaçador:

— Toma tento, paulista velho, café é bicho andejo. Café te deixa nú na estrada, como já deixou Rio de Janeiro. Café agora só procura por Paraná e Matto-Grosso...

O administrador berrou para que acabassem com o bate-bocca. Os fiscaes intervieram gritando com os disputadores. Houve um silencio resmungado e os tocadores proseguiram, desenhados, na melopéa sertaneja.

A immundice da pagélança ostentava-se ao sol da ladeira da Gloria. Para os estrangeiros, que desciam das pensões, o « despacho » era uma porcaria a mais, na rua esquecida. Passavam repugnando-o, batendo com força os seus passos de desprezo. A gente mestiça estava apavorada. Logo que avistavam a pagélança, estacavam. Pregavam os olhos fascinados nas pennas pretas da gallinha e na farofa amarella, onde apontavam os funereos charutos. Benziam-se, praguejavam e não passavam. Retrocediam para o outro lado da ladeira. Toda a visinhança alarmou-se. A manhã inteira, o « despacho » com os seus maleficios excitou a

curiosidade e a imaginação. Antes de indagarem quem fora o autor da mandinga, o maior interesse era saber contra quem a terrível ameaça. Os mais afoitos procuravam na cuia fatídica um papel que, segundo os usos, indicasse a victima condemnada. Nada foi encontrado. O mysterio augmentou o terror. Cada qual se sentiu attingido por uma perseguição occulta da inveja e da perversidade. Até a solidão de Thereza chegou o espanto. Os criados, que voltavam das compras, narraram o caso extranho. Não tardou que informassem Thereza. Ella desdenhou, alheia ás correntes baixas do terror primitivo. Balbina pageava Lili, afastando-a de Thereza, enfeitçada por Eixú. A negra esperava Radagasio perto do automovel, que o ia levar ao banco. Quando elle appareceu, carrancudo e ralhando com o chauffeur por causa do gasto da gazolina, Balbina suspendeu Lili para beijar o pae. Radagasio não fez caso. Continuou a esbravejar insultando o chauffeur. Lili quiz escapar-se dos braços da ama, que a segurou com raiva.

— Fica quieta, Lili. Olhe seu papae como está tão bonito. Nhonhô está mesmo sacudido, que é um gosto. Chapéo de palha vae bem em Nhonhô, roupa clara exalta a formosura. Nhonhô está rosado... Benza-o Deus. Não ha como o sol de verão...

Radagasio estufou para se mostrar mais corado. Os olhinhos lubricos, voltados para a negra, entortavam-se sobre as bochechas enfundadas.

— O sol é a fonte do calor e da vida. Dá-me o calor, eu criarei universos, disse.

Entrou sorridente no automovel, que foi descendo devagar, deixando a Radagasio tempo de se embeber na onda de luxuria, que se despregava assanhada, catin-guenta, da negra.

Crescia na solidão o desespero de Thereza. Já não se conformava com a ausencia necessaria de Philippe. O

vasio era immenso e as cartas, que recebia e respondia, não bastavam para socegal-a da tortura da desolação. Queria a presença real de Philippe. Vel-o, ouvi-o, abysmarem-se na alegria physica da paixão. Por um esforço sobrehumano, ainda não reclamara a volta do adorado. Vencia-se para se conformar com a terrivel necessidade de conquistarem a independencia material, indispensavel á plenitude da libertação. O seu espirito concentrava-se em Philippe. Procurava reconstruir, pelo que lhe dizia, toda a vida que levava na fazenda. Foi-se enfurecendo com o interesse que elle mostrava pelos factos da lavoura, da colonização, de todo o ambiente de Maracajá. Detestou esta maldita curiosidade de saber e aprofundar. Pouco a pouco, o azedume do exclusivismo lhe foi envenenando a doçura da esperança. O martyrio do ciume impreciso e doloroso por tudo o que interessasse Philippe fóra do amor. Não tinha mais calma para supportar a miseravel existencia naquella casa desgraçada. O odio a Radagasio mantinha-lhe o sangue em ascendente effervescencia e não lhe deixava distrahir-se um instante. Nas longas conversas com Ritinha, as suas expansões eram o seu surdo ciume de Philippe e o desespero contra Radagasio, agarrado á sua fortuna. O mau humor roia-lhe a doçura. Nada a distrahia da obsessão de desejar a presença de Philippe e de desaparecer com elle de todo o inferno em que se via torturada. Isolava-se cada vez mais dentro do seu desespero. Só tolerava a companhia de Ritinha, porque lhe falava eternamente do seu amor e da sua angustia. Deixou de ir a casa de Vieira, que se lhe tornou aborrecida. D. Calú proseguia nas suas interminaveis lamentações. Era a mãe inconsolavel e tragica. Vieira lunatico. Aracy azeda, sarcastica, perdera a frescura da vadiação alegre, depois de abandonada pelo Léo. Passara á preguiça e ao desleixo. Os rapazes empenhavam-se em novos rumos, desilludidos da revolução. Manuel exaltava-se no communismo. Tornara-se um militante e entrara em uma cellula.

Como tinha sido um ardente revolucionario liberal, passara a ser um communista extremado. O seu temperamento expandia-se nas paixões politicas, no exclusivismo partidario. Pedro, que ia concluir o curso de engenheiro civil, tornava-se um profissional da energia e do dynamismo. Aspirava a reconstruir o Brasil com a mecanica e com a electricidade. As perspectivas, que lhe abriam, de uma prolongada visita aos Estados Unidos, acompanhando um dos principaes engenheiros da casa, onde era empregado, o preocupavam e o desinteressavam da lenta campanha revolucionaria. O seu temperamento era movel e exigia a acção immediata. De Monteiro havia noticias. Continuava foragido, sempre fiel á revolução e já querendo voltar ao Rio para conspirar. De tudo isso estava longe Thereza, absorvida no amor.

Passara aquella sexta-feira, em que o « despacho » a ameaçara na encruzilhada de Eixú, muito só. Ritinha não viera o dia inteiro. Não havia carta de Philippe a trazer-lhe. Thereza não teve animo de sahir de casa e applicou-se longas horas a escrever a Philippe. Não notou que Lili lhe apparecera menos naquelle dia. Nem mesmo á tarde, quando costumava vir ao seu collo no mirante, acompanhando as duas, de longe, o banho do Flamengo, alegre, vivaz, colorido, e os yoles, os skiffs e os caíques brincando nas ondas, e as gaivotas, as garças, arquejando a recolherem-se nas ilhas oceanicas, e as fragatas, os albatrozes, navegando no céu vermelho, e as praias e morros da outra banda, abrazados, rubros, e as andorinhas loucas, barulhentas, que vinham dormir dentro do telhado da velha casa. E, no calor exasperante, cheiravam os bogaris, os jasmíns, as magnolias, cheirava Lili, cheirava Thereza.

Depois do jantar ella voltara á sua meditação no eterno mirante. Aquella hora, Philippe, na fazenda, ouvia as conversas arrastadas sobre café e cousas matutas. Sofreria como ella no desespero da separação? E não havia ainda signal de que os negocios estivessem a terminar.

As cartas de Philippe não annunciavam precisamente a epoca, em que elle voltaria. Como ter força para esperar sem desanimo? Thereza censurava-se pelo desespero, que a invadia e procurava reagir, sonhando com a magia da libertação, que não estaria longe. Estava disposta a tudo, a fugir com a filha e, na companhia de Philippe, não temeria a furia de Radagasio, a quem abandonaria a sua fortuna pela liberdade. Negocio. O instincto pratico da mulher e daquella descendente de commerciantes resolvia assim o maravilhoso problema sentimental. Thereza foi seguindo os incidentes das possiveis negociações com Radagasio e já entrando pela imaginação nos pormenores da divisão dos bens, foi adormecendo resignada. Muito tempo de somno no mormaço da noite pesada. Se entrecordava e ouvia os cães soltos farejando e arfando, continuava na modorra. Uma vez lhe pareceu sentir bem proximo um ruido, que não era o da ansiedade dos cachorros, afflictos de calor. Abriu os olhos com mais vivacidade e viu alguém correr e procurar esconder-se na escuridão das arvores. Poz-se de pé, gritou, açulou os cães, que não se arremessaram contra o vulto volumoso, que desapparecera. Devia ser alguém da casa. Thereza recolheu-se apressada. Chamou um criado e ordenou-lhe que fosse ver o que se passava. Ficou inquieta e correu ao quarto de Lili. Encontrou a porta encostada e dentro a criança sósinha. Esperou pela negra, que não appareceu. O criado voltou para dizer-lhe que a unica pessoa que estava no jardim era Balbina. Thereza mandou chamal-a. Que fazia a negra lá fóra no escuro a espial-a? Radagasio? Mas, se elle tinha sahido? Balbina entrou malcriada, furibunda e não deu explicação a Thereza.

Ritinha fazia serão costurando o vestido, em que se occupava o dia inteiro. Toda a casa dormia. A velha Andreza para tomar conta de Ritinha deitara-se no chão, fazendo travesseiro de uma desbotada almofada. A curva

do pensamento de Ritinha enlaçava o noivo, Thereza e Philippe e ás vezes o seu rio-Itapecurú, velhinho, socegado, lá nas brenhas. Ia divagando e cosendo ligeira, quando Manuel e Pedro chegaram da rua. Andreza despertou e sentou-se reverente. Os rapazes estiveram mirando o trabalho de Ritinha e louvaram-lhe a faceirice. Mulher é assim. Enquanto o Viriato anda vestido de zuarte de algodão, ou nú, lá no Acre, estava alli a sonsa Ritinha a preparar um vestido de jersey de seda. Tão alegre, tão moderno. Presente de Thereza. Os rapazes, que tinham jantado fóra, já estavam com fome. Ritinha mandou Andreza buscar goiabada, biscoitos e um presunto americano. Presente de Thereza. A lampada electrica só illuminava a mesa da sala de jantar, onde Ritinha trabalhava. O resto da sala ficava no escuro e foi com dificuldade, que a velha poude mover-se. Manuel foi ajudal-a a trazer tudo para a mesa e começaram a comer alegremente. Thereza tinha sido uma grande invenção. Sempre generosa e delicada. Mesmo que não lhes apparecesse como dantes, não os esquecia. Ritinha ufanava-se com aquelles elogios ao seu idolo. Sentia que tudo o que Thereza dava, era mais por ella e feliz sorria maternalmente aos gulosos. Enquanto devoravam, indagaram do que se passara em casa, de onde se ausentaram desde pela manhã muito cedo. Ritinha contou-lhes o alvoroço da rua com o « despacho ». Os rapazes riram, achando tudo aquillo idiota e porco. Andreza indignou-se.

— Não digam nada, não falem assim, vosmecês são crianças, não sabem a maldade desses mandingueiros. Aqui chamam isto « despacho », nós, lá no Maranhão, chamamos de « pagélança ». Conheci muito negro feiticeiro, tanto na roça, como na villa. Para fazer um mal a uma pessoa, só aquelles diabos mesmos. O demonio anda solto e estes mandingueiros mandam nelle... Não riam não, diabo tenta, eu já vi mão de pilão dar tiro...

Manuel e Pedro soltaram uma gargalhada alta, que

Ritinha procurou conter para não acordar os tios e Aracy. Só pararam de rir para puxar mais pela velha Andreza.

— Pensa que eu não sei não, meus brancos. Vosmecês não acreditam, mas o mundo está cheio de assombrações. Os espiritos andam soltos e se mettem no corpo dos christãos para castigar, e não é só da gente, também dos bichos e dos páos. Vosmecês sabem o que é marandová? Aquella lagarta verde das folhas? Pois eu já vi marandová engravidar uma mulher virgem com o olhar, depois de passar pela urina della no terreiro...

— Cala esta bocca, Dedeza, ordenou zangada Ritinha. Deixa de dizer bobagem.

— Bobagem, bobagem, é só que vosmecês brancos dizem. Eh! porque araroba faz a gente que estaciona debaixo della ficar vermelha e inflammada que nem cobreiro? Não é obra do maligno?... Benza-nos, Nosso Senhor. Olha, tudo está nas mãos de Deus, mas o capeta ás vezes toma conta das cousas e transtorna o juizo da gente. O que é preciso é ter fé em Deus e estar sempre armado de figas e de rezas. Olha, esta figa aqui, que eu trago sempre no pescoço, noite e dia, é de Guiné, verdadeira e poderosa como ella. Me defende, de um tudo... Por isto não tenho medo dessa cuia de pagé, que puzeram na cruz da rua. Se é commigo...

Andreza levantou-se. De pé, commovida, com a cara extatica, ergueu a figa e a poz na direcção da rua.

— Te esconjuro, maldito... Vae, satanaz... Pagé do inferno volta ás trevas... Salve a luz de Deus... Por Santo Onofre, para traz...

Esta exprobação allucinada da preta velha esfriou a jovialidade dos rapazes. A conversa tornou-se arrastada e mais grave. Ritinha contou-lhes o que se passara sobre a moamba, o terror da gente da visinhança, o mysterio da ameaça e todos se julgando alvo de uma baixa perseguição anonyma. Por mais que indagassem, nenhum esclarecimento puderam obter sobre a autoria do « despacho » e

a vítima ameaçada. Enquanto Ritinha falava, Manuel teve uma súbita lembrança. Interrompeu a prima para dizer a Pedro :

— Ah! tu não reparaste esta manhã, muito cedo, quando fomos para o banho, que encontramos, subindo a ladeira, aquella negra, ama secca da filha de Thereza, acompanhada por um preto, que trazia um embrulho em um jornal?... Ah! foram elles... Procurem por ahi... Não tenho duvida.

Ritinha largou a costura e tremeu de medo. Pedro concordou com a impressão de Manuel.

— Ah! minha Nossa Senhora! que horror! Thereza, minha Therezinha, Teté tão boa, que horror! gemeu Ritinha.

Andreza segurou a cabeça da sua menina, beijou-lhe os cabellos.

— Socega, meu bem, minha santa, não haverá mal, esta negra velha sabe esconjurar pagélança e as coisas feitas do inferno.

Os rapazes esforçaram-se por tranquillizar Ritinha, chorando desesperada com o perigo de que sentia ameaçada Thereza.

— Olha, affirmaram, nós estamos promptos a defendel-a sempre. Por ella e por Philippe. É uma companheira, uma irmã muito querida. Daremos uma surra naquella negra macumbeira e se o tal Radagasio está mettido na perseguição não custa nada dar-lhe um esbarro uma noite.

Esta sympathia não moderou a inquietação de Ritinha. O seu impeto era correr para a casa de Thereza. Os primos mostraram o absurdo do alarma áquella hora, meia-noite passada. Era impossivel telephonar, porque não seria Thereza que acudiria ao chamado. Seria provavelmente Radagasio. Era preciso esperar amanhecer para Ritinha avisar Thereza. Nesta angustia foram para os seus quartos. Ritinha, desalentada, não teve forças para mudar de roupa. Atirou-se na cama, vestida como estava, a chorar desbra-

gadamente. Só ella comprehendia a extensão do perigo sobre Thereza. Nem Philippe sabia de toda a miseria, que soffria a sua adorada. Agora era a perseguição, a resolução que os assassinos tomaram de supprimir Thereza e a negra seguramente era o instrumento dos planos de Radagasio. Com aquelle ar de imbecil, era Radagasio para Ritinha, um perverso, que, por vingança e ganancia, seria capaz de um crime. E o covarde metterá isto na cabeça da negra, que, estimulada pelo furor de se apossar de Radagasio, mataria Thereza pelo veneno dos feiticeiros ou estrangulando-a, quando ella estivesse dormindo. Ritinha via todo este horror e a sua angustia crescia no desespero sem nome de não estar ao lado de Thereza, innocente de tudo e talvez assassinada naquella noite. A velha Andreza entrou com um embrulho, que collocou na mesa do quarto. Chegou-se a Ritinha, que soluçava. A moça agarrou-se á ama preta, que com as mãos encarangadas e a voz humida de doçura, a foi acalentando.

— Escuta, minha florsinha, a tua preta velha, a tua Dedeza salva tudo, pela graça de Deus e da côrte dos céos... Não fica triste neste desconsolo ingrato. Tem fé, minha sinhásinha... A moça não soffrerá nada dos judeus malvados... Quem te diz é quem pode... Eu te falo em nome de Santo Onofre, que é invencivel na encruzilhada e nos caminhos da gente humana...

Ritinha abriu uns olhos enormes de esperança. Andreza lhe falava, como a salvação. A velha continuou, sorrindo para a sinhásinha :

— Vou te mostrar o que eu tenho escondido no fundo do bahú e que tu nunca viste e que eu trago commigo para a hora da afflicção...

Foi á mesa e trouxe o embrulho. A curiosidade interessera suspendeu as lagrimas de Ritinha, que estacaram nos olhos tristes. Andreza abriu o embrulho sobre a cama, ao lado de Ritinha. Quatro santinhos de madeira appareceram gastos, velhinhos, por entre figas e rosarios. Tambem

havia uns pratinhos de folha de lata, uns copinhos e alguns toucos de vela benta. Andreza pegou em um dos santos, que era miudinho e fartamente barbado. Barba preta, manto de cabello a cobrir-lhe o peito nú. Embevecida, adorando, mostrou-o a Ritinha.

— Este aqui é o meu Santo Onofre. Elle defende a gente de toda a pagélança. É elle que dá passagem nos caminhos, na cruz das estradas e das ruas. Afugenta do demonio, de todos estes Eixús, que os pagés chamam contra os filhos de Nosso Senhor. Santo Onofre precisa ser bem tratado por quem precisa delle. Tu levas elle a D. Thereza e vou te ensinar como ella deve fazer. Ella põe elle no oratorio ou na mesa do quarto della e põe nestes pratinhos, que estão aqui, comida de sal, e neste copinho um pouco de restillo do melhor e accende um destes toucos de vela benta. Pede o que ella quizer e tiver precisão. E deixa estar. O santo satisfeito protege a ella, que os demonios se afugentam para o inferno, que é a terra delles. Eu sempre me vali com este santo milagroso e todo poderoso e venci os meus inimigos a vida inteira... E tu pensa que muita vez não te defendi do mal? E quem foi que fez o teu amor com nhô Viriato? E quem protege lá nos seringaes nhô Viriato? Tudo, este santinho da minha alma... Santo, Onofre, louvado seja.

Ritinha aceitou aquella fé e olhou com immensa ternura Santo Onofre. A negra beijou muito o santinho barbado e depois mostrou outros santos.

— Olha estes dois, que estão sempre juntinhos. São dois irmãos gemeos, São Cosme e São Damião. Omnipotentes como só elles, Ritinha. Curam todas as molestias da terra, quanto mais aquellas, que vêm de pagélança, porque elles foram feiticeiros no começo. Deus Nosso Senhor teve pena delles, tirou elles da feitiçaria e fez santos. Mas elles ficaram sabidos da maldade dos pagés e a gente, que se agarra com elles, não teme « coisa feita ». Trata-se delles com muito bom modo, porque elles são

zangados que nem feitor de fazenda. A gente põe nesses pratinhos, como de boneca, um pouco de doce, junto de cada um. Muito tento para não dar mais para um que para outro, pro mode não sahir briga, e nunca jamais comida de sal.

Ritinha escutava. Não queria esquecer nada das recomendações de Andreza. A velha collocou São Cosme e São Damião junto de Santo Onofre, em cima da mesa, e voltou a Ritinha com o ultimo dos seus santinhos.

— Está aqui São Jorge, que estes malvados metteram no candomblé e tratam elle de Orixá, Ogun e outros nomes feios. Elles se arreceiam da espada do santo e se mettem de amizade com elle. Não vê! São Jorge pune pelos christãos de Christo, valente como só elle, nem Osorio no Paraguay, nem Chico Diabo com o Lopes. Não come comida, como os outros, nem bebe restillo, como Santo Onofre. O que elle vale é na hora do arremesso. Se aquella negra feiticeira acommetter contra D. Thereza, então D. Thereza, na hora do perigo, se benze com o pelo signal da santa cruz e grita por São Jorge... E a feiticeira do inferno estoura, que é um gosto... Ah! Satanaz...

Andreza ria contemplando a façanha do santo guerreiro. Poz São Jorge junto dos camaradas.

— Sinhásinha, eu acho bom nós fazer qualquer coisa para defender D. Thereza esta noite daquella maldade da rua. Vosmecê accende este touco de vela benta para os santos e eu vou buscar comida e a cachaça para elles.

A negra foi á sala de jantar. Ritinha levantou-se e, rezando a Santa Therezinha de Jesus, accendeu a vela benta aos santos feiticeiros. Andreza, desvencilhando-se com a segurança da fé na escuridão dos corredores, trouxe o alimento votivo. Para Santo Onofre, aguardente no copinho e no pratinho um pouco de presunto. Para São Cosme e São Damião, dois pedacinhos iguaes de goiabada.

— Vá, meus santinhos, trabalhem bem e façam o milagre de defender aquella moça christã da feitiçaria da

negra macumbeira. Vós, meu São Jorge, que não bebeis e nem comeis e que vos alimentaes da graça de Deus, protegei vossos devotos de todo o mal. Amen.

Aquella fé profunda da velha preta deu confiança e paz a Ritinha. Ella tambem pegou-se com os santinhos e, rezando sempre, foi se despindo para deitar-se. Andreza ficou velando.

Era ainda cedinho, quando Ritinha acordou. Andreza tinha desaparecido. Ritinha veio logo á mesa, onde estavam os santos. Tudo bebido, tudo devorado. Nem paraty, nem presunto, nem goiabada. Milagre? Thereza estava salva? Neste fugaz encanto da esperança, Ritinha começou a preparar-se para ir á casa de Thereza. Já estava prompta, quando surgiu no quarto Andreza excitadissima.

— Ah! minha fia, louvado seja meu Santo Onofre... Não esquecendo São Cosme e São Damião, e tambem São Jorge. Fui ver na rua, e a moamba do inferno já foi consumida... Nem nada. Nem uma penninha da gallinha preta. Tudo voltou para o fogo do inferno. Agora tu vae lá e leva os santinhos do milagre, os pratinhos e o resto da vela benta a D. Thereza e vosmecês façam tudo, como eu disse e tu assistisse... Com o poder dos santos de Christo aquella christã estará livre de toda a malvadeza da terra.

Embrulharam santos, pratinhos, toucos de vela, com cuidado e carinho. Ritinha foi com o pacote para a sala de jantar, onde tomavam café Vieira e D. Calú. Contou-lhes as suspeitas dos primos sobre a negra e o seu proposito de avisar Thereza sem demora. Os tios, apprehensivos e indignados com os possiveis perigos, que pesavam sobre Thereza, revoltaram-se contra a feitiçaria.

Vieira declarou :

— Tudo isto é ignorancia de uma gente infeliz, que vive nas trevas. Os espiritos maus se apossam delles e os fazem praticar desatinos e crimes. Quando se desencarnarem e passarem pela força da luz redemptora ao plano astral

voltarão ao mundo para expiar os seus erros, praticando acções beneficicas. Tenhamos dó desses irmãos transviados... Caridade e fraternidade.

— Lá vem você, Aristides, com as suas baboseiras, esbravejou a antiga D. Calú, que a amizade por Thereza fazia sahir por um instante da sua depressão. O que aquella negra precisa é de uma boa coça e o olho da rua. Nós somos sempre molles, ninguem reage, nem em casa, nem contra o governo. Esta maldita policia protege tudo quanto é macumba e candomblé. Só sabe é perseguir os que têm vergonha e brio... Ah! minha Nossa Senhora da Gloria, quando esta miseria se acabará? Seja tudo pelo amor de Deus...

— Mulher, cale esta bocca, ponderou Vieira... Você não está farta de soffrimentos? Não sabe que estou ameaçado de deixar o Thesouro e ser removido para o Norte e morrer lá de febre ou de beri-beri? Oh! é uma cousa horrivel a familia... gente linguaruda, só falatorio, e não fazem nada... E quem soffre é o mais innocente... A corda arre-benta sempre do lado mais fraco.

Vieira, furibundo, desapareceu. D. Calú suspirou e murchou, tornando ao seu abatimento, e levantou-se para ir á cosinha. Sem lhe dizer nada do que se passara com os santos de Andreza em seu quarto, Ritinha lavou as mãos na pia da sala de jantar, tomou o embrulho e partiu. Na rua, tudo pacato e nenhum vestigio do « despacho ». Só muito calor já áquella hora. Entrou tremendo no portão e subiu com medo de encontrar Radagasio ou Balbina. Não viu nenhum delles e assim foi entrando pela porta aberta da casa, que um criado lavava. Por este mandou chamar a criada de quarto. A mulher veio espantada e, por ser tratar de Ritinha, foi avisar Thereza. Voltou com ordem de a fazer entrar immediatamente. O alvoroço, em que ficou Thereza, excitou o zelo da criada. Foi levando Ritinha com toda a pressa pela casa a dentro.

Thereza esperava Ritinha sentada na cama. A criada

as deixou e cerrou a porta. Ritinha, com o embrulho na mão, não se pode conter e atirou-se nos braços de Thereza, tremula e assustada.

— Que ha? Philippe? Fala, conta tudo, ordenou Thereza, inquieta...

— Não, não, não é com Philippe, é comtigo, minha Teté, respondia arfanço Ritinha.

Depois de um socego, fitou Thereza e sorriu-lhe commo-vida, alliviada.

— Nada te aconteceu até agora, graças a Therezinha de Jesus... e tambem aos santinhos de Andreza, accrescentou.

Thereza quiz saber o que se passava e porque toda aquella agitação. E Ritinha contou o incidente tenebroso do « despacho », o pavor da visinhança. Thereza interrompeu-a.

— Mas que tem isto commigo?

Ritinha hesitou. Por um instante a formosura de Thereza arrancou-a da angustia. A camisola de seda decotava o collo farto e rijo e o pescoço alteava-se sustentando a linda cabeça onde pesavam negros, vastos e fofos cabellos. O nú moreno do rosto, dos braços, das mãos e do busto fundia-se docemente no vermelho morango da seda da camisola, do lençol e da colcha. Só os travesseiros e os dentes eram brancos. As mãos firmes de Thereza seguravam as mãos molles de Ritinha, e a quentura cheirosa do seu corpo socegava o desespero desta.

Ritinha pode escapar dessa doçura para proseguir na sua narrativa. Quando referiu as suspeitas dos primos sobre a negra Balbina, uma claridade fusilou nos olhos de Thereza, e este relampago esclareceu-lhe tudo. Não teve duvida de que o « despacho » era contra ella, machinação da miseravel negra. Sem se explicar com Ritinha, reuniu rapidamente tudo o que se passara nestes dias com Balbina, a bajulação hypocrita, a extranha sahida nocturna, a espionagem da vespera á noite, o subito atrevimento da

maldita. Veiu-lhe um impeto de bravura, desta bravura, que o amor lhe dera, em desforra de toda a sua longa submissão.

— Não tem importancia, Ritinha. Tudo isto é tolice e estupidez. Tu não vaes acreditar em feitiçaria, « despachos » e outras coisas idiotas. Deixa Balbina commigo. Ella pensa que tenho medo?

— Não, Thereza, não fica assim tão indifferente. Ninguém sabe o que pode acontecer. Ha tanta cousa neste mundo...

— Que é isto, Ritinha? Tu estás apavorada. Deixa de medo de bruxarias. Eu rio e não faço caso...

— É, mas se Balbina entra a te perseguir, a pôr porcarias em tua comida, venenos nas cousas que tu comeres, ou na tua agua, na tua cama... Sei lá. Aquella miseravel é capaz de tudo... E depois...

— Depois, o que? perguntou, desconfiada, Thereza.

E como Ritinha se calasse, ella insistiu :

— Radagasio? Sim? É o que vocês suspeitam...

Ficaram caladas. Thereza ia até o fundo da trama da negra contra ella e comprehendeu o perigo, em que estava. O seu impulso era chamar Philippe para o seu lado. Só elle a protegeria de tudo. Não sabia o que fazer. Tinha orgulho em mostrar-se destemida, digna de Philippe, e defender-se sósinha até elle chegar. O calor a fazia suar. Espichou-se na cama. Batia com o lençol para se arejar. Ritinha não sabia como interromper a agitação, que as opprimia. O pensamento de Thereza lutava por prender as infinitas sensações que a imaginação suscitava. Afinal tudo se concentrou em um schema. Ella pertencia a Philippe e devia lutar para defender a sua vida e a sua saude por elle.

Vendo-a assim, parada na reflexão, Ritinha animou-se a falar.

— Teté, escuta, não tenhas muito receio. Ha quem esteja velando por ti, e que sabe muita cousa contra pagé-

lança... É a minha Dedeza. Ella te mandou uns santinhos, que traz sempre comsigo e que são milagrosos. Santo Onofre, São Jorge, São Cosme e São Damião. A gente dá comida e paraty a elles para trabalharem contra a feitiçaria... Esta noite, Dedeza fez elles trabalharem, e o certo é que o « despacho » maldito desapareceu da rua.

Thereza sentou-se na cama e olhou para Ritinha. Pensou que ella enlouquecera. Disse-lhe com autoridade :

— Que historia é esta, Ritinha? Tu tambem cahiste na bruxaria? Ah! não... Isso é demais. Não te quero mettida nestas superstições da velha Andreza. Tu não vês que tudo isto é ainda macumba de negro?

Ritinha ficou atordoada. Se a voz de Thereza afugentava um pouco o terror, que a acabrunhava, o que se passara no seu quarto á noite, e a fé estonteante da preta Andreza lhe perturbavam o raciocinio. Foi o terror, que ainda dominou.

— Sempre é bom experimentar tudo. Não custa nada, não é? Eu vou te mostrar os santinhos... Quem sabe se á vista delles não mudarás de parecer...

Ritinha abriu o embrulho em cima da colcha fulgurante. Thereza esperava desdenhosa e curiosa. Quando viu de relance os santinhos de Andreza, os pratinhos e os toucos de velas, achou tudo tão rude e pittoresco e lamentou que Philippe alli não estivesse para rirem juntos. Ritinha mostrou-lhe o São Jorge. Thereza sorriu. Mostrou-lhe São Cosme e São Damião. Thereza sorriu. Mas, quando lhe mostrou Santo Onofre, Thereza deu um tapa no calunga e bradou revoltada :

— Tira este bicho barbado de cima da minha cama!

Foi com grande abatimento, que Ritinha apanhou Santo Onofre do chão e, por ordem de Thereza, embrulhou toda a macumba santa de Andreza. Para Ritinha, a situação de Thereza se aggravava, desde que ella recusava aquella intervenção. O seu fanatismo por Thereza commandava-lhe que velasse por ella sem descanso, vigiasse

a negra Balbina e Radagasio. A ansia de Ritinha era não se separar de Thereza, ficar allí para sempre. Com muito custo Thereza a convenceu de voltar para a casa.

Ao primeiro impulso de revolta succedeu, no espirito de Thereza, a apprehensão deprimente. Teve medo de morrer longe de Philippe antes da entrada triumphante no paraíso do amor, que era a sublime finalidade da sua vida. Pensou em fugir da casa assassina, libertar-se sem demora e buscar Philippe em São Paulo. Pensou em chamar Philippe por um telegramma. Para escapar á morte que lhe privaria do amor, Thereza pensou em denunciar a negra á policia e pensou mesmo em refugiar-se na casa de Vieira. Todas estas soluções, o seu orgulho alliado ao desejo de resolver a sua situação de modo suave e bello, repellia, accusando-a de covarde e estimulando-a a lutar pelo seu amor allí mesmo, em face dos miseraveis. Nesta dura hesitação, Thereza passou a manhã. Empregou a sua viva sagacidade em estudar as attitudes de Balbina. Espreitou Radagasio, evitando surprehendel-o brusca-mente em uma possivel confabulação com a negra. Disfarçou a sua apprehensão com muita calma e subtiliza. Moveu-se pela casa e pelo jardim, dissimulada, procurando brincar com Lili, com os passaros, com os cachorros, numa vadiação esforçada e fatigante. A negra não se incommodou com a alegria de Thereza. Confiava em Eixú e esperava. Depois do almoço, surgiu Ritinha, disposta a arrancar Thereza de casa.

— Por este calor damnado? objectou Thereza, fingindo-se brava.

— Que tem? De automovel ha sempre viração e podemos ir bem longe, á Tijuca...

Thereza reflectiu e resignou-se a sahir, não para tão longe, mas para a cidade fazer compras. O seu instincto de agradar espertava. A criadagem a adorava. Thereza sentiu que precisava estimular ainda mais esta adoração naquella contingencia perigosa. Para ficar só com Ritinha

mandou preparar a barata e as duas desceram para a cidade. Depois das compras, fugiram do abraçamento da tarde e foram até á Gavea. Na volta, o sol ia enrubescendo a neblina, que se erguia do mar. Tudo ficou vermelho, agua, céu, casas, ruas. O calor jugulava o mundo, suffocava-o, aniquilava-o. O sol de sangue foi cahindo atraz do Corcovado. Um nevoeiro, branco, espesso, subiu e enguliu Nitheroy e todas as ilhas da bahia. Quando a noite fechou, a nevoa secca ennegreceu e tapou o céu. Dentro della, as luzes equivocadas das fortalezas e as furiosas e quentes rajadas do noroeste.

Antes do jantar, Thereza fez a distribuição das suas compras aos criados. Os melhores presentes foram para a criada de quarto e para a cosinheira, ás quaes iria recomendar apertada vigilancia na negra. Ella dava com alegria e foi um alvoroço na casa. Balbina não appareceu, mettida no quarto de Lili, já na sua caminha. Thereza gritou por ella. A negra veio, desconfiada e resmungando. Thereza affrontou-a, mostrando-lhe uma estatua de santa.

— Esta Santa Therezinha é para você sempre se lembrar de mim. A minha padroeira é a outra, mas talvez você prefira esta, porque é mais moça e mais alegre Este rosario está bento e nelle você rezará por Lili. E este córte de vestido, já com o forro, será para o natal.

A devota de Ogun não se moveu para receber os presentes. As pernas lhe tremiam. Dentro da cabeça pesava uma pedra. Thereza foi até á negra e metteu-lhe nas mãos paralygadas a santa, o rosario e o vestido. Olhou radiante para Ritinha, segurou-lhe o braço com prazer e, rapida, foi levando-a para o terraço.

No dia seguinte, domingo, Radagasio recolheu-se para compor o discurso, que ia pronunciar no almoço mensal do « Educational Club ». O thema era « a crise da moral ». Por maior commodidade, Radagasio resolveu trabalhar no quarto, onde tinha a cama para repousar da fadiga cere-

bral. Vestiu o pyjama de vicunha côr de macaco, para não se resfriar, e poz sapatos de lã. O calor era atroz. Radagasio mandou fechar as portas de pau das janellas das salas e o interior da casa ficou sombrio e mais fresco. Todos sahiram. Thereza e Ritinha, depois do almoço, tomaram o automovel e buscaram socego e aragem no alto da Tijuca. Os criados estavam de folga. Só Balbina ficara tomando conta de Lili. Radagasio fez o chylo na meditação. O assumpto do discurso lhe pareceu facil. Que cousa mais evidente do que a immoralidade no mundo actual? Não eram todos debochados, cupidos, ladrões? Um oceano de luxuria afoga a humanidade. Radagasio, repousando na poltrona, notou esta phrase em uma folha de papel, em que ia fixando os pensamentos para a oração. Exclamou : luxuria, luxuria e sempre luxuria. E a ambição de dinheiro? Não era tambem uma razão da immoralidade? Tudo não está corrompido por esta caça ao dinheiro? Homens e mulheres só querem ouro e mais ouro. Insaciaveis. A fome do ouro. Radagasio sorriu á sua descoberta e notou : « Auri sacra fames. » E o espirito de revolta, de insubordinação geral não perturba a ordem, a hierarchia? Sem quadros, a sociedade não subsiste. É preciso haver graduação, submissão. Radagasio foi annotando. E porque esta revolta contra a autoridade constituida? Porqué todos querem mandar. « Oh! vã cobiça de mandar! » Bem. Radagasio verificou que tinha tres fundamentos da immoralidade. O quarto era a falta de religião. « Meus senhores, quando digo religião, não me refiro sómente áquella que bebi no leite materno, áquella que presidiu o meu nascimento, que me guia na vida e me levará ao tumulo e me libertará das penas do inferno. Religião é tudo o que liga os humanos no sentido do divino. E a humanidade se liga por mil laços espirituaes, sejam os do budhismo, do mahometanismo, do protestantismo ou mesmo do paganismo selvagem. Sejamos liberaes e tolerantes. O essencial é haver religião. Compreendamos todas as religiões até

aquellas sem Deus. O mundo de hoje apodrece por falta de crenças. Cada homem é um sepulcro caiado. Dentro delle só ha o vacuo. » Radagasio respirou forte e derreou-se, satisfeito e cansado na poltrona. « Ufa! tenho quatro bases, luxuria, cobiça, anarchia, irreligião. São as columnas do templo. Um discurso é uma obra de arte e já ouvi dizer que toda a arte é sempre architectura. Com quatro columnas levanto o meu discurso, o edificio de cimento armado. Sejamos modernos para agradecer os Americanos do club. Agora resta encher a armação de ferro... » Radagasio bem disposto, de digestão feita, levantou-se. A excitação intellectual o animava. Estava entusiasmado. Mirava-se no espelho do guarda-roupa, achava-se magnifico. Estudava expressões de physionomia para as phrases do discurso, sorria superior para a assistencia,* inflammava-se, gesticulava, pendia a cabeça triste deante da immoralidade humana. Nesta effervescencia sentou-se á mesa para escrever tudo o que annotara e meditara. Estendeu a mão sobre a mesa. Festejou victorioso as palavras, que mandara gravar em seu anelão, em volta das armas da familia : « Eu semeio idéas. » Escreveu uma phrase. Parou. As idéas, que ia semear, dansavam atrapaalhadas na cabeça. Recorria ás notas, que ainda ha pouco lhe pareciam tão solidas e claras e agora estavam confusas e magras. Como encher o discurso? Radagasio ficou afflicto, debatendo-se no chaos. Levantou-se suando. Achou o quarto muito apertado. Veiu para o corredor. Havia muito silencio e muita sombra no interior da casa. Radagasio andou pelo corredor deserto, procurando palavras, phrases e tiradas. Passou pelo quarto de Lili, o unico que estava aberto. A menina dormia. Balbina deitada no tapete, de olhos fechados. Radagasio parou, distrahiu-se um momento olhando. Continuou a caminhar. Não achou mais nenhuma palavra a acrescentar ás suas notas. Estava totalmente exgotado. Angustiado naquella incapacidade cerebral, Radagasio poz-se a andar, a andar. Parou nova-

mente á porta de Lili. O cheiro acre, que vinha da negra, o deteve e o arrancou das suas cogitações. Balbina estava largada no chão, os braços grossos, nus, a saia, muito erguida, descobria as pernas até a metade das coxas, a bocca meio arreganhada sobre a dentadura branca. Radagasio suspirou. Um pedaço! Tornou a caminhar. Ia até o salão e voltava á porta do quarto, onde a negra tresandava. Os passos de Radagasio eram mais vivos e sempre abafados nos sapatos de lã. Agora marchava, como um felino alvo-roçado. Lutava ainda pelo discurso, mas ia afrouxando a caça das phrases. Nada o inspirava. Os sentidos estavam perturbados por uma ansiedade de prazer, que o suffocava. Abriu o piano do salão e experimentou tocar o unico exercicio, que aprendeu em um anno de estudo applicado. No silencio vibraram dó, mi, ré, fá, mi, sol... As notas rudimentares transfiguravam a solidão. Radagasio tocou, tocou sempre o mesmo exercicio. Nesta exaltação musical voltou a espiar Balbina. A negra mudara de posição e, com o movimento, a catinga desprendera-se mais. Radagasio deliciou-se em aspiral-a. Aproximou-se bem de mansinho. Pareceu-lhe que a negra estava de olhos meio abertos e lhe sorria. Radagasio ficou maluco de desejos. Sentiu um arrepio de medo e correu para o salão. Queria musica. Do piano só lhe saham aquellas unicas notas. Lembrou-se de ligar o radio no seu escriptorio, ao lado do quarto de dormir. Alegria. Veiu-lhe um maxixe. Radagasio poz-se a dansar. Imaginou que dansava com Balbina a rebolar assanhada. Veiu um samba, veiu mais maxixe e toda esta dansa, toda esta musica cheia da volupia preta, inflamavam Radagasio. Achava-as gostosas, porque se afinavam com a sua mestiçagem não muito remota. Radagasio sentou-se na cama, esquentado pelos sambas, que o radio mandava. Balbina lhe surgiu. Radagasio apertou os olhinhos e arreganhott os beiços. Balbina achegou-se com a bocca aberta, as ventas offegantes, os olhos carregados de luxuria grossa. A sua voz rouca

de doçura espessa, murmurou na cara quente de Radagasio :

— Nhonhô não quer uma chicrinha de café?

O bafo e todo o calor carnal da negra desfecharam o impeto de Radagasio. Atirou Balbina na cama, e lambusando-a de beijos, respondia, suffocado :

— Não, não, eu não quero café, eu quero é tabaco...

Minutos depois estavam estirados os dois corpos brutaes, horrendos. Radagasio repousava a cabeça escura nos peitos enormes da negra e foi adormecendo. Quando despertou, sentiu-se feliz. Veiu-lhe á consciencia o sentimento do dever. Despachou Balbina, desligou o radio e preparou-se para trabalhar. Lembrou-se de encher o discurso sobre a crise da moral com trechos de Seneca, Bossuet e Vieira, sem citar os autores. Era a salvação. E applicou-se á tarefa. Mais tarde, Balbina voltou ao quarto de Radagasio. Elle continuava á mesa, labutando nos plagios. Balbina roçou-se nas costas de Radagasio. Elle sorriu-lhe com bondade e meiguice. Mas, resolutu, em não se deixar interromper, olhou-a brejeiro e disse-lhe com firmeza :

— Vae, meu tutú, deixa-me trabalhar. Agora estou inspirado. É o momento. Ha tempo de amar e tempo de trabalhar, como diz o profeta. A ordem por base. Cada cousa a seu tempo. Por isso, quanto a nós, tambem precisamos de methodo. Tu não queres, sua assanhada... Eu sei... Mas não transijo com a saude, observo a prescripção do nosso Hippocrates : « Bis in septem. »

Philippe impacientava-se na fazenda. O interesse, que entretivera a ociosidade dos primeiros dias, exgotara-se. Agora era a pasmaceira preguiçosa, que o entorpecia e o exasperava. Nas cartas de Thereza já apontavam os appellos para a volta e Philippe adivinhava nellas prostração e angustia. Respondia, afflicto, supplicando-lhe a inteira verdade da situação. As respostas eram ainda veladas. Philippe ficava perplexo e acabrunhado. O seu

impeto foi renunciar a toda a intervenção na venda da propriedade e voltar para o Rio. A indignação do tio o reteve. Philippe, covardemente, não confessou a sua ansiedade e disfarçando o desespero deixou-se ficar. Os Americanos proseguiam cuidadosamente no inventario. Salvador tinha empenho em nada esconder. À sua lealdade correspondia um aspero desejo de ganho. Debatia-se com os compradores sobre os preços da avaliação. O tempo, que era affligente para Philippe, não existia para os negociadores. Os dias corriam nesta luta monotona de compra e venda.

Resignado a ficar até o fim do negocio, Philippe procurava dominar o seu desespero em longos passeios, em que alargava o seu conhecimento da fazenda. Quando Men não o podia levar de automovel, Philippe ia solitario a cavallo. Nestas horas a observação era fecunda e a imaginação ainda mais criadora. Um domingo de manhã, passando por uma velha colonia, a alegria da gente de fóra das casas o attrahiu. Encostou. Um velho italiano, de rosto muito enrugado, curtido, endomingado, de collete sem paletot, veio, reverente, saudal-o e convidou-o a aprear-se. Logo um moço pegou as redeas do cavallo e ajudou Philippe. No primeiro momento ficaram acanhados. As moças, colonas brancas, de vestidos vistosos, cheias de voltas de ouro, pulseiras e anneis de fantasia, miravam curiosas Philippe, que era alli o estrangeiro. Os rapazes eram robustos, gente que sahia do trabalho da terra para a dansa e os sports domingueiros. Philippe soube que o velho era o chefe de uma grande familia, que occupava a maior parte das casas daquela antiga colonia. Estava ha trinta annos no Brasil e ha muito tempo em Maracajá. Tratavam, elle e os seus, de quarenta mil pés de café. Tinham grandes roças de milho, feijão, mandioca, aipim e outros cereaes. Os porcos eram numerosos e de qualidade. A variada criação de gallinhas suppria a mesa do fazendeiro e do administrador. Tinham vaccas

de leite e muitos carneiros, apesar dos cachorros, que os perseguiam. Os seus cavallos e bestas pastavam no campo ao lado da colonia e, para os passeios, para a missa e serviços urgentes, possuíam tres fords. Era a prosperidade em ascensão.

— Não pensa em voltar um dia á Italia, meu velho? indagou Philippe.

— Per la Madonna! A Italia está muito longe. Quasi já não me lembro della, respondeu o velho em uma linguagem baralhada, que Philippe ia traduzindo comsigo. A Italia serve para os commendadores de São Paulo. Para nós, trabalhadores, a nossa patria é o Brasil, que nos deu tudo isto.

Philippe quiz aprofundar o sentimento daquelle gente feliz. Os velhos já tinham renunciado á Italia. Os novos eram brasileiros nacionalistas. Muitos já não falavam italiano e todos exprimiam-se na nova lingua demolidora do brasileiro-luso, mantendo o sabor caipira. O italiano é o infatigavel formador de dialectos. Alli, na colonia, aquella mocidade se desinteressava de uma Italia desconhecida e régia exaggeradamente contra a procedencia italica, para que não lhe suspeitassem do fervor brasileiro, que ostentavam. A posse de São Paulo, do Brasil, era para elles uma aquisição natural e inexoravel. O velho contou a Philippe as miserias, que o obrigaram a emigrar e a sua constante felicidade na terra brasileira. Os seus filhos nasceram em São Paulo. Alguns estavam casados e bem estabelecidos em terras proprias. Um era fazendeiro no Noroeste.

Philippe percebeu que as suas indagações eram impertinentes. Aquelles novos brasileiros não alargavam as suas vistas além dos horizontes da fazenda, do trabalho e da região, em que se moviam. Nunca olhavam para atraz, nem para o que está illusoriamente muito longe. Chegaram fords cheios de rapazes e moças. Vinham da missa. Os jovens traziam sanfona, flauta, violão. As raparigas

sem chapéo, de claras roupas vistosas, campesinas, tinham flores nos longos cabellos pretos. Os olhos luziam sobre as faces rubicundas. Os moços de sombreiro de feltro, trajavam de branco. Foram recebidos com um alarido festivo pela mocidade, que os esperava e que se desinteressou de Philippe. Os colonos não prestavam atenção ao calor damnado. Foi Philippe, que não o supportou e apressou-se em montar. Quando o velho o ajudou, disse-lhe risonho, zombeteiro :

— Ma, perchè no fica? C'è baile e pranzo de galina, carnero, un leitonsino, maccheroni, polenta. Qualche bicchieri de vino e cerverza, per Bacco! Veda tante belle ragazze, peschone. Uno pagóde, peccato!

Às vezes, a calmaria era interrompida pela passagem de hospedes conhecidos de Salvador ou simples viajantes, que pousavam na fazenda, na casa do administrador. A conversa é uma diversão para a gente roceira, avida de palavras e de historias, e, na expansão deste prazer, está o segredo da sua hospitalidade. Sem hospedes para tagarelar, tudo volta ao repouso. Philippe recolhia-se com a carta diaria de Thereza e o dialogo da saudade e da paixão travava-se doloroso, vibrante, no silencio marcado pela voz plangente da « fogo-pagó ». Á tarde, Philippe levava a carta ao correio do escriptorio e, se Men estava livre, iam os dois de automovel repetir os mesmos passeios de todos os dias, ao açude, aos capões, aos cafezaes. Depois do jantar, as crianças, filhas do fiscal e do boticario, cercavam Philippe, que lhes contava historias e lhes falava da natureza. Nada as interessava, como o céu. Philippe mostrava os astros, dizia-lhes os nomes, e annunciava-lhes o aparecimento. As crianças, pasmas, embasbacadas com tal magia e tão maravilhoso poder, imaginavam o céu uma fazenda e chamavam Philippe o administrador das estrellas. Neste encanto, ellas iam dormir e Philippe vinha para a conversa arrastada dos Americanos com o tio Salvador.

Aquella hora não se falava em negocios, mas discutiam-se geralmente assumptos agrícolas. Os Americanos, já familiarizados, iam revelando os seus projectos da transformação da fazenda. Procurariam applicar alli os principios correntes da industrialização da agricultura. Aos brasileiros, que os escutavam, iam repetindo as lições do espirito novo da industria americana.

— O trabalho agrícola, dizia um dos Americanos, para o seu maior rendimento deve ser executado em sua plenitude pela energia mecanica. Tudo isto por aqui está muito rudimentar. O tractor ainda é uma novidade. Quasi tudo é feito pela energia do musculo animal. Ha uma perda de tempo consideravel e a maior vantagem da industrialização é reduzir ao minimo o tempo do trabalho agrícola. O que se faz em longos mezes, será feito em poucos dias...

— Sim, interrompeu Salvador, mas ha trabalho que só se pode fazer pela mão do homem... apanhar café por exemplo.

— Parece que já existe machina de colher café... avançou Men.

— Machinas, que se empregam na colheita natural, affirmou um Americano. Dentro de pouco tempo haverá machinas perfeitas adaptadas a tudo.

— É o senso moderno da vida, concluiu Philippe.

— Não é só o problema do mecanismo, que deve ser considerado para industrializar a agricultura. São tambem as relações entre patrões e trabalhadores, continuou o Americano mais discursador. É preciso cessar o regimen patriarchal das fazendas. A lavoura feita por este systema de colonos, de empreitadas individuaes, contraria o espirito novo da industria. O trabalhador deve ser um assalariado da empreza. Esta é que organiza e dirige toda a exploração agrícola. O trabalhador é um operario. Se o colono prefere trabalhar por sua propria conta, neste caso que se estabeleça em um nucleo colonial ou adquira terras, se tem meios para isto. Dentro da fazenda, que é uma

usina de produção de viveres, não pode haver esse trabalho individual e anarchico. Tudo deve ser subordinado á direcção. Esta, que dispõe das terras e do aparelhamento mecanico, deve ter em mão o rendimento da produção, que pelo regimen das fazendas brasileiras é inferior ao que seria, se a organização fosse industrial.

— Tudo isto é muito bonito, objectou Salvador, mas onde encontrar colonos, que se sujeitem a tal regimen?...

— Naturalmente á principio será difficil, respondeu o Americano. Tudo deve ser reorganizado pela base. Primeiro o aparelhamento, que resolverá os factores, energia e tempo, em seguida virá a transformação do colono em operario, imposta pela machina, que reduzirá o numero de trabalhadores e os empregará em menor tempo.

Men achava tudo muito interessante e colhia lições para a sua futura fazenda. Fazia objecções para ser mais esclarecido. Rectificava os principios americanos com a relatividade brasileira. A sua maior hesitação era quanto á escolha entre o regimen do salario e o regimen cooperativo. Os Americanos eram pelo salario.

— Sem duvida, respondeu o explicador, que a cooperativa seria um ideal, mas é arriscada, principalmente em paizes de trabalhadores, como os do Brasil, sem educação operaria.

— O salario não será ainda a oppressão capitalista? perguntou ironicamente Philippe.

— Não sei... A desordem das relações entre patrões e operarios não provem unicamente do salario. Este corresponderá sempre ao padrão de vida do trabalhador. O mais serio é a harmonia entre os que empregam e os empregados. Quasi sempre as greves são motivadas pela desintelligencia entre os administradores e os operarios...

— No Brasil o administrador ainda é o antigo feitor de fazenda... commentou Philippe.

Salvador não se poude conter, a conversa o estava irritando. Todas as suas idéas, as suas tradições eram postas

abaixo pelo espirito novo, que vinha da America, e agitava os jovens brasileiros.

— Você é um sonhador, Philippe. Eu queria vel-o dirigindo uma fazenda, uma fabrica. Era quebra certa, se os trabalhadores não o matassem para tomar conta de tudo. Deixemos de fantasia. No Brasil do que se precisa é mão forte sobre os colonos e tudo quanto é operario. Do contrario é anarchia. Estes principios de industrialização da agricultura podem ser bons para a America. Aqui é loucura. Os senhores mesmos, quando tomarem conta disto, farão como eu, como todos nós, que temos experiencia e não caraminholas. A tal rotina, de que tanto os senhores escarnecem, continuará aqui em Maracajá. Eu não verei, porque vou-me embora já do Brasil, antes que venha a catatrophe. Sabem que mais, boa noite.

Men e Philippe ficaram vexados com o rompante de Salvador de Sá.

— Sangue quente, sangue de bandeirante, commentou gracejando um Americano, continuando o whisky. Todos os dry-gentlemen são assim...

Philippe entendeu preferivel proseguir na conversa, em que estavam. O Americano insistia nas suas idéas sobre as relações entre os administradores e os operarios.

— O operario deve ser tratado com humanidade. O que elle aspira é á justiça, isto é, salario sufficiente e bom tratamento. Esta justiça pode se ampliar na oportunidade, que o patrão dará ao operario para progredir até o maior successo no trabalho e na riqueza. É preciso tambem admittir-se o direito de representação dos empregados. A commissão representativa dos operarios deve reunir-se periodicamente com os patrões e discutir os problemas, que os interessem...

Philippe e Men reflectiam. Depois de grande silencio, Philippe, que achava tudo aquillo insufficiente, perguntou :

— Porque não se daria de uma vez a terra ao trabalhador e a fabrica não seria commun aos operarios e ao Estado?

—Compreendo. O communismo, concluiu o Americano. Não é um regimen occidental. Só serve para o Oriente. A Russia, sem espirito individualista, pôde fazer a experiencia. E assim mesmo abriram alli uma brecha no communismo integral. O bolchevismo com a nep não é o marxismo. É a prova experimental de que o marxismo é antiquado, uma doutrina do passado. Karl Marx e Engels falharam, porque não podiam prever a evolução industrial e a transformação do operario em proprietario, em pequeno burguez, se esta expressão hoje ainda é admissivel. Na America do Norte a chamada luta de classes é uma formula morta, sem nenhuma significação. Na America não ha classes fechadas, castas, como imaginam os ideologos communistas. Tudo é permeavel e movel. Somos totalmente uma nação de trabalhadores. O trabalho nos iguala e sobre elle se funda a nossa democracia, em que não ha oppressores e opprimidos. Pelo trabalho tudo conquistamos. Não existem barreiras entre os trabalhadores, sejam capitalistas e patrões ou operarios e lavradores. O nosso imperialismo é a expansão da nossa força productiva, uma necessidade do nosso trabalho, que procura produzir mais e distribuir melhor pelo mundo inteiro. No Brasil o communismo levaria á ruina. A população é insignificante para uma partilha da immensidade das terras. Dividir as terras seria um retrocesso á miseria absoluta. Que fariam os novecentos mil habitantes do Amazonas com as centenas de milhares de kilometros quadrados de terra? Mesmo São Paulo não supportaria este regimen sem paralysar o seu progresso. Onde o capital para os machinismos e para prover a todo o necessario rendimento do trabalho? E Matto-Grosso? O Pará? Jamais sahiriam do estado selvagem. E como se defender da occupação estrangeira?

Philippe preferiu não se empenhar na discussão. O assumpto era muito vasto e extremamente complexo para uma analyse lateral. O trabalhador libertara-se da longa escravidão e criara para si o mundo novo. O problema

estava proposto aos homens do Brasil. Na sua solução condensa-se o destino do paiz.

Outra manhã, o administrador veio communicar a Salvador a chegada á fazenda de um francez, que se dizia engenheiro de minas, mas que, pela linguagem e pelos trajas, era um verdadeiro caipira. Estava acompanhado de um sertanejo goyano, prosa e menos rustico do que elle. A novidade interessou Salvador. Mandou convidar os viajantes para almoçar e logo chamou Philippe e Men para vel-os. Não tardou que o administrador trouxesse o francez e o companheiro. O francez era velho e gasto. O sol curtira-lhe a pelle enrugada do rosto. Os cabellos, que foram louros, estavam foveiros e cahiam despenteados e seccos sobre a testa triste. Os olhos azues, ingenuos, exprimiam placidez e candura. Vestia pobremente uma remendada roupinha de zuarte desmaiado. Chapéo e sapatos de couro crú. Aproximou-se muito timido de Salvador e o cumprimentou com cerimonioso respeito. Philippe e Men vieram ao seu encontro para o pôr á vontade. Interrogado por Salvador, quem respondia por elle era quasi sempre o companheiro, sujeito magrissimo, muito alto, da estirpe ossuda, ousada e energica dos vaqueiros sertanejos.

— O doutor, dizia elle, é um homem muito sabedor. Lá na sua mina de ouro, no nosso Goyaz, elle é tudo para nós. Doutor, boticario, escrivão e até préga sermão, como missionario.

O francez ficou vermelho de vergonha. Abaixou a cabeça para se sumir, enquanto os seus merecimentos continuavam a ser enumerados pelo companheiro. Fez um esforço e o interrompeu :

— Não fale, capitão. Deixemos de pabulagem. A gente está no mundo para servir os viventes. A gente é toda igual e se eu faço alguma cousa por vosmecês lá no nosso arraial, vosmecês fazem mais por mim. Aprendi nestes

quarenta annos de matto brasileiro, um tudo, mais que na escola de França.

Se a linguagem era estropiada, uma traducção caipira do pensamento humilde, a voz arrastada, a pronuncia de palavras sertanejas com accentuação franceza, davam-lhe sabor extranho e imprevisto. Salvador achou que o homem se exprimia muito penoso e vexado. Falou-lhe em francez. O engenheiro velho recebeu um choque. Muito surpreso, julgou-se transportado para o seu passado. Foi uma transfiguração. Falou na linguagem mais pura, mais elegante, com uma mobilidade juvenil. A conversa generalizou-se e o francez, senhor da lingua, dominou-a. Contou a sua historia. Estudara na Polytechnica de Pariz. Especializou-se depois em mineralogia, na Escola de minas. Attrahido pelo fabuloso da America, viera para o Brasil. Trabalhou em varias explorações e, penetrando sempre no interior, descobriu em Goyaz uma mina de ouro. Comprou as terras e estabeleceu-se alli com alguns camaradas da região. Ficava oitenta leguas longe da estrada de ferro. Por falta de capital não podia explorar a mina. Esperava sempre que um dia o negocio interessasse a algum capitalista e por este motivo viajava para Jaboticabal. Ia entender-se com uma pessoa, que queria associar-se á exploração. Tirou do bolso umas pepitas de ouro, com que deslumbrou os seus ouvintes. Os candidos olhos azues faiscavam.

O companheiro goyano não entendia francez. Vendo o ouro da mina, enthusiasmou-se e quiz metter-se a dar explicações. O engenheiro escutava complacente as tolices technicas que o sertanejo explanava. Voltou a ser caipira, concordava com o amigo, sorrindo com humildade.

— O capitão me dá um adjutorio lá na nossa mina, que é uma graça de Deus. Elle é o meu lingua, o meu capataz. Sem o capitão, cadê gente para trabalho? Quando falta camarada, aqui o capitão fura o mundo e volta com um bandão de gente. É caboclo, é indio, é negro, de um tudo. Faz-se uma festa para começar o serviço, a gente bebe

pinga tres dias, trabalha tres e descança no domingo.

Philippe estava intrigado com este phenomeno de retrogradação de um polytechnico francez, que, embrenhando-se na matta, em contacto com os sertanejos, se tornava um primitivo, rustico, acanhado, estúpido, sem forças para sahir deste plano inferior e, dentro da sua lingua racial, volvia a ser homem de intelligencia e de cultura superior. Contradictorio e doloroso. Philippe quiz sondal-o mais e em francez falou-lhe da França e da guerra. O antigo tenente da Polytechnica commoveu-se. O patriotismo exaltou-o. Expressiu o seu soffrimento no exilio, a angustia, por que passara no sertão, sem poder communicar á gente, com que vivia, as suas torturas e esperanças. Mas persistiu-lhe a confiança inabalavel na victoria. Conhecia o exercito francez, a preparação do estado-maior e esperava do genio cartesiano dos chefes militares a segurança realista, a precisão mathematica da tactica, e do soldado francez o instincto guerreiro, a tenacidade inexgotavel e a bravura sublime. E contou :

— Em 1885, eu era alumno na Polytechnica, quando a minha turma foi fazer exercicio de campo. A região escolhida ficava entre Soissons, Château-Thierry e Meaux. Um dia, nas margens do Marne, o nosso capitão instructor nos falou assim : « Meus amigos, gravem bem este rio e esta região nas vossas memorias de francezes e nas vossas cogitações de officiaes. Será aqui no Marne que se decidirá, na futura guerra, a sorte da França. »

— Como se chamava esse capitão ? perguntou vivamente Philippe.

— Pétain.

No almoço trataram o hospede com grande carinho. Serviram-lhe o que lhe podesse lembrar o seu paiz. O paladar, sempre fiel, regalou-se com o salmão, os petits-pois, os champignons, o foie-gras. Foi uma delicia antiga para o velho francez aquecer-se com os grandes vinhos amarellos e sanguineos e por ultimo espertar-se com cognac.

Esqueceu tudo o que fora aquisição na terra brasileira, Goyaz, a mina de ouro, tutú, pinga, camaradas e caboclas. Voltou a ser unicamente um francez cordial, inteligente, culto e loquaz. Philippe ficou encantado com a conversa do velho engenheiro e o animava com entusiasmo. Os Americanos, que não sabiam francez, iam se entretendo com o capitão goyano. Este atacava faminto os pratos brasileiros, a sopa de cará, a feijoada, o lombo de porco e contava bravatas de caçadas de onça e de vaquejadas, em que se ferra o gado. No meio das narrativas vinham as lendas, as abusões, as mentiras mythologicas.

— Não conto nada, mas quem entra no sertão deve andar sempre prevenido. Se a gente só encontrasse onça ou bicho natural, era muito bom. Mas um christão, que topa currupira e não está prevenido de fumo, ah! fim triste de vida! Nós estamos viajando ha um mez, pou-sando aqui e acolá. Não faltou para nos assombrar, muito fantasma no matto, nos rios e nas lagoas. De uma feita, sahiu da agua perto da balsa, em que nós atravessamos uma lagoa, uma figura exquisita, pavorosa mesmo. Não se sabia se era peixe ou se era homem. O bicho sahiu dagua e posou na praia, bem pertinho de nós. Êta! monstruosidade! Parecia gente. Tinha mãos de cinco dedos com unha, que cahiam das nadadeiras, bocca ras-gada, lingua carnuda e bigodes de homem. Pescoço de gente e nos peitos uma especie de maminhas, como de mulher. Da barriga para baixo era peixe, como surubim, liso, sem escama. O doutor, que sabe de um tudo, nos esclareceu que aquillo era caboclo dagua.

Os Americanos não acreditaram e interpellaram o velho engenheiro. Este sahiu das margens do Sena e mergulhou novamente no Araguaya.

— Sim senhor, eu vi caboclo dagua, peixe-homem, que guarda os rios e as lagoas do sertão. Este que nós topamos não nos assombrou, porque o capitão teve o expediente

de rezar um padre-nosso e o bicho deu um estouro, morreu e sumiu no fundo da lagoa.

Philippe murmurou para o primo Men :

— Que lastima !

Philippe ficou scismando na força ineluctavel do sertão, que retrograda a intelligencia, elimina a cultura e asselvaja o homem.

Foram-se estes viajantes. Dias depois, á hora quente da tarde, chegaram outros. Chegaram barulhentos em dois automoveis, quando Salvador dormia na rede da varanda e Men cochilava no sofá. O alarma dos automoveis acordou-os. Ergueram-se para receber os visitantes, que já subiam a escada e um delles ia gritando :

— Êta ! Seu Salvador, isto aqui não parece fazenda, parece mais é convento de frade. Tudo dormindo. Que lombeira... Boa tarde...

— Deixa de contar prosa, Rodrigão, respondeu Salvador, gente de automovel em viagem não se lembra de quando, está na fazenda, a esta hora de calor brabo, está tudo ferrado no cochilo... Onde vão vocês? Isto não é boa cousa, Rodrigão junto com Sigismundo Almeida é pagode grosso. Vocês vão, mas é perder estes tres frangões...

Os frangões eram tres homens feitos. Sigismundo Almeida deu uma palmada nas costas de Salvador e berrou-lhe :

— Cala bocca, capão velho. Tu estás é com inveja. Vamos tirar uma fésinha lá em Ribeirão? Tem cabaré e francezas... A gente varia um pouco do trivial da terra, do tutú e do macarrão.

Tirou a capa e arremessou o corpansil no sofá. Rodrigão já estava installado, a cavallo, na rede de Salvador, balançando-se. As longas pernas arrastavam os pés ruidosos no assoalho. O rosto magro, tostado. Os cabellos e o bigode muito grisalhos. Explicou porque viajavam :

— É o que lhe digo, seu Salvador, nós vamos a negocio

a Ribeirão Preto, negocio de uma fabrica de tecidos, que queremos montar com os paes destes meninos, que são capitalistas fortes, como você sabe. Aqui o engenheiro é que vae estudar o caso. Você sabe, fazenda é muito bom, mas a gente deve cuidar de amparar o que é seu em outras cousas. A broca já vem por ahi e adeus café... Vamos tratando de plantar algodão e para o nosso algodão seria bom uma fabrica nossa.

Philippe appareceu. Vinha do escriptorio, onde levara a carta para Thereza. Não conhecia os visitantes. Ficou sabendo que eram grandes fazendeiros da visinhança e os dois rapazes, sobrinhos delles. Men já lhe havia falado no engenheiro seu companheiro de caçada. Por sua vez os jovens não ignoravam o nome consideravel de Philippe e mostraram-se contentes de o ver. No acanhamento do primeiro contacto, a conversa foi sobre a excursão que estavam fazendo. Elogiaram os seus automoveis. Discutiram sobre a excellencia de cada uma das marcas, embrenharam-se em argumentos technicos e, quando estes faltaram, affrontaram-se com o preço, que pagaram.

— O seu carro é muito bom, não nego, Sigismundo, mas não vale o meu, affirmou Rodrigoão. Basta dizer que o meu custou oitenta contos e o seu setenta...

— Porque o seu tem carroceria e accessorios de luxo, o que é bobice na fazenda. A questão é o motor. Com pouca gazolina é aquelle successo. Você viu que na estrada eu lhe dei poeira, que foi um gosto... gritou numa risada Sigismundo, estirado no sofá, de papo para o ar, barriga redonda, volumosa, pernas roliças, cara raspada.

— Que tal a estrada? indagou Salvador. Muita poeira?

— Já se sabe, estrada de rodagem é poeira em dia secco e lama em dia de chuva... sem contar os buracos, que ficam para sempre, gritava Sigismundo, estremeendo-se todo. Mas o peor é que já não se pode viajar sem encontrar morpheticos pelas estradas ou acampados por cima dos pastos, onde soltam os cavallos. Hoje mesmo

topamos um grupo e o Zézinho ficou branco, como defunto...

Zézinho era o sobrinho de Rodrigão. Alto, forte, muito moreno, com o cabelo duro, preto e rente. Picado com a observação do fazendeiro, defendeu-se.

— Medo, nunca. Tive nojo e vergonha. Que miseria para São Paulo deixar morpheticos infeccionando as terras. Estive muito tempo na Europa e nos Estados Unidos e nunca vi leproso. Aqui no Brasil é esta tristeza, e no primeiro Estado do paiz. Isto é civilização?

— Você não viu nada, menino, observou-lhe Sigismundo, ás vezes elles vão pela estrada. Quando apparece de longe um automovel e estão em logar que tem matto, um leproso deita-se no chão, finge-se de morto, os outros se escondem. O automovel approxima-se e por caridade os viajantes param para verificar se é ferido ou cadaver. Ah! os outros morpheticos avançam e pegam nos viajantes com aquellas mãos horriveis para passar o mal. Elles acreditam que ficam curados se passarem a lepra a sete pessoas, que ás vezes mordem, principalmente crianças...

— É o tal beijo do leproso... Misericordia, Sigismundo, interrompeu-o Salvador.

— Qual! este zebú não tem coração, Salvador, deixa elle falar... observou Rodrigão.

— Falar, falar, vociferou Sigismundo. Não tenho coração. Eu queria ver o que vocês fariam se fossem agarrados pelos morpheticos, como tem acontecido a tanta gente. Não faz muito, vocês bem leram nos jornaes, que uma colonia delles no norte do Estado avançou para a cidade visinha. Invadiram em todos os seus pontos, penetraram nos cafés, nos hotéis, cinemas, procurando passar o mal á população. Que aconteceu? O povo reagiu á bala, morreu muito morphetico e os outros debandaram. Mas ainda foram fazendo desgraças. Na estrada encontraram uma criança na porta de uma casa. Avançaram para a pobresinha e

cahiram-lhe de dentadas até sangrar e esfregaram nas feridas as suas chagas...

— Que horror!... murmuraram todos. E a pesada conversa cahiu.

Para disfarçar a triste impressão, que os revoltara, entraram a gracejar ruidosamente uns com os outros, até que, acalmados, os espiritos se tornaram serios.

Rodrigão interpellou Salvador sobre a venda de Maracajá.

— Então é certo que você vende mesmo a fazenda? Não quiz acreditar. O que? Salvador Corrêa de Sá, brasileiro da primeira gente que fez o Brasil, ceder a terra ao estrangeiro... Tenha paciencia de ouvir a nossa indignação... Você é um desertor...

Salvador levantou-se bruscamente e ficou alguns instantes no meio dos hospedes. O seu olhar entenebreceu-se. O rosto ficou congesto. Quando pensaram que responderia com violencia ao doloroso commentario de Rodrigão, sentou-se e explicou-se com tristeza e solemnidade :

— Vendo a fazenda para me retirar do Brasil. Não quero assistir ao descalabro da nação, que os meus antepassados formaram. Vou morrer no exilio, mas não testemunharei a orgia do despotismo, que nos suffoca, nem a invasão da anarchia, que nos ameaça. Não tenho o direito de me revoltar contra o Estado e as leis. Emquanto estiver no Brasil obedecerei a estas. Ellas são injustas e nefastas. Retiro-me por não poder respeitá-las.

Philippe notou que isto era antigo, dessa antiguidade que considerava o cidadão como um escravo do Estado e ignorava os direitos do individuo. Os fazendeiros não queriam empenhar-se em uma questão doutrinaria. Elles sentiam a invasão estrangeira, que se apossava do paiz e indignaram-se.

— O Brasil, diziam, está sendo comprado pelo estrangeiro. E o governo está alegre na loucura de vender tudo. Que são estes empréstimos senão a venda do paiz? Quem

deve e não pode pagar é escravo do credor. O Brasil não tem independência económica e financeira. Não é sómente o governo que vende o paiz, são também os particulares, que cedem as suas indústrias e as suas terras.

Philippe acudiu energicamente ao eterno debate dos destinos do Brasil :

— É por isto que é imprescindível a revolução que varra tudo e transforme o paiz totalmente. Se assim não for, o Brasil será possuído pelo estrangeiro que não vem com a força, mas com o dinheiro. Comprarão tudo, dominarão os homens públicos, que serão os seus vassallos e que farão de figurantes políticos para fingir que isto aqui é uma nação. O capitalista estrangeiro entra por toda a parte, como senhor e dono. Apropria-se hoje do gado de Matto-Grosso, amanhã do café de São Paulo, da borracha do Amazonas, dos diamantes de Goyaz, do ferro de Minas. Os presidentes de república, os senadores e deputados servirão para mascarar a fachada e, na realidade, não serão mais do que caixeiros e testas de ferro do capitalismo soberano.

Isto doeu ao patriotismo dos fazendeiros. Queriam que nada fosse exacto e tudo era a inexorável realidade. Não puderam replicar a Philippe. Comprehendiam a necessidade da revolução redemptora, mas não queriam exprimir mesmo de leve a sua adesão ao espirito revolucionario. Estavam, como a generalidade dos brasileiros, ligados ao governo por uma communhão de interesses, que suffoca o patriotismo, a honestidade e a justiça. Só uma offensa directa ao seu interesse proprio os faria sahir da passividade. A conversa sempre difficil de ser franca e leal entre brasileiros, mais uma vez desviou-se. Passaram a falar de café. Havia uma tendencia de baixa de preço, que os inquietava.

— Não sei, Salvador, se você afinal não faz bem, ponderou Sigismundo, deixando a sua jogralidade costumeira. Vejo as cousas mal paradas. Se o governo abandona o

café, como parece ser o pensamento do presidente da republica, adeus São Paulo. Fizemos o erro de entregar o café ao governo federal. É preciso o Estado retomar o negocio e sustentar o producto. Sem valorização permanente ninguem se sustenta... A baixa nos levará todos.

— Lá isto é verdade, seu Mundo, concordou Rodrigão. Tudo está nas mãos do governo. Contra elle ou sem elle nada podem os particulares, por mais ricos que sejam. Não ha agremiações de fazendeiros, nem mesmo associações industriaes que possam influir no governo. O Estado faz do café o que bem lhe parece e, se nos ajuda, é porque precisa do imposto. Afinal quem sustenta o governo e todo o paiz é o café. Por isto eu fico esperançado de que não seremos abandonados. O maior interessado é o governo. O café paga tudo. Se o governo não se importa com os fazendeiros, importa-se com o café. E afinal nós aproveitamos...

— Eu já não me considero mais fazendeiro, interveiu Salvador, ainda assim estou muito pessimista em relação ao café. Esta ameaça da broca é seria. Vocês riem? Vão-se fiando. Olhem o que succedeu em Java. Tudo aniquilado. Será possivel evitar a propagação da broca? Vocês mesmos não querem confessar o pavor, que sentem no fundo do pensamento, mas já estão cuidando do algodão. É outra trapalhada. A lagarta nos persegue. O Men teima. Cadê lucro? Tudo isto é cacete... Agora, se o governo abandonar o café, que farão os fazendeiros reduzidos á miseria?

— Neste caso, berrou Sigismundo excitado, nós iremos até a separação de São Paulo do Brasil. Pelo nosso interesse ferido, faremos como os nossos velhos, que abandonaram a monarchia para se vingar da abolição. Nós abandonaremos o Brasil por causa do café. São Paulo não pode trabalhar para a incapacidade da União. Se o Brasil continuar a ter presidentes mineiros, São Paulo junta-se com o Rio Grande e formaremos uma republica independente no Sul. Mesmo sem o Rio Grande, nós, sosi-

nhos, ficaremos separados. O progresso de São Paulo, que o distanciou de todos os Estados e do Rio de Janeiro, obriga-o a defender a sua riqueza, o seu patrimonio.

— Mas, Sigismundo, como é que São Paulo se defenderá da União? Deixa de farofa... objectou Salvador.

— Neste caso nós teremos o apoio estrangeiro...

— O que, rapaz? perguntou indignado Rodrigoão... Isto seria uma infamia...

— Infamia é a ladroeira da União com o café, a riqueza, e o trabalho de São Paulo. Se ella quer nos escravizar para nos roubar, nós nos revoltamos e o estrangeiro, que tem interesses comnosco, nos apoiará. Ha em São Paulo uma massa enorme de capitaes estrangeiros e as nações dos capitalistas americanos e europeus defenderão á força, se for preciso, este capital. Se São Paulo separar-se, a America do Norte e a Europa ajudarão o Estado, e a União nada poderá contra a força armada estrangeira. Ha em São Paulo perto de duzentos milhões de dollars. Dentro de poucos annos haverá um bilhão. Os Estados Unidos velarão por este enorme capital.

— E adeus nacionalidade paulista... Passaremos a ser colonos americanos. Você está louco, seu Mundo. Cale esta bocca, brasileiro degenerado, vendido... berrou Rodrigoão.

Os rapazes gosavam as explosões do patriotismo interesseiro dos velhos. A reunião dispersou-se jovialmente. Voltaram ás pilherias, aos remoques, e entraram a beber. Resolveram acceder ao convite de Salvador e ficaram para jantar. Partiriam á noite, aproveitando um fio de lua crescente. Salvador propoz que fossem dar um giro pela fazenda, queria mostrar-lhes um pouco do cafezal e do gado. Zézinho recusou.

— O senhor me dispensa, sim... Prefiro ficar e tomar um banho... Já o Men me disse que a piscina aqui é esplendida. E isto de cafezal e de gado já está cacete. Sempre a mesma cousa e as mesmas conversas, café muito

ensaiado, café adobado, café podado, caracú superior a hereford, banho carrapaticida. Oh! já basta... Vamos ao nosso banho, seu Alcides. Você também não foi estudar na Europa, estudar é uma historia, viver em Pariz, para se metter em fazenda. O velho Pereira, teu pae, que te arranje um logar de director-amador em uma das fabricas delle e tu, por teu lado, que és rapaz dansarino e elegante, vae cavando uma moça rica, que não falta paulista bonita e se você quizer misturar a raça, como está na moda, é pegar uma italiana, ou uma portugueza. E porque não, uma bella syria?... Assim você seria o primeiro a se casar por prestação...

Alcides, muito encastrado, acompanhava o falatorio de Zézinho. Ria e não replicava. A sua admiração por Zézinho era illimitada. Nada divertia tanto o seu espirito acanhado, como a desenvoltura do companheiro. Eram inseparaveis desde a Europa. Foram juntos aos Estados Unidos, onde fingiram estudar electricidade e, em São Paulo, nos bars, nos clubs e nos passeios de automoveis gosavam a indolencia. Não cessavam de projectar negocios, sempre adiados. Os paes muito ricos e trabalhadores, mesmo sem acreditar nessas fantasias, estavam sempre promptos a ajudal-os. Por isto vieram entender-se com os tios fazendeiros para a montagem da fabrica de tecidos em Ribeirão Preto, onde seria aproveitada a energia electrica, alli em pleno desenvolvimento.

Alcides decidiu-se a ficar com Zézinho para o banho. Sigismundo, sempre suando e arfando, não resistiu á seducção de refrescar-se na piscina. Salvador dispensou o engenheiro, que, radiante, se aggregou a Zézinho. Philippe e Men também ficaram e, afinal, só partiram para ver o cafezal e o gado Salvador e Rodrigão. Os outros vieram para a piscina, grande tanque de agua corrente, aberto ao céu. Os criados trouxeram as toalhas e a pinga. Philippe e Men não beberam. Só beberam os que iam tomar banho. Sigismundo bebeu mais que todos. Os

rapazes despiram-se e foram atirando os corpos cabeludos. Sigismundo berrava alegríssimo :

— Éta, seu Zézinho, não sei porque o povo te chama Zézinho Perereca... Você parece mas é macaco. Perereca é pelada.

— Mais respeito, gritou Zézinho, boiando. Perereca não, dobre a língua... Vamos, tire a roupa e vamos a ver esta capivara velha se afogar...

Sigismundo ficou nú. A copiosa gordura tornava insexuados os cylindros, os cones e as esferas do corpo immenso. Em pé, á beira da piscina, as pernas carnudas, sustentavam sem vergar a armação da barriga e da peitaria. Sigismundo deu um grito estridente e angustiado.

— Livra, perereca, que eu vou te engulir...

Levantou os braços curtos, deu uma cambalhóta no ar e cahiu estrondosamente na agua. Mergulhou e desapareceu. A agua transbordou e grandes respingos molharam Philippe e Men. Todos ficaram maravilhados com o imprevisto salto mortal de Sigismundo. Quando este surgiu cuspindo agua, sorria victorioso.

— Conheceu, perereca?

Sigismundo mergulhou novamente e nadou dentro dagua, perseguindo Zézinho, que se livrava mal do homem amphibio, inasphixiavel, surprehendente de agilidade e de resistencia. Banharam-se longamente e, depois de vestidos, mais pinga. Estavam refrescados, chalaceando na varanda da frente da casa, quando chegaram empoeirados Rodrigão e Salvador.

— Ah ! seu Mundo, você não sabe o que perdeu em não ver o gado de Salvador. Quasi tudo cara branca e bem nutrido, que faz gosto. É gado de córte para apurar tresentos kilos no minimo. Que differença da criação mineira !...

— Não diga, Rodrigão. Não me fale em mineiro que me sóbe o sangue á cabeça, gritou suffocado Sigismundo. Aquella gente só quer mal a paulista. Agora mesmo é mineiro, que nos persegue no café. Oh ! se conheço criação

mineira! Andei lá pelas divisas com São Paulo e visitei muita fazenda. As mais ricas é aquella porqueira. Casa, um pardieiro velho com chiqueiro por baixo, lamaçal em volta focinhado pelos porcos soltos, uma cachorrada magra deitada no terreiro, bichos cercando a casa. É porco, é vacca, é zebú. Bicheira que é um nojo. Urubú que mette nausea. Até cavallo cheio de fome, que come carneiro, segundo diz mineiro.

— Elles deviam tomar lições em São Paulo, cortou Men.

— Não fale, concordou Rodrigão. Mas qual, vêm nada. Ficam na inveja e não têm coragem de reformar a sujeira e a ignorancia... O que é pena é São Paulo fazer uma belleza, como esta fazenda, e afinal vae tudo passando para o estrangeiro. Dumont já foi, Chanaan, e agora Maracajá, e vae tudo...

Zézinho interveiu :

— Meu tio, você e todos os homens de seu tempo vivem a se queixar do estrangeiro, como se elle fosse culpado de ter dinheiro e energia.

— Então não foi o brasileiro, que fez São Paulo, seu tolo? perguntou Rodrigão, esquentando-se.

— Não sei. É historia antiga, replicou Zézinho. O que eu sei é que se não fosse o colono italiano, onde estaria a lavoura de São Paulo? E agora em que mãos está a industria de São Paulo? Principalmente nas do estrangeiro, italiano, allemão, syrio. E a quem se devem os melhoramentos da capital? A agua, o telephone, o bonde? Aos americanos. O que devemos fazer é imitar o estrangeiro na organização e no progresso.

— É, mas tudo irá deixando de ser brasileiro, observou Men.

— E o que é brasileiro, seu Men? perguntou Zézinho, a quem não responderam. Ah! ninguem sabe? Nem eu... É o branco, descendente antigo de portuguezes, que quasi já não se encontra, é o negro, o indio, o mulato? Todos elles, naturalmente. Porque não os filhos de estrangeiros que

nasceram aqui, vivem a nossa vida, aspiram a dominar a terra, que defendem com amor e de que são orgulhosos. Ha um patriotismo brasileiro delles tão legitimo e tão vivo, como o do melhor mulato.

— Você, Zézinho, com este longo tempo de Europa e Estados Unidos, está mas é desnacionalizado, respondeu Men. O seu ideal é a americanização do Brasil... Não é?...

— Não tenho ideal nenhum, seu Men. Ideal é moeda falsa. Eu me limito dentro da realidade. Testemunho o que vae se realizando e não me metto a modificar cousa alguma. Pouco me importa que o Brasil se torne americano ou continue negro, indio, caboclo ou latino. Não reconhecer que ha no Brasil uma fascinação americana, é bobagem...

— Lá isto é verdade, concordou Philippe. Em geral a mocidade brasileira sympathiza com o espirito americano. Ella é simplista, moderna, immediata. Tem sede de energia e o americano exerce a função de estimulante. Não é sómente no sentido do movimento, da velocidade, do materialismo, que o brasileiro se americaniza. Ha uma mentalidade americana de enriquecer, de ganhar dinheiro, como a primeira obrigação, como talvez a exclusiva função do homem...

— Justo, applaudiu Zézinho. Afinal encontro alguém que comprehende... O que nós queremos é dinheiro, dinheiro para gosar. A mulher brasileira torna-se americana, como grande consumidora de dinheiro. Pela necessidade que ella tem de gastar, obriga o homem a produzir dinheiro cada vez mais.

— Ha uma differença, observou Philippe, o culto do dinheiro no Brasil não é tão absorvente, diremos tão mystico, como nos Estados Unidos. O brasileiro, logo que enriquece um pouco, dá-se por satisfeito, julga-se muito rico, descança, diverte-se. Apparece-lhe o espirito latino, que o domina e o limita. O americano prosegue sempre no caminho da riqueza. Nada lhe basta. Aspira a um poder fabuloso da riqueza. Tem o culto do illimitado. É uma

das formas mysticas do seu espirito : o dinheiro pelo poder que elle dá.

Os fazendeiros não se interessavam por estas analyses, que lhes pareciam divagações massantes. Salvador, impaciente, veiu com um dos seus rompantes :

— Pois bem, se a mocidade brasileira se americaniza, como vocês dizem, e é verdade por um lado, porque não imita os americanos no respeito da ordem? Nos Estados Unidos não ha revolução, ha ordem, disciplina e mesmo hierarchia, apezar do protestantismo. Aqui é um triste espectáculo de desordem, de mashorcas estupidas, que só servem para atrazar o progresso do paiz.

— Muito bem, Salvador, apoiou Rodrigão. Não sei para que serve a tal fascinação americana... Só para ganhar dinheiro, beber e dansar. E ganhar sem trabalhar... Jogo, especulação, negocios suspeitos, negocios á americana. O que ha de bom nos Estados Unidos não se imita, a ordem, a religião, o trabalho.

— Mas em uma cousa nós somos superiores a elles, aventurou timidamente Alcides, para quem todos se voltaram admirados de ouvir-lhe a voz. Aqui não ha preconceito de raça... Por sermos morenos, o Zézinho e eu, soffremos o diabo nas escolas, por onde andamos. Suspeitavam que fossemos gente de côr, negros. Os collegas nos maltratavam, não se ligavam comnosco e foi por isso que tratamos de voltar para o Brasil.

— É que americano tem faro, disse numa risada rouca Sigismundo. Você é meu sobrinho e por isso posso dizer que nós não somos brancos puros, dos taes cento por cento... Andamos ahi nos trinta por cento, por muito favor. O resto é africano e caboclo. E branco de Portugal já só tem uns cincoenta por cento... Tudo negro, rapaziada. Toca a sambar...

— É isto mesmo, voltou Salvador com a sua preocupação, aqui no Brasil a vida ou é batuque e cateretê ou mashorca...

— Tio Salvador tem verdadeira mania da ordem, commentou Philippe. Em tudo vê desordem, anarchia. A ordem para elle é uma categoria. Ha o absoluto da ordem. Tudo isto é romantismo, mysticismo politico. Sejamos relativos, meu tio. O que você chama ordem, eu chamo desordem. Desordem social provocada pela autoridade, que usurpou o poder á força, pelo despotismo, que esmaga o homem, pela prepotencia de uma classe, que se apossa dos bens, que são de todos. A revolta contra tal ordem é a mais legitima e fecunda. A ordem, isto é, a aspiração de harmonia entre os homens está com os revolucionarios e não com os scelerados e ladrões, que exercem a tyrannia compressor. Esta é a realidade politica para mim. Sei que para você a realidade é outra. Mais uma vez, os valores são relativos. A realidade brasileira, que os homens da ordem defendem, é o governo com o seu despotismo, é a violencia, o aniquilamento, o assassinato, a tortura, a escravidão dos pobres. Os chamados libertarios são ridicularizados, são ideologos, romanticos. Mas, no dia em que os homens da ordem cáem nas unhas do governo feroz, então gritam pelos homens da liberdade, pelas massas proletarias para os defender e salvar. A tyrannia é optima para os outros, mas a liberdade é providencial para cada um de nós. Ninguem tem o direito de proclamar-se realista absoluto. Todos têm o seu mysticismo. Seja o da ordem, o do communismo, o da liberdade ou o da religião. Arrogar-se de realista um espirito religioso é absurdo. Sei a resposta. Deus é a realidade suprema. Deus é o real. Jogo de palavras da metaphysica religiosa. Responderão que isto é primario. Rio-me da pretensão. Vocês tradicionalistas e religiosos não se podem intitular de realistas. A realidade para vocês é apenas a realidade social, uma pequena superficie solida no espaço incommensuravel do sobrenatural, em que vocês se perdem.

Philippe falou com o ardor antigo. Depois elle mesmo espantou-se da sua linguagem e aborreceu-se deste enthu-

siasmo, que julgava extinto, desde que se destacára do mundo secundario da politica e se elevara ao mundo transcendente do amor.

Os Americanos, que passaram a tarde inteira no escriptorio com o administrador, vieram para o jantar e ficaram muito satisfeitos de conhecer os futuros vizinhos. À mesa um grande constrangimento extinguiu a cordialidade barulhenta, em que se debatiam os brasileiros. Moleques espanavam as moscas sem somno, que se agitavam debaixo das luzes. Os aromas do jardim e do matto misturavam-se aos cheiros quentes das comidas. Falavam com moderação deante dos estrangeiros. De vez em quando, os Americanos se entretinham em inglez com Zézinho e Alcides. Estes não apreciavam muito o exame, que lhes passavam sobre os seus vagos estudos nos Estados Unidos. Men e o engenheiro gosavam os embaraços dos dois electricistas.

Depois do jantar, Zézinho e Alcides fugiram dos Americanos e foram para longe, para a outra extremidade da varanda. Ahi se juntaram os moços, enquanto os velhos fazendeiros e o administrador conversavam café com os estrangeiros. Men queria reter os amigos mais uns dias na fazenda e, para seduzil-os, propoz uma noite de musica sertaneja e uma caçada de espera na matta. Havia signal de que os porcos do matto tinham dado em uma roça de milho e todos os caçadores da fazenda andavam assanhados, tocaiando-os ou preparando-lhes armadilhas. Na vespera, um desses caititús fôra morto na espera mandada armar por Men.

— Lá pelo porco eu fico, aceitou Zézinho, mas pela musica sertaneja, nunca. Basta me falarem nisto, só tenho impeto de fugir e desaparecer.

— Eu não digo que você é um brasileiro renegado, replicou Men aborrecido com o desdem de Zézinho. Tudo o que é nosso lhe repugna. Para você só ha poesia e musica estrangeira... Não é ? Pois a musica americana só vale por ser musica negra.

— Não tenho nada com o gosto americano. Elles só querem negro para o jazz, blues e black-bottom. É uma gente que se diverte neste exotismo, desdenhando criar musica e dansas brancas. Reservam as suas energias para o que elles chamam utilidade. Vão ver se elles entregam o governo, a administração, a politica, aos negros, aos mulatos, como se faz no Brasil... Que esperança!

— Você é absurdo, Zézinho. Haverá nada mais bello, mais profundo do que esta poesia e esta musica, que exprimm a alma brasileira?

— Ai, ai, Men caipira. Então só o que é negro, indio ou mulato é que é brasileiro? Está errado. Você é capaz de repetir que o Brasil é o sertão e o sertão é o tal cerne do Brasil. Isto é imagem de literatura, que excita tolamente o nativismo. Como o sertão está no interior do paiz, foi facil concluir que o sertão é a medula do corpo da nação e o sertanejo o representativo. Então nós, os paulistas, a gente do sul, os gaúchos das fronteiras, os nortistas da Amazonia não somos representativos desta vontade de querer e de poder ser brasileiro? E quem construiu a nação? Não foi a gente do litoral? Quem ajudou os portuguezes a expulsar francezes, hollandezes e hespanhóes, não foram os brasileiros das cidades, das villas, das praias e das mattas? Onde estava o sertanejo nesse tempo? Não existia. Esperava os bandeirantes, os portuguezes, os negros para formal-o. Ah! Com esta exaltação do sertanejo, estão mas é rebarbarizando o paiz. Depois não se queixem. É bacarmate, é pajeú fazendo a lei.

Philippe, divertido com o discurso do rapaz desabusado, estimulava-o :

— Estupendo! Vamos, continue...

— Podem caçoar, acudiu Zézinho, queimado. Mas eu é que não temo ninguem e digo o que penso. Digo e repito, já estou farto de viola, farto de negro, de capadocio, de mulataria. Estão fazendo da vida brasileira um samba, que não acaba mais. Repito, isto é exotismo no proprio paiz.

Deixemos a arte negra aos francezes, aos suissos, aos polacos. É uma curiosidade malsã, que excita os literatos e sobretudo as mulheres. Os inglezes desprezam a arte negra. Estão habituados á negrada nas suas colonias, como os hespanhóes e os portuguezes. Negro serve para trabalhar. Os francezes são novatos colonizadores de negro e o negro é uma revelação para o povo mais basbaque da terra. No Brasil, arte negra é pilheria, literatura, contos de benguelas, macumba, figa da Bahia, batuque... Tudo visto, tudo cacete. Nascemos e morremos com o negro. É muito intimo, muito familiar, não interessa. Depois a tal arte negra limita-se a alguns rythmos musicaes, a umas syllabas de sonoridade dissonante da sonoridade portugueza. É a unica curiosidade. Não construíram, não pintaram, não esculpiram. E quanto á pura imaginação negra, não existe mais no Brasil. Está tudo misturado. Remontar ao negro, para o brasileiro de hoje é artificio literario. Os negros tiveram o seu tempo, trabalharam no eito, levaram bacalháo, dansaram o samba, o batuque e deformaram os portuguezes, fazendo o mulato.

— Está direito, Zézinho, cortou Men, mas você não póde negar que a grande massa do paiz sendo mestiça, a arte negra, ou melhor a arte que veiu delles, a arte mestiça, é a verdadeira arte brasileira.

— Cada um tem a poesia do seu sangue... concluiu Philippe.

— Ah! é bom que vocês reconhecem, gritou Zézinho entusiasmado. Se é uma questão de sangue, eu opto pelo sangue branco, que tambem tenho. Sou mameluco, não ha duvida. Porque não hei de ser fiel ao sangue lusitano, ainda que este não seja puro, segundo a dosagem anglo-americana? Em todo o caso eu tenho algum sangue branco e sinto que o meu pensamento é de branco e por isso em vez de retrogar á selvageria africana ou india, aspiro á civilização, que disciplina o mundo...

— Puxa, não ponha tanta eloquencia, não fale difficil.

Fica manso, Perereca, tu estás mas é pernostico, como um bom mulato, interrompeu Men, dando risada.

— Pois é. Eloquentemente, mulato, perereca, tudo o que vocês quiserem, mas repillo a minha reincorporação ao negro, ao indio... Ora, raça india, raça negra, não ha differença. Deixemos de orgulho tolo. Tudo é a mesma cousa. Tudo vem do mesmo tronco, dessas polynesias e melanesias, matrizes das raças inferiores.

— Continua, seu pernostico, a mostrar sabedoria, gritou Men.

— Fique você, seu Men, com os seus negros e seus indios, eu fico com os meus brancos.

— Vassalagem ao sinhô branco, seu mameluco, replicou Men.

Zézinho explodiu :

— Sabe o que mais? O brasileiro é um negreiro insaciavel e incorrigivel. Explorou o negro na escravidão, agora o explora na arte.

Philippe percebendo que Zézinho estava se excedendo, entendeu cessar a discussão. Renovou a insistencia de Men para que ficassem. A caçada, tambem, o estava seduzindo. O engenheiro caçador excitava o entusiasmo dos companheiros, narrando as suas ultimas proezas numa batida de veados. Cada um contava a sua historia de caçada e estas evocações os decidiam a interromper a viagem e matar os porcos do matto. Tudo dependia dos velhos. Destacaram Zézinho para obter o consentimento. Ficaram esperando o resultado. Acompanharam silenciosos os gestos dos fazendeiros e de Zézinho. Este voltou desanimado.

— Qual, os velhos estão duros e não querem ceder. Qual fabrica, qual negocio. Pensam que não percebi. Tudo assanhamento por cabaré... Principalmente seu Mundo, que é mais positivo. Quando lhe falei em porco do matto, deu risada e debochou. Falou que era melhor caçar franquezas... Pançudo sem vergonha !... E para não haver mais

insistencia, pediram ao administrador que mandasse vir os automoveis. E acabou-se a historia.

Men poz no phonographo um disco de maxixe. A musica sahiu saracoteando. Requebrava-se, descia ao chão, esfregava-se e erguia-se remexendo-se langorosamente, enternecia-se, cantava, syncopava, retomava a furia delirante, estonteava, fascinava, assanhava. Arrebatou freneticamente Zézinho e sambaram, sambaram...

No dia seguinte á tardinha, Philippe e Men partiram para a espera dos caititús. Men, no volante do automovel, Philippe ao seu lado, e dentro, um camarada caçador com as espingardas e o farnel. Não levaram barracas, capas, seringas e medicamentos. Não era a caçada de Radagasio.

As massas concentradas dos morros esculpem-se á luz rubra do sol. As varzeas e os cerrados achatam-se firmes. As côres estendem-se sobre as superficies duras dos volumes. Na immensidade solida, a terra immovel. Sobre ella, os carregadores descem, sobem e caminham até á matta. O impeto annula toda a ordem. No insondavel, crepita a vida profunda, insaciavel de criação e movimento. A seiva inexoravel projecta-se nos seres, que a victoria da força e a paciencia do tempo modelam. O fremito erotico da matta gera o mundo tropical. Do bojo da incommensuravel matriz pullulam as formas innumeraveis da essencia immorredoura. Tudo continua na unidade infrangivel. Tudo confunde-se no atropelo da criação. Aquella pedra respira, floresce, é um vegetal, aquella cipó amarra as arvores, palpita, é uma cobra. O que vae ser representa-se por antecipação. A seiva germína o invisivel e o monstruoso. Os jequitibás postam-se, enormes, espectraes, á entrada da matta para guardar o mysterio verde. A noite enche toda a negrura, surgindo dos esconderijos da terra ou descendo docemente do alto. A matta rescende a resina e a alho. Outros gigantes succedem aos jequitibás. Arvores

veneráveis e meditabundas. No fundo, onde todas as vozes da floresta se calam, alteia-se velha figueira. O tronco, um rochedo. Delle, possantes raizes arremessam-se, erguem-se e fortificam uma vasta area de liberdade. Neste alicerce de granito, o tronco sóbe, vencedor, enquanto as raizes temerosas entranham as garras na massa da terra vencida. Milhares de plantas alviçareiras, servis, adornam o monstro. A velha arvore eleva-se graciosa, rejuvenescida subitamente, agasalhadora, alargando os galhos robustos, pejados de folhas. Dentro delles a luz extasia-se, a musica é ardente, o esquecimento perpetuo. Os invisiveis continuam infatigaveis a destruir e a refazer a vida. As formas lutam, vencem, explodem em volumes coloridos. A floresta maravilha-se na formidavel eclosão de plantas, arvores, passaros, reptis e feras. A imaginação encanta-se no terror. Os seres são irreaes. A matta procria a floresta de mythos. A volupia corre, arrebatada, transfigura. A combustão abraza, allucina. Febre de exaltação, delirio, perdição, aniquilamento. O mysterio eterniza-se. A magia seduz e abysma. Mysterio, magia, luxuria, immensidade, criação, terror, tudo é o sortilegio do Brasil.

As cabeças dos caititús, extranhos corações humanos, sangram. No sangue florestal correm a vida, os desejos, a ferocidade.

XVII

A fazenda fora vendida. Philippe apressou-se em partir para o Rio. Veiu de São Paulo pelo diurno. Sómente Thereza sabia da sua chegada. Era um segredo indispensavel á alegria do amor. Na nojenta barafunda do trem, isolou-se, já se inebriando do seu encontro com Thereza. Tudo o que lhe vinha do exterior, os cerrados, as culturas, as cidades, lhe foi indiferente. Apenas o Parahyba o despertou da scisma feliz. A principio, a fulguração da luz submergia o rio na phosphorescencia indecisa, volatil e vibrante. Quando não houve mais tanto sol, os volumes das montanhas, dos campos, das mattas e das casas, as figuras dos animaes e das gentes recortaram-se na atmosphera desencandecida. A massa liquida do rio foi limitada pelas linhas das margens e pela espessura das aguas. Sobre ella reflectia-se perdidamente a mattaria, que procurava esconder os contornos da corrente. Esta fugia e ostentava-se branca, luminosa, para logo ser velada pelas arvores, pelos bambús, pelos copos de leite, pelas saias de venus, pelos nenuphares. Philippe ia divertindo-se nesta correria da matta e do rio, nesta porfia do branco e do verde. Não se lembrou de que aquelle rio maravilhoso fora apostrophado como o rio da 'escravidão. Para elle, era o rio do encanto.

Quando o trem, atravessando os tunneis, posou no alto da serra, a vastidão do deserto volumoso exaltou em Phi-

lippe o desejo vehemente da libertação. O illimitado era o rythmo do seu espirito. Aquelle mundo de montanhas livres era igual ao seu reino, onde o amor domina e se eleva, puro de toda a servidão. O trem chegou ás terras baixas, abafadas. Philippe ficou impaciente para que passassem os suburbios barulhentos, infectos, com os seus parques de diversões, os seus mafuás e as lojas funerarias, que mostram aos viajantes caixões de defuntos, dependurados como brinquedos. Era noite, quando o trem parou na Central. Philippe apressou-se em sahir. Da porta da estação viu logo Thereza, no automovel, do outro lado da praça. Ella ergueu-se, bateu-lhe ardente com a mão. Philippe entregou a bagagem para que a levassem á casa e correu para Thereza. Os corpos perderam os seus proprios limites para se fundir em uma doçura quente, sem fim. De repente Thereza, impetuosa, pulou para o volante puxando Philippe e moveu o carro. Quiz fugir de todo aquelle atropelo e esgueirou-se por entre o tumulto. As palavras, que dizia, eram apenas para commentar os incidentes da direcção e do movimento. O silencio de Philippe era o do extase. Não o espantou o emmagrecimento de Thereza. Era assim magra, febril, torturada, que elle a imaginava pelos soffrimentos, que a consumiam. Não pensava, não analysava a exaltante e dolorida belleza, que a paixão criara para elle. Maravilhava-se, adorava. Fugiam por dentro da noite quente, cortando o abafamento, abrindo brechas para uma tenue corrente de ar, que o motor do carro fabricava. O chão das ruas bufava, cheirando a mofo. Do alto cahiam gottas mornas, como uma transpiração. Fugiram para beira-mar. A lua era brasileira, morena, redonda, carnuda. Thereza desafogara o automovel na praia fulgurante. O mar reintegrava Philippe na sua cidade transcendente. Foram passando pelas avenidas, que vestidos claros coloriam sobre os escassos grammados nas luzes misturadas do luar e dos reverberos. Thereza ia levando Philippe para adeante, indifferente a

todo o alarido juvenil, estival. Sorria transfigurada. Aporava-se, emfim, de Philippe e, enquanto ia conduzindo o carro, acariciava o adorado com as palavras da sua infinita ternura. Philippe, na sua contemplação, dizia-lhe a ventura ineffavel de tel-a de novo e jurava que jamais, jamais, se separariam. As lagrimas encheram os profundos olhos de Thereza. Ellas diziam toda a angustia soffrida e o appello de salvação. Copacabana festiva. Leblon solitario. Thereza parou o automovel bem junto á praia. Desceram na areia entre o oceano e uma ribanceira, coberta de pitangueiras, que occultavam a avenida em cima. Ficaram alguns instantes paralyzados pelo vasto tumulto das ondas, avançando, de longe, sobre a terra e derramando-se espumosas, brancas, fartas, na immensidade das praias condescendentes. A lua dilatava o mundo, tornava o céo mais celeste e as estrellas mais azues. Philippe apertou Thereza nos braços e ambos se foram derreando sobre a areia. Mais se beijavam que falavam. A volupia foi violenta. Della participaram o ardor das vagas e o bafo da terra quente. Depois a volupia foi serena. Thereza repousava no peito de Philippe. O abysmo claro do céo voltado sobre os amantes os absorvia e os fundia na ineffavel inconsciencia. Pouco a pouco foram emergindo a esta vida. Thereza agarrou-se a Philippe para não o deixar nunca mais. Cravou-lhe as unhas no corpo e tenaz, inexoravel, exigia a unidade indissolúvel.

— Tu não me deixas mais um instante. Quero viver comtigo para sempre. Fugamos de tudo isto. Leva-me, arrebatame. Tu és todo poderoso... Meu Deus, meu senhor, meu amante...

Philippe affirmou a sua absoluta unidade com a idolatrada e a resolução inabalavel, em que estava, de dar-lhe a perpetua alegria. Foi então que Thereza chorou toda a sua miseria, toda a sua esperanza, toda a sua paixão. Quando Philippe quiz saber de tudo o que se passara ultimamente, cuja gravidade as cartas deixavam suspeitar,

o desejo de não perturbar a excelsa ventura, em que estavam, impoz silencio a Thereza.

— Hoje não... São cousas inferiores, tristes... Amanhã, meu amor adorado, saberás tudo... hoje não, fiquemos na magia incomparavel...

Para que Philippe não insistisse, matou-o de beijos, ostentou a sua alegria profunda, amimando por entre risos a cabeça do amante, que ella guardava meigamente ao collo. Muito tarde deixaram a praia e voltaram á cidade. Vieram vagarosamente dentro do luar até ás Aguas Ferreas. Philippe entrou a pé no largo do Boticario, pequeno, apertado, sombrio.

A mãe e a irmã o esperavam desanimadas. Leonor ainda teve impulso para abraçar-o. D. Isabel não poude esconder na frieza, com que o recebeu, o seu despeito pela demora em chegar á casa. Não ousou censural-o. Esforçou-se por mostrar indiferença. Conversaram sobre os negocios. Philippe explicou os pormenores da venda da fazenda e mostrou-lhes os cheques, que recebera dos Americanos. Ellas ficaram maravilhadas de tanto dinheiro. D. Isabel levantou-se solemne e beijou a testa do filho. Fizeram rapidamente a facil partilha daquela importancia liquida, que os tornava ricos. Philippe disse resolutamente a sua intenção de deixar a casa e ir viver só. Ellas não precisavam mais da sua assistencia. Collocariam a fortuna em valores seguros, que dessem boa renda e estariam independentes para sempre. D. Isabel esperava esta decisão do filho e não se magoou. Preferia a separação a um contacto diario, frio e rancoroso. A avarenta temia absurdamente pelo seu dinheiro, de que Philippe, sob o imperio de Thereza, viesse a abusar. Leonor pensava em outra cousa e disse claramente :

— Não faz mal, Philippe. Nós já tinhamos imaginado, mamãe e eu, fazer uma grande peregrinação... Vamos a Lourdes, a Roma, a Terra Santa, não esquecendo Lisieux para agradecer a Therezinha de Jesus todo este milagre, que

nos aconteceu pela sua santa intervenção. É verdade que tenho pena de deixar as minhas obras de caridade, os meus pobres. Felizmente ha sempre pobres em toda a parte.

No dia seguinte Thereza narrou a Philippe as misérias da sua casa. Elle ouviu, revoltado, as infamias e perversidades de Radagasio e Balbina. Que infinita piedade dos martyrios da sua adorada, perseguida pelo par sinistro, do homem imbecil, devasso e nefasto e da negra macumbeira, criminosa.

— Meu divino amor, isto vae cessar. Tu não podes continuar neste inferno degradante, exposta á morte. Tu és minha, tu pertences ao amor. Faremos tudo pela gloria da nossa paixão. Deixarás pela tua soberana vontade este mundo infecto, em que te prendem. Penso que devemos ficar na terra do nosso amor, não devemos nos evadir... Mas se receias permanecer aqui, iremos para muito longe, já sem demora. Cada dia que soffres nesta degradação é um crime para o amor, que exige o seu dominio absoluto, acima de todas as contingencias.

Thereza não esperava outras palavras de Philippe. Sabia-o decidido, sem medo. O seu problema não se resolvia assim tão simplesmente. Lili existia. As tenazes da maternidade ainda a retinham. Teve a suprema coragem de abrir todo o seu complexo sentimento ao amante. A confusão, com que se exprimiu, enterneceu Philippe. Animou-a na situação dolorosa, em que se debatia o supremo amor da mulher, mãe eterna.

— Olha, coragem, meu Bem idolatrado. Traze Lili contigo... Não ha mal... Porque? Ciumes meus?... Não tem importancia... Tu não me abandonarás... A gente se acostuma... O essencial é estarmos unidos para sempre e tu alegre, feliz, feliz...

Thereza comprehendeu quanto o amor gera a piedade. O sacrificio, a que se propunha Philippe, era immenso e só ella era covarde em não romper os ultimos laços, que a

prendiam ao mundo, em que vivera, e entrar pura, desmaterializada, no paraíso da paixão. Sempre a relatividade, sempre a limitação criada pelos homens.

Nesta tarde Philippe appareceu em casa de Vieira. Ritinha, informada desde manhã por Thereza, não se mostrou surprehendida. O seu alvoroço de alegria ainda assim foi maior que o dos outros. Ella respirava sabendo Thereza protegida e adivinhava a proxima libertação dos que se amavam sobre todas as cousas. Crivaram Philippe de perguntas e foram contando o que lhes succedera a cada um. Philippe sabia que Manuel e Pedro estavam formados. Ignorava que Vieira fora removido para o Maranhão.

— Os miseraveis se vingaram, commentava em uma resignação rancorosa D. Calú. Seja tudo pelo amor de Deus. Não ha nada como um dia atraz do outro. Elles pensam que nos fizeram um grande mal... Voltar para a sua terra, não é desgraça. Vou bem satisfeita de ver o meu Maranhão e lá, no meio da minha gente, ter um descanso, que não tive aqui nestes ultimos tempos. Não sou como Aristides, que está mordendo o freio de raiva...

— Já disse á senhora que sou incapaz de odio e não guardo rancor, observou Vieira zangado. Só os imbecis que não conhecem a doutrina pura da caridade e da fraternidade podem levantar tamanho aleive. Se eu soffro nesta vida é para me purificar. E na futura reencarnação...

— Lá vem asneira, interrompeu sarcastica D. Calú. Este homem, Philippe, está completamente transtornado com o tal espiritismo.

— Cale-se, mulher, gritou Vieira. O que você merece é uma sóva, que lhe expulse o espirito mau.

Os filhos intervieram, procurando impôr silencio aos paes. Estas constantes discussões religiosas armavam uma irritante antipathia entre Vieira e D. Calú, que o infortunio aggravava.

— Valha-me Nossa Senhora da Gloria, continuou,

irreductivel, D. Calú. Agora preciso de muita paciência para aturar este pessoal, que se entende com alma do outro mundo...

Vieira avançou possesso para a mulher, esbravejando sem ninguem poder contel-o.

— Alma do outro mundo és tu, estúpida. Pensas que eu não te reconheço, tu és o espirito das trevas, o espirito de Lucifer, o espirito de Judas, do demonio Mara, que tentou Budha, de Typhon, que matou o divino Osiris, tu és Keres, nocturno genio do mal, tu és Empusa, criatura da lua malefica. Eu te ordeno que renunciés a este corpo e voltés aos infernos... Em nome de Osiris, de Ormuz, de Vischnu, do Christo, de Allan Kardec, sáe, Cynocephalo!

Manuel, compassivamente, socegou o pae e o levou para o escriptorio. D. Calú suspirou.

— É o que você vê, Philippe... O homem está gira e me insulta com todos estes nomes feios, que não sei o que querem dizer... O melhor mesmo é voltar para a minha terra... Ao menos lá, se houver uma calamidade, estou com minha gente, porque os dois meninos vão se dispersar, cada um para o seu lado. Depois da morte do meu Jujú tanto se me dá, como se me faz. Só tenho pena de Aracy...

— Não, mamãe, não me lamente... Foi a sorte... Nós estamos pesados, ninguem me tira da cabeça. O melhor mesmo é sahir daqui, onde ninguem nos quer.

Tudo isto entristecia Philippe e elle lutava contra a invasão da piedade perturbadora. Procurou uma diversão e interrogou Pedro :

— Que isto, Pedro, vaes deixar o Rio? E Manuel tambem? Que novas resoluções são estas?

Pedro ficou radiante em contar a sua felicidade. Pairava indifferente áquellas miserias da familia.

— Foi uma surpresa, Philippe. E destas mesmo de enlouquecer de alegria um camarada. A empreza vae mandar o meu chefe aos Estados Unidos comprar mate-

rial e qual foi o meu espanto, quando o chefe me designou para ir como um dos seus auxiliares.

— O que rapaz! exclamou Philippe. Mas que sorte unica. E Aracy diz que vocês estão pesados... Tolices... Estados Unidos... Era do que tu precisavas. Vaes lucrar tanto. Será uma transformação, Pedro. E Manuel?

— Ah! este segue outro rumo. Está inteiramente filiado ao communismo. Quem diria? aquelle Manuel, liberal, jurista. E lá se vae á Russia dos Soviets com o mesmo ardor com que a combateu. Vae enviado pelo partido daqui e tambem tem contractos de correspondencias para alguns jornaes.

Philippe não commentou. Testemunhava que os seus amigos eram sempre movidos por uma maravilhosa força espiritual. Perguntou por Monteiro e ficou alegre em saber que estava de novo refugiado no Rio e o viria sem demora.

— E você, Ritinha, que lhe diz esse Maranhão?

Ritinha ficou atrapalhada por não poder esconder o seu contentamento.

— Agora vou socegada, Philippe. Desde que você voltou, o meu coração, que esteve tão afflicto, se consolou um pouco com a partida... Tenho uma pena tão grande de deixar Thereza e você... Mas eu não faço falta.

— Ah! menina, deixa de ser fingida, gritou rindo D. Calú. Não nego, Philippe, que ella tenha muita saudade de D. Thereza, que é um anjo para ella, Mas Ritinha vae se casar e o Viriato já está no Maranhão. Fez uns bons cobres no Acre...

A negra notara uma grande transformação em Thereza e na casa. Ritinha desaparecera e Thereza estava alegre, procurando sempre pela filha. Radagasio matutou para decifrar este mysterio. Como sempre, não comprehendeu. Foi Balbina que percebeu a volta de Philippe. Um vago e inexplicavel medo preoccupou Radagasio. Elle queria Thereza sob o seu dominio e temia que ella, apoiada por

Philippe, lhe escapasse, explodindo o escandalo, que elle tanto receava, porque seria o desmoronamento da consideração social. Ficava afflicto, oppresso, imaginando a sua desmoralização no banco e no « Educational-Club ». Tudo se desvendaria. Elle, Radagasio, o defensor da ordem e da moral, o conservador, o educacionista, o regenerador dos costumes, o futuro banqueiro, exposto na sua nudez de oppressor, explorador, cruel e hypocrita, afundado na devassidão ancillar. Não houve força sensual da negra, que lhe pudesse desanuviar o espirito. Radagasio perdurava acabrunhado, offegante, procurando o meio de prender Thereza, de impedir-lhe a fuga escandalosa. Não era difficil atinar que só Lili podia reter Thereza. A negra redobrou a vigilancia para impedir o possivel rapto da menina. Thereza seduzia cada vez mais a filha, fascinando-a na exaltação do amor materno. A luta proseguia, tenaz, odienta, entre Thereza e Radagasio.

Philippe, deante da hesitação de Thereza, resolveu installar-se. De todos os retiros, que vira, nada lhe agradou e a Thereza, como uma casa nas Paineiras, que um inglez, a partir para a Europa, lhe cedia. Era a solidão luminosa, a floresta sobre o mar, a immensidade do horizonte, a quietude, o esquecimento. Dentro, era a habitação ingleza com o seu descanço, o seu agasalho, a sua civilização. Poucos dias depois, Philippe a occupava, na firme esperança de que alli brevemente fosse a morada da sua Thereza. Que profundo socego, longe do Rio, transfigurado em cidade balnearia. Elles miravam do alto o mar, que domina, absorve a totalidade dos seres e se torna uma obsessão. Mesmo aquelles, que não mergulham nas aguas, lhes sentem a presença real em seu pensamento e no rythmo da vida, que ellas cadenciam. É o mar, que não dorme, esperando o sol, que subitamente rubro, feroso, alvoroça as margens do céu e das praias. Os corpos chegam alviçareiros e a vadiação com as ondas e com os desejos começa ardente, infantil. Cada alma deseja um corpo

alheio para a sede da volupia, que o sol excita e não mata. As linhas da superfície marítima ondulam, curvam-se, dilatam-se, liquidificam-se. Os volumes dansam, rolam, submergem. O estampido das vagas, alimentadas de vento, e os gritos humanos transfundem planos, profundidades, espaços, luz, em sons. Na música vasa-se toda a alegria do Universo. Dentro da sonoridade, movem-se os corpos, gesticulam, correm pelas areias compactas da humidade salgada, agarram-se frenéticos, furam as ondas e, por entre as espumas, reluzem como flores enormes, theatraes, as toucas e os capacetes multicores que encarapuçam as cabeças espetadas na água. O sol vai abraçando. A alegria vai cançando. Debandada. Uns embrulham-se nos roupões alacres, outros gottejantes na semi-nudez. Uns correndo, outros morosos. Tudo se vulgariza na volta familiar. Mas outros, ainda, prolongam a alegria marítima nos automóveis, que os levam pelas avenidas, varando a cidade, dando a saborear aos olhos dos passantes, as coxas nuas das mulheres. A manhã continua ardendo. Restam banhistas retardatarios no mar. A cidade enche-se. Tudo escalda. O dia avança. O bafo da terra envolve de fumo tenue as massas verdes, as casas, os morros, a bahia. Os olhos alongam-se, a vista turva-se na bruma quente. Tudo vibra no calor elastico, que tudo distende. A sonoridade trepida, fere, alarga-se. Cigarras, businas, passaros, ferros, gritam no ambiente metallico, secco de ventos. Mais tarde cáe a viração. A sonoridade extingue-se na vadiação da aragem marítima. É a volta do mar, que attrae novamente. As praias enchem-se. Nos cáes, nas calçadas, na areia, abeiram-se automoveis. Os curiosos e os vadios contemplam os figurantes de varias raças, varias côres, diversas edades, que se banham e brincam na confraternização da alegria e do jogo. Sobre as águas coloridas pousam, agitam-se skiffs, outriggers, canoes, yoles e os barquinhos a motor. As aves tubulares ou angulosas, gaiivotas em bandos e carapiás aos pares, desfilam des-

denhosas sobre os jogos humanos. A tarde é longa. A noite custa a chegar. Subitamente o sol tudo doura. As formas tornam-se nitidas. A luz inflamma o mundo de montanhas, de ilhas, vapores, zimborios, cupolas, tijolos, azulejos, pedreiras, até que, fatigado, o sol se esvae. O mar esverdeia-se. Os banhistas começam a recolher-se ás suas ruas, enfeitadas pelas acacias amarellas, pelos arbustos vermelhos, roxos, rubros, as primaveras, as unhas de gato, as lauras rosas. As velhas figueiras estão cobertas de ouro. É a hora dos pescadores nos cães desertos. A viração está escassa. As andorinhas batem nos telhados, as cigarras escondidas porfiam nos desafios estridentes. Primeiras luzes na bahia, nas fortalezas, nas praias, nos navios. Consuma-se a retirada dos ultimos banhistas nos automoveis, nos canoes e a pé. Dentro da noite, os pescadores, silentes, pedregosos, sentados nas escaldadas muradas de granito, esperam os peixes imaginarios.

Desde que Thereza começava a subir no seu automovel da ladeira do Ascurra para as Paineiras, sentia-se tomada pelo impulso da floresta e da montanha, que a transportava vivamente para o alto. Subia envolta pela mattaria verde, que a enchia de frescura e lhe acalmava a inquietação. Assim chegava á casa de Philippe e passavam a tarde inteira na communhão da alegria. A magia exterior, que os cercava e os invadia, arrebatava-os para uma região serena, pura e sobrenatural. Tudo era vasto e illimitado, como o rythmo interior da paixão, que os transfigurava.

Quando Thereza deixava Philippe e voltava á sua infernal morada, a angustia a retomava e o seu desespero era cada vez mais intoleravel. Persistia a tortura da hesitação. Não podia viver um instante sem Philippe e não tinha força de renunciar a Lili. A sua delicadeza e mesmo um secreto e inconfessavel desejo de uma libertação integral não lhe davam animo de carregar a filha para a companhia do adorado. O tempo ia se passando neste martyrio e, por

mais que Philippe a sustentasse, Thereza continuava indecisa. Já mesmo aquella communhão de alegria, que apagava toda a angustia, começava a ser perturbada pela tortura crescente. Esta inquietação affligiu Philippe.

— Vamos, meu amor, resolve-te de uma vez a trazer Lili. Que temes? Radagasio? Eu saberei contel-o. Mesmo que elle recorra judicialmente para a posse da menina, tu tens por ti a lei. A filha menor fica no poder da mãe. E se te considerassem culpada, saberemos demonstrar a culpabilidade do miseravel. Toda a gente da tua casa testemunhará a sua ligação com a negra. E nenhum juiz permittirá uma criança ser confiada a tal pae, que a entrega a uma negra como Balbina.

Thereza ouvia o conselho profissional de Philippe, mas não sentia nestas palavras o ardor e a força de uma ordem. Agarrou-se febril ao braço do amante, enquanto iam caminhando devagar pelo caminho do aqueducto, que vae de Paineiras a Tijuca. As linhas rectas iam formando successivos angulos agudos e obtusos na encosta da montanha coberta pela floresta, que subia intrincada e ardente. Caminhavam sobre a velha calçada colonial, sobre pedras pontudas e lages esparramadas, cobertas de limo e musgo, que eliminavam o ruido dos passos. Iam apertados entre o morro e o abysmo, entupido perfidamente de arvores numerosas, immensas, volumosas, tapando o horizonte e abafando o caminho. Às vezes abria-se um clarão. Mostram-se outros morros, as casarias, os jardins, as hortas, o mar. Pelo aqueducto descoberto, como uma valla, a agua corre rapida, clara e macia. Outras aguas descem dos morros, vertidas pelas pedras, zumbindo. Na humidade sombria, Thereza sente frio e não pode falar. As borboletas passam arquejantes, colorindo a negrura verde do caminho. Cruzam-se os sons. Os que sobem da cidade, trepidantes e confusos, ruidos de machinas, estrondos das pedreiras, e os que descem dos morros, gritos das maitacas, dos gaviões e das corujas. Os olhos de Thereza

aguçam-se e vêm, nas pedras e no matto, calangos e cobras. Philippe não percebe o doloroso pavor de Thereza. Vae absorvido em resolver o conflicto, em que ella se debate e procura arrancar-a da hesitação. As palavras de Philippe augmentam o desanimo e o medo de Thereza. Chegaram á primeira ponte, o mundo esclareceu-se e abriu-se sobre o abysmo. Thereza segurou-se em Philippe e, sem liberdade de olhar para os horizontes, debruçou-se sobre toda aquella verdura espessa, profunda, infinita, que lhe deu o repouso instantaneo de doce anniquilamento. Philippe a sentiu gelada e arrastou-a para fóra da ponte. Entraram novamente no caminho anguloso e escuro. Thereza sahia da prostação para o desvario. Apertou Philippe nos braços, beijou-o febrilmente.

— Meu amor, meu amor, precisamos morrer. Acabemos com toda a tortura, repousemos para sempre unidos, eternos. O nosso amor não terá a beatitude que procuramos. O mundo é miseravel e não é o paraíso da paixão. Só a morte nos libertará de toda a angustia e que morte mais gloriosa do que a morte na magia do amor, na nossa unidade inquebrantavel!

A morte assim implorada por aquella voz, que modulou, como nenhuma outra, as palavras, os cantos, os gritos do amor, por aquelle corpo maravilhoso movido pela paixão transcendente, não allucinou Philippe. Elle cobriu Thereza de beijos, devorou-a de caricias, mas não consentiu na suprema immolação. Agarrados um ao outro, foram andando apressados, fugindo á terrivel tentação. Chegaram á grande ponte. Jamais vastidão exprimiu entusiasmo tão exaltado e tão vario. A serra carioca eleva-se nos massiços do Corcovado, Santa Thereza e Gavea. A Tijuca, e o Andarahy crescem até o bico do Papagaio. Ao longe, as serras do Meyer e São Matheus e, aqui perto, o contraforte das pequenas montanhas pedregosas e núas, que acabam na Urca e no Pão de Assucar. Em face, a immensidade do oceano, que força o recinto da pedra e da floresta e abre

restingas, lagoas e bahias. A desforra vegetal, a invasão verde, sobe da terra e veste as montanhas, mantendo o colorido primitivo, selvagem.

O pensamento de Philippe exaltou-se para a victoria. Aquella immensidade era sua e sobre ella a gloria do amor. Compreendeu a extensão da angustia de Thereza que, não podendo decidir-se a arrancar a filha, preferia morrer. A exaltação e a piedade determinaram Philippe a ordenar a Thereza, que trouxesse Lili. Commovida de ser mandada com tão grande autoridade, Thereza jurou obedecer. Alegrava-se na obediencia. Ella era a escrava da paixão. O tempo começou a escurecer. De toda a parte grandes e pesadas nuvens surgiam, escondendo o sol. Philippe suspeitou tempestade e apressou a volta. Thereza seguia-o levida, fugindo ao temporal, que já se accentuava na ventania quente, agitando a floresta, balançando tudo, levantando a poeira, espantando a bicharada. Chegaram até o automovel e Thereza, que tinha a missão de trazer Lili, não quiz se demorar, com medo de ser retida pela chuva. Philippe acompanhou-a no automovel, ao seu lado, e desceram rapidamente as curvas da estrada. A corrida enthusiasinou-os. Thereza sorria deslumbrada para Philippe, na beatitude da gratidão e da obediencia. Separaram-se, em baixo, nas Laranjeiras. Thereza partiu mais veloz e Philippe tomou o trem, que o levou para cima. Na subida foi encontrando as rajadas de um vento indomavel, que vinha rasgando as bananeiras e despedaçando as outras arvores. Subitamente o tempo esfriou e a chuva começou a galopar morro abaixo, por entre a trepidação de relampagos e o estampido metallico e retumbante de raios e trovões. Philippe desceu na estação e, varando o vendaval, chegou ensopado á casa.

Thereza escapou da chuva. Tocou o automovel pelas Laranjeiras, alcançou Beira-Mar, correndo com furia por entre outros automoveis, que fugiam precipitados. A resaca estrondava e arremessava violentos repuxos da agua sobre o

cães. O vento sul, desencadeado, empurrava autos, bondes, gentes, para a cidade, carregava os barcos á vela desgovernados, embaraçava o vôo das gaiivotas, que pousavam alarmadas nas ondas exaltadas ou mergulhavam para se esconder. As grandes aves subiam muito alto, alem dos ventos, e planavam sobre o mar revolto. Thereza chegou á casa, quando desabou o aguaceiro e cahiam os raios. Esteve rapidos minutos no quarto, procurou Lili, no entusiasmo em que se coordenavam o movimento alegre do seu espirito e o soberbo temporal, que agitava a terra e o mar. Do terraço, as duas viram infantilmente chover, por entre relampagos. A chuva era infinita, envolvia tudo, suprimia horizontes, bahia, ilhas, montanhas. Agua, agua. Torrentes desciam dos morros, avolumavam-se nas ladeiras, desaguavam nos asphaltos e as ruas transformavam-se instantaneamente em rios. A alagação foi universal. Pararam os carros. O unico barulho, que absorvia todos os outros ruidos, era o do vento desesperado, o da chuva desbragada, o do mar enfurecido. Não tardaram a cahir barreiras, que destruiam casas e matavam gentes e animaes. As aguas brancas toldaram-se de barro e sobre ellas passavam, correndo, dançando, troncos e galhos de arvores. Os minguidos ralos entupiram-se. A resaca transbordou impetuosa. A agua do mar invadiu o Mangue e todos os boeiros. Inundação. Alegria tropical. Os que não morrem ou não estão apavorados, divertem-se. Homens, mulheres, de roupa de banho, crianças despidas, mettem-se nos rios, que foram ruas e berram alvoroçados. Surgem os barcos empurrados a vara. Passeia-se, brincando, na cidade aquatica. Passam ás carreiras, cadaveres de aves, de gatos, de cachorros e, raramente, algum cadaver humano. Dentro das casas a agua entrava a mais de um metro de altura, destruindo, devastando. A noite toda persistiu o tufão e o aguaceiro não cessou.

Quando amanheceu, era uma cidade estranha, que substituíra a outra. Thereza não podia sahir. Passou o dia prisioneira no quarto, fazendo jubilosamente os preparativos para a partida. Não se podia mover com liberdade na casa toda, porque Radagasio não sahir e vagava estupidamente, praguejando contra o temporal. No momento, em que Radagasio se fechou no banheiro, Thereza, arriscando tudo, muito sorradeira, telephonou a Philippe para socegal-o. Elle estava desolado por não se verem todo aquelle dia. Tudo estava incerto, como o tempo. Thereza resignou-se no fremito da libertação. A negra rodava, espiava, desconfiava. Se Thereza carregava Lili para o quarto, logo a negra vinha reclamar a criança, fariscando novidade. Afinal, descobriu que Thereza fazia grandes arrumações em seus armarios e gavetas. Ficou alarmada e denunciou o que espionara a Radagasio, sempre bronco e cada vez mais embrutecido na luxuria. Não atinava com a significação dos movimentos estranhos de Thereza. Foi a negra que o esclareceu.

Pela tarde o temporal cessou, mas a cidade continuava inundada. Radagasio não se aventurou a sahir. Depois do jantar, Thereza, lendo no salão, via Radagasio passeando em passo militar no corredor. Resmungava, queimava o acido urico. De vez em quando parava para verificar o pédometro.

Na manhã seguinte as aguas tinham escoado, a cidade immunda de lama, cheia de sol. A atmospheria fresca, limpida. Os tons da luz e das côres, muito puros. Philippe telephonou a Thereza que não se arriscasse a vir. A estrada estava esburacada e ainda escorregadia. Recommendou-lhe que aproveitasse o dia em seus preparativos. Por sua vez, elle receberia os amigos, que se iam despedir, subindo pelo trem. Logo depois do almoço, Thereza sahiu para as compras da installação de Lili na casa de Philippe. Alegrou-se em escolher a mobilia do quarto da criança. Expandiu-se em gastar largamente, no impulso da fantasia. Queria o

quarto mais vivo, mais espirituoso, mais infantil, do que esse já tão pittoresco, que ia ser abandonado. A tarde seria toda absorvida nesse doce entretenimento. Depois dos moveis, seriam as roupas da cama, os vestidos para Lili, os adornos, os brinquedos, as almotadas, as porcelanas, os crystaes, as amendoas. Seria o paraíso da filha, do anjo, da boneca, no paraíso do amor.

Pedro esperava Manuel no salão da entrada do grande hotel da Avenida. Fora alli, áquella tarde, chamado pelo seu chefe para assumptos da viagem. Depois da inundaçãõ, o hall e o bar estavam excessivamente cheios. Na tumultuosa promiscuidade, homens e mulheres bebiam, fumavam, berravam, acanalhavam-se. Pedro viu o Léo entre vadios. Viu o pae do Léo, Adalberto Costa, cercando politicos. Militares, espíões e jornalistas cavadores disputavam, cortezãos, as propinas da verba secreta. As explosões de desanimo misturavam-se ás expansões affrontosas dos que lucravam. Dizia um dos irritados : « Este paiz é inhabitavel. Preciso cavar um negocio, que me dê dinheiro rapidamente para me ir embora de uma vez. » Dizia outro : « Ufa ! É muito difficil a profissão de marido. Elles se aproveitam e não recompensam. Nem uma flôr. » Outro alegrava-se a frio, sarcastico : « Está tudo desvalorizado, a moeda, a competencia, o character, a politica. Venha o cambio baixo. » Os chefes politicos foram cada vez mais perseguidos pela clientela famelica. Cada cliente preparava a sua patota a ser protegida por um senador ou deputado. Os politicos paulistas eram os mais cortejados. Já traziam o presidente na barriga.

Manuel appareceu á entrada do hall, ficou atordoado e não ousou procurar Pedro. Foi este que o viu e, logo, despedindo-se do chefe, veiu ao seu encontro. Sahiram apressados. Manuel, indignado, censurou o irmão.

— Que idéa a sua de se metter nesta orgia. Este seu chefe podia marcar o encontro para outro lugar. São todos

assim os taes homens de negocios, mesmo engenheiros. Gostam de farejar a pandega. Pretextam que este ambiente é um repouso, uma distracção e secretamente esperam vantagens das relações ahi feitas. Receio muito que você volte dos Estados Unidos como os outros, embotado, fatigado, inteiramente materializado.

Pedro não replicou. Confiava que não se estragara, que tinha em si reservas espirituaes sufficientes para reagir contra a materialização. Propoz que tomassem um taxi para chegar mais depressa á estação do Corcovado, nas Laranjeiras, onde Raymundo Monteiro os esperava. Na avenida Beira-Mar, depois da tempestade, tudo estava purificado. Os pontos brancos das fortalezas, dos morros, das avenidas e das praias saltavam crús da pedra escura, das florestas e da agua sombria, debaixo de um céu ennegrecido, volumoso. Os morros verdes repousavam do vendaval, que passara. Monteiro estava na calçada em frente á estação. O foragido recebeu os amigos com a maior tranquillidade, despreoccupado de que algum secreta ou delator o reconhecesse. O trem não demorou em partir e foi subindo dentro da atmospherá humida, emanada da farta vegetação ainda ensopada. Fontes, cascatas, regatos tinham sido avolumados, ou mesmo improvizados pela chuva. Sobre as pedras humidas estendia-se o musgo verde, espessamente avelludado. Nos troncos das arvores o limo verde-roseo desenhava flores sumptuosas. Os suaves raios do sol morrente invadiam o bojo verde. As cascatas, as gottas dagua, as folhas das bananeiras, toda a matta refulgia na luz e nas côres.

Philippe esperava-os na estação das Paineiras. Tanto elle como Monteiro dominaram-se deante dos extranhos. Affectaram em mostrar uma descuidada naturalidade. Foi quando se viram sós e já em caminho para a casa, que Philippe tomou commovido o braço de Raymundo e lhe disse toda a sua alegria de o rever depois de tanto infortunio. Raymundo, com o seu permanente desdem dos

perigos, não estava deprimido. Ostentava aos amigos a sua tenacidade.

— Que querem vocês, o meu destino é combater sempre e nunca esmorecer. Enquanto não me matarem, lutarei firme contra o despotismo neste paiz e não descreio da victoria. Mas mesmo sem esperança de vencer, lutarei. Não dou treguas ao governo, a este e a qualquer outro que o succeda, provindo da mesma machina, da mesma immoralidade.

A affirmação do revolucionario permanente já não teve aquella antiga repercussão no espirito dos camaradas. Outras correntes espirituaes os deslocavam, arrebatando-os deste espaço restricto e irreductivel, em que se entrincheirava Monteiro. Todos elles reconheciam a necessidade da transformação revolucionaria do paiz. Não havia meio de purificar o Brasil sem ser pela revolução. O modo de comprehender a revolução é que os separava. A luta prolongara-se demais e o tempo não permittiu que se mantivesse a cohesão primitiva, que restringia a acção revolucionaria a derrubar o governo e destruir a machina de explorar a nação. Vieram outros ideaes, que alargaram o espirito revolucionario, vieram outros sentimentos mais vastos, mais poderosos, que planaram sobre a politica. Manuel queria a revolução social das massas dos trabalhadores, que já não fosse a revolução exclusivamente politica, burgueza e militar. Pedro pensava ser necessario preliminarmente estudar melhor as forças de producção, os modernos processos do trabalho, as grandes linhas da technica industrial e agricola, para que o governo revolucionario não se visse incapaz de organizar o paiz sobre novas bases. O amor fizera passar no espirito de Philippe para plano inferior as questões politicas e sociaes.

Depois do jantar miravam no terraço o nocturno fabuloso. A luz e a escuridão disputavam o dominio do mundo. Luzes limitavam praias, possuíam cidades, faiscavam nos

altos das montanhas. A negrura tornava o oceano mais infinito, mais ignoto, fazia crescer espectralmente os morros e afundava a mattaria em espesso mysterio, ajudada no alto pelas nuvens grossas, que porfiavam em tapar as estrellas.

Philippe e os seus companheiros iam separar-se na alegria. Cada um tomava destino diverso na plenitude da vontade, sem constrangimento. Monteiro, Manuel e Pedro deixavam o Rio de Janeiro. Philippe permanecia. Dentro do absoluto do amor não ha evasão. Tudo é universal.

O primeiro que partia era Pedro. Ia cheio do espirito scientifico. Aspirava a desenvolver a intelligencia nos conhecimentos da industria para dominar, organizar as forças naturaes do Brasil.

— Quero ser, explicava, um criador de energia. A transformação do Brasil será um esforço da cultura. Somos uma nação moça, que está ameaçada de decrepitude por falta de actividade. O paiz, que devia ser ¹⁰novel, está parado. É preciso dar-lhe celeridade para que elle adquira a posição a que o impelle o seu destino economico. Esta força, que elle traz em si, é que o salva e o faz viver. Esta possibilidade é que o torna necessario ao mundo. O nosso valor universal vem do interesse, que têm os outros povos na riqueza natural do Brasil e pelo que elle pode produzir. Defender esta riqueza é a base da nossa independencia, organizar a sua produção é assegurar o nosso progresso. O espirito do brasileiro deve adaptar-se a esta solicitação nacional. Não devemos fugir a elle, escapar á pressão do nosso destino economico. Os Estados Unidos são um laboratorio de energia criadora. Para lá me dirijo, avido de viver na atmospheria de applicação da sciencia á industria. Não podemos reorganizar o Brasil sem saber trabalhar. A nossa revolução não passará de uma convulsão esteril, se lhe faltar a base scientifica da organização da riqueza nacional. Tudo está

por fazer, desde os laboratorios de investigações desinteressadas, desde o aproveitamento systematico das forças naturaes, das aguas, combustiveis, á desobstrucção dos rios, ás irrigações, aos canaes, aos açudes. Tudo ainda estagnado, paralysado, na selvageria e neste desolador despovoamento da terra. É preciso a acção, é preciso mover, acelerar, modernizar o Brasil.

O segundo que partia era Manuel. Ia possuido do espirito communista. Queria a revolução integral no mundo, para que a fraternidade dos povos se realizasse pela cessação da luta das classes e o destino das nações entregue aos trabalhadores.

— O espirito scientifico que tu procuras, Pedro, replicou elle, não é sufficiente para a transformação do Brasil. Mesmo limitando as nossas cogitações ao ponto de vista restrictamente material, que parece ser o unico que te preoccupa, ao progresso industrial, á cultura scientifica, á industrialização das riquezas naturaes e do trabalho, restará sempre a resolver a grande incognita, a questão do trabalhador. Na formula americana está o predominio do capital. É a servidão das massas proletarias. Por mais que se tenda a uma alliança do capital e do trabalho, ainda não é sufficiente. Haverá sempre a desigualdade entre os homens, classificados segundo a riqueza. É preciso terminar esta desigualdade injusta e nefasta. Para isto seja abolida a riqueza individual, tudo se torne colectivo, não haja ricos nem pobres, não haja superiores, nem inferiores, que só haja trabalhadores e assim a igualdade será a base indestructivel da fraternidade. Esta igualdade exige um sacrificio total do individuo á communhão. Desta forma cessará o anarchismo individualista, que leva ao cháos ou á tyrannia. O anarchismo é um perigo tão grave, como o capitalismo. Germina a desigualdade e a desordem. Cria uma ideologia romantica do individuo, que se sobrepõe a toda ordem social. Será o predominio do sentimento sobre a razão. Se o anar-

chismo prevalecesse, não haveria mais sociedade. A vida cessaria de ser a coexistencia no relativo para ser o choque dos absolutos. Dirão que o communismo é um phenomeno oriental e só, por isto, possivel a sua experiencia na Russia, paiz do Oriente, em que o individuo ainda não emergiu da indecisão collectiva. Não se póde traçar uma fronteira espiritual entre o Oriente e o Occidente. Nelles as civilizações differenciam-se pelo facto economico. Os paizes orientaes têm a lethargia, que lhes vem da fome, das seccas, das calamidades, das difficuldades territoriaes. O mysticismo não é privilegio do Oriente. A metaphysica hindú não é mais ideologica do que a metaphysica allemã. A theosophia ingleza allia-se á theosophia oriental. As ordens contemplativas abrigam-se nas montanhas do Thibet, como nos Alpes e no claro Mediterraneo. O christianismo veio do Oriente e elle está na base do catholicismo romano. O mysterio oriental não é mais poetico, nem mais fertil, que o mysterio occidental. Os milagres, as fontes sagradas, as multiplas divindades criadoras e os sacerdocios, os feiticeiros, os magicos, as abnegações, o fanatismo, a exaltação religiosa, excedem á razão no Occidente, como no Oriente. A unica differença entre as duas expressões geographicas está na amplitude da civilização material. Desde que a machina imperou no Japão budhista, elle tornou-se uma nação de typo occidental, de senso geometrico e mecanico, mantendo a sua ideologia religiosa. Assim será na China e em todo o Oriente. A Russia se transformará pela mecanica. A sua transformação se fará sob a base da igualdade humana. A riqueza collectiva será explorada fraternalmente pelos trabalhadores, que são a totalização das classes e entre elles cessará a infatigavel e dolorosa luta, que foi o processo historico para se chegar á dictadura proletaria, ao bolchevismo integral. É esta experiencia que vou testemunhar e ver como póde ser applicada no Brasil. Porque mais cedo ou mais

tarde, ella 'será a forma universal da coexistencia humana.

— Comprehendo, Manuel, disse Philippe, que não exista um criterio differencial ideologico entre o Oriente e o Occidente. O que existe é uma variação das condições economicas. Se houvesse, eu não saberia como explicar o Brasil. Somos orientaes ou occidentaes no sentido desta illusoria classificação, que se pretende fazer? Somos um paiz de razão ou um paiz de mysticismo? Nossa imaginação é mythica, deformada pelo desmedido. O brasileiro não tem o senso geometrico da coordenação espiritual. Falta-lhe a ordem interior, que organiza o universo. O seu instincto é metaphysico. O lyrismo é a expressão intrinseca dessa metaphysica. Este lyrismo tende á elegia e ao romantismo. Tudo o que não é lyrico ou romantico, não é natural no Brasil.

— Oriental, occidental, nem uma cousa nem outra, se tudo é identico, disse Monteiro. O Brasil que eu sinto e a que dou o meu sangue é uma terra, em que o homem está esmagado pela tyrannia, em que as populações morrem na miseria, em que ha senhores e escravos, em que não ha justiça nem direito, em que um grupo de individuos usurpou o poder para o seu proprio interesse. Esta dolorosa e premente actualidade absorve o meu espirito. Pela libertação do Brasil de todo o despotismo e de toda a vilania é que me bato. Vou para o centro de Goyaz esperar os meus companheiros de armas, que virão certamente do Norte, e no Araguaya nos encontraremos. Emquanto não chegarem, trabalharei nos garimpos, buscarei diamantes para custear um pouco a revolução, seguirei, invasor e descobridor, a tradição que agita o meu velho sangue brasileiro, a marcha para o interior. E um dia, todo o sertão flagellado, martyrizado, reclamará a partilha das terras, se levantará contra os latrocinios, contra as cidades burguezas cosmopolitas e traficantes. Nesta marcha do sertão, a redempção do Brasil.

— E tu Philippe? interrogou Pedro.

A resposta de Philippe foi quasi indifferente :

— Não sinto necessidade de evadir-me. Permaneço aqui. A minha viagem é outra.

Raymundo Monteiro ergueu-se e exprobou Philippe :

— É que tu já realizaste a evasão suprema. Tu nos fugiste e ao Brasil.

Philippe, serenamente, lhes disse :

— Eu desejo a vocês a maravilha, que me aconteceu. Só assim vocês deixarão de ser inquietos.

Thereza voltara para casa ao escurecer. Trazia no automovel bonecas, brinquedos, vestidinhos para Lili. Queria enfeitiçal-a para a libertação. Subiu pelo jardim klaxoando alegremente. O tempo estava humido e já era tarde para Lili estar de fóra. Thereza desceu do automovel, entrou pelos fundos da casa, carregada com os presentes, gritando alviçareira :

— Lili, a Lili da sua mamãe... Uh! Uh!

Passou pela sala, onde pensava estar Lili jantando. Não a encontrando, foi desembaraçar-se do chapéo no seu quarto e depois correu alegre ao quarto da filha. Tambem alli não estava. Thereza deixou os embrulhos e as caixas em cima da caminha da menina.

— Lili, Lili...

Thereza foi á porta da frente e berrou :

— Minha filha! Lili...

Muita frescura, muito silencio e já tudo escuro. Thereza desceu ao jardim gritando pela filha, deu a volta correndo pelo caramanchão e, não ouvindo a voz de Lili, entrou angustiada em casa, bradando pela criada. Na sala de jantar encontrou-a, aterrada, sem falar. Thereza segurou-a violentamente pelo braço e ordenou-lhe :

— Diga já onde está Lili? Doente? Assistencia? Desastre? Fale, mulher, fale...

A criada balbuciou palavras atrapalhadas, confusas.

— Não, não. A menina está bem, não lhe aconteceu nada, graças a Deus.

O espanto de Thereza augmentou. Ficou hirta, allucinada, exigindo o resto. A criada continuou, gaguejando :

— Foi o patrão mais a Balbina, que levaram a menina para a fazenda da titia...

Thereza cahiu por cima da criada, que, chorando alto, exclamando maldições contra Radagasio e a negra, foi levando-a desfallecida, gelada, para o sofá. Os gritos da criada alarmaram toda a casa. Vieram os empregados e acudiram Thereza. Pouco a pouco, com os cuidados, que lhe deram, foi recuperando os sentidos. Emergia de longe, do torpor da inconsciencia, atordoada com a sensação do vacuo e com os vapores de ether e de amoniaco, por entre os carinhos e consolos, que lhe faziam ruidosamente. De subito lhe veio a plenitude da reacção. O sangue avivou-se, todo o corpo esquentou, o rosto enrubescou. Com os olhos ardentes, colerica, impoz silencio e, já de pé, interrogou os criados. Contaram-lhe que ás tres horas Radagasio voltara á casa. Muito desconfiado de todos, encerrou-se com Balbina no escriptorio, enquanto a menina dormia. Algum tempo depois appareceu a negra, accordou Lili, engabelou-a com um passeio de automovel. Fechou-se com a criança e ninguem, por mais que procurassem saber, poude descobrir o que se passou. Não demorou que Radagasio mandasse levar umas maletas para o carro. Balbina mandou outras e partiram carregando Lili. Na occasião da sahida, Radagasio disse, se perguntassem por elles, que respondessemos terem ido para a fazenda da tia em Valença. Balbina ainda ralhou com o patrão por ser falador.

— E a menina, minha filha, que ella dizia? Não chorava? Não chamou por mim? indagava rapidamente Thereza.

— A menina estava assim meia bôba, meia com somno, respondeu a criada. Nestes casos, a senhora sabe, a criança

fica tola mesmo, parece ápatetada. Nós também ficamos zonzos, vimos que era uma maldade, que faziam á senhora e que tudo isto era uma porcaria do patrão e de Balbina.

— Vocês são todos uns covardes... Assistem a um crime horrível e não fazem nada. Nem previnem a policia, quando elles partiram. Raça desgraçada... vociferou Thereza. Mas vão ver que isto não fica assim. Hei de me vingar. Ah! elles me entregarão a minha filha. Corja de bandidos, porcos, assassinos.

Recolheu-se ao seu quarto esbravejando, o sangue queimando, o coração desordenado, as pupillas dilatadas, os olhos escancarados, vibrantes sobre o rosto congesto. Marchava aggressiva para a frente, apertava as mãos e estendia os punhos fechados como para bater em Radagasio e na negra. O seu desespero era não poder correr para alcançal-os, arrancar-lhes a menina e esmagal-os. Era tarde para a desforra immediata, que a sua colera reclamava. Pensou em Philippe, seu unico salvador, seu companheiro eterno e idolatrado. Sahiu do quarto para lhe telephonar. Em caminho hesitou. Era tarde. Os fugitivos estariam longe. Philippe nada mais poderia fazer para detel-os. Teve pena de o alarmar e dar-lhe uma angustia inutil. Elle não podia acudir ao seu chamado e vir áquella hora da noite á sua casa e ella não devia ir á casa de Philippe, onde ainda estariam os seus amigos. Não telephonou. Voltando pelo corredor, o quarto de Lili escancarado, deserto, immenso de solidão e tristeza, a attraiu. Thereza entrou. O pavor transfigurou a colera. Como se Lili morrera. Thereza estava livida. O sangue affluira ao coração. O corpo tremia, a garganta seccara, as pernas fraquearam e Thereza cahiu em cheio sobre a cama de Lili. Gelada de suor, aterrada por um subito vasio, fechou os olhos e afundou a cabeça nos travesseiros. O cheiro da filha foi infiltrando-se em Thereza. No desespero, no pavor, sem desenterrar a cabeça os labios beijavam docemente, surdamente, a fronha, impregnada da quentura longinqua, que

Thereza buscava, e do aroma da cabecinha de Lili. Com o beijo esmagado, veio o choro, que era um abafado mugido maternal. O tempo foi passando, dissolvendo a colera, no aniquilamento da saudade. Thereza revolveu-se na cama da filha. Levantou a cabeça do travesseiro e parou os olhos nos moveis festivos e nos brinquedos extaticos, tambem á espera da criança, que os fazia viver e que os abandonara. Passou a mão em uma boneca, apertou-a nos braços, beijou-a loucamente. Era Lili, para quem Thereza de olhos fechados sorria como a um anjo morto, que voltara ao céo. Sentou-se na cama chorando e sorrindo, alquebrada. Os brinquedos foram agitando-se aos seus olhos desvairados. Animaes, polichinelos, arlequins, negros, palhaços, principes, princezas, camponezes, bahianas, moviam-se, dansavam, transfiguravam a tristeza e a immobilidade do quarto em uma alegria compassada de automatos e cercavam Thereza. Tudo era a magia de Lili, viva no espirito de Thereza, de onde animava o seu mundo. Cambaleando, transtornada, Thereza levantou-se e foi tacteando os brinquedos, falando-lhes uma linguagem de balbucios, de monosylabos, monologo, conversa infantil, incoherente, a linguagem de Lili. Se deixava os brinquedos era para se apegar aos vasos, ás almofadas, aos adornos do quarto, cheios da admiração e do interesse carinhoso de Lili. Abriu o armario. As roupinhas dependuradas eram as fôrmas coloridas, alegres, maravilhosas, do corpo de Lili. Agarrou-as com desesperada violencia, beijou-as febrilmente, chorou alto e implorou o destino.

— Lili, minha Lili, onde estás, volta, volta á tua mãe-sinha.

No apavorante silencio, Thereza, apertando nas mãos um vestidinho da criança, cahiu prostada em uma poltrona junto do armario repleto de fantasmas de Lili. Aquelles vestidos apresentavam mil imagens da criança. Era Lili em casa, no jardim, nos passeios. No espirito de Thereza estas imagens vivas, actuaes, iam se decompondo para o

passado, recuando, trazendo outras imagens das edades de Lili mais criança, mais bêbê, até aquella do instante miraculoso, em que Thereza sentiu o prodigio da maternidade e de seu corpo brotar outro corpo humano, palpitante, quente, que depois ella agasalhou no seio, alimentou, criou, amimou, infiltrou de carinhos e de intelligencia, e que era a sua filha, a sua Lili, o seu amor, o seu brinquedo, o seu feitiço, a sua projecção, que subitamente desaparecera, talvez para nunca mais voltar. Esse recúo e essa angustia foram entretendo Thereza, prendendo-a no acabrunhamento, até que um somno lethargico a paralysoou. Os criados não se animaram a despertá-la. Receavam a sua colera. Fecharam a casa e desapareceram. Vieram os sonhos atrapalhados e dolorosos com uma celeridade assombrosa, não deixando se fixarem as imagens e o complexo das acções superactivas. Só mais tarde pelo amanhecer, quando os nervos se foram acalmando, um sonho se precisou nitido.

Thereza se vê muito pequenina, abandonada, andando sósinha na floresta em cima da cidade e á beira do mar. Vae andando e encontra um casal de enormes bichos pretos, que a perseguem. Corre, corre. Os bichos eram macacos pulando pelos galhos, gritando, assobiando, alarmando o matto. De repente ella cáe no abysmo. Mas quem cahiu não foi ella, foi Lili, a quem soccorre. A criança cahiu no jardim de Thereza, foi ferida e agonizou no delirio da meningite. Lili morreu e os bichos monstruosos apparecem para levar o caixãozinho. Thereza dá um grito de horror. Os monstros eram Radagasio e Balbina. Vão enterrar Lili. Philippe os expulsa. Lá vem sorrindo, muito meigo, Jujú, que carrega o caixãozinho para o canto das crianças no cemiterio. De longe, ella e Philippe olham os meninos mortos brincando. Thereza traz Philippe para a chacara das Laranjeiras. Passam a noite no banco de pedra debaixo do jasmineiro. Thereza gosa os beijos de Philippe, a sua volupia de amante. Porque o jasmineiro não cheira?

Philippe também desaparecera. O sonho é confuso, obscuro. Thereza só tem socego quando se viu vestida de branco, de véo e grinalda. Vae casar com Philippe e elle não chega. Quem apparece é Radagasio, fungando, espirrando, lagrimejando, gaguejando. Thereza treme de remorsos. Faltara a Philippe não indo morar com elle. Angustia. Revolta. Thereza foge, correndo, atira-se do morro da Gloria para morrer. Sente que vôa. O véo é a aza branca. A grinalda é a aureola, a corôa. Vae subindo, subindo. O céo está puro, o mar luminoso. Thereza vôa no azul, mais alto, sempre mais alto. No Corcovado, Philippe recebe a sua noiva, a santa, a immaculada, a livre Thereza.

Foi neste ultimo sonho, que Thereza despertou, quando a claridade da manhã invadia o quarto, cheio das luzes das lampadas. Thereza achou-se extranha naquella desordem de brinquedos espalhados, de armarios abertos, de vestidos pelo chão e a cama de Lili, amarrotada. O sonho proseguia em Thereza, acordada, a magia da libertação. O seu entranhado desejo por Philippe governou os seus movimentos. Quiz correr para junto do idolatrado. Levantou-se apresada e resoluta abandonou o quarto de Lili. Quando a criada a viu pallida e serena, ficou assombrada. Thereza mandou que lhe trouxessem as malas guardadas e fechou-se para mudar de roupa e banhar-se. Mais tarde ella estava ansiosamente alegre, ajudada pelos criados, preparando a sua partida.

Philippe e Thereza tinham pago em miserias, soffrimentos, martyrios, lagrimas, a suprema libertação. Descarnaram-se de todas as tristezas, alliviaram-se do peso das perturbadoras lembranças, abysmaram-se no extase da paixão. Na terra, carregada de volupia, fundiam-se na vida universal. Havia tanta densidade de innocencia nelles, que eram perpetuamente attrahidos por tudo o que parece immensamente inconsciente, o céo, o mar, a floresta. Nesta attracção a infatigavel volta á inconsciencia. Não

havia um gesto de belleza no mundo, que não fosse na intenção do amor. A natureza completava-se maravilhosamente nos Amantes. O sentido mysterioso do universo revelava-se para Philippe na forma e nas expressões de Thereza. Só ellas tinham a realidade absorvente. O corpo de Thereza, na nudez solar, concentrava a côr e a sombra, que a luz gera, a vegetação que o ligava á terra, as longinquas molleculas e o infinito segredo do mar. Os aromas imperiosos e fascinantes. A voz dos desejos. Tudo se unia, tudo continuava.

A sensualidade tropical vagava naquelle paraíso. Philippe e Thereza estavam serenos na alegria do amor. O encantamento alargava-se na magia espiritual da libertação. Não entendiam mais os odios, as lutas, as miserias humanas. Possuíam o repouso divino, o mysterio dos mysterios, a eternidade na relatividade. O amor tudo resolve. Só elle contenta e dá a perpetua alegria.

Alguns dias depois explode em baixo o Carnaval. Maravilha do ruído, encantamento do barulho. Zépereira, bumba, bumba. Falsetes azucrinam, zombeteam. Viola chora e espinotea. Melopéa negra, melosa, feiticeira, candomblé. Tudo é instrumento, flautas, violões, récos-récos, saxofones, pandeiros, latas, gaitas e trombetas. Instrumentos sem nome inventados subitamente no delirio da improvisação, do impeto musical. Tudo é canto. Os sons sacodem-se, berram, lutam, arrebentam no ar sonoro de ventos, vaias, klaxons e aços, estrepitosos. Dentro dos sons movem-se as côres, vivas, ardentes, pulando, dansando, desfilando sob o verde das arvores, em face do azul da bahia, no mundo dourado. Dentro dos sons e das côres movem-se os cheiros, cheiro negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as nauseas. Dentro dos cheiros, o movimento dos tactos violentos, brutaes, suaves, lubricos, meigos, allucinantes. Tactos, sons, côres, cheiros que se fundem em

gostos de gengibre, de mendobim, de castanhas, de bananas, de laranjas, de boccas e de mucosas. Libertação dos sentidos, envolventes das massas freneticas, que maxixam, gritam, tresandam, deslumbam, saboreiam, de Madureira á Gavea, na unidade do prazer desencadeado. Carnaval. Tudo effemina-se. Gloria da mulher. Ella, para ella e por ella. Inversão universal. Homens-femeas. Mulheres-machos. Retorno ancestral ao culto lunar, ao mysterio nocturno. Desforra da femea. Resurreição das bacchantes, das bruxas, das diabas. Missa negra, tragedia negra, magia negra. Triumph a negra, triumph a mulata. Musica, fanfarra, prestito, maxixe, samba. No nocturno da praça Onze o negro e o castanho dominam os vermelhões das caras, das carnes, das máscaras e das vestimentas alacres, vibrantes. Automoveis e bondes faiscam, illuminam, enfeitam. Tudo aperta-se, roça-se freneticamente, gostosamente. Os ranchos cantadores rompem a massa colorida, esquentada. Os cheiros doidos alvoroçam-se e embriagam. Para matar a sêde dos cantadores, dos berradores, os refrescos de côco, os gelados de limão e abacaxi. Para a fome os bôlos de negra-mina, pé de moleque, alcaçar, tapioca, manauê. Africa, Bahia, Brasil. Irrupção de benguelas, congos, carapinhas, beiçolas, ancas, peitarias. Sobre os corpos pretos a illuminação do ouro, da prata, das contas e das roupas, de onde as côres saltam em delirio, amarellas, vermelhas, azues, verdes. Musica de coreto. Bateria. Cantoria infinita, confusa, das boccas pretas, abysmaes. Melopéa plangente para palavras canalhas. Fura a immobilidade ondulante um grupo de bahianas, dansando, cantando, saracoteando a grossa luxuria negra, farejadas, seguidas por gorilas assanhados de beiços compridos, tocando pandeiros, pulando lascivos. As bahianas cheiram a cravo, a baunilha e a femea. O mondronguinho tambem fareja, aspira, entonfece, empallidece, suspira, exclama :

— Se em Portugal houvesse bahianas, eu não sahia de lá !

As bahianas suspendem as saias rodadas e dansam, nos requebros das ancas, no arranco das umbigadas. A sensualidade é religiosa. O rythmo dos ranchos é sacerdotal. É o drama sacro, grave e profundo. Na base da magia, o culto. O carnaval espiritualiza-se. No seu immenso manancial recebe as correntes das crenças, dos cultos, que se transformam em festas. Também ahi desaguam os cantos e as melodias de todo o povo do Brasil.

Por entre a excessiva alegria musical dos ranchos, dos cordões, seguindo a fila vagarosa dos automoveis de mascarados retumbantes, de mulheres fantasiadas, barulhentas, pingadas de confettis, lançando serpentinas, vem um automovel fechado, lugubre. Dentro, um homem sombrio. Ao lado do chauffeur, duas maletas. É um viajante, que foge do carnaval e vae tomar o trem. Os carnavalescos investem contra o automovel triste. Berram esganiçados :

— O coronel veiu de um enterro? Como se chamava o defunto? O coronel enterrou o pae e vae chorar no Paty?

O homem escuro exasperou-se e mandou o chauffeur tocar. Os carnavalescos param o carro e vaiam o homem funereo. As bahianas cantam e gingham excitando a multidão. « O' Maria, Maria Antonietta. Teu pae toca trombone. Tua mãe toca corneta. » A alegria transborda no côro, que é uma vaia crescente. Abrem a porta e arrancam o homem. É Radagasio.

— Coroné, coroné, dansa, meu bem, um maxixe com a tua nêga.

As bahianas apertam o cerco. A negrada apossa-se de Radagasio. Abafado, apertado, sacudido, maltratado, Radagasio debate-se para escapar.

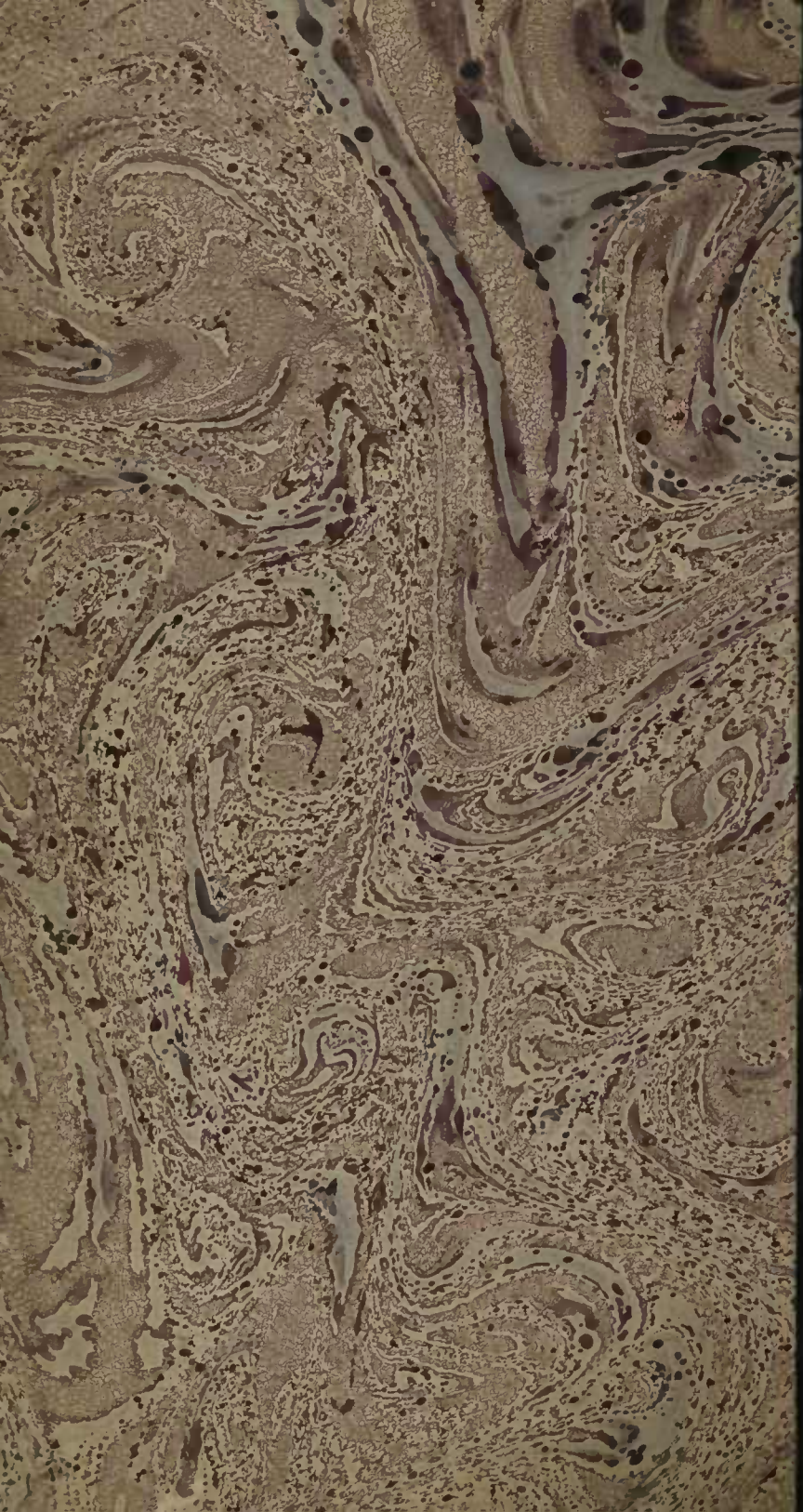
— Me larguem, me larguem.

As gargalhadas avolumam-se e dão o rythmo barbaro, descompassado ao prazer furioso. Cantos berram : « O'

Maria, Maria Antonietta. » Cantos berram : « Eu fui no samba lá no morro da Mangueira... Claudionor, Claudionor. » A musica encrespa, a dansa negra envolve Radagasio. Exasperado, Radagasio ainda teve folego para vociferar soturno :

— Larga, Carnaval. Eu detesto Momo.

As bahianas assanhadas, alegres, vão empurrando Radagasio para dentro da multidão. Os homens violentos o atiram, uns para os outros. Maxixe, macumba, candomblé. Foi o samba de Radagasio.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).